

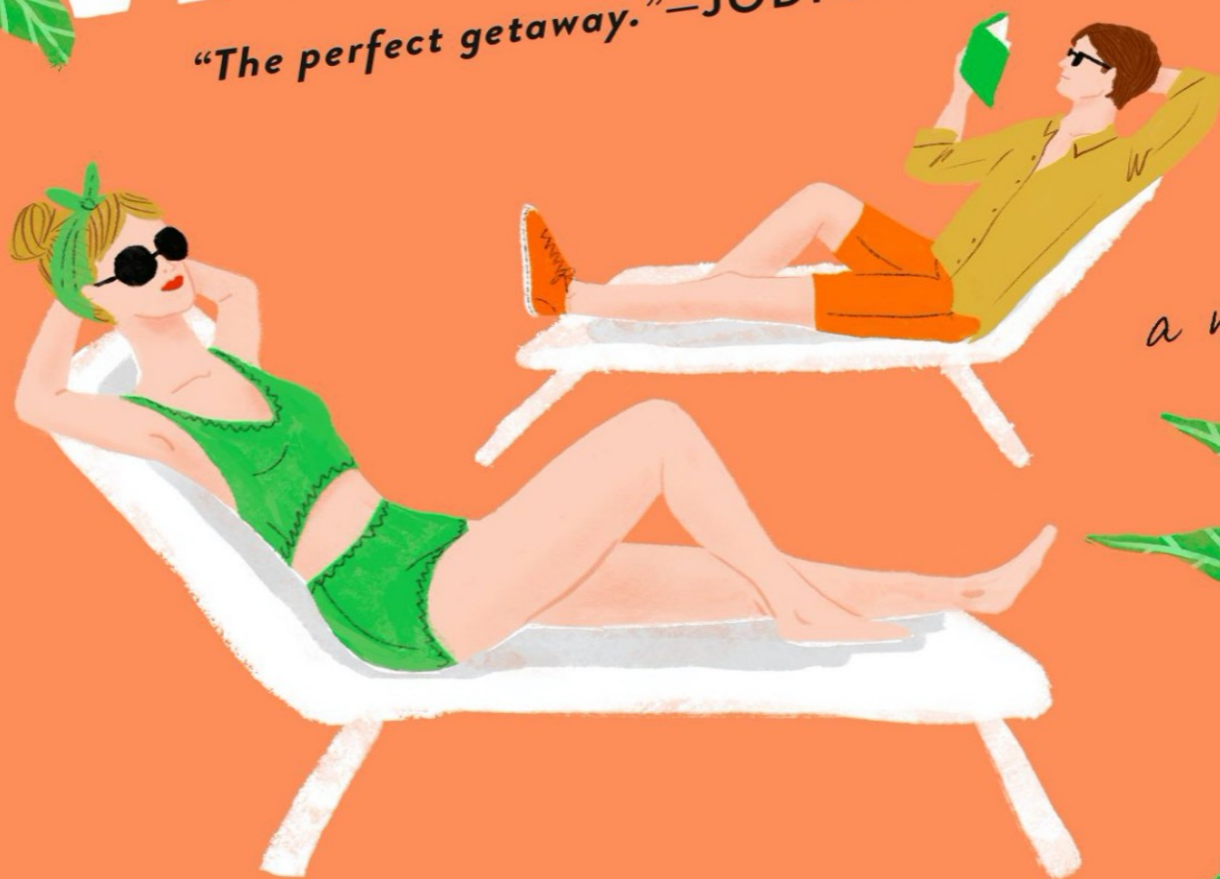
EMILY HENRY

New York Times Bestselling Author of

BEACH READ

PEOPLE WE
MEET ON
VACATION

"The perfect getaway."—JODI PICOULT



a novel

*People
We Meet
on Vacation*

EMILY HENRY

JOVE
New York

BOOKS & SCONES



Tabela de Conteúdos

PRÓLOGO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[EPÍLOGO](#)

PRÓLOGO

Cinco Verões Atrás

NAS FÉRIAS, VOCÊ pode ser quem você quiser.

Como um bom livro ou uma roupa incrível, estar de férias o transporta para outra versão de si mesmo.

No seu dia a dia, talvez você não consiga nem balançar a cabeça para o rádio sem ficar envergonhado, mas no pátio certo e iluminado, com a banda de bateria de aço certa, você se encontrará girando e girando com o melhor deles.

Nas férias, seu cabelo muda. A água é diferente, talvez o shampoo. Talvez você nem se dê ao trabalho de lavar ou escovar o cabelo, porque a água salgada do oceano o enrola de uma maneira que você adora. Você pensa: *Talvez eu também possa fazer isso em casa. Talvez eu possa ser essa pessoa que não escova os cabelos, que não se importa em suar ou ter areia no corpo inteiro.*

Nas férias, você inicia conversas com estranhos e se esquece de que existem riscos. Se o clima ficar esquisito, quem se importa? Você nunca mais os verá!

Você é quem você quer ser. Você pode fazer o que quiser.

Ok, talvez não o que você quiser. Às vezes, o clima o força a uma situação específica, como a que estou agora, e você precisa encontrar outras maneiras de se divertir enquanto espera a chuva passar.

Ao sair do banheiro, faço uma pausa. Em parte, isso ocorre porque ainda estou trabalhando no meu plano de jogo. Principalmente, porém, é porque o chão é tão pegajoso que eu perco minha sandália, e tenho que mancar de volta para pegá-la. Eu amo tudo sobre este lugar em teoria, mas na prática, acho que deixar meu pé descalço em contato com a sujeira anônima no chão pode ser uma boa maneira de contrair uma daquelas doenças raras mantidas em frascos refrigerados em uma instalação secreta do CDC.

Volto saltitando para o meu sapato, passo os dedos dos pés pelas finas tiras laranja e me viro para examinar o bar: a pressão de corpos pegajosos; o rodar preguiçoso de ventiladores de palha acima de sua cabeça; a porta escancarada para que, ocasionalmente, uma rajada de chuva caísse na noite escura para refrescar a multidão suada. No canto, uma jukebox iluminada por uma luz neon toca a música “I Only Have Eyes for You” dos Flamingos.

É uma cidade turística, mas um bar local, sem vestidos de verão estampados e camisetas do Tommy Bahama, embora também falte

coquetéis enfeitados com frutas tropicais laminadas.

Se não fosse pela tempestade, eu teria escolhido outro lugar para minha última noite na cidade. Durante toda a semana, a chuva foi tão forte, os trovões tão constantes, que meus sonhos de praias de areia branca e lanchas reluzentes foram destruídos, e eu, junto com o resto dos desapontados turistas, passei os dias emborcando piña coladas em qualquer armadilha para turistas que eu podia encontrar.

Esta noite, porém, eu não aguentaria mais multidões densas, longos tempos de espera ou homens de cabelos grisalhos com alianças de casamento piscando bêbados para mim por cima dos ombros de suas esposas. Assim eu me encontrei aqui.

Em um bar de piso pegajoso chamado apenas BAR, vasculhando a escassa multidão em busca do meu alvo.

Ele está sentado no canto do próprio bar do BAR. Um homem mais ou menos da minha idade, 25 anos, cabelos cor de areia e ombros largos, embora tão curvado que você não notaria nenhum dos dois últimos fatos à primeira vista. Sua cabeça está inclinada sobre o telefone, um olhar de concentração silenciosa visível em seu perfil. Seus dentes ansiosos em seu lábio inferior carnudo enquanto seu dedo lentamente desliza pela tela.

Embora não esteja cheio ao nível do mundo da Disney, este lugar é barulhento. No meio do caminho entre a jukebox cantando melodias assustadoras do final dos anos 50 e a TV montada em frente a ela, da qual um meteorologista grita sobre a chuva que bateu recordes, há um bando de homens com risadas cortantes idênticas que continuam explodindo ao mesmo tempo. Na outra extremidade do bar, o barman continua batendo no balcão para dar ênfase enquanto conversa com uma mulher de cabelos amarelos.

A tempestade deixou toda a ilha inquieta, e a cerveja barata deixou todo mundo turbulento.

Mas o homem de cabelos cor de areia sentado no banquinho do canto tem uma imobilidade que o faz se destacar. Na verdade, tudo sobre ele grita que ele não pertence aqui. Apesar do clima de vinte e poucos graus e da umidade de um milhão por cento, ele está vestido com uma camisa de botões de manga comprida amarrotada e calça azul marinho. Ele também é supostamente desprovido de bronzeado, assim como de qualquer sorriso, alegria, serenidade, etc.

Bingo.

Eu empurro um punhado de ondas loiras do meu rosto e vou em direção a ele. Conforme me aproximo, seus olhos permanecem fixos em seu telefone, seu dedo lentamente arrastando tudo o que ele está lendo na tela. Eu percebo as palavras em negrito. **CAPÍTULO VINTE E NOVE.**

Ele está lendo um livro em um bar.

Eu balanço meu quadril em direção ao bar e deslizo meu cotovelo sobre a bancada enquanto o encaro.

— Ei, tigre.

Seus olhos castanhos levantam lentamente para o meu rosto, e piscam.

— Oi?

— Você vem aqui muitas vezes?

Ele me estuda por um minuto, debatendo visivelmente as respostas em potencial.

— Não — ele diz finalmente. — Eu não moro aqui.

— Oh — eu digo, mas antes que eu possa falar mais, ele continua.

— E mesmo se morasse, tenho um gato com muitas necessidades médicas que requerem cuidados especializados. Torna difícil sair.

Eu franzo a testa em quase todas as partes dessa frase.

— Eu sinto muito — eu me recupero. — Deve ser horrível lidar com tudo isso ao mesmo tempo que lida com uma morte.

Sua testa enrugada.

— Com uma morte?

Eu aceno com a mão em um círculo apertado, apontando para seu traje.

— Você não está na cidade para um funeral?

Sua boca aperta com força.

— Não.

— Então, o que o traz à cidade?

— Uma amiga. — Seus olhos se voltam para o telefone.

— Que vive aqui? — Eu adivinho.

— Me trouxe. — ele corrige. — Para férias. — Ele diz esta última palavra com certo desdém.

Eu rolo meus olhos.

— De jeito nenhum! Longe do seu gato? Sem nenhuma boa desculpa, só para se divertir? Tem certeza de que essa pessoa pode realmente ser chamada de *amiga*?

— Tenho menos certeza a cada segundo. — ele diz sem olhar para cima.

Ele não está me dando muito com que trabalhar, mas não vou desistir.

— Então. — eu sigo em frente. — Como é essa amiga? Quente? Inteligente? Energética?

— Baixa. — ele diz, ainda lendo. — Alta. Nunca cala a boca. Dá sua opinião em cada peça de roupa que qualquer um de nós usa, tem um péssimo gosto romântico, soluça durante aqueles comerciais para a faculdade comunitária - aqueles em que a mãe solteira fica acordada até tarde em seu computador e então, quando seu filho adormece, ela põe um cobertor sobre os ombros dele e sorri porque ela está tão orgulhosa dele? O que mais? Oh, ela é obcecada por bares de merda que cheiram a salmonela. Estou com medo até de beber a cerveja *engarrafada* daqui - você viu as avaliações do Yelp para este lugar?

— Você está brincando agora? — Eu pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

— Bem. — diz ele — a salmonela não tem cheiro, mas sim, Poppy, você é baixa.

— Alex! — Eu golpeio seu bíceps, quebrando o personagem. — Estou tentando te ajudar!

Ele esfrega o braço.

— Me ajudar como?

— Eu sei que Sarah partiu seu coração, mas você precisa seguir em frente. E quando uma gostosa se aproxima de você em um bar, a primeira coisa que você não deve mencionar é sua relação de co-dependência com seu gato idiota.

— Em primeiro lugar, Flannery O'Connor não é idiota. — diz ele. — Ela é tímida.

— Ela é má.

— Ela simplesmente não gosta de você. — ele insiste. — Você tem uma energia forte de cachorro.

— Tudo que eu fiz foi tentar acariciá-la. — eu digo. — Para que ter um animal de estimação que não quer ser acariciado?

— Ela quer ser acariciada. — diz Alex. — Você sempre se aproxima dela com esse brilho de lobo em seus olhos.

— Eu não faço isso.

— Poppy. — diz ele. — Você aborda *tudo* com um selvagem nos olhos.

Nesse momento, a barman se aproxima com a bebida que pedi antes de entrar no banheiro.

— Senhorita? — ela diz. — Sua margarita. — Ela gira o drink na bancada em minha direção, e um pingo de sede excitada atinge o fundo da minha garganta quando eu o pego. Eu pego tão rapidamente que uma boa quantidade de tequila espirra sobre meu lábio, e com uma velocidade sobrenatural e altamente treinada, Alex puxa meu outro braço para fora da barra antes que possa espirrar bebida nele.

— Viu? Brilho de lobo. — Alex diz baixinho, sério, a forma como ele diz quase todas as palavras que me diz, exceto nas noites raras e sagradas quando o estranho Alex aparece e eu posso vê-lo, tipo, deitar no chão e fingir estar soluçando ao microfone no karaokê, seu cabelo cor de areia espetado em todas as direções e a camisa amassada saindo da calça. Apenas um exemplo hipotético. De algo que aconteceu a algum tempo atrás.

Alex Nilsen é um exemplo de controle. Naquele corpo alto, largo, permanentemente curvado e / ou dobrado como um pretzel, há um excesso de estoicismo (o resultado de ser o filho mais velho de um viúvo com a ansiedade mais vocal de qualquer pessoa que já conheci), e um estoque de repressão (o resultado de uma educação religiosa estrita em oposição direta à maioria de suas paixões; nomeadamente, a academia), ao lado da bobagem mais estranha, secretamente tola e intensamente mole que tive o prazer de conhecer.

Tomo um gole da margarita e um murmúrio de prazer sai de mim.

— Cachorro no corpo de um humano. — diz Alex para si mesmo, depois volta a rolar a tela em seu telefone.

Eu bufo minha desaprovação com o seu comentário e tomo outro gole.

— A propósito, esta margarita é, tipo, noventa por cento tequila. Espero que você esteja dizendo àqueles críticos insatisfeitos do Yelp para desistir. *E* que este lugar não cheira nada a salmonela. — Eu bebo um pouco mais da minha bebida enquanto deslizo para cima no banquinho ao lado dele, virando para que nossos joelhos se toquem. Gosto de como ele sempre fica assim quando saímos juntos: a parte superior de seu corpo voltada para o bar, suas longas pernas voltadas para mim, como se ele estivesse mantendo alguma porta secreta para si mesmo aberta só para mim. E não uma porta só para o Alex Nilsen reservado, a parte quieta dele que o resto do mundo tem, mas um caminho direto para o esquisito. O Alex que faz essas viagens comigo, ano após ano, apesar de odiar voar e trocar de roupa, além de usar qualquer travesseiro que não seja aquele com quem dorme em casa.

Eu gosto de como, quando saímos, ele sempre vai em direção ao bar, porque ele sabe que eu gosto de sentar lá, embora uma vez ele tenha admitido que toda vez que saímos, ele se estressa por estar fazendo contato visual demais ou então não o suficiente com os bartenders.

Sinceramente, eu gosto e / ou amo quase tudo sobre meu melhor amigo, Alex Nilsen, e quero que ele seja feliz, mesmo que eu nunca tenha gostado particularmente de nenhum de seus interesses amorosos no passado - e especialmente não me importei com a ex dele, Sarah - eu sei que cabe a mim certificar-me de que ele não permita que este desgosto mais recente quebre ainda mais o seu coração. Ele faria - e fez - o mesmo por mim, afinal de contas.

— Então, — eu digo. — Devemos começar de novo? Serei uma estranha sexy no bar e você será o seu alvo de costume, sem o papo de gato. Nós vamos colocar você de volta no namoro rapidão.

Ele levanta os olhos do telefone, quase sorrindo. Vou chamar de sorriso afetado, porque, para Alex, é o mais próximo que pode acontecer.

— Você quer dizer a estranha que dá o pontapé inicial com um oportuno 'Ei, tigre'? Acho que podemos ter ideias diferentes sobre o que é 'sexy'.

Eu giro no meu banquinho, nossos joelhos *batendo forte* enquanto eu me afasto dele e depois volto, reconfigurando meu rosto em um sorriso sedutor.

— Machucou... — Eu digo — ...quando você caiu do céu?

Ele balança a cabeça.

— Poppy, é importante para mim que você saiba, — diz ele lentamente — que se eu *conseguir* ir em outro encontro, não terá absolutamente nada a ver com sua suposta ajuda.

Eu me levanto, bebo o resto da minha bebida dramaticamente e bato o copo no balcão.

— Então, o que você acha de sairmos daqui?

— Como você tem mais sucesso no namoro do que eu. — diz ele, maravilhado com o mistério de tudo isso.

— Fácil. — eu digo. — Eu tenho padrões mais baixos. E nada de Flannery O'Connor para atrapalhar. E quando vou a bares, não passo o tempo todo carrancudo com as avaliações do Yelp e projetando com força *NÃO FALE COMIGO*. Além disso, eu sou, indiscutivelmente, linda de certos ângulos.

Ele se levanta, colocando uma nota de vinte no bar antes de enfiar a carteira de volta no bolso. Alex sempre carrega dinheiro. Não sei por quê. Eu perguntei pelo menos três vezes. Ele respondeu. Ainda não sei por quê, porque sua resposta foi muito chata ou muito complexa intelectualmente para que meu cérebro se incomodasse em reter a memória.

— Não muda o fato de você ser uma aberração absoluta. — diz ele.

— Você me ama. — eu aponto, um pouquinho na defensiva.

Ele passa um braço em volta dos meus ombros e olha para mim, outro sorriso pequeno e contido em seus lábios carnudos. Seu rosto é uma peneira, apenas deixando escapar a menor quantidade de expressões de cada vez.

— Eu sei disso. — ele diz.

Eu sorrio para ele.

— Eu também te amo.

Ele luta contra o alargamento do seu sorriso, tentando contê-lo.

— Eu também sei disso.

A tequila me faz sentir sonolenta, preguiçosa, e me permito descansar minha cabeça em seu ombro, enquanto caminhamos em direção à porta aberta.

— Foi uma boa viagem. — digo.

— A melhor até agora. — ele concorda, a chuva fria soprando em torno de nós como confete de um canhão. Seu braço se curva um pouco mais perto, quente e pesado ao meu redor, seu cheiro de cedro limpo dobrando sobre meus ombros como uma capa.

— Eu nem me importei muito com a chuva. — eu digo enquanto entramos na noite densa e úmida, todos os mosquitos zumbindo e palmeiras tremendo com o trovão distante.

— Eu preferi a chuva. — Alex levanta o braço do meu ombro para o enrolar sobre a minha cabeça, transformando-se em um guarda-chuva humano improvisado, enquanto corremos pela estrada inundada em direção ao nosso pequeno carro vermelho alugado. Quando chegamos lá, ele foge e abre minha porta primeiro - ganhamos um desconto pegando um carro sem travas automáticas ou janelas - depois corre ao redor do capô e se joga no banco do motorista.

Alex coloca o carro em marcha, o ar-condicionado no máximo, sibilando sua explosão ártica contra nossas roupas molhadas, enquanto

ele manobra para fora do nosso estacionamento e se vira em direção à nossa casa alugada.

— Acabei de perceber — diz ele — que não tiramos nenhuma foto no bar para o seu blog.

Eu começo a rir, então percebo que ele não está brincando.

— Alex, nenhum dos meus leitores quer ver fotos do BAR. Eles nem querem ler sobre o BAR.

Ele encolhe os ombros.

— Não achei o BAR tão ruim assim.

— Você disse que cheirava a salmonela.

— Fora isso. — Ele toca a seta, e guia o carro pela nossa rua estreita e ladeada por palmeiras.

— Na verdade, não consegui *nenhuma foto* utilizável esta semana.

Alex franze a testa e esfrega a sobrancelha enquanto desacelera em direção ao caminho de cascalho à frente.

— Além das que você tirou. — acrescento rapidamente. As fotos que Alex se ofereceu para tirar para minhas redes sociais são realmente terríveis. Mas eu o amo tanto por estar disposto a tirá-las que já escolhi a menos tenebrosa e postei. Estou fazendo uma daquelas caras horríveis, gritando e rindo de alguma coisa enquanto ele tenta - mal - me dar uma direção, e as nuvens de tempestade estão visivelmente se formando sobre mim, como se eu mesma estivesse convocando o apocalipse para a Ilha Sanibel. Mas pelo menos você pode dizer que estou feliz nela.

Quando olho para aquela foto, não me lembro do que Alex me disse para provocar aquele rosto, ou do que gritei de volta para ele. Mas sinto a mesma onda de calor que sinto quando penso em qualquer uma de nossas viagens de verão anteriores.

Esse nível de felicidade, aquela sensação de que *este* é o sentido da vida: estar em algum lugar bonito, com alguém que você ama.

Tentei escrever algo sobre isso na legenda, mas era difícil de explicar.

Normalmente, minhas postagens são sobre como viajar com orçamento limitado, aproveitar ao máximo, mas quando você tem cem mil pessoas acompanhando suas férias na praia, o ideal é lhe mostrá-las... umas férias na praia.

Na semana passada, tivemos aproximadamente quarenta minutos no total na costa da Ilha de Sanibel. O resto foi gasto escondido em bares e restaurantes, livrarias e lojas vintage, além de muito tempo no bangalô que estamos alugando, comendo pipoca e contando raios. Não nos bronzeamos, não vimos peixes tropicais, não praticamos mergulho livre ou banhos de sol em catamarãs, ou qualquer coisa além de cair no sono no sofá fofo com uma maratona de *Twilight Zone* cantarolando em nossos sonhos.

Existem lugares que você pode ver em toda a sua glória, com ou sem sol, mas este não é um deles.

— Ei. — Alex diz enquanto estaciona o carro.

— Ei, o que?
— Vamos tirar uma foto. — ele diz. — Juntos.
— Você odeia tirar foto. — eu aponto. O que sempre foi estranho para mim, porque a nível técnico, Alex é extremamente bonito.
— Eu sei — diz Alex — mas está escuro e quero me lembrar disso.
— Ok. — eu digo. — Sim. Vamos tirar uma.
Eu pego meu telefone, mas ele já está com o seu. Só que em vez de segurá-lo com a tela voltada para nós para que possamos nos ver, ele o virou, a câmera normal fixada em nós em vez da frontal.
— O que você está fazendo? — Eu digo, pegando seu telefone. — É para isso que serve o modo selfie, vovô.
— Não! — ele ri, puxando-o para fora do meu alcance. — Não é para o seu blog - não precisamos ter uma boa aparência. Nós apenas temos que nos parecer com nós mesmos. Se estivermos no modo selfie, nem vou querer tirar uma.
— Você precisa de ajuda para sua dismorfia facial. — digo a ele.
— Quantas milhares de fotos eu tirei para você, Poppy? — ele diz. — Vamos fazer como eu quero.
— Ok, tudo bem. — Eu me inclino sobre o console, me acomodando contra seu peito úmido, sua cabeça abaixando um pouco para compensar nossa diferença de altura.
— Um... dois... — O flash dispara antes que ele chegue no três.
— Seu monstro! — Eu repreendo.
Ele vira o telefone para olhar a foto e geme.
— Nããão. — diz ele. — Eu *sou* um monstro.
Eu engasgo com uma risada enquanto estudo o borrão fantasmagórico horrível de nossos rostos: seu cabelo molhado espetado em pontas fibrosas, o meu emplastrado em mechas cheias de frizz ao redor de minhas bochechas, tudo em nós brilhante e vermelho do calor, meus olhos totalmente fechados, os dele semicerrados e inchados.
— Como é possível que sejamos tão difíceis de ver e tão feios ao mesmo tempo?
Rindo, ele joga a cabeça para trás contra o encosto de cabeça.
— Ok, vou excluir.
— Não! — Eu luto contra o telefone de sua mão. Ele o segura também, mas eu não o solto, então apenas o seguramos entre nós no console.
— Esse era o ponto, Alex. Para relembrar essa viagem como ela realmente foi. E ter a aparência de nós mesmos.
Seu sorriso é tão pequeno e fraco como sempre.
— Poppy, você não se parece em nada com essa foto.
Eu balancei minha cabeça.
— E você também não.
Por um longo momento, ficamos em silêncio, como se não houvesse mais nada a dizer agora que isso foi resolvido.
— No próximo ano, vamos para algum lugar frio. — diz Alex. — E seco.

— Ok. — eu digo, sorrindo. — Nós iremos para algum lugar frio.

Este Verão

— POPPY — SWAPNA DIZ da cabeceira da mesa de conferência cinza maçante. — O que você conseguiu?

Para a governante benevolente do império *Rest + Relaxation*, Swapna Bakshi-Highsmith não poderia exalar menos dos dois valores fundamentais de nossa bela revista.

A última vez que Swapna descansou foi provavelmente há três anos, quando ela estava grávida de oito meses e meio, e estava em repouso na cama porque seu médico pediu. Mesmo assim, ela passou o tempo todo conversando por vídeo com o escritório, seu laptop equilibrado em sua barriga, então eu não acho que houve muito relaxamento envolvido. Tudo nela é afiado, pontiagudo e inteligente, desde seu penteado alto para trás, até seus sapatos Alexander Wang.

Seu delineador curvado poderia cortar uma lata de alumínio, e seus olhos esmeralda poderiam esmagá-la depois. Neste momento, ambos estão apontados diretamente para mim.

— Poppy? Olá?

Eu pisco para fora do meu torpor e salto para a frente na minha cadeira, limpando minha garganta. Isso tem acontecido muito comigo ultimamente. Quando você tem um trabalho em que só precisa ir ao escritório uma vez por semana, não é ideal ficar zozza como uma criança na álgebra cinquenta por cento desse tempo, muito menos na frente de sua chefe assustadora e inspiradora.

Eu estudo o bloco de notas na minha frente. Eu costumava ir às reuniões de sexta-feira com dezenas de propostas rabiscadas com entusiasmo. Ideias para histórias sobre festivais desconhecidos em outros países, restaurantes localmente famosos com sobremesas fritas coloquiais, fenômenos naturais em determinadas praias da América do Sul, vinhedos em ascensão na Nova Zelândia - ou novas tendências entre o conjunto e modos de busca de emoção de relaxamento profundo para o público do spa.

Eu costumava escrever essas notas em uma espécie de pânico, como se cada experiência que esperava ter um dia fosse uma coisa viva crescendo em meu corpo, esticando galhos para empurrar minhas entranhas, exigindo sair de mim. Eu passava três dias antes das reuniões em uma espécie de transe viciante do Google, percorrendo imagem após imagem de lugares onde nunca tinha estado, uma sensação parecida com a fome roncando em minhas entranhas.

Hoje, porém, gastei dez minutos escrevendo os nomes dos países.
Países, nem mesmo cidades.

Swapna está olhando para mim, esperando que eu lance minha próxima grande apresentação de verão para o ano que vem, e estou olhando para a palavra *Brasil*.

O Brasil é o quinto maior país do mundo. O Brasil é 5,6 por cento da massa da Terra. Você não pode escrever um artigo curto e ágil sobre férias no Brasil. Você tem que escolher pelo menos uma região específica.

Eu viro a página do meu caderno, fingindo estudar a próxima. Está em branco. Quando meu colega de trabalho Garrett se inclina em minha direção como se fosse ler por cima do meu ombro, eu o fecho.

— São Petersburgo — eu digo.

Swapna arqueia uma sobancelha, e caminha ao longo da borda da mesa.

— Fizemos São Petersburgo em nossa edição de verão, três anos atrás. A celebração das Noites Brancas, lembra?

— Amsterdam? — Garrett sugere ao meu lado.

— Amsterdam é uma cidade primaveril. — diz Swapna, vagamente aborrecida. — Você não vai apresentar Amsterdam sem incluir as tulipas.

Uma vez ouvi que ela já esteve em mais de setenta e cinco países, e muitos deles duas vezes.

Ela faz uma pausa, segurando o telefone em uma mão e batendo-o contra a outra palma enquanto pensa.

— Além disso, Amsterdam está tão... na moda.

Swapna acredita que estar *na tendência*, é já estar *atrasado para essa tendência*. Se ela sentir que o espírito da época está se animando com a ideia de Toruń, na Polônia, então Toruń estará fora da pauta pelos próximos dez anos. Há uma lista literal pregada em uma parede pelos cubículos (Toruń não está nesta lista) de lugares que $R + R$ não cobrem. Cada lugar está escrito à mão e datado, e há uma espécie de apostas sobre quando uma cidade será liberada da Lista. Nunca há tanta excitação silenciosa no escritório como nas manhãs em que Swapna entra, uma bolsa para o laptop no braço, caminhando até a Lista com uma caneta já em mãos, pronta para riscar uma dessas cidades proibidas.

Todos assistem com a respiração suspensa, perguntando-se qual cidade ela está resgatando da obscuridade $R + R$, e uma vez que ela esteja em segurança em seu escritório, porta fechada, quem estiver mais próximo da Lista irá correr até ela, ler o local riscado, e se virar para sussurrar o nome da cidade para todos no editorial. Geralmente há uma celebração silenciosa.

Quando Paris foi retirada da Lista no outono passado, alguém abriu um champanhe e Garrett puxou uma boina vermelha de uma gaveta em sua mesa, onde aparentemente a estivera escondendo justamente para

essa ocasião. Ele a usou o dia todo, sacudindo-a da cabeça toda vez que ouvíamos o clique e o barulho da porta de Swapna. Ele pensou que também tinha se safado com isso, até que ela parou ao lado de sua mesa quando estava indo embora e disse:

— *Au revoir*, Garrett.

Seu rosto tinha ficado tão vermelho quanto a boina e, embora eu não achasse que Swapna pretendia ser nada além de engraçada, ele nunca recuperou totalmente a confiança desde então.

Ter Amsterdam declarada “na moda”, fez suas bochechas corarem passando do vermelho da boina, direto para o roxo de uma beterraba.

Mais alguém atira Cozumel. E então há uma votação para Las Vegas, que Swapna considera brevemente.

— Vegas pode ser divertido. — Ela olha diretamente para mim. — Poppy, você não acha que Vegas poderia ser divertido?

— Definitivamente, poderia ser divertido. — eu concordo.

— Santorini. — diz Garrett na voz de um rato de desenho animado.

— Santorini é adorável, é claro. — diz Swapna, e Garrett solta um suspiro de alívio audível. — Mas queremos algo inspirador.

Ela me olha de novo. Claramente. Eu sei porque. Ela quer que *eu* escreva o grande artigo. Porque é por isso que vim para cá.

Meu estômago se revira.

— Vou continuar o debate, e trabalhar em algo para lançar para você na segunda-feira. — eu sugiro.

Ela acena em aceitação. Garrett afunda na cadeira ao meu lado. Eu sei que ele e o namorado estão desesperados por uma viagem grátis para Santorini. Como qualquer escritor de viagens estaria. Como qualquer pessoa provavelmente estaria.

Como eu definitivamente deveria estar.

Não desista, eu quero dizer a ele. *Se Swapna quer inspiração, ela não a está obtendo de mim.*

Eu não tenho isso há muito tempo.

• • •

— Acho que você deveria ir para Santorini. — diz Rachel, girando sua taça com vinho rose na mesa do café. É um vinho de verão perfeito, e por causa da plataforma dela, nós o compramos de graça.

Rachel Krohn: blogueira de estilo, entusiasta do bulldog francês, nascida e criada no Upper West Side (mas felizmente não é o tipo que age como se fosse *adorável* você ser de Ohio, ou mesmo pela existência de Ohio - alguém já *ouviu falar* disso?) e melhor amiga de nível profissional.

Apesar de ter eletrodomésticos de última geração, Rachel lava todos os pratos à mão, porque acha relaxante, e o faz usando saltos de dez centímetros, porque acha que sapatilhas são para passeios a cavalo e jardinagem, e somente se você não encontrou nenhuma bota de salto adequada.

Rachel foi a primeira amiga que fiz quando me mudei para Nova York. Ela é uma "influenciadora" de mídia social (leia-se: é paga para usar marcas específicas de maquiagem em fotos em sua linda penteadeira de mármore) e, embora eu nunca tivesse feito amizade com uma colega da Internet, acabou tendo suas vantagens (leia-se: nenhuma de nós precisa se sentir envergonhada quando pedimos à outra que espere enquanto montamos as fotos de nossos sanduíches). E embora eu pudesse esperar não ter muito em comum com Rachel, foi durante nossa terceira saída (no mesmo bar de vinhos em Dumbo onde estamos sentadas) que ela admitiu que tira todas as fotos dela para a semana às terças-feiras, trocando roupas e cabelos entre as paradas em diferentes parques e restaurantes, depois passa o resto da semana fazendo as legendas e correndo as redes sociais em busca de alguns cães.

Ela entrou neste trabalho por ser fotogênica, e ter uma vida fotogênica e dois cães muito fotogênicos (embora constantemente precisando de atenção médica).

Considerando que eu comecei a construir uma rede social de seguidores como um jogo de longo prazo para transformar as viagens em um trabalho de tempo integral. Caminhos diferentes para o mesmo lugar. Quer dizer, ela ainda está no Upper West Side e eu no Lower East Side, mas ambas somos anúncios vivos.

Eu tomo um gole de vinho espumante e o agito no ar enquanto repasso suas palavras. Não estive em Santorini e, em algum lugar da casa superlotada dos meus pais, em uma caixa de Tupperware cheia de coisas que não têm absolutamente nada em comum, há uma lista de destinos dos sonhos que fiz na faculdade, com Santorini perto do topo. Essas linhas brancas claras e grandes faixas de mar azul cintilante estavam tão distantes do meu nível duplo desordenado em Ohio quanto eu poderia imaginar.

— Eu não posso — eu finalmente digo a ela. — Garrett entraria em combustão espontânea se publicitasse Santorini e, assim que embarquei na conversa, Swapna aprovou para mim.

— Eu não entendo. — Rachel diz. — Quão difícil pode ser escolher férias, Pop? Não é como se você estivesse economizando seus centavos. Escolha um lugar. Vá. Em seguida, escolha outro. Isso é o que você faz.

— Não é tão simples assim.

— Sim, sim. — Rachel acena com a mão. — Eu sei, sua chefe quer férias 'inspiradoras'. Mas quando você aparecer em algum lugar bonito, com o cartão de crédito $R + R$, a inspiração vai aparecer. Literalmente, não há ninguém no mundo melhor equipado para ter férias mágicas do que um jornalista de viagens com o talão de cheques de um grande conglomerado de mídia. Se você não pode ter uma viagem inspirada, então como diabos você espera que o resto do mundo tenha?

Eu encolho os ombros, quebrando um pedaço de queijo da placa de charcutaria.

— Talvez seja esse o ponto.

Ela arqueia uma sobrancelha escura.

— Qual é o ponto?

— Exatamente! — Eu digo, e ela me lança um olhar de desgosto seco.

— Não seja fofa e excêntrica. — ela diz categoricamente. Para Rachel Krohn, *fofa e excêntrica* são quase tão ruins quanto a *moda* para Swapna Bakshi-Highsmith. Apesar da estética suavemente nebulosa do cabelo, maquiagem, roupas, apartamento e mídia social de Rachel, ela é uma pessoa profundamente pragmática. Para ela, a vida aos olhos do público é um trabalho como qualquer outro, que ela mantém porque paga as contas (pelo menos quando se trata de queijo, vinho, maquiagem, roupas e qualquer outra coisa que as empresas escolham para lhe enviar), *não* porque ela adora o tipo de semi fama fabricada que vem com essa vida. No final de cada mês, ela publica um post com os piores trechos não editados de suas sessões de fotos, com a legenda: *ESTE É UM FEED DE IMAGENS GERADAS PARA FAZER VOCÊ SURTAR POR UMA VIDA QUE NÃO EXISTE. EU SOU PAGA PARA ISSO.*

Sim, ela foi para a escola de arte.

E, de alguma forma, esse tipo de arte pseudo-performática não fez nada para conter sua popularidade. Sempre que estou na cidade no último dia do mês, tento agendar uma saída de vinho para que eu possa observá-la checar suas notificações e revirar os olhos enquanto novas pessoas começam a segui-la e a comentar em seus posts. De vez em quando ela abafa um grito e diz:

— Ouça isto! 'Rachel Krohn é tão corajosa e real. Eu quero que ela seja minha mãe.' Estou *dizendo a* eles que não me conhecem e ainda não entenderam!

Ela não tem paciência para óculos cor de rosa e menos ainda para melancolia.

— Não estou sendo fofa — prometo a ela — e definitivamente não estou sendo excêntrica.

O arco de sua sobrancelha se aprofunda.

— Tem certeza? Porque você está propensa a ambos, bebê.

Eu rolo meus olhos.

— Você apenas quer dizer que sou baixa e uso cores brilhantes.

— Não, você é *minúscula* — ela me corrige. — E usa padrões altos. Seu estilo é, tipo, a filha parisiense do padeiro dos anos 1960 andando de bicicleta pela aldeia ao amanhecer, gritando *Bonjour, le monde* enquanto distribui baguetes.

— De qualquer forma, — eu digo, nos colocando de volta no caminho — o que quero dizer é, *qual é o sentido* de tirar essas férias ridiculamente caras e, em seguida, escrever tudo sobre isso para as quarenta e duas pessoas no mundo que podem pagar por tempo e dinheiro para recriá-las?

Suas sobrancelhas se erguem em uma linha reta enquanto ela pensa.

— Bem, em primeiro lugar, não presumo que a maioria das pessoas use artigos *R + R* como um itinerário, Pop. Você dá a eles cem lugares

para ver e eles escolhem três. E, em segundo lugar, as pessoas querem ver as férias ideais em revistas. Eles as compram para sonhar acordado, não para planejar.

Mesmo enquanto ela está sendo a Rachel Pragmática, a cínica Rachel da Escola de Arte está se infiltrando, dando às suas palavras uma vantagem. A Rachel da Escola de Arte é como um velho gritando para o céu, um padraço na mesa de jantar, dizendo: "Por que vocês não desligam um pouco, crianças?" enquanto segura uma tigela para coletar os telefones de todos.

Eu amo a Rachel da Escola de Arte e seus Princípios, mas também estou nervosa com sua aparição repentina neste pátio na calçada. Porque agora estão borbulhando palavras que eu ainda não disse em voz alta. Pensamentos sensíveis e secretos que nunca se expuseram totalmente a mim nas muitas horas que passei deitada no sofá ainda novo de meu apartamento descomplicado e desocupado durante o tempo de inatividade entre as viagens.

— Qual é o ponto? — Eu digo novamente, frustrada. — Quero dizer, você nunca se sente assim? Tipo, eu trabalhei tão duro, fiz tudo certo...

— Bem, nem *tudo* — ela diz. — Você abandonou a faculdade, querida.

— Para conseguir o emprego dos meus sonhos. E eu realmente consegui. Eu trabalho em uma das melhores revistas de viagens! Eu tenho um bom apartamento! E eu posso pegar táxis sem me preocupar muito sobre para onde esse dinheiro *deveria* ir, e apesar de tudo isso — Eu tomo uma respiração instável, sem saber as palavras que eu estou a ponto de forçar a saída, mesmo quando todo o peso delas me bate como um saco de areia — Não estou feliz.

O rosto de Rachel se suaviza. Ela pousa a mão na minha, mas permanece em silêncio, mantendo espaço para que eu continue. Demoro um pouco para me recompor. Eu me sinto uma idiota ingrata por ter esses pensamentos, quanto mais admiti-los em voz alta.

— É tudo muito bonito como eu imaginei. — eu finalmente digo. — As festas, as escalas nos aeroportos internacionais, os cocktails no jato, as praias, os barcos e as vinhas. E tudo parece como deveria parecer, mas é diferente do que eu imaginava. Honestamente, acho que parece diferente do que costumava ser. Eu costumava escalar paredes semanas antes de uma viagem, sabe? E quando eu chegava ao aeroporto, eu me sentia como... como se meu sangue estivesse zumbindo. Como se o ar estivesse apenas vibrando com possibilidades ao meu redor. Não sei. Não tenho certeza do que mudou. Talvez, eu tenha mudado.

Ela coloca um cachô escuro atrás da orelha e encolhe os ombros.

— Você *queria*, Poppy. Você não tinha e queria. Você estava com fome.

Instantaneamente, eu sei que ela está certa. Ela vê através da palavra vômito até o centro das coisas.

— Isso não é ridículo? — Eu gemo e rio. — Minha vida acabou como eu esperava, e agora sinto falta de *querer* algo.

Tremendo com o peso disso. Cantarolando com o potencial. Encarando o teto da minha merda, pré-*R + R* quinto andar sem elevador, depois de um turno duplo servindo bebidas no Garden, e sonhando acordada com o futuro. Os lugares que eu iria, as pessoas que encontraria - quem eu me *tornaria*. O que resta a desejar quando você tem o apartamento dos sonhos, a chefe dos sonhos e o emprego dos sonhos (o que anula qualquer ansiedade sobre o aluguel absurdamente alto do apartamento dos seus sonhos, porque você passa a maior parte do tempo comendo em restaurantes com cinco estrelas Michelin, usando o dinheiro da empresa de qualquer maneira)?

Rachel esvazia seu copo e coloca um pouco de Brie em um biscoito, assentindo com conhecimento da causa.

— Tédio milenar.

— Isso é uma coisa? — Eu pergunto.

— Ainda não, mas se você repetir três vezes, haverá um artigo sobre o *Slate* nesta noite.

Eu jogo um punhado de sal por cima do ombro como se para afastar esse mal, e Rachel bufa enquanto nos serve um copo novo.

— Achei que a coisa toda sobre a geração milênio era que não conseguimos o que queremos. As casas, os empregos, a liberdade financeira. Nós apenas vamos para a escola para sempre, então somos bartenders até morrermos.

— Sim — ela diz — mas você largou a faculdade e foi atrás do que queria. Então aqui estamos nós.

— Não quero ter um tédio milenar. — digo. — Me sinto uma idiota por não estar contente com minha vida incrível.

Rachel bufa novamente.

— Contentamento é uma mentira inventada pelo capitalismo. — diz Rachel da Escola de Arte, mas talvez ela tenha razão. Normalmente, ela tem. — Pense nisso. Todas aquelas fotos que posto? Elas estão vendendo algo. Um estilo de vida. As pessoas olham para essas imagens e pensam: 'Se eu tivesse aqueles saltos Sonia Rykiel, o lindo apartamento com os pisos de espinha de carvalho francês, *então* eu ficaria feliz. Eu andaria de um lado para o outro, regando minhas plantas caseiras e acendendo meu suprimento infinito de velas Jo Malone, e sentiria minha vida em perfeita harmonia. Eu finalmente *amaria* minha casa. Eu *saborearia* meus dias neste planeta.'

— Você vende bem, Rach — eu digo. — Você parece muito feliz.

— Pode ter certeza de que estou — ela diz. — Mas não estou contente e sabe por quê?

Ela puxa o telefone da mesa, vira para uma imagem específica que ela tem em mente e o levanta. Uma foto dela reclinada em seu sofá de veludo, carregada de buldogues com cicatrizes combinando de suas cirurgias no focinho que salvaram suas vidas. Ela está vestida com um pijama de Bob Esponja e não está usando nenhuma maquiagem.

— Porque todos os dias há fábricas de filhotes em becos sem saída, criando mais desses pequeninos! Engravidando aos mesmos pobres cães repetidamente, produzindo ninhada após ninhada de filhotes com mutações genéticas que tornam a vida difícil e dolorosa. Sem mencionar todos os pitbulls dobrados em canis, apodrecendo em prisões de cachorros!

— Você está dizendo que eu deveria arranjar um cachorro? — Eu digo. — Porque toda essa coisa de jornalista de viagens meio que impede a posse de animais de estimação.

Sinceramente, mesmo que não tivesse, não tenho certeza se conseguiria lidar com um animal de estimação. Eu *amo* cachorros, mas também cresci em uma casa cheia deles. Com os animais de estimação vêm os pelos, os latidos e o caos. Para uma pessoa bastante caótica, essa é uma ladeira escorregadia. Se eu fosse a um abrigo buscar um cão adotivo, não há garantia de que não voltaria para casa tendo adotado seis deles e um coiote selvagem.

— Estou dizendo — Rachel responde — que o propósito é mais importante do que o contentamento. Você tinha uma tonelada de objetivos de carreira, o que lhe dava um propósito. Um por um, você os venceu. *Et voilà*: sem propósito.

— Portanto, preciso de novos objetivos.

Ela acena com a cabeça enfaticamente.

— Eu li um artigo sobre isso. Aparentemente, o cumprimento de metas de longo prazo costuma levar à depressão. É a jornada, não o destino, querida, e seja lá o que diabos essas coisas dizem.

Seu rosto se suaviza novamente, tornando-se a coisa etérea de suas fotos mais apreciadas.

— Você sabe, meu terapeuta disse-

— Sua mãe — eu digo.

— Ela estava sendo uma terapeuta quando disse isso. — argumenta Rachel, com o que eu sei que ela quer dizer que Sandra Krohn estava sendo decididamente a Dra. Sandra Krohn, da mesma forma que Rachel às vezes é decididamente Rachel da Escola de Arte, não que Rachel fosse realmente em uma sessão de terapia. Por mais que Rachel implore, sua mãe se recusa a tratar Rachel como uma paciente. Rachel, no entanto, se recusa a ver qualquer outra pessoa, e assim elas permanecem em um impasse.

— De qualquer forma — Rachel continua — ela me disse que às vezes, quando você perde a felicidade, é melhor procurá-la da mesma forma que você procuraria qualquer outra coisa.

— Gemendo e jogando almofadas do sofá ao redor? — Eu adivinho.

— Refazendo seus passos. — Rachel diz. — Então, Poppy, tudo o que você precisa fazer é pensar no passado e se perguntar: quando foi a última vez que você foi verdadeiramente feliz?

O problema é que não preciso pensar para trás. De jeito nenhum.

Eu sei imediatamente quando fui verdadeiramente feliz pela última vez.

Há dois anos, na Croácia, com Alex Nilsen.

Mas não há como encontrar o caminho de volta para isso, porque não nos falamos desde então.

— Basta pensar sobre isso, ok? — Rachel diz. — Dra. Krohn está sempre certo.

— Sim — eu digo — Vou pensar sobre isso.

Este Verão

EU PENSEI SOBRE isso.

Na viagem de metrô inteira para casa. Na caminhada de quatro quarteirões depois disso. Através de um banho quente, uma máscara de cabelo e uma máscara facial, e várias horas deitada no meu sofá novo e rígido.

Não passo muito tempo aqui para transformá-lo em um lar e, além disso, sou produto de um pai pão-duro e uma mãe sentimental, o que significa que cresci em uma casa cheia até a borda de tralhas. Mamãe mantinha xícaras de chá quebradas que meus irmãos e eu tínhamos dado a ela quando crianças, e papai estacionava nossos carros velhos no jardim da frente para o caso de aprender a consertá-los. Ainda não tenho ideia do que seria considerado uma quantidade *razoável* de bugigangas em uma casa, mas sei como as pessoas geralmente reagem à minha casa de infância, e descubrem que é mais seguro desviar para o lado do minimalismo em vez de acumular.

Além de uma coleção pesada de roupas vintage (primeira regra da família Wright: nunca compre nada novo se você puder aperfeiçoá-lo pela metade do preço), não há muito mais no meu apartamento para me fixar. Então, estou apenas olhando para o meu teto e pensando.

E quanto mais penso nas viagens que Alex e eu costumávamos fazer juntos, mais tenho saudades delas. Mas não da maneira divertida, sonhadora e enérgica que eu costumava *desejar* ver Tóquio na temporada de flores de cerejeira, ou os festivais Fasnacht da Suíça, com seus desfiles de máscaras e bufões com chicotes dançando pelas ruas coloridas.

O que estou sentindo agora é mais uma dor, uma tristeza.

É pior do que o sentimento de *blah* de não querer muito da vida. É querer algo que não consigo me convencer que é mesmo uma possibilidade.

Não depois de dois anos de silêncio.

Ok, não *silêncio*. Ele ainda me envia uma mensagem no meu aniversário. Eu ainda envio uma para ele. Ambos enviamos respostas que dizem "Obrigado" ou "Como vai você?" mas essas palavras nunca parecem levar muito mais longe.

Depois que tudo aconteceu entre nós, eu costumava dizer a mim mesma que levaria tempo para ele superar isso, que as coisas

inevitavelmente voltariam ao normal e seríamos melhores amigos novamente. Talvez até ríssemos sobre esse tempo separados.

Mas os dias se passaram, os telefones foram desligados e ligados para o caso de as mensagens se perderem e, depois de um mês inteiro, até parei de pular toda vez que meu alerta de mensagem soava.

Nossas vidas continuaram, sem um e o outro nelas. O novo e estranho se tornou familiar, o aparentemente imutável, e agora aqui estou eu, em uma noite de sexta-feira, olhando para o nada.

Eu empurro o sofá e pego meu laptop da mesa de café, saindo para a minha minúscula varanda. Eu me jogo na cadeira solitária que cabe aqui e coloco meus pés no parapeito, ainda quente do sol, apesar do pesado manto da noite. Lá embaixo, o barulho ressoa dos bares na esquina, as pessoas voltam para casa após longas noites fora e alguns táxis parados em frente ao meu bar favorito do bairro, o Good Boy Bar (um lugar que deve seu sucesso não às bebidas mas ao fato de que permite cães dentro; é assim que eu sobrevivo à minha existência sem animais).

Abro meu computador e me afasto um pouco do brilho fluorescente de sua tela enquanto abro meu antigo blog. O próprio blog *R + R* não dá a mínima — quer dizer, eles avaliaram minhas amostras de escrita a partir dele antes de eu conseguir o emprego, mas não se importam se eu o mantenho. É com a influência da mídia social que eles querem continuar lucrando, não com os leitores modestos, mas dedicados, que construí com minhas postagens sobre viagens de orçamento apertado.

A revista *Rest + Relaxation* não é especializada em viagens com orçamento apertado. E embora eu tivesse planejado manter *Pop ao redor do mundo* além de meu trabalho em revistas, minhas entradas diminuíram pouco depois da viagem à Croácia.

Eu volto para o meu post sobre esse e o abro. Na época eu já estava trabalhando na *R + R*, o que significava que cada segundo luxuoso da viagem estava pago. Era para ser a melhor que já havíamos tirado, e pequenos pedaços dela *foram*.

Mas relendo minha postagem — mesmo com cada indício de Alex e o que aconteceu apagado — é óbvio o quão miserável eu estava quando cheguei em casa. Eu rolo mais para trás, procurando por cada postagem sobre a Viagem de verão. Era assim que a chamávamos, quando mandávamos mensagens de texto ao longo do ano, geralmente muito antes de definirmos aonde iríamos ou como faríamos.

A viagem de verão.

Tipo, a escola está me matando — eu só quero que a viagem de verão chegue logo, e a proposta de nosso uniforme de viagem de verão, com uma captura de tela anexada de uma camiseta que diz SIM, ELES SÃO REAIS no peito, ou um short de macacão tão curto que parecia, essencialmente, uma tanga de denim.

Uma brisa quente sopra da rua o cheiro de lixo e pizza fatiada, bagunçando meu cabelo. Eu o torço em um nó na base do meu pescoço,

em seguida, fecho meu computador e retiro meu telefone tão rápido que você pensaria que eu realmente planejei usá-lo.

Você não pode. É muito estranho, eu penso.

Mas já estou puxando o número de Alex, ainda no topo da minha lista de favoritos, onde o otimismo o manteve salvo até que tanto tempo se tenha passado que a possibilidade de o excluir agora parece um último passo trágico que não posso suportar dar.

Meu polegar paira sobre o teclado.

Tenho pensado em você, digito. Eu fico olhando para ele por um minuto, em seguida, apago até o início.

Alguma chance de você querer sair da cidade? Eu escrevo. Isso parece bom. É claro o que estou pedindo, mas é casual, com uma saída fácil. Mas quanto mais estudo as palavras, mais estranha me sinto por ser tão casual. Sobre fingir que nada aconteceu e nós dois ainda somos amigos íntimos que podem planejar uma viagem em um fórum tão informal como um texto pós-meia-noite.

Excluo a mensagem, respiro fundo e digito novamente: **Oi**.

— Oi? — Eu estalo, irritada comigo mesma. Na calçada, um homem pula de surpresa ao ouvir minha voz, depois olha para minha varanda, decide que não estou falando com ele e sai correndo.

De jeito nenhum vou enviar uma mensagem para Alex Nilsen que diga apenas *Oi*.

Mas então vou destacar e deletar a palavra, e algo horrível acontece.

Eu acidentalmente apertei enviar.

A mensagem é *lida*.

— Merda, merda, merda! — Eu assobio, sacudindo meu telefone como se talvez pudesse fazê-lo cuspir a mensagem de volta antes que aquela palavra miserável comece a digerir. — Não, não, n-

Um som de toque.

Eu congelo. Boca aberta. Coração acelerado. Estômago se contorcendo até meus intestinos parecerem macarrão rotini.

Uma nova mensagem, o nome em negrito no topo: **ALEXANDER, O GRANDE**.

Uma palavra.

Oi.

Estou tão atordoada que quase acabei de enviar outra mensagem *Oi* de volta como se minha primeira mensagem nunca tivesse acontecido, como se ele tivesse me enviado *Oi* do nada. Mas é claro que não — ele não é esse cara. Eu sou esse cara.

E porque sou aquele cara que manda a pior mensagem de texto do mundo, agora recebo uma resposta que não me dá um caminho natural para uma conversa.

O que eu digo?

Como você está? soa muito sério? Isso faz parecer que estou esperando que ele diga: *Bem, Poppy, senti sua falta. Eu senti MUITO sua falta*.

Talvez algo mais inócuo, tipo: *Como vai?*

Mas, novamente, eu sinto que a coisa mais estranha que eu poderia fazer agora é ignorar deliberadamente que *é* estranho enviar mensagens de texto para ele depois de todo esse tempo.

Lamento ter enviado uma mensagem de texto que dizia Oi, estou escrevendo. Eu apago, tento ser engraçada: Você provavelmente está se perguntando por que eu te chamei.

Não é engraçado, mas estou de pé na beira da minha minúscula varanda, tremendo de ansiedade e com medo de esperar muito para responder. Envio a mensagem e começo a andar. Só que, como a varanda é tão pequena e a cadeira ocupa metade dela, estou basicamente girando como um pião, um rabo de mariposas perseguindo a luz embaçada do meu telefone.

Soa novamente, e eu sento na cadeira e abro a mensagem.

É sobre os sanduíches que estão desaparecendo na sala de descanso?

Um momento depois, uma segunda mensagem chega.

Porque eu não peguei eles. A menos que haja uma câmera de segurança lá. Nesse caso, sinto muito.

Um sorriso floresce em meu rosto, uma onda de calor derretendo o nó ansioso em meu peito. Houve um breve período em que Alex se convenceu de que seria demitido de seu emprego de professor. Depois de acordar tarde e perder o café da manhã, ele tinha uma consulta médica durante o almoço. Ele não teve tempo de pegar comida depois, então ele foi para a sala dos professores, esperando que fosse o aniversário de alguém, que pudesse haver donuts ou muffins velhos que ele pudesse comer.

Mas era a primeira segunda-feira do mês, e uma professora de história americana chamada Sra. Delallo, uma mulher que Alex secretamente considerava sua nêmesis no local de trabalho, insisti em limpar a geladeira e o balcão na última sexta-feira de cada mês - e depois fazer uma grande coisa sobre isso como ela esperava ser agradecida, embora muitas vezes seus colegas de trabalho perdessem alguns almoços congelados perfeitamente bons no processo.

De qualquer forma, a única coisa que sobrou na geladeira foi um sanduíche de salada de atum. "O cartão de visita de Delallo", Alex brincou quando me contou a história mais tarde.

Ele comeu o sanduíche como um ato de desafio (e fome). Em seguida, passou três semanas convencido de que alguém iria descobrir e ele perderia o emprego. Não é como se fosse seu sonho ensinar literatura no ensino médio, mas o emprego era bem pago, tinha bons benefícios e era em nossa cidade natal em Ohio, o que — embora para mim fosse definitivamente negativo — significava que ele ficava perto de dois de seus três irmãos mais novos e os filhos que eles começaram a criar.

Além disso, o tipo de emprego universitário que Alex *realmente* queria simplesmente não aparecia com muita frequência ultimamente.

Ele não podia se dar ao luxo de perder o emprego de professor e, felizmente, não o fez.

Sanduíches? NO PLURAL? Eu digito de volta agora. **Por favor, por favor, diga-me que você se tornou um ladrão de sanduíches profissional.**

Delallo não é fã de sanduíches, diz Alex. **Ultimamente ela tem gostado de hambúrgueres.**

E quantos desses hambúrgueres você roubou? Eu pergunto.

Presumindo que a NSA esteja lendo isso, nenhum, diz ele.

Você é um professor de inglês do ensino médio em Ohio; claro que eles estão lendo.

Ele manda de volta uma cara triste. **Você está dizendo que não sou importante o suficiente para o governo dos EUA monitorar?**

Eu sei que ele está brincando, mas aqui está a coisa sobre Alex Nilsen. Apesar de ser alto, bastante largo, viciado em exercícios diários, alimentação saudável e autocontrole geral, ele também tem essa cara de cachorro machucado. Ou pelo menos a habilidade de invocá-la. Seus olhos estão sempre um pouco sonolentos, as rugas sob eles, uma indicação constante de que ele não ama dormir como eu. Sua boca é ridiculamente bonita e ligeiramente irregular, e tudo isso combinado com seu cabelo liso e bagunçado — a única parte de sua aparência que ele não presta atenção — dá a seu rosto uma aparência infantil que, quando manuseada corretamente, pode desencadear algum impulso biológico em mim para protegê-lo a todo custo.

Ver seus olhos sonolentos ficarem grandes e lacrimejantes, e sua boca aberta em um O suave é como ouvir um cachorrinho choramingando.

Quando outras pessoas enviam o emoji carrancudo, eu leio com uma leve decepção.

Quando Alex o usa, eu sei que é o equivalente digital dele usando a cara de cachorro triste para me provocar. Às vezes, quando estávamos bêbados, sentados em uma mesa e tentando passar por um jogo de xadrez ou Scrabble que eu estava ganhando, ele fazia o rosto até eu ficar histérica, um misto entre rir e chorar, caindo da cadeira, tentando fazê-lo parar ou pelo menos cobrir o rosto dele.

Claro que você é importante, eu digito. **Se a NSA conhecesse os poderes de Cara de cachorrinho machucado, você estaria em um laboratório sendo clonado agora.**

Alex digita por um minuto, para, digita de novo. Eu espero mais alguns segundos.

É isso? Ele finalmente desiste de responder à mensagem? É algum grande confronto? Ou, conhecendo-o, acho que é mais provável que seja uma boa conversa inofensiva.

Boa conversa, mas estou indo para a cama. Durma bem.

Ding!

Uma risada irrompe de mim, a força dela como um ovo quebrando em meu peito, derramando calor para cobrir meus nervos.

É uma foto. Uma selfie borrada e ineficaz de Alex, sob um poste de luz, fazendo a cara infame. Como acontece com quase todas as fotos que ele já tirou, ela foi tirada um pouco por baixo, alongando sua cabeça até chegar a um ponto. Eu jogo minha cabeça para trás com outra risada, meio tonta.

Seu desgraçado! Eu digito. **É uma da manhã e agora você me mandou para o canil para salvar algumas vidas.**

Sim, certo, ele diz. **Você nunca teria um cachorro.**

Algo como dor apertada baixo em meu estômago. Apesar de ser o homem mais limpo, específico e organizado que conheço, Alex adora animais e tenho quase certeza de que ele vê minha incapacidade de me comprometer com um, como um defeito pessoal.

Eu olho para a succulenta desidratada solitária no canto da varanda. Balançando a cabeça, digito outra mensagem: **Como está Flannery O'Connor?**

Morta, Alex escreve de volta.

A gata, não a autora! Eu digo.

Também morta, ele responde.

Meu coração dispara. Por mais que eu detestasse aquela gata (nem mais nem menos do que ela me detestava), Alex a adorava. O fato de que ele não me disse que ela morreu me corta com um corte preciso, uma lâmina de guilhotina da cabeça aos pés.

Alex, sinto muito, eu escrevo. **Deus, sinto muito. Eu sei o quanto você a amava. Essa gata teve uma vida incrível.**

Ele escreve apenas: **Obrigado.**

Eu fico olhando para a palavra por um longo tempo, sem saber para onde ir a partir daí. Quatro minutos se passaram, depois cinco, depois já se passaram dez.

Eu deveria ir para a cama agora, ele diz finalmente. **Durma bem, Poppy.**

Sim, eu escrevo. **Você também.**

Sento-me na varanda até que todo o calor seja drenado de mim.

Doze Verões Atrás

NA PRIMEIRA NOITE de orientação na Universidade de Chicago, eu o identifico. Ele está vestido com calças cáqui e uma camiseta da Universidade de Chicago, apesar de estar na escola há dez horas. Ele não se parece em nada com o tipo de intelectualidade artística que imaginei fazer amizade quando escolhi uma escola na cidade. Mas estou aqui sozinha (minha nova colega de quarto, ao que parece, seguiu sua irmã mais velha e alguns amigos até a faculdade, e ela se livrou dos eventos da O-Week o mais rápido possível), e ele também está sozinho, então vou até ele, derramo minha bebida na camisa dele e digo:

— Então, você estuda na Universidade de Chicago?

Ele me encara sem expressão.

Eu gaguejo que era uma piada.

Ele gagueja algo sobre derramar em sua camisa e uma mudança de roupa de última hora. Suas bochechas ficam rosadas, e as minhas também, de vergonha de segunda mão.

E então seus olhos descem em mim, me avaliando, e seu rosto muda. Estou usando um macacão floral neon laranja e rosa do início dos anos 70, e ele reage a esse fato como se eu também estivesse segurando um pôster que diz FODA-SE CÁQUIS nele.

Pergunto de onde ele é, porque não tenho certeza do que mais dizer a um estranho com quem não compartilho um contexto além de algumas horas de passeios confusos no campus, alguns dos mesmos painéis enfadonhos sobre a vida na cidade, e o fato de que odiamos as roupas um do outro.

— Ohio — ele responde — uma cidade chamada West Linfield.

— Não me diga! — Eu digo, atordoada. — Sou de East Linfield.

E ele se ilumina um pouco, como se isso fosse uma boa notícia, e eu não tenho certeza do porquê, porque ter o fato dos Linfields em comum é como ter tido o mesmo resfriado: não a pior coisa do mundo, mas nada para dar mais cinco.

— Sou Poppy — digo a ele.

— Alex — diz ele, e aperta minha mão.

Quando você imagina um novo melhor amigo para si mesma, você nunca o chama de Alex. Você provavelmente também não o imagina vestindo-se como uma espécie de bibliotecário adolescente, ou mal te olhando nos olhos, ou sempre falando um pouco baixinho.

Eu decido que se eu tivesse olhado para ele por mais cinco minutos antes de cruzar o gramado iluminado pela luz do globo para conversar,

eu teria sido capaz de adivinhar seu nome e que ele era de West Linfield, porque esses dois fatos coincidem com sua calça cáqui e camisa da Universidade de Chicago.

Tenho certeza de que quanto mais conversamos, mais violentamente chato ele se torna, mas estamos aqui e sozinhos, então por que não ter certeza?

— Então, para que você está aqui? — Eu pergunto.

Sua testa franze.

— Aqui para?

— Sim, você sabe — eu digo — tipo, estou aqui para encontrar um rico barão do petróleo que precisa de uma segunda esposa muito mais jovem.

Esse olhar vazio novamente.

— O que você está *estudando*? — Eu esclareço.

— Oh — ele diz. — Não tenho certeza. Pré Lei, talvez. Ou literatura. E você?

— Não tenho certeza ainda. — Eu levanto meu copo de plástico. — Eu vim principalmente pelo desafio. E não para viver no sul de Ohio.

Nos dolorosos quinze minutos seguintes, descobri que ele está aqui com uma bolsa de estudos acadêmica e que estou aqui com empréstimos. Digo a ele que sou a mais nova de três e a única menina. Ele me disse que é o mais velho de quatro meninos. Ele pergunta se eu já vi o ginásio, e minha reação genuína é “*Por quê?*” E nós dois voltamos e vamos silenciosamente em sua direção.

Ele é alto, quieto e está ansioso para ver a biblioteca.

Sou baixinha, barulhenta e espero que alguém apareça e nos convide para uma festa de verdade.

Quando nos separarmos, estou bastante confiante de que nunca mais nos falaremos.

Aparentemente, ele se sente da mesma maneira.

Em vez de *adeus*, ou *nos vemos por aí*, ou *devemos trocar nossos números*, ele simplesmente diz:

— Boa sorte com o primeiro ano, Poppy.

Este Verão

— VOCÊ PENSOU sobre isso? — Rachel pergunta. Ela está bastante empenhada na bicicleta ergométrica ao meu lado, gotas de suor voando dela, embora sua respiração esteja regular, como se estivéssemos vagando pela Sephora. Como de costume, encontramos duas bicicletas no final da aula de spinning, onde podemos manter uma conversa sem ser repreendidas por distrair outros ciclistas.

— Pensar sobre o que? — Eu ofego de volta.

— O que te faz feliz. — Ela se levanta para pedalar mais rápido ao comando do professor. De minha parte, estou basicamente curvada sobre o guidão, forçando meus pés para baixo como se estivesse pedalando através de melaço. Eu odeio exercícios; Adoro a sensação de ter feito exercício.

— Silêncio — eu suspiro, o coração latejando. — Me. Faz. Feliz.

— E? — ela pede.

— Aquelas barras de creme de framboesa e baunilha do Trader Joe's — eu digo.

— E?

— Às vezes você faz! — Estou tentando soar cortante. A respiração ofegante o enfraquece.

— Descansem! — a instrutora grita em seu microfone; trinta e alguns suspiros de alívio percorrem a sala. As pessoas ficam frouxas nas bicicletas ou escorregam para uma poça no chão, mas Rachel desmonta como uma ginasta olímpica terminando sua rotina no chão. Ela me entrega sua garrafa de água e eu a sigo até o vestiário, em seguida, saio para a luz forte do meio-dia.

— Não vou arrancar de você — ela diz. — Talvez seja particular, o que te faz feliz.

— É Alex — eu deixo escapar.

Ela para de andar, segurando meu braço para que eu fique presa, o tráfego de pedestres crescendo ao nosso redor na calçada.

— O que?

— Não é dessa maneira — eu digo. — Nossas viagens de verão. Nada jamais superou isso.

Nada.

Mesmo que eu me case e tenha um filho, espero que o melhor dia da minha vida ainda seja uma espécie de disputa entre esse e o momento em que Alex e eu saímos para caminhar nas sequoias enevoadas.

Quando estávamos entrando no parque, começou a chover forte e as trilhas se esvaziaram. Tínhamos a floresta só para nós, colocamos uma garrafa de vinho em nossa mochila e partimos.

Quando tivemos certeza de que estávamos sozinhos, abrimos a rolha e passamos a garrafa de um lado para outro, bebendo enquanto caminhávamos pela quietude da floresta.

Gostaria que pudéssemos dormir aqui, lembro-me dele dizer. Tipo apenas deitar e tirar uma soneca.

E então chegamos a um daqueles grandes troncos ocos ao longo da trilha, do tipo que se abre para formar uma caverna arborizada, seus dois lados como gigantescas palmeiras em forma de concha.

Escorregamos para dentro e nos enrolamos na terra seca e pontuda. Não tiramos uma soneca, mas descansamos. Como se, em vez de absorver energia durante o sono, nós a atraíssemos para nossos corpos através dos séculos de sol e chuva que cooperaram para crescer esta enorme árvore que nos protegia.

— Bem, você obviamente tem que ligar para ele. — Rachel diz, efetivamente me laçando e me arrancando da memória. — Eu nunca entendi por que você simplesmente não o confrontou sobre tudo. Parece bobagem perder uma amizade tão importante por causa de uma briga.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu já mandei uma mensagem para ele. Ele não quer reacender nossa amizade e *definitivamente* não quer ir de férias espontâneas comigo. — Eu caio no passo novamente ao lado dela, empurrando minha bolsa de ginástica mais alto no meu ombro suado. — Talvez você devesse vir comigo. Isso seria divertido, não seria? Não vamos a lugar nenhum juntas há meses.

— Você sabe que fico ansiosa quando saio de Nova York. — diz Rachel.

— E o que sua terapeuta diria sobre isso? — Eu provoco.

— Ela diria: ‘O que eles têm em Paris que não têm em Manhattan, querida?’

— Hum, a Torre Eiffel? — Eu digo.

— Ela também fica ansiosa quando eu saio de Nova York. — diz Rachel. — New Jersey é quase tão longe quanto o cordão umbilical se estende para nós. Agora vamos tomar um pouco de suco. Essa tábua de queijos basicamente formou uma rolha no meu traseiro e tudo está se acumulando atrás dela.

• • •

Às dez e trinta da noite de domingo, estou sentada na cama, meu edredom rosa macio empilhado em meus pés e meu laptop queimando contra minhas coxas. Meia dúzia de janelas estão abertas em meu navegador da web, e em meu aplicativo de anotações eu comecei uma lista de destinos possíveis que só vai para três.

1. Terra Nova

2. Áustria

3. Costa Rica

Acabei de começar a compilar notas sobre as principais cidades e pontos de referência naturais de cada uma quando meu telefone vibra na mesa lateral. Rachel tem me mandado mensagens de texto, jurando parar de comer laticínios o dia todo, mas quando eu pego meu telefone, o topo do alerta de mensagem diz **ALEXANDER, O GRANDE**.

De repente, aquela sensação vertiginosa está de volta, inchando tão rápido em mim que sinto que meu corpo vai explodir.

É uma mensagem de imagem e, quando a abro, encontro uma foto da minha hilariante foto ruim do último ano, completa com a citação que escolhi para imprimir abaixo dela: **Tchau**.

Ohhhhhhh não não, eu digito através das risadas, empurrando meu laptop de lado e caindo de costas. **Onde você achou isso?**

Biblioteca de East Linfield, diz Alex. **Eu estava preparando minha sala de aula e me lembrei que eles têm anuários**.

Você desafiou minha confiança, eu brinco. **Estou mandando mensagens de texto para seus irmãos pedindo fotos de você bebê agora**.

Imediatamente, ele envia de volta a mesma foto do Sad Puppy de sexta-feira, seu rosto embaçado e desbotado, o brilho laranja nebuloso de um poste de luz visível por cima de seu ombro. **Má**, ele escreve.

É uma foto de arquivo que guarda para ocasiões como esta? Eu pergunto.

Não, ele diz. **Tirei na sexta-feira**.

Você saiu bem tarde para Linfield, eu digo. **O que está aberto além do Big Boy Frisch a essa hora?**

Acontece que quando você tem 21 anos, há muito o que fazer depois de escurecer em Linfield, diz ele. **Eu estava no Birdies**.

Birdies, o bar de mergulho com tema de golfe “e churrasco” do outro lado da rua da minha escola.

Birdies? Eu digo. **Eca, é onde todos os professores bebem!**

Alex dispara outra foto de Sad Puppy Face, mas pelo menos esta é nova: ele em uma camiseta cinza suave, seu cabelo espetado para todo o lado e uma cabeceira de madeira lisa visível atrás dele.

Ele também está sentado na cama. Me enviando mensagens. E no fim de semana, quando ele estava trabalhando em sua sala de aula, ele não apenas pensou em mim, mas teve tempo para encontrar minha foto antiga do anuário.

Estou sorrindo enormemente agora, e zumbindo também. É surreal o quanto isso se parece com os primeiros dias de nossa amizade, quando cada nova mensagem parecia tão brilhante, engraçada e perfeita, quando cada ligação rápida acidentalmente se transformava em uma hora e meia de conversa sem parar, mesmo quando tínhamos visto o outro alguns dias antes. Lembro-me de como, durante um dos primeiros desses — antes de considerá-lo meu *melhor amigo* — tive que perguntar

a ele se poderia ligar de volta em um segundo para que eu pudesse fazer xixi. Quando voltamos ao telefone, conversamos por mais uma hora e ele me perguntou a mesma coisa.

A essa altura, parecia bobo desligar o telefone apenas para evitar ouvir xixi batendo no vaso sanitário, então eu disse que ele poderia ficar ao telefone se quisesse. Ele *não* aceitou isso, nem naquela época nem nunca, embora a partir de então eu muitas vezes fiz xixi no meio de uma ligação. Com sua permissão, é claro.

Agora estou fazendo essa coisa humilhante, tocando a imagem do rosto dele como se pudesse de alguma forma sentir a essência dele dessa forma, como se isso o trouxesse mais perto de mim do que há dois anos. Não há ninguém para ver e ainda me sinto envergonhada.

Está brincando! Eu respondo. **Na próxima vez que eu estiver em casa, nós devemos ser descuidados com a Sra. Lautzenheiser.**

Envio sem pensar e quase imediatamente minha boca fica seca ao ver as palavras na tela.

Da próxima vez que estiver em casa.

Nós.

Isso foi muito longe? Sugerir que devemos sair?

Se for, ele não deixa transparecer. Ele apenas responde: **Lautzenheiser está sóbria agora. Ela também é budista.**

Mas agora que não recebi uma resposta direta à sugestão, positiva ou negativa, sinto um desejo intenso de empurrar o assunto. **Então acho que teremos que nos inspirar nela**, eu escrevo.

Alex digita por muito tempo e, o tempo todo, cruza os dedos, tentando afastar com força qualquer tensão.

Oh Deus.

Achei que estava indo bem, que tinha superado nosso rompimento de amizade, mas quanto mais conversamos, mais sinto falta dele.

Meu telefone vibra na minha mão. Três palavras: **Acho que sim.**

É evasivo, mas é alguma coisa.

E agora estou em alta. Das fotos do anuário, das selfies, da ideia de Alex sentado na cama me mandando mensagens do nada. Talvez seja forçar demais ou pedir demais, mas não consigo evitar.

Há dois anos, queria pedir a Alex para dar outra chance à nossa amizade, e estava com tanto medo da resposta que nunca perguntei. Mas não perguntar não nos trouxe de volta juntos, e eu sinto falta dele, eu sinto falta de quando estávamos juntos, e eu perco a viagem de verão e, finalmente, eu sei que *há* uma coisa em minha vida que eu ainda realmente quero, e só há uma maneira de descobrir se eu posso tê-la.

Alguma chance de você estar livre até o início das aulas? Eu digito, tremendo tanto que meus dentes começam a bater. **Estou pensando em fazer uma viagem.**

Eu fico olhando para as palavras por três respirações profundas, e então clico em enviar.

Onze Verões Atrás

OCASIONALMENTE, EU VEJO Alex Nilsen pelo campus, mas não nos falamos de novo até o dia após o fim do primeiro ano.

Foi minha colega de quarto, Bonnie, quem armou tudo. Quando ela me disse que tinha um amigo do sul de Ohio à procura de alguém para levar para casa, não me ocorreu que poderia ser o mesmo garoto de Linfield que conheci na orientação.

Principalmente porque eu não consegui aprender basicamente nada sobre Bonnie nos últimos nove meses com ela parando no dormitório para tomar banho e trocar de roupa antes de voltar para o apartamento de sua irmã. Francamente, eu não tinha certeza de como ela sabia que eu era de Ohio.

Eu tinha feito amizade com as outras garotas do meu andar — comia com elas, assistia a filmes com elas, ia a festas com elas — mas Bonnie existia fora do nosso time de calouros por necessidade. A ideia de que seu amigo pudesse ser Alex-de-Linfield nem passou pela minha cabeça quando ela me deu seu nome e número para coordenar nosso encontro. Mas quando desço para encontrá-lo esperando em seu lugar de estacionamento no horário combinado, é óbvio, por sua expressão firme e desconfortável, que ele estava me esperando.

Ele está vestindo a mesma camisa que tinha na noite em que o conheci, ou então ele comprou cópias suficientes para que possa usá-las alternadamente. Eu grito do outro lado da rua:

— É você.

Ele abaixa a cabeça, enrubescendo.

— Sim. — Sem outra palavra, ele vem em minha direção, e tira os cestos e uma das mochilas dos meus braços, colocando-os em seu banco de trás.

Os primeiros vinte e cinco minutos de nossa viagem são estranhos e silenciosos. Pior de tudo, quase não progredimos em meio ao congestionamento do tráfego da cidade.

— Você tem um cabo auxiliar? — Eu pergunto, vasculhando o console central.

Seus olhos se voltam para mim, sua boca se transformando em uma careta.

— Por quê?

— Porque eu quero ver se eu posso pular corda usando um cabo. — eu bufo, empacotando novamente os pacotes de lenços umedecidos e

desinfetantes para as mãos que eu revirei enquanto fazia a busca. — Por que você acha? Para que possamos ouvir música.

Os ombros de Alex se erguem, como se ele fosse uma tartaruga se retraindo em seu casco.

— Enquanto estamos presos no trânsito?

— Hum — eu digo. — Sim?

Seus ombros ficam mais altos.

— Há muita coisa acontecendo agora.

— Nós mal estamos nos movendo — eu aponto.

— Eu sei. — Ele estremece. — Mas é difícil se concentrar. E há todas as buzinas e...

— Entendi. Sem música. — Eu afundo no meu assento, volto a olhar pela janela. Alex faz um som de pigarro autoconsciente, como se quisesse dizer algo.

Eu me viro com expectativa em direção a ele.

— Sim?

— Você se importaria... de não fazer isso? — Ele aponta o queixo em direção à minha janela, e eu percebo que estou tamborilando os dedos contra ela. Eu coloco minhas mãos em meu colo, então me pego batendo os pés.

— Não estou acostumada com o silêncio! — Eu digo, na defensiva, quando ele olha para mim.

É o eufemismo do século. Cresci em uma casa com três cachorros grandes, um gato com pulmões de cantor de ópera, dois irmãos que tocavam trompete e pais que achavam o barulho de fundo do Home Shopping Network “calmante”.

Eu me adaptei ao silêncio do meu dormitório sem Bonnie rapidamente, mas isso — sentar em silêncio no trânsito com alguém que eu mal conheço — parece errado.

— Não deveríamos nos conhecer ou algo assim? — Eu pergunto.

— Só preciso me concentrar na estrada. — diz ele, com os cantos da boca tensos.

— Tá bom.

Alex suspira enquanto, à frente, a fonte do congestionamento aparece: uma colisão. Os dois carros envolvidos já pararam no acostamento, mas o tráfego ainda está congestionando aqui.

— Claro — diz ele — as pessoas só diminuem a velocidade para olhar.

— Ele abre o console central e procura até encontrar o cabo auxiliar. — Aqui — ele diz. — Você escolhe.

Eu levanto uma sobancelha.

— Tem certeza? Você pode se arrepender.

Sua testa franze.

— Por que eu iria me arrepender?

Eu olho para o banco de trás de seu carro com paredes de madeira falsa. Suas coisas estão cuidadosamente empilhadas em caixas etiquetadas, as minhas empilhadas em sacos de roupa suja ao redor. O

carro é antigo, mas ainda impecável. De alguma forma, cheira exatamente como ele, um cheiro suave de cedro e almíscar.

— Você só parece que é fã de... controle. — eu aponto. — E eu não tenho certeza se tenho o tipo de música que você gosta. Não há Chopin nesta coisa.

O sulco de sua testa se aprofunda. Sua boca se torce em uma carranca.

— Talvez eu não seja tão sério quanto você pensa.

— Mesmo? — Eu digo. — Então você não vai se importar se eu colocar 'All I Want for Christmas Is You' de Mariah Carey?

— É maio. — ele diz.

— Vou considerar minha pergunta respondida. — eu digo.

— Isso é injusto. — diz ele. — Que tipo de bárbaro ouve música de Natal em maio?

— E se fosse 10 de novembro. — eu digo — e então?

A boca de Alex se fecha. Ele puxa o cabelo liso no topo de sua cabeça, e uma mecha de cabelo flutuando mesmo depois que sua mão cai para o volante. Ele realmente honra toda essa coisa de posicionamento sob rodas, eu notei, e apesar de ser um enorme relaxado quando ele está de pé, ele tem mantido sua postura rigidamente boa desde que estamos no carro, apesar da tensão nos ombros. — Tudo bem. — diz ele. — Não gosto de música de Natal. Não coloque isso, e devemos ficar bem.

Eu ligo meu telefone, ligo o som e vou até "Young Americans", de David Bowie. Em uma questão de segundos, ele faz uma careta visível.

— O que? — Eu digo.

— Nada. — ele insiste.

— Você apenas se contorceu, como se a marionete controlando você tivesse adormecido.

Ele aperta os olhos para mim.

— O que *isso* significa?

— Você odeia essa música. — acuso.

— Eu não odeio. — ele diz de forma não convincente.

— Você odeia David Bowie.

— De jeito nenhum! — ele diz. — Não é David Bowie.

— Então, o que é? — Eu exijo.

Uma exalação sibila para fora dele.

— Saxofone.

— Saxofone. — eu repito.

— Sim. — ele diz. — Eu só... realmente odeio o saxofone. Qualquer música com um saxofone é instantaneamente arruinada.

— Alguém deveria contar a Kenny G. — eu digo.

— Cite uma música que foi melhorada por um saxofone. — Alex desafia.

— Vou ter que consultar o bloco de notas onde fico a par de todas as músicas que tem saxofone.

— Nenhuma música. — ele diz.

— Aposto que você é divertido em festas. — eu digo.

— Eu sou bom em festas. — diz ele.
— Não apenas shows de bandas do ensino médio. — eu digo.
Ele olha de soslaio para mim.
— Você é realmente uma apologista de saxofones?
— Não, mas estou disposta a fingir, se você ainda não terminou de reclamar. O que mais você odeia?
— Nada. — ele diz. — Apenas música de Natal e saxofone. E covers¹.
— Covers? — Eu digo. — Como... de livro?
— Covers de canções. — explica ele.
Eu comecei a rir.
— Você odeia covers de músicas?
— Com veemência. — diz ele.
— Alex. É como dizer que você odeia vegetais. É muito vago. Isso não faz sentido.
— Faz todo o sentido. — insiste. — Se é um bom cover, que segue o arranjo básico da música original, é tipo, *por quê?* E se não parece nada com o original, então é como, *por que diabos?*
— Oh meu Deus. — eu digo. — Você é como um homem velho gritando para o céu.
Ele franze a testa para mim.
— Ah, e você simplesmente gosta de tudo?
— Praticamente. — eu digo. — Sim, tenho tendência a gostar das coisas.
— Eu também gosto das coisas. — diz ele.
— Tipo o quê, modelos de trens e biografias de Abraham Lincoln? — Eu acho.
— Certamente não tenho aversão a nenhum dos dois. — diz ele. — Ora, são essas coisas que você odeia?
— Eu te falei. — eu disse. — Eu gosto de coisas. Sou muito fácil de agradar.
— O que significa?
— Significa... — Eu penso por um segundo. — Ok, então, quando eu estava crescendo, Parker e Prince — meus irmãos — e eu íamos de bicicleta até o cinema, sem nem mesmo verificar o que estava passando.
— Você tem um irmão chamado *Prince*? — Alex pergunta, levantando a sobrancelha.
— Esse não é o ponto — eu digo.
— É um apelido? — ele diz.
— Não — eu respondo. — Ele foi nomeado em homenagem ao Príncipe. Mamãe era uma grande fã de *Purple Rain*.
— É de quem é o nome de Parker?
— Ninguém. — eu respondo. — Eles simplesmente gostaram do nome. Mas, novamente, não é o ponto.
— Todos os seus nomes começam com *P* — diz ele. — Quais os nomes dos seus pais?
— Wanda e Jimmy — eu digo.

— Então, não são nomes de *P*. — Alex esclarece.

— Não, não são nomes de *P*. — eu digo. — Eles tinham apenas Prince e então Parker, e eu acho que eles estavam indo bem. Mas, novamente, esse não é o ponto.

— Desculpe, vá em frente. — diz Alex.

— Então, íamos de bicicleta ao teatro e cada um de nós comprava um ingresso para alguma peça em cartaz na próxima meia hora, e todos íamos ver algo diferente.

Agora sua testa franze.

— Por quê?

— Esse também não é o ponto.

— Bem, não vou simplesmente *deixar de* perguntar por que você iria ver um filme que nem queria ver, sozinha.

Eu bufo.

— Era para um jogo.

— Um jogo?

— Shark Jumping. — eu explico apressadamente. — Era basicamente Duas Verdades e uma Mentira, exceto que apenas revezávamos descrevendo os filmes que víamos do início ao fim, e se o filme superasse o tubarão em algum ponto, se desse uma virada totalmente ridícula, você deveria contar o que realmente aconteceu. Mas se não, você deveria mentir sobre o que aconteceu. Então você tinha que adivinhar se era um ponto de trama real ou inventado, e se você adivinhasse que eles estavam mentindo e você estava certo, você ganhava cinco dólares. — Era mais coisa dos meus irmãos; eles apenas me deixavam ir junto.

Alex me encara por um segundo. Minhas bochechas esquentam. Não sei por que contei a ele sobre o Shark Jumping. É o tipo de tradição da família Wright que geralmente não me preocupo em compartilhar com pessoas que não entendem, mas acho que tenho tão pouca de mim neste jogo que a ideia de Alex Nilsen me olhando sem expressão ou zombando do jogo favorito dos meus irmãos não me perturba.

— De qualquer forma — eu continuo — esse não é o ponto. O que quero dizer é que eu era muito ruim no jogo porque basicamente simplesmente gosto das coisas. Eu irei a qualquer lugar que um filme queira me levar, mesmo que seja assistir um espião em um terno ajustado equilibrando-se entre duas lanchas enquanto atira em bandidos.

O olhar de Alex oscila entre a estrada e eu mais algumas vezes.

— O Linfield Cineplex? — ele diz, ou chocado ou enojado.

— Uau — eu digo — você realmente não está acompanhando essa história. Sim. O Linfield Cineplex.

— Aquele em que os cinemas estão sempre, tipo, misteriosamente inundados? — diz ele, horrorizado. — A última vez que fui lá, não tinha chegado à metade do corredor antes de ouvir um barulho.

— Sim, mas é *barato* — eu disse — e eu tenho botas de chuva.

— Nós nem sabemos o que é esse líquido, Poppy. — ele diz, fazendo uma careta. — Você poderia ter contraído uma doença.

Eu jogo meus braços para os lados.

— Estou viva, não estou?

Seus olhos se estreitam.

— O que mais?

— O que mais...

— ... você gosta? — ele esclarece. — Além de ver *qualquer* filme, sozinha, no teatro do pântano.

— Você não acredita em mim? — Eu digo.

— Não é isso. — ele responde. — Estou simplesmente fascinado. Cientificamente curioso.

— Tá bom. Deixe-me pensar. — Olho pela janela no momento em que passamos por uma saída com um PF Chang's. — Restaurantes da mesma companhia. Amo a familiaridade. Amo que eles sejam iguais em todos os lugares, e que muitos deles tenham *bottomless breadsticks*², aah! — Eu me interrompo quando me dei de conta. O que eu odeio. — Corrida! Eu odeio correr. Tirei um C na aula de ginástica no colégio porque 'esquecia' minhas roupas de ginástica em casa com tanta frequência.

O canto da boca de Alex se curva discretamente e minhas bochechas esquentam.

— Vá em frente. Zombe de mim por tirar um C em ginástica. Eu aposto que você está morrendo de vontade.

— Não é isso. — diz ele.

— Então o que?

Seu sorriso fraco está centímetros mais alto.

— É simplesmente engraçado. Eu amo correr.

— É sério? — Eu choro. — Você odeia o próprio conceito de canções cover, mas *adora* a sensação de seus pés batendo contra o pavimento e sacudindo todo o seu esqueleto enquanto seu coração martela em seu peito e seus pulmões lutam para respirar?

— Se serve de consolo, — ele diz baixinho, seu sorriso ainda quase todo escondido no canto da boca, — eu odeio quando as pessoas chamam os barcos de 'ela'.

Uma risada de surpresa explode de mim.

— Quer saber — digo — acho que também odeio isso.

— Então está resolvido. — diz ele.

Eu concordo.

— Está resolvido. A feminização dos barcos é anulada.

— Que bom que cuidamos disso. — diz ele.

— Sim, é uma carga a menos. O que devemos erradicar a seguir?

— Tenho algumas ideias. — diz ele. — Mas me diga algumas das outras coisas que você ama.

— Por que, você está me estudando? — Eu estou brincando.

Suas orelhas ficam rosadas.

— Estou fascinado por ter conhecido alguém que venceu o esgoto para ver um filme do qual nunca tinha ouvido falar, então me processe.

Pelas próximas duas horas, trocamos nossos interesses e desinteresses como crianças trocando cartões de beisebol, tudo enquanto minha playlist gira em reprodução aleatória ao fundo. Se houve alguma outra música com um forte saxofone, nenhum de nós notou.

Digo a ele que adoro assistir a vídeos de amizades incompatíveis de animais.

Ele me diz que odeia ver chinelos e demonstrações de afeto em público.

— Os pés devem ser privados. — ele insiste.

— Você precisa de ajuda. — digo a ele, mas não consigo parar de rir, e mesmo enquanto ele examina seus gostos estranhamente específicos para minha diversão, aquele tom de humor continua se escondendo no canto de sua boca.

Como se ele soubesse que é ridículo.

Como se ele não se importasse nem um pouco que eu esteja encantada com sua estranheza.

Eu admito que odeio Linfield e calças cáqui, por que não? Nós dois já sabemos a medida das coisas: somos duas pessoas que não têm como passar tempo juntas, muito menos gastando muito tempo amontoadas em um carro minúsculo. Somos duas pessoas fundamentalmente incompatíveis, sem absolutamente *nenhuma* necessidade de impressionar um ao outro.

Portanto, não tenho nenhum problema em dizer:

— Calça cáqui apenas faz uma pessoa parecer que está sem calças e sem personalidade.

— Elas são duráveis e combinam com tudo. — argumenta Alex.

— Sabe, às vezes com roupas, não é uma questão de se algo *pode* ser usado, mas se *deve* ser usado.

Alex afasta o pensamento.

— E quanto a Linfield — diz ele — qual é o seu problema com ele? É um ótimo lugar para crescer.

Esta é uma pergunta mais complicada com uma resposta que não tenho vontade de compartilhar, mesmo com alguém que vai me deixar em algumas horas e nunca mais vai pensar em mim.

— Linfield é a calça cáqui das cidades do meio-oeste. — eu digo.

— Confortável — diz ele — durável.

— Nu da cintura para baixo.

Alex me disse que odeia festas temáticas. Pulseiras de couro e sapatos de bico fino com biqueira quadrada. Quando você aparece em algum lugar e algum amigo ou tio diz “Eles deixam qualquer um entrar!”. Quando os servidores o chamam de *amigão*, *patrão* ou *chefe*. Homens que andam como se tivessem acabado de descer de um cavalo. Coletes, em qualquer pessoa, em qualquer cenário. O momento em que um grupo

de pessoas está tirando fotos e alguém diz: "Será que devemos fazer uma foto boba?"

— Eu adoro festas temáticas. — digo a ele.

— Claro que você adora. — ele diz. — Você é boa nelas.

Eu estreito meus olhos para ele, coloco meus pés no painel, então os abaixo quando vejo as rugas ansiosas nos cantos de sua boca.

— Você está me stalkeando, Alex? — Eu pergunto.

Ele me lança um olhar horrorizado.

— Por que você diria algo assim?

Sua expressão me faz gargalhar novamente.

— Relaxa, estou brincando. Mas como você sabe que sou 'boa' em festas temáticas? Eu vi você em *uma* festa, e *não* foi temática.

— Não se trata disso. — diz ele. — Você é apenas... sempre meio fantasiada. — Ele se apressa em acrescentar: — Não quero dizer de maneira ruim. Você está sempre bem vestida...

— Incrível? — Eu forneço.

— Com confiança. — diz ele.

— Que elogio surpreendentemente carregado. — eu digo.

Ele suspira.

— Você está me entendendo mal de propósito?

— Não — eu digo — acho que isso vem naturalmente para nós.

— Só quero dizer que, para você, parece que uma festa temática pode muito bem ser apenas uma terça-feira. Mas para mim, isso significa que fico na frente do meu armário por, tipo, duas horas tentando descobrir como parecer uma celebridade morta com minhas dez camisas idênticas e cinco calças idênticas.

— Você poderia tentar... não comprar suas roupas a granel. — sugiro.

— Ou você pode simplesmente usar sua calça cáqui e dizer a todos que está indo como um exibicionista.

Ele faz uma careta de repulsa, mas ignora meu comentário.

— Eu odeio tomar esse tipo de decisão. — diz ele, descartando a sugestão. — E se eu tento ir *comprar* uma fantasia é ainda pior. Estou tão impressionado com os shoppings. É demais. Eu nem sei como escolher uma loja, muito menos uma prateleira. Tenho que comprar todas as minhas roupas online e, assim que encontrar algo de que goste, vou encomendar mais cinco imediatamente.

— Bem, se você for convidado para uma festa temática em que tenha certeza de que não haverá chinelos, demonstrações públicas de afeto ou saxofone, poderá comparecer — digo — eu ficaria feliz em levar você às compras.

— Você está falando sério? — Seus olhos passam rapidamente da estrada para mim. Em algum momento começou a escurecer sem que eu percebesse, e a voz triste de Joni Mitchell está ecoando nos alto-falantes agora, sua música "A Case of You".

— Claro que estou falando sério. — eu digo. Podemos não ter nada em comum, mas estou começando a me divertir. Todo o ano eu senti que

deveria estar no meu melhor comportamento, como se estivesse fazendo testes para novas amizades, novas identidades, uma nova vida.

Mas, estranhamente, não sinto nada disso aqui. E além disso... Eu adoro fazer compras.

— Seria ótimo. — eu continuo. — Você seria como meu boneco Ken vivo. — Eu me inclino para frente e aumento um pouco o volume. — Falando em coisas que amo: essa música.

— Esta é uma das minhas canções de karaokê. — diz Alex.

Eu solto uma gargalhada, mas pela sua expressão envergonhada, eu rapidamente deduzo que ele não está brincando, o que torna tudo ainda melhor.

— Eu não estou rindo *de* você. — eu prometo rapidamente. — Na verdade, acho que é adorável.

— Adorável? — Não sei dizer se ele está confuso ou ofendido.

— Não, eu só quero dizer... — Eu paro, abro a janela um pouco, para deixar uma brisa entrar no carro. Puxo o cabelo do pescoço suado e enfio-o entre a cabeça e o encosto do banco. — Você é apenas... — Eu procuro uma maneira de explicar isso. — Não quem eu pensei que fosse, eu acho.

Sua sobrancelha se franze.

— Quem você pensou que eu era?

— Eu não sei. — eu digo. — Um cara de Linfield.

— Eu sou um cara de Linfield. — diz ele.

— Um cara de Linfield que canta 'A Case of You' no karaokê. — eu o corrijo, então caio em uma risada fresca e encantada com o pensamento.

Alex sorri para o volante, balançando a cabeça.

— E você é uma garota de Linfield que canta... — Ele pensa por um segundo. — 'Dancing Queen' no karaokê?

— Só o tempo dirá. — eu digo. — Eu nunca fui ao karaokê.

— É sério? — Ele olha para mim, surpresa ampla e não filtrada em seu rosto.

— A maioria dos bares de karaokê não são para 21 anos ou mais? — Eu digo.

— Nem todos barram. — diz ele. — Nós deveríamos ir. Em algum momento deste verão.

— Ok. — eu digo, tão surpresa com o convite quanto por eu tê-lo aceitado. — Isso seria divertido.

— Ok. — diz ele. — Legal.

Portanto, agora temos dois conjuntos de planos.

Acho que isso nos torna amigos. Mais ou menos?

Um carro voa atrás de nós, se aproximando. Alex, aparentemente despreocupado, dá o sinal para sair do caminho. Cada vez que verifiquei o velocímetro, ele se manteve firme precisamente no limite de velocidade, e isso não vai mudar para um pequeno ameaçador de traseira de carros.

Eu deveria ter adivinhado que ele seria um motorista cauteloso. Então, novamente, às vezes, quando você adivinha sobre as pessoas, você acaba errando muito.

Enquanto os resquícios pegajosos e claros de Chicago encolhem atrás de nós, e os campos sedentos de Indiana surgem ao nosso redor, minha lista de reprodução embaralhada se move absurdamente entre Beyoncé, Neil Young, Sheryl Crow e LCD Soundsystem.

—Você realmente gosta de tudo. — brinca Alex.

— Exceto correr, Linfield e calças cáqui. — eu digo.

Ele mantém sua janela fechada, eu mantenho a minha aberta, meu cabelo girando em volta da minha cabeça enquanto voamos sobre estradas planas, o vento tão forte que eu mal posso ouvir a interpretação de Alex de "Alone" de Heart até ele chegar ao refrão crescente, e nós cantamos juntos em horrendos falsetes combinando, braços voando, rostos contorcidos e alto-falantes de caminhões antigos zumbindo.

Naquele momento, ele é tão dramático, tão ardente, tão absurdo, que é como se eu estivesse olhando para uma pessoa totalmente diferente do menino de maneiras suaves que conheci sob as luzes do globo durante a semana.

Talvez, eu acho, Alex Quietto seja como um casaco que ele veste antes de sair pela porta.

Talvez este seja o Alex Nu.

Ok, vou pensar em um nome melhor para isso. O que quero dizer é que estou começando a gostar deste.

— Que tal viajar? — Eu pergunto na calmaria entre as músicas.

— O que tem isso? — ele diz.

— Ama ou odeia?

Sua boca pressiona em uma linha uniforme enquanto ele considera.

— É difícil dizer — ele responde. — Eu realmente nunca estive em qualquer lugar. Li sobre muitos lugares, só não vi nenhum deles ainda.

— Nem eu. — eu digo. — Ainda não.

Ele pensa por outro momento.

— Amo. — ele diz. — Estou supondo que amo.

— Sim. — Eu concordo. — Eu também.

Este Verão

EU MARCHO PARA O escritório de Swapna na manhã seguinte, sentindo-me com energia, apesar de passar a noite mandando mensagens de texto para Alex. Eu coloco sua bebida, um Americano gelado, em sua mesa e ela olha para cima, assustada, com as provas de layout que está aprovando para a próxima edição de outono.

— Palm Springs — eu digo.

Por um segundo, sua surpresa permanece fixa em seu rosto, então os cantos de seus lábios afiados se curvam em um sorriso. Ela se recosta na cadeira, cruzando os braços perfeitamente tonificados sobre o vestido preto feito sob medida, a luz do teto refletindo em seu anel de noivado de modo que o rubi gigante colocado no centro pisca de forma fantástica.

— Palm Springs — ela repete. — É sempre a mesma coisa. — Ela pensa por um segundo, então acena com a mão. — Quer dizer, é um deserto, é claro, mas no que diz respeito a $R + R$, dificilmente há lugar mais tranquilo ou relaxante no território continental dos Estados Unidos.

— Exatamente — eu digo, como se fosse isso que eu estivesse pensando o tempo todo. Na realidade, minha escolha não tem nada a ver com o que $R + R$ pode gostar e tudo a ver com David Nilsen, irmão mais novo de Alex, e um homem prestes a se casar com o amor de sua vida na próxima semana.

Em Palm Springs, Califórnia.

Foi uma coisa que eu não esperava — que Alex já *tivesse* uma viagem agendada para a próxima semana: o casamento do irmão. Eu fiquei arrasada quando ele me contou, mas disse que entendia, pedi a ele para parabenizar David e coloquei meu telefone para baixo, esperando que a conversa terminasse.

Mas não tinha terminado, e depois de mais duas horas de mensagens de texto, eu respirei fundo e lancei a ideia de ele esticar sua viagem de três dias para passar alguns dias extras em férias financiadas pela $R + R$ comigo. Ele não apenas concordou, mas me convidou para ficar por ali para o casamento depois.

Tudo estava se encaixando.

— Palm Springs. — Swapna diz novamente, seus olhos brilhando enquanto ela entra em sua mente e experimenta a ideia. Ela sai repentinamente de seu devaneio e pega o teclado. Digita por um minuto,

depois coça o queixo enquanto lê algo na tela. — Claro, teríamos que esperar para usar isso na edição de inverno. A baixa temporada do verão.

— Mas é por isso que é perfeito. — eu digo, cuspindo e um pouco em pânico. — Há todo tipo de coisa acontecendo em Springs no verão, e é menos lotado e mais barato. Essa pode ser uma boa maneira de voltar às minhas raízes — como fazer essa viagem de forma barata, sabe?

Os lábios de Swapna franzem pensativamente.

— Mas nossa marca é aspiracional.

— E Palm Springs é a aspiração máxima. — eu digo. — Daremos aos nossos leitores a visão — depois mostraremos como eles podem obtê-la.

Os olhos escuros de Swapna se iluminam enquanto ela considera isso, e meu estômago se levanta esperançoso.

Então ela pisca e volta para a tela do computador.

— Não.

— O que? — Eu digo, nem mesmo de propósito, só porque meu cérebro não consegue computar que isso realmente está acontecendo. Não há como esse, meu trabalho, ser onde o trem sai dos trilhos.

Swapna dá um suspiro de desculpas e se inclina sobre sua mesa de vidro brilhante. — Olha, Poppy, eu aprecio o pensamento que deu nisso, mas não é só $R + R$. Isso se traduzirá em confusão de marca.

— Confusão de marca. — eu digo, aparentemente ainda muito atordoada para pensar em minhas próprias palavras.

— Pensei nisso durante todo o fim de semana e vou mandar você para Santorini.

Ela olha de volta para as provas de layout em sua mesa, seu rosto mudando de Swapna, a gerente profissional empática, para a gênica concentrada da Revista Swapna. Ela mudou, o sinal é tão forte que me pego de pé, embora, por dentro, meu cérebro ainda esteja preso em um refrão de *mas, mas, mas!*

Mas esta é a nossa chance de consertar as coisas.

Mas você não pode desistir tão facilmente.

Mas é isso que você quer. Não é a linda Santorini revestida de branco e seu mar cintilante.

Alex no deserto, no auge do verão. Vagando por lugares antes de verificá-los no Tripadvisor, dias não estruturados e tardes, madrugadas e horas de sol perdidas no interior de uma livraria empoeirada pela qual ele não poderia passar sem ir, ou uma loja vintage cuja desordem e germes o mantém de pé, rígido mas paciente, perto da porta, enquanto experimento os chapéus dos mortos. Isso é o que eu quero.

Fico na porta do escritório, com o coração acelerado, até que Swapna ergue os olhos das provas, com a sobancelha arqueada interrogativamente, como se dissesse: *Sim, Poppy?*

— Dê Santorini para Garrett. — eu digo.

Swapna pisca para mim, evidentemente confusa.

— Eu acho que preciso de um tempo de folga. — eu deixo escapar, então esclareço. — Férias de verdade.

Os lábios de Swapna pressionam com força. Ela está confusa, mas não vai exigir mais informações, o que é bom porque eu não saberia como explicar de qualquer maneira.

Ela dá um aceno lento.

— Envie-me as datas, então.

Eu me viro e volto para a minha mesa me sentindo mais calma do que há meses. Até que eu me sento e a realidade força seu caminho.

Eu tenho algumas economias, mas fazer uma viagem que seja acessível para os padrões da $R + R$ — e às suas custas — é uma coisa *muito* diferente de fazer uma viagem que *eu* posso pagar com meu próprio dinheiro. E como um professor de inglês do ensino médio com doutorado e todas as dívidas associadas, não havia como Alex dividir os custos comigo. Duvido que ele concordasse em fazer a viagem se soubesse que eu mesma a estava financiando.

Mas talvez isso seja uma coisa boa. Sempre nos divertimos muito nessas viagens que fizemos juntos com centavos. As coisas só começaram a piorar depois que $R + R$ se envolveu em nossas viagens de verão. Eu posso fazer isso: posso planejar a viagem perfeita, como costumava fazer; lembrar a Alex de como as coisas podem ser boas. Quanto mais penso nisso, mais faz sentido. Na verdade, estou animada com a ideia de fazer uma de nossas viagens antigas e baratas. As coisas eram muito mais simples naquela época e sempre nos divertíamos muito.

Pego meu telefone e levo meu tempo tentando criar a mensagem perfeita.

Pensamento divertido: vamos fazer esta viagem do jeito que fazíamos. Barato pra caralho, nenhum fotógrafo profissional nos seguindo, nenhum restaurante cinco estrelas, apenas vendo Palm Springs como o acadêmico empobrecido e jornalista da era digital que somos.

Em poucos segundos, ele responde: **$R + R$ está bem com isso? Sem fotógrafo?**

Inconscientemente, começo a balançar a cabeça para frente e para trás, como se o pequeno anjo e o diabo no meu ombro estivessem se revezando, puxando-o da esquerda para a direita. Não quero mentir abertamente para ele.

Mas eles *estão* bem com isso. Estou tirando uma semana de folga, então estou livre.

Sim, eu digo. **Tudo está pronto se você concordar.**

Claro, ele escreve. **Soa bem.**

Soa realmente bem. Vai ser bom. Eu posso tornar isso bom.

Este Verão

ASSIM QUE o avião pousou, os quatro bebês que passaram as seis horas de voo gritando param imediatamente.

Tiro o telefone da bolsa e desligo o modo avião, esperando a enxurrada de mensagens de texto de Rachel, Garrett, mãe, David Nilsen e — por último, mas não menos importante — Alex.

Rachel diz, de três maneiras diferentes, para que, por favor avisar ela assim que eu pousar que meu avião não caiu ou foi sugado para o Triângulo das Bermudas, e que ela está orando e manifestando um pouso seguro para mim.

Estou sã e salva, e já sentindo sua falta, digo a ela, então abro a mensagem de Garrett.

MUITO OBRIGADO por não ter pegado Santorini, ele escreve, então, em uma mensagem separada: **Também... Decisão muito estranha na minha humilde opinião. Eu espero que você esteja bem...**

Estou bem, digo a ele. **Acabei de ter um casamento no último minuto e Santorini foi ideia sua. Me envie muitas fotos para que eu possa me arrepender das minhas escolhas de vida?**

Em seguida, abro a mensagem de David: **MUITO feliz por você vir com Al! Tham está ansioso para conhecê-la e, claro, você está convidada para TUDO.**

De todos os irmãos de Alex, David sempre foi meu favorito. Mas é difícil acreditar que ele tem idade para se casar.

Então, novamente, quando eu disse isso a Alex, ele respondeu: **Vinte e quatro. Não consigo me imaginar tomando uma decisão como essa nessa idade, mas todos os meus irmãos se casaram jovens, e Tham é ótimo. Meu pai está até participando. Ele ganhou um adesivo que diz: SOU UM SEGUIDOR DE CRISTO ORGULHOSO QUE AMA MEU FILHO GAY.**

Eu bufei uma risada no meu café enquanto lia aquele. Foi tão supremamente Sr. Nilsen, e também se encaixou perfeitamente na piada de Alex e minha sobre David ser o favorito da família. Alex nem teve permissão de ouvir música secular até que ele estava no colégio, e quando ele decidiu ir para uma universidade secular, houve choro.

No final, porém, o Sr. Nilsen realmente *ama* seus filhos, e por isso ele quase sempre veio em torno de assuntos que põem em causa a sua felicidade.

Se você tivesse se casado aos vinte e quatro anos, seria casado com Sarah, mandei uma mensagem para Alex.

Você se casaria com Guillermo, ele disse.

Enviei-lhe de volta uma de suas selfies do Cachorrinho Triste.

Por favor, me diga que você já não está mais querendo aquele pau, Alex disse.

Os dois nunca se deram bem.

Claro que não, respondi. **Mas Gui e eu não éramos os únicos em uma torturante relação intermitente. Eram você e Sarah.**

Alex digitou e parou de digitar tantas vezes que comecei a me perguntar se ele estava fazendo isso apenas para me irritar.

Mas esse foi o fim da conversa. Quando ele me mandou outra mensagem, no dia seguinte, foi com um non sequitur, uma foto de um robe preto BeDazzled que dizia VADIA DO SPA nas costas.

Uniforme de viagem de verão? ele escreveu, e desde então evitamos o assunto de Sarah, o que deixa bem claro para mim que há algo acontecendo entre eles. Novamente.

Agora, sentada no avião apertado e sufocante, pousando em direção ao LAX, no silêncio pós-grito do bebê, ainda me deixa um pouco enjoada pensar nisso. Sarah e eu nunca fomos as maiores fãs uma da outra. Duvido que ela aprovaria que Alex fizesse outra viagem comigo se eles estivessem juntos novamente, e se eles não estivessem propriamente, mas estivessem em *vias* de ser, então esta poderia muito bem ser a última viagem de verão.

Eles se casariam, começariam a ter filhos, levariam toda a família para a Disney World, e ela e eu nunca seríamos próximas o suficiente para que eu fosse uma parte real da vida de Alex.

Afasto o pensamento e respondo à mensagem de texto de David: **ESTOU TÃO ANIMADA E HONRADA POR ESTAR LÁ!**

Ele envia de volta um gif de um urso dançarino, e eu abro a mensagem da minha mãe em seguida.

Dê um grande abraço e um beijo em Alex por mim :), ela escreve, com a carinha sorridente digitada. Ela nunca se lembra de como usar emojis e fica impaciente imediatamente quando tento mostrar a ela. “Eu posso digitá-los muito bem!” ela insiste.

Meus pais: não são os maiores fãs da mudança.

Você quer que eu agarre a bunda dele enquanto estou nisso? Eu escrevo de volta para ela.

Se você acha que isso vai funcionar, ela responde. **Estou ficando cansada de esperar por netos.**

Eu rolo meus olhos e saio da mensagem. Mamãe sempre adorou Alex, pelo menos em parte porque ele se mudou de volta para Linfield e ela espera que um dia acordemos e percebamos que estamos apaixonados um pelo outro, e irei voltar também e engravidar imediatamente. Meu pai, por outro lado, é um homem amoroso, mas intimidador, que sempre amedrontou Alex tanto que ele nunca deixou escapar um grama de personalidade enquanto estava na mesma sala que papai.

Ele é musculoso, com uma voz estrondosa, moderadamente habilidoso como tantos homens de sua geração são, e têm uma tendência a fazer muitas perguntas rudes, quase inadequadas. Não porque esteja esperando uma determinada resposta, mas porque está curioso e não muito autoconsciente.

Ele também, como todos os membros da família Wright, não é *incrível* em modular sua voz. Para um estranho, minha mãe gritando “Você já experimentou essas uvas que têm gosto de algodão doce? Oh, você vai *adorar*! Aqui, deixe-me lavar um pouco para você! Oh, deixe-me lavar uma tigela primeiro. Oh, não, todas as nossas tigelas estão na geladeira com plástico cobrindo nossas sobras — aqui, apenas pegue um punhado em vez disso!” pode ser ligeiramente opressor, mas quando a testa do meu pai se enrugando e ele explode uma pergunta como “Você votou na última eleição para prefeito?” é fácil sentir como se você tivesse acabado de ser empurrado para uma sala de interrogatório, com um executor que o FBI paga por baixo da mesa.

A primeira vez que Alex me pegou na casa dos meus pais para uma noite de karaokê naquele primeiro verão de nossa amizade, tentei protegê-lo da minha família e da minha casa, tanto por ele quanto por mim.

Ao final de nossa primeira viagem para casa, eu sabia o suficiente sobre ele para entender que entrar em nossa pequena casa cheia até a borda de bugigangas, porta-retratos empoeirados e pelos de cachorro seria como um vegetariano fazendo um tour em um matadouro.

Eu não queria que ele se sentisse desconfortável, claro, mas da mesma forma, não queria que ele julgasse minha família. Por mais bagunçados, estranhos, barulhentos e contundentes que fossem, meus pais eram incríveis, e eu aprendi da maneira mais difícil que *não era isso* que as pessoas viam quando entravam pela nossa porta.

Então eu disse a Alex que o encontraria na garagem, mas não enfatizei o ponto, e Alex — sendo Alex Nilsen — veio até a porta de qualquer maneira, como um bom zagueiro dos anos 1950, determinado a se apresentar a meus pais, para que “não se preocupassem” comigo cavalgando para o pôr do sol com um estranho.

Ouvi a campainha e corri para evitar o caos, mas com meus sapatos vintage de penas cor-de-rosa, não fui rápida o suficiente. No momento em que desci, Alex estava parado no corredor da frente entre duas torres de contêineres de armazenamento empilhados, sendo empurrado para frente e para trás por nossas duas misturas *husky*³ muito velhas e mal-comportadas, enquanto uma série de fotos de família inadequadas o encarava de todo lado.

No momento em que virei correndo na esquina da escada, papai estava gritando: — Por que nos *preocuparíamos* com ela saindo com você? — e então — E quando você diz ‘sair’, quer dizer que vocês dois estão-

— Não! — Interrompi, puxando o mais extrovertido dos nossos cães, Rupert, pela coleira antes que ele pudesse montar na perna de Alex. — Nós *não* vamos sair. Não dessa maneira. E você definitivamente não precisa se preocupar. Alex é um motorista *muito* lento.

— Isso é o que eu estava tentando dizer. — ele gaguejou. — Quero dizer, não a velocidade que dirijo. Eu dirijo... no limite de velocidade. Só quis dizer que você não *precisa* se preocupar.

A sobrelanceira do papai franziu. O rosto de Alex ficou sem sangue, e eu não tinha certeza se ele estava mais nervoso com meu pai ou com a camada de poeira visível ao longo dos rodapés do corredor, que, francamente, eu nunca havia notado até aquele momento.

— Você viu o carro de Alex, pai? — Eu disse rapidamente, uma diversão. — É *muito* antigo. Seu telefone também. Alex não ganha um telefone novo há, tipo, sete anos.

O rosto de Alex ficou vermelho mesmo quando meu pai relaxou em interesse e aprovação.

— É assim mesmo?

Ainda assim, todos esses anos depois, posso lembrar com clareza vívida a maneira como o olhar de Alex cintilou para o meu, procurando em meu rosto a resposta correta. Eu dei a ele um pequeno aceno de cabeça.

— Sim? — ele respondeu, e papai colocou a mão em seu ombro com tanta força que Alex se encolheu.

Papai deu um grande sorriso sem restrições.

— É sempre melhor reparar do que substituir!

— Substituir o quê? — Mamãe gritou da cozinha. — Alguma coisa quebrou? Com quem você está falando? Poppy? Alguém quer pretzels mergulhados em chocolate? Droga, deixe-me encontrar um prato limpo...

Quando finalmente terminamos os vinte minutos de despedida necessários para deixar minha casa e voltar para o carro de Alex, ele disse apenas sobre todo o caso: — Seus pais parecem legais.

Eu respondi, com uma agressão acidental.

— Eles *são* — como se eu o estivesse desafiando a trazer a poeira, ou o husky ou os dois bilhões de desenhos infantis ainda magnetizados em nossa geladeira ou qualquer outra coisa, mas é claro que ele não o fez. Ele era Alex, mesmo que eu não entendesse tudo o que isso significava naquela época.

Em todos os anos que o conheço desde então, ele ainda nunca disse uma palavra indelicada sobre nada disso. Ele até mandou flores para o meu dormitório quando Rupert, o husky, morreu. *Sempre achei que tínhamos uma ligação especial depois daquela noite que compartilhamos, brincou ele no cartão. Ele fará falta. Se precisar de alguma coisa, P, estou aqui. Sempre.*

Não que eu tenha memorizado a nota nem nada.

Não que, no valor da caixa de sapatos solitária de cartões salvos, e cartas e pedaços de papel que me permito manter em meu apartamento,

este fez o corte.

Não que houvesse dias inteiros durante o começo de nossa amizade em que me torturei com o pensamento de que talvez devesse jogar aquele cartão fora, pois, no fim das contas, *sempre* acaba.

Na parte de trás do avião, um dos bebês começa a gritar de novo, mas estamos chegando ao portão agora. Eu estarei fora em um momento.

E então verei Alex.

Uma emoção sobe pela minha espinha e uma vibração nervosa desce pelo meu estômago.

Abro a última mensagem não lida na minha caixa de entrada, aquela dele: **Acabei de chegar.**

Eu também, eu digito de volta.

Depois disso, não sei o que dizer. Nós enviamos mensagens de texto há mais de uma semana, nunca abordando o tópico da viagem malfadada à Croácia, e tudo parecia tão normal até agora. Então me lembro: não vejo Alex na vida real há mais de dois anos.

Eu não toquei nele, nem mesmo ouvi sua voz. Isso pode ser estranho de muitas maneiras. Quase certamente experimentaremos algumas delas.

Estou animada para vê-lo, é claro, mas mais do que isso, percebo que estou apavorada.

Precisamos escolher um ponto de encontro. Alguém tem que sugerir isso. Convoco o layout do LAX à mente, da coleção de memórias nebulosas de cada porta devidamente acoplada e passagem elétrica que eu vi nos últimos quatro anos e meio trabalhando na $R + R$.

Se eu pedir para me encontrar na esteira de bagagens, isso significará uma longa caminhada em direção um ao outro em silêncio até que estejamos perto o suficiente para realmente conversar? Devo abraçá-lo?

Os Nilsens não são um bando que abraça, ao contrário dos Wrights, que são conhecidos por agarrar, dar cotoveladas, dar tapas, farfalar, apertar e cutucar para dar ênfase durante qualquer conversa, não importa o quão mundana seja. Tocar é tão natural para mim que uma vez abracei acidentalmente meu reparador de lava-louças quando o deixei sair do apartamento, momento em que ele gentilmente me disse que era casado, e eu o parabeneizei.

Na época em que Alex e eu éramos próximos, nos abraçávamos o tempo todo; mas foi antes, quando o conheci. Quando ele estava confortável comigo.

Eu luto com minha bolsa de rodinhas para fora do compartimento superior e a empurro à minha frente, o suor acumulando em minhas axilas sob meu suéter leve e sob a pequena tentativa de um rabo de cavalo varrendo meu pescoço.

O voo durou uma eternidade; toda vez que eu olhava o relógio, parecia que horas inteiras haviam se condensado em um ou dois minutos. Eu estava pulando para cima e para baixo no meu assento muito pequeno, ansiosa para chegar aqui, mas agora é como se o tempo

estivesse compensando sua lentidão durante o voo, encolhendo para que eu viajassem toda a extensão da ponte de jato em um instante.

Minha garganta está apertada. Meu cérebro parece que está batendo no meu crânio. Eu saio pelo portão, me afasto do caminho de todos que estão saindo da ponte de jato atrás de mim, e tiro meu telefone do bolso. Minhas mãos estão suadas quando começo a digitar: **Nos encontramos na-**

— Ei.

Eu giro em direção à voz no momento em que o dono evita o carrinho estacionado entre nós.

Sorridente. Alex está sorrindo, os olhos inchados daquele jeito sonolento, a bolsa do laptop pendurada no ombro e os fones de ouvido pendurados no pescoço, o cabelo uma bagunça total em comparação com as calças cinza-escuras, a camisa de botão e as botas de couro sem desgaste. Enquanto ele fecha a lacuna entre nós, ele deixa cair sua bagagem de mão atrás dele e me puxa para um abraço.

É normal, tão natural ficar na ponta dos pés e envolver meus braços em volta de sua cintura, enterrar meu rosto em seu peito e inspirá-lo. Cedro, almíscar, limão. Não há maior criatura de hábitos do que Alex Nilsen.

Mesmo corte de cabelo inescrutável, mesmo cheiro limpo e quente, mesmo guarda-roupa básico (embora aprimorado um pouco com o tempo com alfaiataria e sapatos melhores), a mesma maneira de me apertar na parte superior das costas e me puxar para dentro e contra ele quando nos abraçamos, quase me levantando do chão, mas nunca apertando tanto que o abraço pudesse ser considerado *de quebrar os ossos*.

É mais como *esculpir*. Pressão suave em todos os lados que brevemente nos comprime em uma coisa viva e respirando com o dobro de corações do que deveríamos.

— Oi — eu digo, radiante em seu peito, e seus braços deslizam até minhas costas, apertando.

— Oi — ele diz, e espero que ele tenha ouvido o sorriso em minha voz da mesma forma que ouço na dele. Apesar de sua aversão geral a qualquer forma de afeto público, nenhum de nós o solta imediatamente, e tenho a sensação de que estamos pensando a mesma coisa: é normal esperar por um tempo inadequadamente longo, quando já se passaram dois anos desde que você abraçou.

Fechei meus olhos com força contra a emoção crescente, pressionando minha testa em seu peito. Seus braços caem até a minha cintura e param por alguns segundos.

— Como foi seu voo? — ele pergunta.

Eu recuo o suficiente para olhar em seu rosto.

— Acho que tínhamos alguns futuros cantores de ópera de nível mundial a bordo. E o seu?

Seu controle sobre seu pequeno sorriso vacila, e ele se expande, sem controle.

— Quase causei um ataque cardíaco na mulher ao meu lado durante alguma turbulência. — diz ele. — Eu agarrei a mão dela por acidente.

Uma risada estridente estremece dentro de mim, e seu sorriso fica mais amplo, seus braços mais apertados.

Alex Nu, penso, depois afasto o pensamento. Eu realmente deveria ter pensado em uma maneira melhor de descrever essa versão dele há muito tempo.

Como se ele estivesse lendo meus pensamentos e apropriadamente mortificado, ele reprimiu seu sorriso e me soltou, dando um passo para trás para garantir.

— Você precisa pegar alguma coisa na esteira de bagagens? — Ele pergunta, agarrando a alça da minha bolsa junto com a dele.

— Eu posso fazer isso — eu ofereço.

— Eu não me importo — ele diz.

Enquanto o sigo para longe do portão lotado, não consigo parar de olhar para ele. Espantada por ele estar aqui. Espantada por ele ter a mesma aparência. Impressionada que isso seja real.

Ele olha para mim enquanto caminhamos, sua boca torcendo. Uma das minhas coisas favoritas sobre o rosto de Alex sempre foi a maneira como ele permite que duas emoções existam nele ao mesmo tempo, e como essas emoções se tornam legíveis para mim.

Agora mesmo, aquela torção de sua boca está dizendo *divertida e vagamente cautelosa*.

— O que? — ele diz, em uma voz que segue a mesma linha.

— Você é apenas... alto — eu digo.

Ele também é sarado, mas comentar sobre isso geralmente o deixa constrangido, como se ter um corpo de academia fosse, de alguma forma, uma falha de personalidade. Talvez para ele seja. A vaidade é algo que ele foi criado para evitar. Enquanto minha mãe costumava escrever pequenas notas no espelho do meu banheiro com caneta branca: *Bom dia para esse lindo sorriso. Olá, braços e pernas fortes. Tenha um ótimo dia, linda barriga que alimenta minha querida filha*. Às vezes ainda ouço essas palavras quando saio do banho e fico na frente do espelho, penteando o cabelo: *Bom dia, lindo sorriso. Olá, braços e pernas fortes. Tenha um ótimo dia, linda barriga que me alimenta*.

— Você está me olhando porque sou alto? — Alex diz.

— *Muito* alto. — eu digo, como se isso esclarecesse as coisas.

É mais fácil do que dizer: *senti sua falta, lindo sorriso. É tão bom ver você, braços e pernas fortes. Obrigada, barriga assustadoramente tensa, por alimentar essa pessoa que amo tanto*.

O sorriso de Alex amadurece a ponto de se abrir enquanto ele segura meu olhar.

— É bom ver você também, Poppy.

Dez Verões Atrás

UM ANO ATRÁS, QUANDO conheci Alex Nilsen fora do meu dormitório com meia dúzia de sacos de roupa suja, não teria acreditado que tiraríamos férias juntos.

Tudo começou com um texto ocasional após nossa viagem para casa — fotos borradas do cinema Linfield enquanto ele passava, com a legenda *não se esqueça de se vacinar*, ou uma foto de um pacote de dez camisas que eu encontrei no supermercado, o *presente de aniversário* digitado abaixo — mas depois de três semanas, passamos a telefonemas e saídas. Cheguei a convencê-lo a ver um filme no Cineplex, embora ele passasse o tempo todo pairando sobre o assento, tentando não tocar em nada.

Quando o verão acabou, tínhamos nos inscrito em duas aulas de requisitos básicos juntos, matemática e ciências, e na maioria das noites, Alex ia ao meu dormitório ou eu ia ao dele para fazer o dever de casa. Minha antiga colega de quarto, Bonnie, tinha se mudado oficialmente com sua irmã, e eu estava morando com Isabel, uma estudante de medicina que às vezes olhava por cima dos ombros de Alex e meus, e corrigia nosso trabalho enquanto mastigava aipo, sua suposta comida favorita.

Alex odiava matemática tanto quanto eu, mas ele amava suas aulas de inglês e dedicava horas todas as noites à leitura designada enquanto eu folheava blogs de viagens e fofocas de celebridades no chão ao lado dele. Meus cursos eram uniformemente enfadonhos, mas nas noites em que Alex e eu caminhávamos pelo campus após o jantar com xícaras de chocolate quente, ou fins de semana quando saíamos pela cidade em busca da melhor barraca de cachorro-quente, xícara de café ou falafel, eu me sentia mais feliz do que eu jamais me lembrei. Eu adorava estar na cidade, rodeada de arte, comida, barulho e gente nova, o suficiente para que a parte escolar fosse suportável.

Tarde da noite, quando a neve estava se acumulando no parapeito da minha janela e Alex e eu estávamos esticados no tapete estudando para uma prova, começamos a listar os lugares que gostaríamos de estar.

— Paris — eu disse.

— Trabalhando na minha prova final de Literatura Americana. — disse Alex.

— Seoul — eu disse.

— Trabalhando na minha prova final de Introdução à Não-ficção. — disse Alex.

— Sofia, Bulgária — eu disse.

— Canadá — disse Alex.

Eu olhei para ele e explodi em gargalhadas de exaustão, o que desencadeou seu desgosto de marca registrada.

— Seus três principais destinos de férias — eu disse, recostado no tapete — são dois preparatórios e o país mais próximo de nós.

— É mais acessível do que Paris. — disse ele sério.

— Que é o que realmente importa quando você está sonhando acordado.

Ele suspirou.

— Bem, e aquela fonte termal sobre a qual você leu? Aquela em uma floresta tropical? Isso é no Canadá.

— Ilha de Vancouver — eu forneci, balançando a cabeça. Ou uma ilha menor perto dele, na verdade.

— É para lá que eu iria, — disse ele, — se minha companheira de viagem não fosse tão desagradável.

— Alex, — eu disse, — ficarei feliz em ir para a Ilha de Vancouver com você. Especialmente se as outras opções forem apenas observar você fazer mais lição de casa. Iremos no próximo verão.

Alex deitou-se ao meu lado.

— E quanto a Paris?

— Paris pode esperar — eu disse. — Além disso, não podemos pagar Paris.

Ele sorriu fracamente.

— Poppy, — disse ele, — mal podemos pagar nossos cachorros-quentes semanais.

Mas agora, meses depois, após um semestre pegando todos os turnos possíveis em nossos empregos no campus — Alex na biblioteca, eu na sala de correspondência — economizamos o suficiente para esta viagem (para nós dois), e estou zumbindo de empolgação quando finalmente embarcamos.

Assim que decolamos e as luzes da cabine escurecem, porém, a exaustão começa e eu me encontro sendo embalada para dormir, com a cabeça apoiada no ombro de Alex, uma pequena poça de baba se acumulando em sua camisa, apenas para acordar quando o avião atinge uma bolsa de ar que o faz afundar e Alex acidentalmente me dá uma cotovelada no rosto em resposta.

— Merda! — Ele engasga quando eu me sento ereta, segurando minha bochecha. — Merda! — Seus nós dos dedos brancos estão presos em torno dos apoios de braço, a ascensão e queda de seu peito são superficiais.

— Você tem medo de voar? — Eu pergunto.

— Não! — Ele sussurra, atencioso com os outros passageiros adormecidos, mesmo em pânico. — Tenho medo de morrer.

— Você não vai morrer — eu prometo. O jato entra em um ritmo, mas a luz do cinto de segurança acende e Alex continua segurando os apoios

de braço como se alguém tivesse virado o avião de cabeça para baixo e tentado nos sacudir.

— Isso não parece bom — diz ele. — Parece que algo quebrou no avião.

— Esse foi o som do seu cotovelo batendo no meu rosto.

— O que? — Ele olha para o lado. As duas expressões simultâneas em seu rosto são surpresa e confusão.

— Você me bateu na cara! — Eu digo a ele.

— Oh, merda. — ele diz. — Desculpe. Posso ver?

Eu puxo minha mão da minha bochecha latejante, e Alex se inclina para perto, seus dedos pairando sobre minha pele. Sua mão cai sem nunca pousar.

— Parece bem. Talvez devêssemos ver se uma comissária de bordo pode trazer um pouco de gelo.

— Boa ideia. — eu digo. — Podemos ligar para ela e dizer que você me bateu no rosto, mas tenho *certeza* de que foi um acidente e também não é sua culpa, você ficou surpreso e...

— Deus, Poppy. — diz ele. — Eu realmente sinto muito.

— Tudo bem. Não dói tanto. — Eu cutuco seu cotovelo com o meu. — Por que você não me disse que tinha medo de voar?

— Eu não sabia que tinha.

— Significa?

Ele inclina a cabeça para trás contra o encosto de cabeça.

— Eu nunca voei antes.

— Oh. — Meu estômago se contrai com culpa. — Eu gostaria que você tivesse me contado.

— Eu não queria fazer disso uma cena.

— Eu não teria feito cena nenhuma.

Ele me olha com ceticismo.

— E como você chama isso?

— Ok, tudo bem, sim, eu fiz disso uma cena. Mas olhe. — Eu deslizo minha mão sob a dele e, hesitantemente, dobro meus dedos nos dele. — Estou aqui com você e, se quiser dormir um pouco, ficarei acordada para garantir que o avião não caia. O que não vai acontecer. Porque isso é mais seguro do que dirigir.

— Eu também odeio dirigir. — diz ele.

— Eu sei que você odeia. Mas o que quero dizer é que isso é melhor do que isso. Tipo, muito melhor. E estou aqui com você, e já voei antes, então, se houver motivo para pânico, eu saberei. E eu prometo a você, nessa situação, entrarei *em* pânico e você saberá que algo está errado. Até então, você pode relaxar.

Ele me encara na escuridão da cabine por alguns segundos. Então sua mão relaxa na minha, seus dedos quentes e ásperos se acomodam. Me dá uma emoção surpreendente segurar sua mão. Noventa e cinco por cento das vezes, vejo Alex Nilsen de uma forma puramente platônica e

acho que seu número oscila um pouco mais alto. Mas para os outros cinco por cento do tempo, há este *e se*.

Nunca dura muito ou empurra com muita força. Ele apenas fica lá, em forma de concha entre nossas mãos, um pensamento gentil sem muito peso por trás dele: Como seria beijá-lo? Como ele me tocaria? Ele teria o gosto do cheiro que ele cheira? Ninguém tem melhor higiene dental do que Alex, o que não é exatamente um pensamento *sexy*, mas certamente mais *sexy* do que o outro lado da minha imaginação.

E isso é quase tão longe como o pensamento nunca vai, o que é perfeito, porque eu gosto de Alex *demasiado* para sair com ele. Além disso, somos totalmente incompatíveis.

O avião balança por outro trecho rápido de turbulência, e o aperto de Alex aumenta.

— Hora de entrar em pânico? — ele pergunta.

— Ainda não. — eu digo. — Tente dormir.

— Porque eu preciso estar bem descansado quando eu encontrar a Morte.

— Porque você precisa estar bem descansado quando eu ficar cansada em Butchart Gardens, e fazer você me carregar pelo resto do caminho.

— Eu sabia que havia uma razão para você me trazer com você.

— Eu não trouxe você comigo para ser minha mula. — eu argumento.

— Eu trouxe você comigo para ser meu bode expiatório. Você vai causar uma distração enquanto eu corro pela sala de jantar do Empress Hotel durante o chá da tarde, roubando sanduíches minúsculos e pulseiras de valor inestimável de hóspedes descuidados.

Ele aperta minha mão.

— Acho melhor dormir, então.

Eu aperto de volta.

— Acho que sim.

— Acorde-me quando for hora de entrar em pânico.

— Sempre.

Ele encosta a cabeça no meu ombro e finge dormir.

Quando pousarmos, ele terá uma torcicolo horrível no pescoço e meu ombro vai doer de ficar sentada nesta posição por tanto tempo, mas agora eu não me importo. Tenho cinco dias gloriosos de viagem com meu melhor amigo pela frente e, no fundo, eu sei: nada pode dar errado, não realmente.

Não é hora de entrar em pânico.

Este Verão

— NÓS TEMOS um carro alugado? — Alex pergunta enquanto saímos do aeroporto para o calor do vento.

— Mais ou menos. — Eu mordo meu lábio enquanto pego meu telefone para chamar um táxi. — Consegui uma carona de um grupo do Facebook.

Os olhos de Alex se estreitam, as rajadas induzidas pelo jato rolando pela área de desembarque, fazendo seu cabelo bater contra a testa.

— Eu não tenho ideia do que você acabou de dizer.

— Lembra? — Eu digo. — Foi o que fizemos na primeira viagem. Para Vancouver? Quando éramos muito jovens para alugar um carro legalmente?

Ele me encara.

— Sabe — digo — aquele grupo feminino de viagens online em que estou há, tipo, quinze anos? Onde as pessoas colocam seus apartamentos para sublocação e listam seus carros para alugar? Lembra? Tivemos que pegar um ônibus para pegar o carro fora da cidade e andar, tipo, cinco milhas com nossa bagagem?

— Eu me lembro. — ele diz. — Nunca parei para me perguntar por que alguém alugaria o carro para um estranho antes deste momento.

— Porque muitas pessoas em Nova York gostam de passar o inverno e muitas pessoas em Los Angeles gostam de ir para outro lugar no verão.

— Eu encolho os ombros. — O carro dessa garota ficaria sem uso por, tipo, um mês, então eu comprei para a semana por setenta dólares. Só precisamos pegar um táxi para pegá-lo.

— Legal. — diz Alex.

— Sim.

E aqui está o primeiro silêncio constrangedor da viagem. Não importa que estivéssemos enviando mensagens de texto sem parar na semana passada — ou talvez isso tenha piorado. Minha mente está inexoravelmente vazia. Tudo o que posso fazer é olhar para o aplicativo no meu telefone, observando o ícone do carro se aproximar.

— Esse é pra nós. — Eu inclino meu queixo em direção à minivan que se aproxima.

— Legal. — diz Alex novamente.

Nosso motorista pega nossas malas e nos amontoamos com as outras duas pessoas com quem estamos viajando, um casal de meia-idade com viseiras BeDazzled combinando. ESPOSINHA, diz a rosa-choque.

MARIDINHO, diz o verde-limão. Os dois estão usando camisetas com estampa de flamingo e já estão tão bronzeados que se parecem com os sapatos de Alex. A cabeça do Maridinho está raspada e a da Esposinha tingida de vermelho-garrafa brilhante.

— Olá a todos! — Esposinha fala arrastadamente enquanto Alex e eu nos acomodamos nos assentos do meio.

— Oi. — Alex se contorce em sua cadeira e oferece um sorriso quase convincente.

— Lua de mel. — diz Esposinha, acenando entre ela e o Maridinho. — E quanto a vocês dois?

— Oh. — diz Alex. — Hum.

— O mesmo! — Eu coloco minha mão na dele, virando-me para mostrar um sorriso.

— Ooh! — Esposinha grita. — O que você acha disso, Bob? Um carro cheio de pombinhos!

Maridinho Bob acena com a cabeça.

— Parabéns, crianças.

— Como vocês se conheceram? — Esposinha quer saber.

Eu olho para Alex. As duas expressões que seu rosto está fazendo agora são (1) apavorado e (2) eufórico. Este é um jogo familiar para nós, e mesmo que seja mais estranho do que o normal ter minha mão emaranhada e diminuída pela dele, também há algo reconfortante em escapar de nós mesmos dessa maneira, jogando juntos como sempre fizemos.

— Disneylândia. — diz Alex, e se vira para o casal no banco de trás.

Os olhos da esposa se arregalam.

— Que mágico!

— Foi mesmo, sabe? — Eu atiro olhinhos de coração nos de Alex e cutuco seu nariz com minha mão livre. — Ele estava trabalhando como um VS — isso é o que chamamos de colheres de vômito. O trabalho deles é apenas ficar fora de todos os novos brinquedos 3D e limpar os avós enjoados.

— E *Poppy* estava interpretando Mike Wazowski. — Alex acrescenta secamente, aumentando a aposta.

— Mike Wazowski? — Maridinho Bob diz.

— Da *Monsters, Inc.*, querido. — explica Esposinha. — Ele é um dos monstros principais!

— Qual deles? — Maridinho diz.

— O baixinho. — Alex diz, então se volta para mim, afetando o olhar de adulação mais estúpido e exagerado que eu já vi. — Foi amor à primeira vista.

— Aww! — Esposinha diz, segurando o coração.

A sobancelha do Maridinho se enrugou.

— Quando ela estava com o traje?

O rosto de Alex fica rosado sob a avaliação do Maridinho, e eu interrompo:

— Eu tenho pernas *realmente* ótimas.

Nosso motorista nos deixa em uma rua de casas de estuque cercadas por jasmim em Highland Park, e enquanto subimos no asfalto quente, Esposinha e Maridinho nos acenam um adeus afetuoso. No instante em que o táxi está fora de vista, Alex solta minha mão e eu examino os números das casas, acenando em direção a uma cerca de privacidade manchada de vermelho.

— É este aqui.

Alex abre o portão, e nós entramos no pátio para encontrar um hatchback branco quadrado esperando na garagem, todas as suas bordas enferrujadas e lascadas.

— Então. — Alex diz, olhando para ele. — Setenta dólares.

— Eu posso ter pago a mais. — Eu me inclino em torno do volante dianteiro do motorista, procurando a caixa magnética onde a proprietária, uma ceramista chamada Sasha, disse que estaria a chave. — Este é o primeiro lugar em que eu verificaria se eu estivesse roubando um carro.

— Eu acho que dobrar tão baixo pode ser muito trabalhoso para roubar este carro. — Alex diz enquanto eu puxo a chave e me endireito. Ele dá a volta na parte de trás do carro e lê na tampa do porta-malas: — Ford Aspire.

Eu rio e destranco as portas.

— Quero dizer, 'aspiracional' é a marca *R + R*.

— Aqui. — Alex pega seu telefone e dá um passo para trás. — Deixe-me tirar uma foto sua com isso.

Eu abro a porta e coloco meu pé para cima, fazendo uma pose. Imediatamente, Alex começa a se agachar.

— Alex, não! Não de baixo.

— Desculpe. — ele diz. — Eu esqueci o quão estranha você é sobre isso.

— *Eu sou* estranha? — Eu digo. — Você tira fotos como um pai com um iPad. Se você tivesse óculos na ponta do nariz e uma camiseta da UC Bearcats, seria indistinguível.

Ele faz um grande show segurando o telefone o mais alto possível.

— O quê, e agora vamos para aquele ângulo emo do início dos anos 2000? — Eu digo. — Encontre um meio termo.

Alex revira os olhos e balança a cabeça, mas tira algumas fotos em uma altura semi normal e depois vem mostrá-las para mim. Eu legitimamente suspiro quando vejo a última foto, e agarro seu braço da mesma forma que ele deve ter agarrado o octogenário que ele estava ao lado no vôo.

— O que? — ele diz.

— Você tem modo retrato.

— Eu tenho. — ele concorda.

— E você *usou*. — eu aponto.

— Sim.

— Você sabe *como* usar o modo retrato. — eu digo, ainda chocada.
— Ha ha.
— *Como* você sabe como usar o modo retrato? Seu neto lhe ensinou isso quando estava em casa para o Dia de Ação de Graças?
— Uau. — ele fala sem expressão. — Senti tanto a falta disso.
— Sinto muito, sinto muito. — digo. — Estou impressionada. Você mudou. — Tenho pressa em acrescentar: — Não de um jeito ruim! Só quero dizer, você não é uma pessoa que gosta de mudanças.
— Talvez eu seja agora. — diz ele.
Eu cruzo meus braços.
— Você ainda se levanta às cinco e meia para se exercitar todos os dias?
Ele encolhe os ombros.
— Isso é disciplina, não medo da mudança.
— Na mesma academia? — Eu pergunto.
— Sim.
— Aquela que aumenta os preços a cada seis meses? E reproduz o mesmo CD de meditação New Age em repetição o tempo todo? A academia da qual você já estava reclamando há dois anos?
— Eu não estava reclamando. — diz ele. — Eu simplesmente não entendo como isso deveria te motivar em uma esteira. Eu estava *pensando*. Contemplando.
— Você leva sua própria lista de reprodução com você, o que importa o que eles tocam nos alto-falantes?
Ele dá de ombros e tira as chaves do carro das minhas mãos, contornando o Aspire para abrir a porta traseira.
— É uma questão de princípio. — Ele joga nossas malas na parte de trás e fecha com força.
Achei que estávamos brincando, mas agora não tenho tanta certeza.
— Ei. — Eu pego seu cotovelo enquanto ele está passando. Ele se acalma, erguendo as sobrancelhas. Há um nó de orgulho preso na minha garganta, impedindo as palavras que querem sair. Mas foi o orgulho que destruiu nossa amizade na primeira vez, e não vou cometer esse erro novamente. Eu não estou indo para *não* dizer coisas que precisam ser ditas, só porque eu quero que ele as diga primeiro.
— O que? — Alex diz.
Eu engulo o nó.
— Estou feliz que você não mudou muito.
Ele me encara por um instante e então — é minha imaginação ou ele engole também?
— Você também. — ele diz, e toca a ponta de uma onda que se soltou do meu rabo de cavalo para cair ao longo da minha bochecha, toca tão levemente que eu mal posso sentir no couro cabeludo e o movimento delicado envia um arrepio no meu pescoço. — E eu gosto do corte de cabelo.

Minhas bochechas esquentam. Minha barriga também. Até minhas pernas parecem esquentar alguns graus.

— Você aprendeu a usar um novo recurso do seu telefone e eu cortei o cabelo. — digo. — Cuidado conosco agora, mundo.

— Transformação radical. — concorda Alex.

— Um verdadeiro glow-up.

— A questão é: você ficou melhor na direção?

Eu levanto uma sobrancelha e cruzo os braços.

— E você?

• • •

— Aspira, tem ar-condicionado funcionando. — diz Alex.

— Aspira *não* cheira como um buraco negro que está soltando fumaça. — eu digo.

Estamos jogando este jogo desde que pegamos a rodovia em direção ao deserto. Sasha, a Cerâmica, mencionou em sua postagem sobre o carro que o ar-condicionado ligava e desligava aleatoriamente, mas ela deixou de fora o fato de que evidentemente o usava como sauna por cinco anos consecutivos.

— Ele aspira viver o suficiente para ver o fim de todo o sofrimento humano. — acrescento.

— Este carro — diz Alex — não vai viver o suficiente para ver o fim da franquia *Star Wars*.

— Mas quem entre nós vai? — Eu digo.

Alex acabou dirigindo em virtude do fato de que quando eu dirigia o deixava enjoado. E apavorado. Sinceramente, eu não gosto de dirigir, então eu geralmente deixo a posição para ele.

O tráfego de Los Angeles foi um desafio para alguém tão cauteloso quanto ele: sentamos em uma placa de pare esperando virar à direita em uma estrada movimentada por, tipo, dez minutos, até que três carros atrás de nós estavam segurando suas buzinas.

Agora que estamos fora da cidade, ele está indo muito bem. Nem mesmo a falta de ar-condicionado parece um grande problema com as janelas abertas e o vento doce e florido soprando sobre nós. O maior problema é a falta de uma entrada auxiliar, o que nos faz depender do rádio.

— Sempre houve tanto Billy Joel tocando na rádio? — Alex pergunta na terceira vez que mudamos de canal no meio do comercial, apenas para voltar ao meio de “Piano Man”.

— Desde o início dos tempos, eu acho. Quando os homens das cavernas construíram o primeiro rádio, ele já estava tocando.

— Eu não sabia que você era uma historiadora. — ele fala sem rodeios. — Você deveria vir falar com a minha classe.

Eu bufo.

— Você não poderia me arrastar para os corredores de East Linfield High nem com a força combinada de cada trator em um raio de oito quilômetros daquele prédio, Alex.

— Sabe — diz ele — os valentões provavelmente já se formaram.

— Nós realmente não podemos ter certeza. — eu digo.

Ele olha para cima, rosto sóbrio, boca pequena pressionada.

— Você quer que eu chute suas bundas?

Eu suspiro.

— Não, é tarde demais. Tipo, todos eles têm filhos agora com aqueles óculos de bebê grandes e bonitos, e muitos encontraram o Senhor ou começaram um daqueles negócios estranhos em esquema de pirâmide que vendem brilho labial.

Ele olha para mim, seu rosto rosa por causa do sol.

— Se você mudar de ideia, é só dizer a palavra.

Alex sabe sobre meus anos difíceis em Linfield, é claro, mas na maioria das vezes, tento não lembrá-los. Sempre preferi a versão de mim que Alex traz à tona do que quando eu estava em nossa cidade natal. *Essa* Poppy se sente segura no mundo, porque ele está nele também, e ele, lá no fundo, onde é importante, é como eu.

Mesmo assim, ele teve uma experiência excepcionalmente diferente na West Linfield High do que eu na escola irmã. Tenho certeza de que ajudou o fato de ele praticar esportes — basquete, tanto para a escola quanto na liga interna da igreja de sua família — e ser bonito, mas ele sempre insistiu que o argumento decisivo era que ele era quieto o suficiente para passar por misterioso em vez de estranho.

Talvez se meus pais não tivessem encorajado completamente todas as facetas dos meus irmãos e meu individualismo, eu teria tido mais sorte. Havia crianças que lidavam com a desaprovação adaptando-se, tornando-se mais palatáveis, como Prince e Parker tinham feito na escola, descobrindo a sobreposição entre suas personalidades e as de todos os outros.

E havia pessoas como eu, que trabalhavam sob o conceito errôneo de que, eventualmente, meus queridos colegas não apenas me tolerariam, mas no final das contas me respeitariam por ser eu mesma.

Não há nada tão desagradável para algumas pessoas do que alguém que parece não se importar se alguém as aprova. Talvez seja ressentimento: *eu me inclinei para o bem maior, para seguir as regras, então por que você não o fez? Você deve se preocupar.*

Claro, secretamente, eu me importava. Muito. Provavelmente teria sido melhor se eu apenas chorasse abertamente na escola, em vez de ignorar os insultos e chorar debaixo do travesseiro mais tarde. Teria sido melhor se, depois da primeira vez que zombaram de mim por causa do macacão largo em que minha mãe costurou remendos bordados, eu não tivesse continuado a usá-los com o queixo erguido, como se eu tivesse uma espécie de onze anos... a velha Joana d'Arc, disposta a morrer pelo meu jeans.

A questão era que Alex sabia jogar o jogo, ao passo que muitas vezes eu sentia como se tivesse lido as páginas do guia de trás para a frente, enquanto a coisa toda estava pegando fogo.

Quando estávamos juntos, porém, o jogo nem existia. O resto do mundo se dissolveu até que eu acreditei que *assim* era como as coisas realmente eram. Como se eu nunca tivesse sido aquela garota que se sentia totalmente sozinha, incompreendida, e sempre fui essa: conhecida, amada, totalmente aceita por Alex Nilsen.

Quando nos conhecemos, eu não queria que ele me visse como a Poppy de Linfield — eu não tinha certeza de como isso mudaria a dinâmica do nosso mundo assim que deixássemos certos elementos externos se contorcerem para entrar. Ainda me lembro da noite em que finalmente disse a ele sobre isso. Na última noite de aula do nosso primeiro ano, tínhamos tropeçado de volta para seu dormitório de uma festa para descobrir que seu colega de quarto já tinha ido para o verão. Então, peguei emprestada uma camiseta e alguns cobertores de Alex e dormi na cama de solteiro sobressalente em seu quarto.

Eu não tinha uma festa do pijama assim desde que tinha provavelmente oito anos: o tipo em que você fica falando, com os olhos fechados, até que vocês dois caem no sono juntos.

Dissemos tudo um ao outro, coisas que nunca tínhamos tocado. Alex me contou sobre a morte de sua mãe, os meses em que seu pai mal tirou o pijama, os sanduíches de pasta de amendoim que Alex fez para seus irmãos e a fórmula para bebês que aprendeu a preparar.

Por dois anos, ele e eu nos divertimos muito juntos, mas naquela noite parecia que um compartimento totalmente novo no meu coração se abriu onde antes não havia nenhum.

E então ele me perguntou o que aconteceu em Linfield, por que eu estava com medo de voltar para o verão, e deveria ser constrangedor expressar minhas pequenas queixas depois de tudo que ele acabou de me dizer, exceto que Alex tinha um jeito de *nunca* me fazer sentir pequena ou mesquinha.

Era tão tarde que era quase de manhã, aquelas horas escorregadias em que parece mais seguro revelar seus segredos. Então contei tudo a ele, começando na sétima série.

O infeliz aparelho, o chiclete que Kim Leedles colocou no meu cabelo e o corte tigela resultante. O insulto piorou ainda mais quando Kim disse a toda a minha turma que qualquer pessoa que falasse comigo não seria convidada para sua festa de aniversário. Que ainda faltavam uns sólidos cinco meses, embora promettesse valer a pena esperar, graças ao toboágua de sua piscina e ao cinema em seu porão.

Então, na nona série, depois que a vergonha finalmente passou e meus seios praticamente cresceram do dia para a noite, houve o período de três meses durante o qual eu era uma Mercadoria Quente. Até que Jason Stanley me beijou inesperadamente, e respondeu ao meu desinteresse contando a todos que eu fiz um boquete espontâneo no armário do zelador.

Todo o time de futebol me chamou de Porny Poppy por, tipo, um ano depois disso. Ninguém queria ser meu amigo. Depois veio a décima

série, o pior de tudo.

Começou melhor porque o mais novo dos meus dois irmãos era um veterano e estava disposto a compartilhar seu grupo de amigos do Teatro Juvenil comigo. Mas isso só durou até eu ter uma festa do pijama de aniversário, quando descobri como todos achavam que meus pais eram constrangedores. Eu rapidamente percebi que não gostava dos meus amigos tanto quanto pensava.

Eu também disse a Alex o quanto amava minha família, como eu me sentia protegida por eles, mas como, mesmo com eles, às vezes eu ficava um pouco sozinha. Todo mundo era a pessoa mais importante de outra pessoa. Mamãe e papai. Parker e Prince. Até mesmo os huskies estavam em pares, enquanto nossa mistura de terrier e o gato passavam a maior parte dos dias enrolados juntos em um protetor solar. Antes de Alex, minha família era o único lugar a que eu pertencia, mas mesmo com eles, eu era uma espécie de peça solta, aquele parafuso extra desconcertante que a IKEA embala com sua estante de livros, só para fazer você suar. Tudo que eu fiz desde o colégio foi para escapar desse sentimento, daquela *pessoa*.

E eu disse a ele tudo isso, menos a parte sobre sentir que pertencia a ele, porque mesmo depois de dois anos de amizade, parecia um pouco demais. Quando terminei, pensei que ele finalmente tinha adormecido. Mas depois de alguns segundos, ele mudou de lado para olhar para mim no escuro e disse baixinho:

— Aposto que você era adorável com um corte tigela.

Eu realmente, realmente não era, mas de alguma forma, isso foi o suficiente para esfriar a dor áspera de todas aquelas memórias. Ele me viu e me amou.

— Poppy? — Alex diz, me trazendo de volta para o carro quente e fedorento, e para o deserto. — Onde você está agora?

Eu coloco minha mão para fora da janela, segurando o vento.

— Vagando pelos corredores de East Linfield High ao som de *Porny Poppy! Porny Poppy!*

— Tudo bem. — diz Alex suavemente. — Não vou obrigar você a visitar minha sala de aula para ensinar História da Rádio Billy Joel. Mas só para você saber... — Ele olha para mim, rosto sério, voz inexpressiva. — Se algum dos meus alunos te chamasse de Porny Poppy, eu acabaria com eles.

— Isso tem que ser — eu digo — a coisa mais sexy que alguém já me disse.

Ele ri, mas desvia o olhar.

— Estou falando sério. O bullying é a única coisa que eu não os deixo escapar. — Ele inclina a cabeça pensando. — Exceto eu. Eles *me* intimidam constantemente.

Eu rio, embora não acredite nele. Alex ensina as crianças AP e Honors, e ele é jovem, bonito, silenciosamente hilário e assustadoramente inteligente. Não tem como eles não o adorarem.

— Mas eles chamam você de Porny Alex? — Eu pergunto.
Ele faz uma careta.
— Deus, espero que não.
— Desculpe. — eu digo — *Sr. Porny*.
— Por favor. O *Sr. Porny* é meu pai.
— Aposto que muitos alunos têm uma queda por você.
— Uma garota me disse que eu pareço com Ryan Gosling...
— Oh meu Deus.
— ... se ele fosse picado por uma abelha.
— Ai. — eu digo.
— Eu sei. — concorda Alex. — Duro, mas justo.
— Talvez Ryan Gosling se pareça com *you* se for deixado do lado de fora para se desidratar, você já pensou nisso?
— Sim. Tome isso, Jessica McIntosh. — diz ele.
— Sua vadia. — eu digo, então imediatamente balanço minha cabeça.
— Não. Não era bom chamar uma criança de vadia. Piada ruim.
Alex faz uma nova careta.
— Se isso faz você se sentir melhor, Jessica é... não é minha favorita. Mas ela vai superar isso, eu acho.
— Sim, quero dizer, pelo que você sabe, ela pode estar trabalhando contra uma vida inteira de cortes na bochecha. É muita gentileza de sua parte dar uma chance a ela.
— Você nunca foi uma Jéssica. — ele diz com segurança.
Eu levanto uma sobrancelha.
— Como você sabe?
— Porque. — Seus olhos fixam-se na estrada desbotada pelo sol. — Você sempre foi Poppy.

• • •

O complexo de apartamentos Desert Rose é um prédio de estuque pintado de rosa chiclete, com o nome gravado em letras onduladas de meados do século. Um jardim cheio de cactos raquíticos e suculentas enormes serpenteia em torno dele e, através de uma cerca branca, avistamos uma piscina azul-petróleo cintilante, pontilhada com corpos bronzeados pelo sol e rodeada de palmeiras e espreguiçadeiras.

Alex desliga o carro.

— Parece bom. — diz ele, parecendo aliviado.

Saio do carro e o asfalto está quente, mesmo através das minhas sandálias.

Pensei nos verões em Nova York, presa entre arranha-céus com o sol girando para frente e para trás infinitamente — e todos aqueles anteriores na armadilha de umidade natural do Vale do Rio Ohio — que eu sabia o que era calor.

Eu não sabia.

Minha pele formiga sob o sol impietoso do deserto, meus pés queimando apenas por estar parada.

— Merda. — Alex ofega, tirando o cabelo da testa.

— Eu acho que é por isso que é fora de temporada.

— Como é que David e Tham vivem aqui? — ele diz, parecendo enojado.

— Da mesma forma que você mora em Ohio. — eu digo. — Infelizmente, e com muita bebida.

Eu quis dizer isso como uma piada, mas a expressão de Alex se achatou e ele foi para a parte de trás do carro sem perceber o que eu disse.

Eu limpo minha garganta.

— Estou brincando. Além disso, a maioria deles vive em LA, certo? Não estava nem perto desse calor lá atrás.

— Aqui. — Ele me passa a primeira sacola e eu a pego, me sentindo castigada.

Nota para mim mesma: chega de cagar em Ohio.

No momento em que pegamos nossa bagagem — os dois sacos de papel com mantimentos que pegamos durante uma parada do CVS — e subimos três lances de escada até nossa unidade, estamos encharcados de suor.

— Eu sinto que estou derretendo. — Alex diz enquanto eu digito o código na caixa de chaves ao lado da porta. — Eu preciso de um banho.

A caixa se abre e eu coloco a chave na maçaneta, sacudindo e girando de acordo com as instruções muito específicas que o anfitrião me deu.

— Assim que sairmos, vamos derreter de novo. — eu aponto. — Você pode querer guardar o banho para um pouco antes de dormir.

A chave finalmente pega, e eu bato a porta aberta, arrastando os pés para dentro, parando quando dois sinos de alerta simultâneos começam a guinchar pelo meu corpo.

Alex bate em mim, uma parede sólida de calor umedecida pelo suor.

— O que é-

Sua voz diminui. Não tenho certeza de qual fato horrível ele está registrando. Que está terrivelmente quente aqui ou aquilo...

No meio deste apartamento (de outra forma, perfeito), há uma cama.

— Não. — ele diz baixinho, como se não quisesse dizer em voz alta. Tenho certeza que não queria.

— Dizia duas camas. — eu deixo escapar, tentando freneticamente abrir a reserva. — Definitivamente dizia.

Porque de jeito nenhum eu poderia ter estragado tudo. Eu não podia.

Houve um tempo em que não pode ter parecido um grande negócio para nós compartilhar uma cama, mas *não* nesta viagem. Não quando as coisas são frágeis e estranhas. Temos *uma chance* de consertar o que aconteceu entre nós.

— Você tem certeza? — Alex diz, e eu odeio aquela nota de aborrecimento em sua voz ainda mais do que a suspeita andando ao lado dela. — Você viu fotos? Com duas camas?

Eu tento lembrar, cavando fundo na minha cabeça.

— Claro!

Mas eu *vi*? Esta unidade tinha sido ridiculamente barata, em grande parte porque uma reserva havia sido cancelada no último minuto. Eu sabia que era um estúdio, mas vi fotos da piscina turquesa cintilante e das felizes palmeiras dançantes e as críticas disseram que era limpo, e a cozinha parecia pequena, mas chique e...

Eu realmente *vi* duas camas?

— Esse cara é dono de um monte de apartamentos aqui. — digo, com a cabeça girando. — Ele provavelmente nos enviou o número da unidade errada.

Encontro o e-mail certo e clico nas fotos.

— Aqui! — Eu choro. — Veja!

Alex se aproxima, olhando por cima do meu ombro para as fotos — um apartamento branco e cinza brilhante com um par de figos com folhas de violino em um canto e uma vasta cama branca no meio do quarto, uma um pouco menor ao lado.

Ok, então pode ter havido *alguma* angulação artística nessas fotos, porque na foto a cama maior parece ser king-size quando na verdade é uma rainha, o que significa que a outra não poderia ser maior do que uma dupla, mas *definitivamente* deveria existir.

— Não entendo. — Alex olha da foto para onde deveria estar a segunda cama.

— Oh. — ele e eu dizemos em uníssono quando nos damos de conta.

Ele vai até a cadeira larga sem braços, em imitação de camurça coral, e arranca as almofadas decorativas, alcançando a costura da cadeira. Ele dobra a parte inferior para fora, as costas pressionando para baixo de modo que tudo se aplique em uma almofada longa e estreita com costuras flácidas entre suas três seções.

— Uma cadeira... desdobrável.

— Vou pegar ela! — Eu me ofereço.

Alex me lança um olhar.

— Você não pode, Poppy.

— Por que, porque eu sou uma mulher, e eles vão tirar sua masculinidade do Meio-Oeste se você não cair na espada de todas as normas de gênero apresentadas a você?

— Não. — ele diz. — Porque se você dormir com isso, vai acordar com enxaqueca.

— Isso aconteceu uma vez — eu digo — e não *sabemos* se foi por dormir no colchão de ar. Pode ter sido o vinho tinto. — Mas, enquanto digo isso, procuro o termostato, porque se alguma coisa vai fazer minha cabeça latejar, é dormir neste calor. Encontro os controles dentro da cozinha.

— Oh meu Deus, ele ajustou para oitenta graus aqui.

— É sério? — Alex passa a mão pelo cabelo, limpando as gotas de suor em sua testa. — E pensar, não parece um grau acima de duzentos.

Eu abaixei o termostato para setenta e os ventiladores ligaram ruidosamente, mas sem nenhum alívio instantâneo.

— Pelo menos temos uma vista da piscina. — eu digo, cruzando para as portas dos fundos. Eu jogo as cortinas de blackout para trás e recuo, os resquícios do meu otimismo se extinguindo.

A varanda é muito maior do que a minha em casa, com uma mesa de café vermelha bonita e duas cadeiras combinando. O problema é que três quartos dela estão protegidos com folhas de plástico enquanto, em algum lugar acima, uma horrível confusão de chocalhos mecânicos e guinchos se desligam.

Alex pisa ao meu lado.

— Construção?

— Eu me sinto como se estivesse dentro de uma bolsa de zip, *dentro* do corpo de alguém.

— Alguém com febre. — diz ele.

— Que também está pegando fogo.

Ele ri um pouco. Um som miserável que ele tenta interpretar como alegre. Mas Alex não é alegre. Ele é o Alex. Ele está estressado e gosta de estar limpo, e ter seu espaço, ele arruma seu próprio travesseiro em sua bagagem, porque seu “pescoço está acostumado com este” — embora isso signifique que ele não pode trazer tantas roupas quanto ele gostaria — e a última coisa que esta viagem precisa é de empurrar desnecessariamente nossos pontos de pressão.

De repente, os seis dias que temos pela frente parecem impossivelmente longos. Devíamos ter feito uma viagem de três dias. Apenas a duração das festividades de casamento, quando haveria abundância de buffets, bebidas grátis e tempo reservado, no qual Alex estaria ocupado com a despedida de solteiro de seu irmão e tudo mais.

— Devemos descer para a piscina? — Eu digo, um pouco alto demais, porque agora meu coração está acelerado e eu tenho que gritar para me ouvir sobre isso.

— Claro. — Alex diz, então se vira para a porta e congela. Sua boca fica aberta enquanto ele considera suas palavras. — Vou me trocar no banheiro, e você pode gritar quando estiver pronta?

Certo. É um estúdio. Um cômodo aberto sem portas, exceto a do banheiro.

O que não teria sido estranho, se nós dois não estivéssemos sendo tão estranhos.

— Mm-hm. — eu digo. — Certo.

Dez Verões Atrás

NÓS VAGAMOS PELA cidade de Victoria até nossos pés latejarem, nossas costas doerem e todo aquele sono que *não* dormimos no voo fazer nossos corpos parecerem pesados, e nossos cérebros leves e flutuantes. Em seguida, paramos para comer bolinhos em um pequeno restaurante, um lugar cujas janelas eram escuras e as paredes pintadas de vermelho, inteiramente contornadas por montanhas, florestas douradas e rios que correm serpenteando por colinas baixas e arredondadas.

Somos as únicas pessoas lá dentro — são três da tarde, não é tarde o suficiente para o jantar, mas o ar-condicionado é potente e a comida é divina, e estamos tão exaustos que não podemos parar de rir de cada coisinha.

Do grito rouco e estridente que Alex soltou quando o avião pousou esta manhã.

Do homem de terno que passa correndo pelo restaurante em alta velocidade, os braços estendidos ao longo do corpo.

Da garota da galeria do Empress Hotel, que passou trinta minutos tentando nos vender uma escultura de urso de quinze centímetros que custava vinte e um mil dólares enquanto arrastávamos nossa bagagem esfarrapada atrás de nós.

— Nós realmente não... temos dinheiro para... isso — Alex disse, soando diplomático.

A garota assentiu com entusiasmo.

— Quase ninguém tem. Mas quando a arte fala com você, você encontra uma maneira de fazer funcionar.

De alguma forma, nenhum de nós conseguiu dizer à garota que o urso de 21 mil dólares *não* estava falando conosco, mas tínhamos passado o dia todo, desde então, pegando coisas — um álbum assinado dos Backstreet Boys na loja de discos usada, uma cópia de um romance chamado *O que meu ponto G está te dizendo* em uma livraria atarracada perto de uma rua de paralelepípedos, um macacão de pelúcia em uma loja de fetiches que levei para Alex principalmente para envergonhá-lo — e perguntando: *Isso fala para você?*

Sim, Poppy, está dizendo, adeus.

Não, Alex, diga ao seu ponto G para falar.

Sim, vou aceitá-lo por 21 mil dólares e nem um centavo a menos!

Nós nos revezamos perguntando e respondendo, e agora, caídos sobre nossa mesa laqueada preta, não podemos parar meio delirantemente de pegar colheres e guardanapos, fazendo-os conversar uns com os outros.

Nossa garçonete tem mais ou menos a nossa idade, tem um balbuciar forte e um bom senso de humor.

— Se aquela soja disser algo picante, me avise. — diz ela. — Tem uma reputação por aqui.

Alex dá uma gorjeta de 30 por cento, e durante toda a caminhada até o ponto de ônibus, eu o provoço por corar sempre que ela olhava para ele, e ele me provoca por olhar para o caixa da loja de discos, o que é justo, porque eu definitivamente fiz.

— Nunca vi uma cidade tão florida — digo.

— Nunca vi uma cidade tão limpa — diz ele.

— Devemos nos mudar para o Canadá? — Eu pergunto.

— Não sei. — diz ele. — O Canadá *fala com você*?

Com os ônibus e a caminhada entre as paradas, leva duas horas no total para pegar o carro que aluguei informalmente online através do MQV, Mulheres Que Viajam.

Estou tão aliviada que ele realmente exista — e que as chaves estavam sob o tapete no banco de trás, assim como a dona do carro, Esmeralda, disse que estariam — que começo a aplaudir ao vê-lo.

— Uau — diz Alex — este carro está realmente falando com você.

— Sim. — eu digo — Está dizendo, *não deixe Alex dirigir*.

Sua boca cai aberta, os olhos ficando arregalados e brilhantes com mágoa fingida.

— Pare! — Eu grito, mergulhando para longe dele e no assento do motorista como se ele fosse uma granada viva.

— Parar o que? — Ele se inclina para inserir sua cara de cachorro triste na minha frente.

— *Não!* — Eu grito, empurrando-o para longe e me contorcendo de lado no assento como se estivesse tentando escapar de um enxame de formigas saindo dele. Eu me jogo no banco do passageiro e ele calmamente sobe para o banco do motorista.

— Eu odeio essa cara. — eu digo.

— Não é verdade. — diz Alex.

Ele tem razão.

Eu amo essa cara ridícula.

Além disso, odeio dirigir.

— Quando você descobrir sobre psicologia reversa, estou ferrada. — eu digo.

— Hm? — ele diz, olhando de lado enquanto liga o carro.

— Nada.

Dirigimos duas horas para o norte até o motel que encontrei no lado leste da ilha. É um país das maravilhas enevoadas, estradas largas e ordenadamente ladeadas por florestas tão antigas quanto densas. Não

há muito para fazer na cidade, mas *há* sequóias e trilhas para cachoeiras e um Tim Hortons apenas algumas milhas abaixo da estrada do nosso motel, um lugar baixo, tipo uma cabana com um estacionamento de cascalho na frente, e uma parede de folhagem coberta de nevoeiro por trás dele.

— Eu meio que adoro isso aqui. — diz Alex.

— Eu meio que também. — eu concordo.

E não me importava que chovia a semana toda e terminávamos cada caminhada ensopados até os ossos, ou que só possamos encontrar dois restaurantes acessíveis e tenhamos que comer em cada um deles três vezes, ou que lentamente começamos a perceber que quase todas as pessoas com quem nós cruzamos tinham por volta de sessenta anos ou mais, e que estamos definitivamente ficando em uma vila de aposentados. Ou que nosso quarto de motel está sempre úmido, ou que há tão pouco para fazer que temos tempo para matar um dia inteiro em uma livraria Chapters próxima (onde tomamos café da manhã e almoçamos em silêncio, enquanto Alex lê Murakami e eu tomo notas para referência futura em uma pilha de guias do Lonely Planet).

Nada disso importa. Passei a semana inteira pensando: *Isso fala comigo*.

Isso é o que eu quero para o resto da minha vida. Ver novos lugares. Conhecer novas pessoas. Experimentar coisas novas. Não me sinto perdida ou deslocada aqui. Não há Linfield para escapar ou aulas longas e chatas para frequentar. Estou ancorada apenas neste momento.

— Você não gostaria que sempre pudéssemos estar fazendo isso? — Eu pergunto a Alex.

Ele olha por cima do livro para mim, um canto da boca se curvando.

— Não deixaria muito tempo para leitura.

— E se eu prometer levá-lo a uma livraria em cada cidade? — Eu pergunto. — Então você vai sair da escola e morar em uma van comigo?

Sua cabeça se inclina para o lado enquanto ele pensa.

— Provavelmente não. — diz ele, o que não é surpresa por vários motivos, incluindo o fato de que Alex *adora* suas aulas tanto que já está pesquisando programas de graduação em inglês, enquanto estou avançando com Cs direto.

— Bem, eu tinha que tentar. — digo com um suspiro.

Alex abaixa seu livro.

— Eu te digo uma coisa. Você pode ter minhas férias de verão. Vou mantê-las bem abertas para você e iremos a qualquer lugar que você quiser, que possamos pagar.

— Mesmo? — Eu digo, duvidosa.

— Prometo. — Ele estende a mão e nós a apertamos, então sentamos ali sorrindo por alguns segundos, sentindo como se tivéssemos acabado de assinar um contrato significativo para mudar sua vida.

Em nosso penúltimo dia, caminhamos pelo silêncio de Cathedral Grove assim que o sol nasceu, derramando luz dourada sobre a floresta

em pequenas gotas, e quando partimos, dirigimos direto para uma cidade chamada Coombs, cuja atração principal é um punhado de chalés com telhados de grama e um rebanho de cabras pastando sobre eles. Tiramos fotos deles, enfiamos a cabeça em recortes de fotos que mostram nossos rostos em corpos de cabra pintados de maneira grosseira e passamos duas horas luxuosas vagando por um mercado repleto de amostras de biscoitos, doces e geleias.

No último dia inteiro de nossa viagem, atravessamos a ilha de carro até Tofino, a península onde *teríamos* ficado se não estivéssemos tentando economizar cada centavo possível. Surpreendo Alex com bilhetes (talvez preocupantemente baratos) para um táxi aquático que nos leva à ilha sobre a qual li, com a trilha pela floresta tropical até a fonte termal.

Nosso motorista de táxi aquático se chama Buck, e ele não é muito mais velho do que nós, com um emaranhado de cabelo amarelado descolorido pelo sol saindo de seu chapéu de malha. Ele é bonito de uma forma totalmente suja, com aquele tipo de odor corporal especificamente praiano misturado com patchuli. Deve ser repulsivo, mas ele faz funcionar.

A viagem em si é violenta, o motor do táxi é tão alto que tenho que gritar no ouvido de Alex, meu cabelo batendo em seu rosto por causa do vento, para dizer:

— DEVE SER O QUE UMA ROCHA SENTE QUANDO VOCÊ A ATIRA SOBRE A ÁGUA. — minha voz entrando e saindo com cada batida rítmica da pequena embarcação contra o topo das ondas escuras e agitadas.

Buck acena com as mãos como se estivesse falando conosco durante todo o trajeto (longo demais), mas não podemos ouvi-lo, o que deixa Alex e eu semi-histéricos de tanto rir após os primeiros vinte minutos de monólogo inaudível.

— E SE ELE ESTÁ CONFESSANDO UM CRIME AGORA MESMO? — Alex grita.

— RECITANDO O DICIONÁRIO. DE TRÁS PARA A FRENTE. — sugiro.

— RESOLVENDO EQUAÇÕES MATEMÁTICAS COMPLEXAS. — diz Alex.

— COMUNICANDO-SE COM OS MORTOS. — eu digo.

— ISTO É PIOR DO QUE—

Buck desliga o motor e a voz de Alex é a única a ser ouvida. Ele abaixa a voz em um sussurro no meu ouvido:

— Pior do que voar.

— Ele está parando para nos matar? — Eu sussurro de volta.

— Era isso que ele estava dizendo? — Alex sibila. — É hora de entrar em pânico?

— Fique atento. — diz Buck, girando para a esquerda na cadeira e apontando para a frente.

— Onde ele vai nos matar? — Alex murmura, e eu transformo minha risada em tosse.

Buck se volta com um sorriso largo e torto, mas reconhecidamente bonito.

— Família de lontras.

Um guincho muito agudo e cem por cento genuíno sai de mim quando me levanto e me inclino para ver os pequenos pedaços de pelo flutuando sobre as ondas, as patas dobradas juntas para que flutuem como um só, um rede feita de adoráveis criaturas marinhas. Alex vem para ficar atrás de mim, suas mãos leves em meus braços enquanto ele se inclina sobre mim para ver.

— Ok. — diz ele. — É hora de entrar em pânico. Isso é adorável pra caralho.

— Podemos levar um para casa? — Pergunto-lhe. — Eles falam para mim!

Depois disso, a caminhada pelas exuberantes samambaias da floresta tropical e as águas terrosas e quentes da primavera — embora incríveis — não podem ser comparadas àquela viagem de táxi aquático de compressão espinhal.

Quando tiramos nossas roupas de banho e entramos na piscina quente e nublada dentro das rochas, Alex diz:

— Vimos lontras de mãos dadas.

— O universo gosta de nós. — eu digo. — Este foi um dia perfeito.

— Uma viagem perfeita.

— Ainda não acabou. — eu digo. — Mais uma noite.

Quando o táxi aquático de Buck nos leva em segurança ao porto naquela noite, nós nos amontoamos na pequena cabana deformada pelo tempo que a empresa usa como escritório, para pagar pelo passeio.

— Onde vocês estão hospedados? — Buck pergunta enquanto pega os cupons que imprimi e digita manualmente o código em um computador.

— No outro lado da ilha. — diz Alex. — Fora de Nanoose Bay.

Os olhos azuis de Buck se erguem e se interpõem entre mim e Alex.

— Meus avós moram em Nanoose Bay.

— Parece que todos os avós da Colúmbia Britânica podem morar em Nanoose Bay. — digo, e Buck solta uma gargalhada.

— O que vocês estão fazendo *aí*? — ele pergunta. — Não é um ótimo lugar para um jovem casal.

— Oh, nós não somos... — Alex muda desconfortavelmente de um pé para o outro.

— Somos como irmãos não biológicos e não legais. — digo.

— Apenas amigos. — traduz Alex, parecendo envergonhado por mim, o que é compreensível porque posso *sentir* minhas bochechas ficarem vermelhas como uma lagosta e meu estômago revirar quando os olhos de Buck pousam em mim.

Eles voltam para Alex, e ele sorri.

— Se você não quiser dirigir de volta para o lar dos idosos esta noite, meus companheiros e eu temos um quintal, e uma barraca sobrando.

Você é bem-vindo para ficar lá. Sempre temos pessoas hospedadas conosco.

Tenho quase certeza de que Alex *não* quer dormir no chão, mas ele dá uma olhada para mim e deve ver o quanto eu estou nessa ideia — este é exatamente o tipo de impulso do momento, uma surpresa do nada que eu esperava que esta viagem trouxesse — porque ele solta um suspiro quase imperceptível e depois se volta para Buck com um sorriso fixo.

— Sim. Seria ótimo. Obrigado.

— Legal, vocês foram minha última viagem, então deixe-me fechar e podemos ir embora.

Enquanto caminhamos de volta para o cais, Alex pede o endereço para que possamos conectá-lo ao GPS.

— Não, cara. — diz Buck. — Você não precisa dirigir.

Acontece que a casa de Buck fica a apenas um curto e íngreme quarteirão do cais. Uma casa caída e acinzentada de dois andares, com uma varanda no segundo andar coberta de toalhas secas, roupas de banho e móveis dobráveis velhos. Há uma fogueira queimando no jardim da frente e, embora sejam apenas seis da tarde, há dezenas de tipos de Buck sujos reunidos em sandálias e botas de caminhada ou pés descalços com crosta de sujeira, bebendo cerveja e fazendo acro-ioga na grama, enquanto uma música toca em um par de alto-falantes com fita adesiva na varanda. Todo o lugar cheira a maconha, como se isto fosse algum tipo de *Burning Man*⁴ em miniatura de aluguel barato.

— Todo mundo — Buck chama enquanto nos conduz colina acima — estes são Poppy e Alex. Eles são de... — Ele olha por cima do ombro para mim, esperando.

— Chicago. — digo enquanto Alex diz: — Ohio.

— Ohio e Chicago. — Buck repete. As pessoas gritam saudações e batem nas cervejas, e uma garota magra e musculosa com uma blusa cortada traz uma garrafa para mim e para Alex, e Alex tenta muito não olhar para o estômago dela enquanto Buck desaparece no círculo de pessoas ao redor do fogo, dando aquele abraço de tapinhas nas costas com um punhado de pessoas.

— Bem-vindos a Tofino. — diz ela. — Eu sou Daisy⁵.

— Outra flor! — Eu digo. — Mas pelo menos eles não usam a sua para fazer ópio.

— Eu não experimentei ópio. — disse Daisy, pensativa. — Eu basicamente fico com LSD e cogumelos. Bem, e erva daninha, obviamente.

— Você já experimentou aquelas gomas de dormir? — Eu pergunto.
— Essas coisas são incríveis pra caralho.

Alex tosse.

— Obrigado pela cerveja, Daisy.

Ela pisca.

— O prazer é meu. Eu sou o comitê de boas-vindas. E o guia turístico.

— Oh, você mora aqui também? — Eu pergunto.

— Às vezes. — ela diz.

— Quem mais mora? — Alex pergunta.

— Hmm. — Daisy se vira, vasculhando a multidão e apontando vagamente. — Michael, Chip, Tara, Kabir, Lou. — Ela recolhe o cabelo escuro das costas e o puxa para um lado do pescoço enquanto continua. — Mo, Quincy às vezes; Lita está aqui há um mês, mas acho que ela vai embora em breve. Ela conseguiu um emprego como guia de rafting no Colorado — a que distância fica Chicago de lá? Você deve procurá-la se for visitá-la.

— Legal. — diz Alex. — Talvez sim.

Buck reaparece entre mim e Alex, com uma cerveja enfiada na boca, e joga um braço casual em torno de cada um de nós.

— Daisy já te deu o tour?

— Estava quase começando. — ela diz.

Mas de alguma forma, eu não acabo em um tour por esta casa encharcada. Acabo sentada em uma cadeira Adirondack de plástico rachada perto do fogo com Buck e — eu acho? — Chip e Lita-a-futura-guia-de-rafting, classificando os filmes de Nicolas Cage por vários critérios, à medida que os azuis profundos e roxos do crepúsculo se fundem com os azuis e negros mais profundos da noite, o céu estrelado parecendo se desdobrar sobre nós como um grande cobertor pontiagudo de luz.

Lita dá risada fácil, o que sempre achei que fosse um traço criminosamente subestimado, e Buck é tão descontraído que começo a ficar chapada de segunda mão só por dividir uma cadeira com ele, e então fico chapada de primeira mão quando estou compartilhando sua cerveja com ele.

— Você não ama isso? — ele pergunta ansiosamente quando dou algumas tragadas.

— Amo. — eu digo. Na verdade, acho que está tudo bem, e além do mais, se eu estivesse em outro lugar, acho que até odiaria, mas esta noite está perfeita porque *hoje* é perfeita, essa *viagem* é perfeita.

Alex volta a me ver depois de sua “turnê”, e nesse ponto, sim, estou sentada enrolada no colo de Buck com seu moletom em volta dos meus ombros frios.

Você está bem? Alex faz com a boca do outro lado do fogo.

Eu aceno. *E você?*

Ele acena de volta, e então Daisy lhe pergunta algo e ele se vira, começando a conversar com ela. Eu inclino minha cabeça para trás e olho além da mandíbula não barbeada de Buck para as estrelas acima de nós.

Acho que aguentaria se esta noite durasse mais três dias, mas eventualmente o céu está mudando de cor novamente, a névoa matinal sibilando na grama úmida enquanto o sol aparece no horizonte em algum lugar ao longe. A maior parte da multidão se foi, incluindo Alex, e

o fogo se transformou em brasas quando Buck me perguntou se eu queria entrar, e eu disse que sim.

Quase digo a ele que *entrar fala comigo*, então lembro de que não é uma piada mundial, é apenas uma das minhas e de Alex, e não quero contar ela a Buck, afinal.

Estou aliviada ao descobrir que ele tem um quarto próprio, mesmo que seja do tamanho de um armário com um colchão no chão vestido com nada além de dois sacos de dormir abertos em vez de roupa de cama. Quando ele me beija, é áspero e duro e tem gosto de maconha e cerveja, mas eu só beijei duas pessoas antes disso e uma delas era Jason Stanley, então isso ainda está indo muito bem no meu livro. Suas mãos estão confiantes, embora um pouco preguiçosas, para combinar com o resto dele, e logo estamos subindo no colchão, as mãos se agarrando nos cabelos emaranhados de água do mar, quadris travados juntos.

Ele tem um corpo bonito, eu penso, do tipo que fica mais tenso por causa de um estilo de vida ativo, com uma pequena barriga por se entregar a seus vários vícios. Não como a de Alex, que foi feita no ginásio ao longo dos anos com disciplina e cuidado. Não que o corpo de Alex não seja ótimo. Ele é ótimo.

E não há qualquer razão para comparar os dois, ou *quaisquer dois* corpos, realmente. É meio confuso que o pensamento tenha surgido na minha cabeça.

Mas é só porque Alex é o corpo de homem com o qual estou mais acostumada e também é o tipo que espero nunca tocar. Pessoas como Alex — pessoas cuidadosas, conscienciosas, em forma de ginástica e reservadas — tendem a preferir pessoas como Sarah Torval — a paixão de Alex, cuidadosa, conscienciosa e coelhinha de ioga da biblioteca.

Ao passo que pessoas como eu têm mais probabilidade de acabar beijando gente como Buck em seus colchões de chão em cima de seus sacos de dormir abertos.

Ele é todo língua e mãos, mas mesmo assim é *divertido* beijar esse quase estranho, ter permissão fervorosa e apreciativa para tocá-lo. É como prática. Prática perfeita e divertida com um cara que conheci nas férias, que não tem qualquer influência na minha vida real. Quem conhece apenas Poppy De Agora, e não precisa de mais nada.

Nós nos beijamos até sentir meus lábios machucados e nossas camisas saírem e então eu me sento, na escuridão do amanhecer, recuperando o fôlego.

— Eu não quero fazer sexo, ok?

— Oh, certo. — diz ele levemente, sentando-se contra a parede. — Isso é legal. Sem pressão.

E ele não parece sentir nenhum sinal de constrangimento sobre isso, mas ele também não me puxa de volta para si, para me beijar de novo. Ele apenas fica sentado lá por um minuto, como se estivesse esperando por algo.

— O que? — Eu digo.

— Oh. — Ele olha para a porta e depois para mim. — Eu só pensei, se você não quiser ficar...

E então eu entendo.

— Você quer que eu vá embora?

— Bem... — Ele dá uma meia risada tímida (ou tímida para ele, pelo menos) que ainda soa meio latida. — Quer dizer, se nós não vamos fazer sexo, então eu posso...

Ele para de falar, e agora minha própria risada me pega de surpresa.

— Você vai ficar com outra pessoa?

Ele parece genuinamente preocupado quando diz:

— Isso faz você se sentir mal?

Eu fico olhando para ele por três segundos inteiros.

— Olha, se você quisesse fazer sexo, você ficaria, tipo... Eu gostaria. Tipo, eu definitivamente quero. Mas já que você não quer... Você está zangada?

Eu comecei a rir.

— Não. — eu digo, puxando minha camisa de volta. — Na verdade, realmente não estou brava. Agradeço a honestidade.

E eu quero dizer isso. Porque este é apenas Buck, um cara que conheci nas férias, e considerando tudo, ele tem sido um cavalheiro.

— Ok, legal. — ele diz, e mostra aquele sorriso descontraído dele, que quase brilha no escuro. — Estou feliz que estamos bem.

— Estamos bem. — eu concordo. — Mas ... você disse algo sobre uma barraca?

— Oh, certo. — Ele bate a mão na testa. — A vermelha e preta na frente é toda para você, garota.

— Obrigado, Buck. — eu digo, e me levanto. — Por tudo.

— Ei, espere um segundo. — Ele se inclina e pega uma revista do chão ao lado do colchão, procura por uma caneta, então rabisca algo na borda branca de uma página e a rasga. — Se você voltar à ilha — diz ele — não fique na vizinhança dos meus avós, certo? Apenas venha ficar aqui. Sempre temos espaço.

Com isso, eu saio de casa, passando por quartos que já estão — ou ainda — tocando música e portas através das quais emanam suspiros e gemidos suaves.

Lá fora, desço os degraus orvalhados da varanda e sigo para a barraca vermelha e preta. Tenho quase certeza de que vi Alex desaparecer dentro de casa com Daisy horas atrás, mas quando abro o zíper da barraca, ele está dormindo profundamente. Eu cuidadosamente rastejo para dentro, e quando me deito ao lado dele, ele mal abre os olhos inchados de sono e diz:

— Ei.

— Ei. — eu digo. — Desculpe acordá-lo.

— Tudo bem. — ele diz. — Como foi sua noite?

— Ok. — digo a ele. — Eu fiquei com Buck.

Seus olhos se arregalam por um segundo antes de encolher de volta para lascas sonolentas cor de avelã.

— Uau. — ele resmunga, em seguida, tenta engolir uma fagulha de riso sonolento. — As cortinas combinavam?

Rindo, dou um empurrão em sua perna com o pé.

— Eu não te disse para que você pudesse zombar de mim.

— Ele disse a você o que estava dizendo o tempo todo no táxi aquático? — Alex pergunta através de outra gargalhada. — Quantas pessoas estavam na rede com você?

Eu começo a rir tanto que há lágrimas escorrendo do canto dos meus olhos.

— Ele... me deu um pé na bunda... — É difícil pronunciar as palavras entre gargalhadas, mas, eventualmente, consigo: — ... me expulsou quando eu disse a ele que não queria fazer sexo.

— Oh meu Deus. — diz Alex, sentando-se sobre o cotovelo, o saco de dormir caindo de seu peito nu e seu cabelo dançando em ondas bagunçadas. — Que idiota.

— Não. — eu digo. — Tudo bem. Ele só queria conseguir um pouco, e se não de mim, há facilmente mais quatrocentas garotas nesse meio acre de floresta submersa.

Alex se joga de volta no travesseiro.

— Sim, bem, eu ainda acho que isso é uma merda.

— Falando em garotas. — eu digo, sorrindo.

— Nós ... não estávamos? — Alex diz.

— Você ficou com Daisy?

Ele revira os olhos.

— Você *acha* que eu fiquei com a Daisy?

— Até você dizer assim, sim.

Alex ajusta o braço sob o travesseiro.

— Daisy não é meu tipo.

— Verdade. — eu digo. — Ela não é nada como Sarah Torval.

Alex revira os olhos novamente e os fecha completamente.

— Vá dormir, esquisita.

Através de um bocejo, eu digo:

— O sono fala comigo.

Este Verão

HÁ MUITAS espreguiçadeiras vazias disponíveis na piscina do complexo Desert Rose — todos estão na água — então Alex e eu levamos nossas toalhas para duas no canto.

Ele estremece ao se sentar.

— O plástico está quente.

— Está tudo quente. — Eu me jogo ao lado dele e tiro meu agasalho. — Que porcentagem dessa piscina você acha que é xixi agora? — Eu pergunto, inclinando minha cabeça para o bando de bebês usando chapéus de sol espirrando nas escadas com seus pais.

Alex faz uma careta.

— Não diga isso.

— Por que não?

— Porque está tão quente que vou entrar na água de qualquer maneira, e não quero pensar nisso. — Ele desvia o olhar enquanto tira a camiseta branca sobre a cabeça, depois a dobra e torce para colocá-la no chão atrás dele, os músculos se tensionando ao longo de seu peito e estômago no processo.

— Como você ficou mais sarado? — Eu pergunto.

— Eu não fiquei. — Ele puxa o protetor solar da minha bolsa de praia e coloca um pouco em sua mão.

Eu olho para a minha própria barriga, pairando sobre o laranja forte do meu biquíni. Nos últimos anos, meu estilo de vida de coquetéis de avião, burritos noturnos, gyros⁶ e macarrão começou a me encher e me amolecer.

— Tudo bem — eu digo a Alex — então você parece exatamente o mesmo, enquanto o resto de nós está começando a cair nos olhos, nos seios e no pescoço, e ter cada vez mais estrias, marcas de pústulas e cicatrizes.

— Você realmente quer se parecer com o seu eu de dezoito anos? — ele pergunta, e começa a espalhar grandes gotas de protetor solar nos braços e no peito.

— Sim. — Pego a garrafa de protetor e coloco um pouco nos ombros.

— Mas eu me contentaria com vinte e cinco.

Alex balança a cabeça, então inclina-se enquanto aplica mais protetor solar em seu pescoço.

— Você está melhor do que naquela época, Poppy.

— Mesmo? Porque a seção de comentários no meu Instagram discordaria. — eu digo.

— Isso é tudo besteira. — diz ele. — Metade das pessoas no Instagram nunca viveu em um mundo onde todas as fotos não são editadas. Se eles te vissem na vida real, eles desmaiariam. Meus alunos são obcecados por uma 'modelo do Instagram' que é completamente CGI. Esta garota animada. Literalmente se parece com um personagem de videogame, e cada vez que a conta posta, todos eles surtam sobre como ela é bonita.

— Oh, sim, eu conheço essa garota. — eu digo. — Quer dizer, eu não a *conheço*. Ela não é real. Mas eu conheço a conta. Às vezes eu desço em buracos de coelho profundos lendo os comentários. Ela tem uma rivalidade com outra modelo CGI — você quer que eu passe em suas costas?

— O que? — Ele olha para cima, confuso.

Eu levanto o frasco de protetor solar.

— Suas costas? Está voltada para o sol agora.

— Oh. Sim. Obrigado. — Ele se vira e abaixa a cabeça, mas ele ainda é alto o suficiente para que eu tenha que me sentar de joelhos para conseguir o ponto entre suas omoplatas. — De qualquer maneira. — Ele limpa a garganta. — As crianças sabem que fico seriamente enojado com tudo isso, então eles sempre tentam me enganar para olhar as fotos daquela garota falsa, apenas para me provocar. Isso meio que me faz sentir mal por fazer aquela cara de cachorro triste com você todos esses anos.

Minhas mãos ficam quietas em seus ombros quentes e sardentos de sol, meu estômago aperta.

— Eu ficaria triste se você parasse de fazer isso.

Ele olha por cima do ombro para mim, seu perfil projetado em uma sombra azul fria enquanto o sol o atinge do outro lado. Por um milésimo de segundo, sinto a vibração de sua proximidade, da sensação dos músculos de seus ombros sob minhas mãos, a forma como sua colônia se mistura com a doçura de coco do protetor solar e a forma como seus olhos castanhos fixam-se em mim com firmeza.

É um milissegundo que pertence aos outros cinco por cento — o *e se*. Se eu me inclinasse e o beijasse por cima do ombro, deslizasse seu lábio inferior entre meus dentes, torcesse minhas mãos em seus cabelos até que ele se virasse e me puxasse para seu peito.

Mas não há mais espaço para esse *e se*, e eu sei disso. Acho que ele também sabe, porque limpa a garganta e desvia o olhar.

— Quer que eu passe em suas costas também?

— Mm-hm. — eu consigo dizer, e nós dois nos viramos de novo de forma que agora ele está de frente para minhas costas, e todo o tempo que suas mãos estão em mim, eu estou ativamente tentando não registrar isso. Tentando não sentir algo mais quente do que o sol de

Palm Springs se acumulando atrás do meu umbigo enquanto suas palmas me acariciam suavemente.

Não importa que haja bebês gritando, pessoas rindo e pré-adolescentes se atirando de canhão em espaços muito pequenos na piscina. Não há estímulos suficientes nesta piscina movimentada para me distrair, então passo para um plano B formado apressadamente.

— Você sempre fala com Sarah? — Eu deixo escapar, minha voz mais alta do que o normal.

— Hum. — As mãos de Alex se levantam de mim. — Às vezes. A propósito, você está pronta.

— Legal. Obrigada. — Eu me viro e volto para a minha espreguiçadeira, colocando um bom pé de espaço entre nós. — Ela ainda dá aula em East Linfield? — Com a competitividade dos empregos docentes hoje em dia, parecia um sonho quando os dois encontraram empregos na mesma escola e voltaram para Ohio. Então eles se separaram.

— Aham. — Ele enfia a mão na minha bolsa e tira as garrafas de água que enchemos com as raspadinhas de margarita pré-preparadas que compramos na CVS. Ele me entrega uma delas. — Ela ainda está lá.

— Então vocês devem se ver muito. — eu digo. — Isso é estranho?

— Não, na verdade não. — ele fala.

— Vocês realmente não se veem muito ou não é realmente estranho?

Ele ganha algum tempo com um longo gole na garrafa de água.

— Uhh, acho que os dois.

— Ela... ela está saindo com alguém? — Eu pergunto.

— Por que? — Alex diz. — Eu não achei que você gostasse dela.

— Sim. — eu digo, constrangimento correndo em minhas veias como uma droga de efeito rápido. — Mas você gostou, então eu quero ter certeza de que você está bem.

— Estou bem. — ele diz, mas parece desconfortável, então eu deixo de lado.

Sem falar sobre Ohio, sem falar sobre o corpo ridiculamente em forma de Alex, sem olhá-lo bem nos olhos a menos de quinze centímetros de distância e sem mencionar Sarah Torval.

Eu posso fazer isso. Provavelmente.

— Devemos entrar na água? — Eu pergunto.

— Claro.

Mas, à medida que abrimos nosso caminho através da manada de bebês para descer os degraus caiados da piscina, rapidamente fica claro que *essa* não é a solução para o incômodo que existe entre nós. Por um lado, a água, com todos os muitos corpos de pé (e potencialmente urina) nela, parece quase tão quente quanto o ar e de alguma forma ainda mais desagradável.

Por outro lado, é tão lotado que temos que ficar tão perto que os dois terços superiores de nossos corpos estão quase se tocando. Quando um homem atarracado com um chapéu de camuflagem passa por mim, eu

colido com Alex e um raio de pânico chia através de mim ao sentir sua barriga lisa contra a minha. Ele me pega pelos quadris, ao mesmo tempo me firmando e me afastando, de volta ao meu lugar de direito a dois centímetros de distância dele.

— Você está bem? — ele pergunta.

— Mm-hm. — digo, porque tudo que posso realmente focar é na maneira como suas mãos se espalham sobre os ossos do meu quadril. Espero que haja muito disso nesta viagem. Os *mm-hm*, não as gigantescas mãos de Alex em meus quadris.

Ele me solta e estica o pescoço por cima do ombro, olhando para as nossas espreguiçadeiras.

— Talvez devêssemos apenas ler até que esteja menos lotado. — sugere ele.

— Boa ideia. — Eu o sigo em um caminho em zigue-zague de volta aos degraus da piscina, ao cimento escaldante, às toalhas muito curtas estendidas nas espreguiçadeiras, onde nos deitamos para esperar. Ele pega um romance de Sarah Waters, que termina, depois segue com um livro de Augustus Everett. Pego a última edição da *R + R*, planejando pular tudo *que não* escrevi. Talvez eu encontre uma centelha de inspiração que possa levar para Swapna para que ela não fique com raiva de mim.

Finjo ler por duas horas suadas e a piscina nunca se esvazia.

• • •

Assim que abrimos a porta do apartamento, sei que as coisas vão piorar.

— Que diabos. — diz Alex, me seguindo para dentro. — Ficou mais *quente*?

Corro até o termostato e leio os números iluminados ali.

— Oitenta e *dois*?!

— Talvez estejamos forçando muito? — Alex sugere, vindo para ficar ao meu lado.

— Vamos ver se conseguimos voltar para oitenta, pelo menos.

— Eu sei que oitenta é, tecnicamente falando, melhor do que oitenta e dois, Alex — eu digo — mas ainda vamos nos matar se tivermos que dormir em um calor de oitenta graus.

— Devemos chamar alguém? — Alex pergunta.

— Sim! Definitivamente, devemos chamar alguém! Bem pensado! — Eu vasculho a bolsa de praia em busca do meu telefone, e procuro no meu e-mail o número de telefone do anfitrião. Eu cliço em chamar, e ele toca três vezes antes de uma voz rouca e enfumaçada surgir na linha.

— Sim?

— Nikolai?

Dois segundos de silêncio.

— Quem é?

— É Poppy Wright. Vou ficar no 4B?

— OK.

— Estamos tendo problemas com o termostato.
Três segundos de silêncio desta vez.
— Você tentou pesquisar no Google?
Eu ignoro a pergunta e sigo em frente.
— Estava ajustado para oitenta graus quando chegamos aqui.
Tentamos diminuir para setenta duas horas atrás e agora está a oitenta e dois.
— Oh, sim. — diz Nikolai. — Você está pressionando muito.
Acho que Alex pode ouvir o que Nikolai está dizendo, porque ele balança a cabeça, tipo, *Eu te disse*.
— Então... não pode aguentar... ir mais frio do que setenta e oito? —
Eu digo. — Porque isso não estava na postagem, nem estava a construção fora do...
— Só pode abaixar um grau de cada vez, querida. — diz Nikolai com um suspiro aborrecido. — Você não pode simplesmente empurrar um termostato para setenta graus! E quem mantém um apartamento a setenta graus de qualquer forma?
Alex e eu trocamos um olhar.
— Sessenta e sete. — ele sussurra.
Sessenta e cinco, eu murmuro, gesticulando para mim mesma.
— Nós vamos—
— Olha, olha, olha, querida. — Nikolai me interrompe novamente. —
Reduza para oitenta e um. Quando chegar a oitenta e um, diminua para oitenta. Então diminua para setenta e nove, e quando chegar a setenta e nove, você define para setenta e oito. E quando fizer setenta e oito...
— Vá em frente e apenas corte sua própria cabeça. — Alex sussurra, e eu puxo o telefone para longe de mim antes que o Nikolai me ouça rir.
Eu o arrasto de volta para minha bochecha, e Nikolai *ainda* está explicando como contar regressivamente a partir de oitenta e dois.
— Entendi. — eu digo. — Obrigado.
— Sem problemas. — Nikolai diz com outro suspiro. — Tenha uma boa estadia, querida.
Quando desligo, Alex volta para o termostato e diminui para oitenta e um.
— Aqui vai, literalmente, nada.
— Se não conseguirmos fazer funcionar... — Eu paro quando toda a força da nossa situação me atinge. Eu ia dizer que, se não conseguíssemos fazer funcionar, eu simplesmente reservaria um quarto de hotel com o cartão $R + R$.
Mas é claro que não podemos.
Eu poderia colocá-lo em meu *próprio* cartão de crédito, mas, vivendo em Nova York, em um apartamento muito-bom-para-mim, eu não tenho *realmente* uma tonelada de renda para isso. As vantagens do meu trabalho são, sem dúvida, a maior forma de renda. Eu poderia tentar conseguir um quarto para nós por meio de uma negociação publicitária, mas tenho negligenciado minhas mídias sociais e blogs, e não tenho

certeza se ainda tenho influência suficiente. Além disso, muitos lugares não fazem isso com influenciadores. Alguns vão até capturar imagens de seus pedidos de e-mail e publicá-los online para envergonhar você. Não é como se eu fosse George Clooney. Sou apenas uma garota que tira fotos bonitas — talvez consiga um desconto para nós; um quarto grátis é improvável.

— Vamos descobrir alguma coisa. — diz Alex. — Você quer tomar banho primeiro, ou devo eu?

Posso dizer pela maneira como ele mantém os braços ligeiramente afastados do corpo, que está desesperado para ficar limpo. E se ele pular no chuveiro agora, talvez eu até consiga baixar a temperatura alguns graus enquanto isso.

— Vá em frente. — digo a ele, e ele foge.

O tempo todo em que ouço a água correndo, fico andando de um lado para o outro. Da pseudo-cama dobrável à varanda envolta em plástico e ao termostato. Finalmente, cai para oitenta e um, e eu reajusto a temperatura para oitenta e continuo andando.

Depois de decidir documentar isso para que eu possa relatar para o Airbnb e tentar obter algum dinheiro de volta, eu tiro fotos da cadeira-cama e da varanda — a construção no andar de cima misericordiosamente cessou por hoje, então pelo menos está quieto, assim como o zumbido das conversas e respingos de água subindo da piscina — então volto para o termostato, baixando para oitenta graus agora, e depois tirando uma foto disso também.

Assim que estou ajustando a temperatura para setenta e nove, o chuveiro desliga, então coloco minha mala na cadeira dobrável, abro o zíper da bolsa e começo a vasculhar por algo leve para vestir no jantar.

Alex sai do banheiro em uma nuvem de vapor com uma toalha enrolada na cintura, uma mão prendendo-a no quadril enquanto a outra passa pelo cabelo molhado, deixando-o espetado e bagunçado.

— Sua vez. — diz ele, mas levo um segundo para calcular através da névoa de seu torso longo e esguio, e a saliência afiada do osso do quadril esquerdo.

Por que é tão diferente ver alguém de toalha do que de maiô? Trinta minutos atrás, Alex estava tecnicamente mais nu do que isso, mas agora, as linhas suaves de seu corpo parecem mais escandalosas. Sinto como se todo o sangue do meu corpo estivesse apenas subindo à superfície, pressionando contra a minha pele para que cada centímetro de mim ficasse mais alerta.

Nunca costumava ser assim.

Tudo isso por causa da Croácia.

Maldito seja você e suas lindas ilhas, Croácia!

— Poppy? — Alex pergunta.

— Mm-hm. — eu digo, então lembro de pelo menos adicionar — Sim.

— Eu giro de volta para minha bolsa e pego um vestido, sutiã e calcinha aleatoriamente. — OK. O quarto é todo seu.

Corro para o banheiro cheio de vapor e fecho a porta enquanto tiro a parte de cima do meu biquíni e congelo, atordoada com a visão de uma enorme cápsula de vidro tingido de azul que ocupa a totalidade de uma parede, completa com um assento reclinado *nesse lado*, como se fosse algum tipo de chuveiro *coletivo* dos *Jetsons*.

— Ai meu Deus. — Isso, tenho certeza, não estava nas fotos. Na verdade, toda esta sala está irreconhecível daquela no site, transformada dos sutis tons de cinza praianos para o azul brilhante e branco estéril da visão hipermoderna diante de mim.

Pego uma toalha da prateleira, envolvo-me com ela e abro a porta.

— Alex, por que você não disse nada sobre...

Alex agarra sua toalha e puxa em torno de si, e eu faço o meu melhor absoluto para pegar onde minha frase tropeçou e fingir que isto não aconteceu.

— ... o banheiro de nave espacial?

— Achei que você soubesse. — diz Alex, com a voz rouca. — Você reservou este lugar.

— Eles devem ter se remodelado desde que as fotos foram tiradas. — eu digo. — Como você descobriu como fazer aquela coisa funcionar?

— Honestamente — diz Alex — a coisa mais difícil foi arrancar o controle do sistema de inteligência artificial estilo *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Depois disso, foi porque eu continuei misturando os controles do sexto chuveiro com os do massager de pés.

É o suficiente para quebrar a tensão. Eu me desfaço em gargalhadas e ele também, e deixa de ter tanta importância que estamos parados aqui em nossas toalhas.

— Este lugar é o purgatório. — eu digo. Tudo é bom o suficiente para tornar as questões ainda mais evidentes.

— Nikolai é um sádico. — concorda Alex.

— Sim, mas ele é um sádico com um banheiro de nave espacial. — Eu me inclino para trás no banheiro para estudar o chuveiro multi-assentos de várias cabeças novamente.

Eu explodi em outro ataque de riso e me inclinei para trás, para encontrar Alex parado ali, sorrindo. Ele vestiu uma camiseta sobre a parte superior do corpo úmida, mas não se arriscou a trocar a toalha.

Eu volto para o banheiro.

— Ok, vou deixá-lo dançar nu pelo apartamento com privacidade agora. Use seu tempo com sabedoria.

— É isso o que você faz? — Alex liga. — Dançar pelada pelo apartamento sempre que estou no outro cômodo? Você faz, não é?

Eu me viro enquanto fecho a porta.

— Você gostaria de saber, Porny Alex?

Nove Verões Atrás

APESAR DO FATO de que Alex passou todos os momentos livres do primeiro ano fazendo turnos na biblioteca (e, portanto, passei todos os momentos livres sentada no chão atrás da mesa de referência, comendo Twizzlers e provocando-o sempre que Sarah Torval timidamente passava por ali), não há dinheiro para uma grande viagem de verão este ano.

Seu irmão mais novo vai começar a faculdade comunitária no ano que vem, sem muita ajuda financeira, e Alex, sendo um santo entre meros homens, está canalizando toda a sua renda para as mensalidades de Bryce.

Quando ele me deu a notícia, Alex disse:

— Eu entendo se você quiser ir para Paris sem mim.

Minha resposta foi instantânea.

— Paris pode esperar. Em vez disso, vamos visitar a Paris da América. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Qual é?

— Duh — eu disse. — Nashville.

Ele riu, encantado. Eu gostava de encantá-lo, *vivia* para isso. Eu tive tanta pressa em fazer aquele rosto estoico rachar, e ultimamente não tinha acontecido o suficiente.

Nashville fica a apenas quatro horas de carro de Linfield e, milagrosamente, o carro de Alex ainda está funcionando. Então é Nashville.

Quando ele me pega na manhã de nossa viagem, ainda estou fazendo as malas e papai o faz sentar e responder a uma série de perguntas aleatórias, enquanto eu termino. Nesse meio tempo, mamãe entra no meu quarto com algo escondido atrás das costas, cantando.

— Oiiii, querida.

Levanto os olhos da explosão de roupas coloridas na minha bolsa.

— Oiii?

Ela se empoleira na minha cama, as mãos ainda escondidas.

— O que você está fazendo? — Eu digo. — Você está algemada agora? Estamos sendo assaltados? Pisque duas vezes se você não puder dizer nada.

Ela traz a caixa para frente. Eu imediatamente solto um grito e bato na sua mão.

— Poppy! — ela chora.

— Poppy?! — Eu exijo. — Nada de *Poppy! Mamãe!* Por que você está carregando por aí uma caixa de preservativos nas costas?

Ela se curva e o pega. Não foi aberto (felizmente?), então nada vazou.

— Achei que é hora de conversarmos sobre isso.

— Uh-uh. — Eu balancei minha cabeça. — São nove e vinte da manhã. *Não é* hora de falar sobre isso.

Ela suspira e coloca a caixa em cima da minha mochila cheia demais.

— Eu só quero que vocês, crianças, estejam seguros. Você tem *muito* pela frente. Queremos que todos os seus sonhos mais selvagens se tornem realidade, querida!

Meu coração dispara. Não porque minha mãe está insinuando que Alex e eu estamos fazendo sexo — agora que me ocorreu, é claro que é o que ela pensa —, mas porque sei que ela está defendendo a importância de terminar a faculdade, que ainda não disse a ela que não pretendo fazer.

Só disse a Alex que não voltarei no ano que vem. Estou esperando para contar aos meus pais até depois da viagem, para que nenhuma grande explosão a impeça de acontecer.

Meus pais me dão muito apoio, mas em parte porque os dois queriam ir para a faculdade e nenhum deles tinha apoio para isso. Eles sempre presumiram que qualquer sonho que eu pudesse ter seria ajudado por ter um diploma.

Mas, ao longo do ano letivo, a maior parte dos meus sonhos e energia foram dedicados a viagens: viagens de fim de semana e passagens curtas durante as férias escolares — geralmente por conta própria, mas às vezes com Alex (acampar, porque é o que podemos pagar), ou com minha colega de quarto, Clarissa, ela era tipo uma hippie rica que conheci em uma reunião informativa sobre programas de estudos no exterior no final do ano passado (visitas às casas separadas de seus pais no lago). Ela vai começar o ano que vem — o *último ano* — em Viena, e obter os créditos de história da arte por isso, mas quanto mais eu considerava qualquer um desses programas, menos interesse eu tinha.

Não *quero* ir para a Austrália apenas para passar o dia todo em uma sala de aula, e não quero acumular milhares de dívidas apenas para ter uma experiência acadêmica em Berlim. Para mim, viajar significa *vagar*, encontrar pessoas que você não espera, fazer coisas que você nunca fez. Além disso, todas aquelas viagens de fim de semana começaram a dar frutos. Eu virei blogueira há apenas oito meses e já tenho alguns milhares de seguidores nas redes sociais.

Quando descobri que falhei em meus requisitos gerais de ciências biológicas e, portanto, precisaria de um semestre extra para me formar, essa foi a gota d'água.

E vou contar tudo isso aos meus pais e, de alguma forma, vou encontrar uma maneira de fazê-los entender que a escola não é a certa para mim como é para pessoas como Alex. Mas *hoje* não é esse dia. Hoje,

estamos indo para Nashville, e depois do último semestre, tudo que eu quero é me soltar.

Só não da maneira que minha mãe está insinuando.

— Mãe. — eu digo. — Eu *não* estou fazendo sexo com Alex.

— Você não precisa me dizer nada. — ela responde com um aceno de cabeça frio, calmo e controlado, embora dessa maneira saia completamente pela janela quando ela continua: — Eu só preciso saber que você está sendo responsável. Oh meu Deus, eu não posso acreditar como você está crescendo! Só de pensar nisso está me deixando com lágrimas. Mas você ainda tem que ser responsável! Tenho certeza que você é, no entanto. Você é uma garota tão esperta! E você sempre se conheceu. Estou tão orgulhosa de você, querida.

Estou sendo mais responsável do que ela imagina. Embora eu tenha ficado com alguns caras diferentes no ano passado, e feito mais do que isso com um, eu ainda permaneci bem segura na pista lenta. Quando eu admiti isso para Clarissa durante uma viagem à casa do lago de sua mãe na margem oposta do Lago Michigan, seus olhos se arregalaram como se ela estivesse olhando para uma piscina de vidência, e ela disse daquele jeito arejado dela:

— O que você está esperando?

Eu apenas dei de ombros. A verdade é que não tenho certeza. Eu só acho que saberei quando vir isso.

Às vezes acho que estou sendo muito prática, o que não é algo de que já fui acusada, mas com isso, às vezes sinto que estou esperando as circunstâncias perfeitas para uma primeira vez.

Outras vezes, acho que pode ter algo a ver com Porny Poppy. Depois de tudo isso, sou incapaz de me perder em um momento, em uma pessoa.

Talvez eu só precise tomar uma decisão, escolher alguém de uma lista de paqueras vagas que estou abrigando por alguns dos caras que Alex e eu encontramos regularmente nas festas. Pessoas do departamento de inglês com ele, ou do departamento de comunicações comigo, ou qualquer outro personagem que ocorre regularmente em nossas vidas.

Mas, por agora, estou mantendo a esperança, esperando por aquele momento mágico em que se sentir bem com uma pessoa em particular.

Essa pessoa *não* vai ser Alex.

Na verdade, se eu fosse apenas escolher alguém, provavelmente seria. Eu seria direta com ele, explicaria o que eu queria fazer e por quê, e provavelmente insistiria que nós dois assinássemos algo com sangue dizendo que isso aconteceria apenas uma vez e que nunca mais falaríamos sobre isso.

Mas, mesmo se tratando disso, eu faço um voto silencioso e solene agora, *não* vou usar um preservativo da caixa que a minha mãe enfiou na minha mala.

— Eu realmente juro para você que não preciso disso. — eu digo.

Ela se levanta e dá um tapinha na caixa.

— Talvez não agora, mas por que não tê-los? Só no caso de precisar. Além disso, você está com fome? Eu tenho biscoitos no forno e — droga, esqueci de ligar a máquina de lavar louça.

Ela sai correndo do quarto, eu termino de arrumar as malas e arrasto minha bolsa escada abaixo. Mamãe está na ilha, cortando bananas flambadas para fazer pão de banana enquanto os biscoitos esfriam, e Alex está sentado daquele jeito muito rígido ao lado de meu pai.

— Pronto? — Eu digo, e ele pula do banco como se *eu tivesse nascido pronto para não sentar ao lado de seu pai tão intimidador*.

— Sim. — Ele esfrega as mãos na parte da frente da calça. — Sim. — É nessa hora que ele nota a caixa de preservativos debaixo do meu braço.

— Isto? — Eu digo. — São apenas quinhentos preservativos que minha mãe me deu para o caso de começarmos a transar.

O rosto de Alex fica vermelho.

— Poppy! — Mamãe chora.

Papai olha por cima do ombro, horrorizado.

— Desde quando vocês dois estão romanticamente envolvidos?

— Eu não... Nós não... fazemos isso, senhor. — Alex tenta.

— Aqui, você vai levar isso para o carro, pai? — Eu os jogo sobre a ilha para ele. — Meu braço está ficando cansado de segurá-la. Esperançosamente, nosso hotel tem aqueles carrinhos de bagagem grandes.

Alex ainda não está olhando para o papai.

— Nós realmente não somos...

Mamãe enfia as mãos nos quadris.

— Isso era para ser privado. Olha, você está o envergonhando. Não o envergonhe, Poppy. Não tenha vergonha, Alex.

— Nunca seria privado por muito tempo. — eu digo. — Se essa caixa não couber no porta-malas, teremos que prendê-la no topo do carro.

Papai coloca a caixa na mesa lateral e começa a ler o lado dela com uma ruga na testa.

— São *realmente* feitos de pele de cordeiro? Eles são reutilizáveis?

Alex não consegue esconder seu estremecimento.

Mamãe diz:

— Eu não tinha certeza se algum deles era alérgico ao látex!

— Ok, temos que pegar a estrada. — eu digo. — Venha nos dar um abraço de despedida. Na próxima vez que você nos vir, você pode ser avô... — Eu digo, parando de esfregar minha barriga significativamente quando vejo a expressão no rosto de Alex. — Estou brincando! Nós somos apenas amigos. Tchau mãe. Tchau, pai!

— Oh, você vai se divertir muito. Mal posso esperar para ouvir todos os detalhes. — Mamãe sai de trás do balcão e me puxa para um abraço. — Comporte-se bem. — diz ela. — E não se esqueça de ligar para seus irmãos quando chegar lá! Eles estão desesperados para ter notícias de você!

Por cima do ombro eu murmuro para Alex, *desesperada*, e ele finalmente abre um sorriso.

— Amo você, garota. — Papai desce do banquinho para me dar um aperto. — Você cuide do meu bebezinho, ok? — ele diz a Alex antes de puxá-lo para um abraço que o assusta de novo toda vez que acontece. — Não a deixe ficar noiva de um cantor country ou quebrar o pescoço em um touro mecânico.

— Claro. — diz Alex.

— Veremos. — eu digo, e então eles nos levam para fora - a caixa de preservativos deixada em segurança na bancada - e acenam para nós enquanto voltamos para a garagem, e Alex sorri e acena de volta até que finalmente estamos fora vista, ponto em que ele olha para mim e diz categoricamente:

— Estou muito bravo com você.

— Como posso compensar você? — Eu pisquei meus cílios como um gato de desenho animado sexy.

Ele revira os olhos, mas um sorriso torce no canto de sua boca quando seus olhos voltam para a estrada.

— Por um lado, você está *definitivamente* montando um touro mecânico.

Chuto meus pés para cima do painel, exibindo orgulhosamente as botas de cowgirl que encontrei em um brechó algumas semanas atrás.

— Bem à sua frente.

Seus olhos deslizam para mim, descem pelas minhas pernas para o couro vermelho brilhante.

— E isso deveria mantê-la em um touro mecânico *como*?

Eu clico meus saltos juntos.

— Eles não são. Eles só deveriam encantar o belo cantor country no bar para me tirar do tapete e me jogar em seus braços de fazendeiro.

— Fanfarrão de fazenda. — Alex bufa, não impressionado com a ideia.

— Diz o Fanfarrão do Ginásio. — provoco.

Ele franze a testa.

— Eu faço exercícios para a minha ansiedade.

— Sim, tenho certeza de que você não poderia se importar menos com esse corpo lindo. É acidental.

Sua mandíbula lateja e seus olhos se fixam na estrada novamente.

— Gosto de ter uma boa aparência. — diz ele em uma voz que insinua um outro: *Isso é um crime?*

— Eu também. — Eu deslizo um dos meus pés ao longo do painel até que minha bota vermelha esteja em seu campo de visão. — Obviamente.

Seu olhar se desloca por cima da minha perna até o console do meio, onde o cabo auxiliar fica em um loop perfeito.

— Aqui. — Ele o entrega para mim. — Por que você não nos ajuda a começar?

Hoje em dia, sempre revezamos para escolher as músicas que irão tocar no carro, mas Alex sempre me dá a primeira chance, porque ele é

Alex, e ele é o melhor.

Insisto em uma lista de reprodução para todos os países durante a viagem. A minha é povoada por Shania Twain, Reba McEntire, Carrie Underwood e Dolly Parton. Ele é todo Patsy Cline, Willie Nelson, Glen Campbell, Johnny Cash, e uma ajuda de Tammy Wynette e Hank Williams.

Encontramos o hotel em Groupon meses atrás, e é um daqueles lugares cafonas, único com um letreiro rosa néon (um chapéu de cowboy balançando em cima da palavra FÉRIAS) que faz o apelido “Nashvegas” finalmente fazer sentido para mim.

Nós verificamos e levamos nossas coisas para dentro. Cada quarto tem um tema vagamente inspirado em um músico famoso de Nashville. O que significa que há fotos emolduradas deles por todo o quarto, e os mesmos edredons florais hediondos e lãs densas em tons de bege em todas as camas. Tentei solicitar o quarto de Kitty Wells, mas, aparentemente, quando você reserva pelo Groupon, você não escolhe.

Estamos na sala de Billy Ray Cyrus.

— Você acha que ele é pago por isso? — Pergunto a Alex, que está puxando a roupa de cama para verificar se há percevejos na parte inferior dos colchões.

— Duvido. — diz ele. — Talvez lhe tenham enviado um iogurte congelado Groupon ou algo assim. — Ele puxa as cortinas e olha para o letreiro de néon piscando. — Eles fazem quartos por hora aqui? — ele diz com ceticismo.

— Realmente não importa — eu digo — já que deixei a caixa de preservativos em casa.

Ele estremece e cai em uma das camas, satisfeito por estar livre de insetos.

— Se eu não tivesse *testemunhado* isso, seria realmente tranquilo.

— *Eu* ainda teria que testemunhar isso, Alex. *Eu* não importo?

— Sim, mas você é filha dela. O mais perto que meu pai chegou de nos dar uma conversa sobre sexo foi deixar um livro sobre pureza em cada uma de nossas camas por volta da época em que completamos treze anos. Achei que me masturbar causasse câncer até eu ter, tipo, dezesseis anos.

Meu peito aperta com força. Às vezes, esqueço o quão difícil foi para Alex. Sua mãe morreu de complicações durante o nascimento de David, e o Sr. Nilsen e os quatro meninos Nilsen estão sem esposa e sem mãe desde então. Seu pai finalmente namorou uma mulher de sua igreja no ano passado, mas eles se separaram depois de três meses, e embora o Sr. Nilsen tenha sido quem terminou, ele ainda estava tão arrasado que Alex teve que dirigir para casa da escola no meio da semana para fazê-lo superar isso.

Alex é para quem seus irmãos ligam também, quando algo dá errado. A rocha emocional.

Às vezes acho que é por isso que somos tão atraídos um pelo outro. Porque ele está acostumado a ser o irmão mais velho firme e eu a ser a

irmã mais nova chata. É uma dinâmica que entendemos: eu o provooco com amor; ele faz com que o mundo inteiro se sinta mais seguro para mim.

Esta semana, porém, não vou precisar de nada dele. É minha missão ajudar Alex a se soltar, trazer o Alex Doido de volta do Alex Excesso de Trabalho e Hiperfocado.

— Sabe — digo, sentando-me na cama — se você quiser pedir alguns pais arrogantes, os meus são obcecados por você. Quero dizer, claramente. Minha mãe quer que eu perca minha virgindade com você.

Ele se apoia nas mãos, inclinando a cabeça.

— Sua mãe acha que você não fez sexo?

Eu recuso.

— Eu *não* fiz sexo. Achei que você soubesse disso. — Parece que falamos de tudo, mas eu acho que há ainda alguns lugares que ainda não fomos.

— Não. — Alex tosse. — Quer dizer, eu não sei. Você saiu de algumas festas com outras pessoas.

— Sim, mas nunca acontece nada sério. Não é como se eu tivesse namorado nenhum deles.

— Eu pensei que era só porque você não queria, tipo, namorar.

— Eu acho que não. — eu digo. Ou pelo menos não até agora. — Não sei. Acho que só quero que seja especial. Não que tenha que ser lua cheia e nós estarmos em um jardim de rosas ou algo assim.

Alex estremece.

— Sexo no exterior não é o que parece ser.

— Seu pequeno atrevido! — Eu choro. — Você está se escondendo de mim.

Ele encolhe os ombros, as orelhas ficando vermelhas.

— Eu realmente não falo sobre isso. Com ninguém. Como se apenas dizer isso me fizesse sentir culpado, como se eu a estivesse expondo de alguma forma.

— Não é como se você tivesse dito o nome dela. — Eu me inclino para frente e deixo cair minha voz. — Sarah Torval?

Ele bate o joelho no meu, sorrindo fracamente.

— Você está obcecada por Sarah Torval.

— Não, cara. — eu digo. — *Você* é que está.

— Não era ela. — diz ele. — Era outra garota da biblioteca. Lydia.

— Ai... meu... Deus. — eu digo, tonta. — Aquela com olhos de boneca grandes e exatamente o mesmo corte de cabelo de Sarah Torval?

— Paaaraaa. — Alex geme, suas bochechas ficando vermelhas. Ele pega um travesseiro e o arremessa em mim. — Pare de me envergonhar.

— Mas é tão divertido!

Ele força seu rosto a relaxar no rosto de cachorrinho à beira-do-choro, e eu grito e me jogo para trás na cama, meu corpo inteiro ficando mole de tanto rir enquanto arrasto o travesseiro sobre os olhos. A cama afunda sob seu peso quando ele se senta ao meu lado e puxa o

travesseiro do meu rosto, inclinando-se sobre mim, as mãos apoiadas em cada lado da minha cabeça, insinuando seu rosto triste de filhote de cachorro na minha linha de visão.

— Oh meu Deus. — eu suspiro em meio a uma mistura de lágrimas e risos. — Por que isso tem um efeito tão confuso em mim?

— Eu não sei, Poppy. — diz ele, a expressão se aprofundando tristemente.

— Isso fala comigo! — Eu grito através da risada, e sua boca se abre em um sorriso.

É aí mesmo. Aí.

Esse é o primeiro momento em que quero beijar Alex Nilsen.

Sinto-o até os dedos dos pés durante dois segundos. Então eu coloco esses segundos em um nó apertado, colocando-os bem no fundo do meu peito, onde eu prometo a mim mesma que eles viverão em segredo para sempre.

— Vamos. — ele diz suavemente. — Vamos pôr você em um touro mecânico.

Este Verão

NÓS METEMOS O termostato reduzido para setenta e nove, e regulamos para setenta e oito antes de partirmos para um restaurante mexicano chamado Casa de Sam, que tem uma ótima pontuação no TripAdvisor e custando apenas um dolar.

A comida é ótima, mas o ar-condicionado é o verdadeiro MVP da noite. Alex continua recostado na cabine, fechando os olhos e dando suspiros de contentamento.

— Você acha que Sam vai nos deixar dormir aqui? — Eu pergunto.

— Nós poderíamos tentar apenas nos esconder no banheiro até fechar. — Alex sugere.

— Tenho medo de beber demais e ficar exausta — digo, tomando outro gole da margarita jalapeño que pedimos em uma jarra.

— Tenho medo de beber muito pouco e não ser capaz de desmaiar por uma noite inteira.

Mesmo pensando nisso, meu pescoço começa a rastejar de suor.

— Sinto muito sobre o *Airbnb* — eu digo. — Nenhum dos comentários mencionou ar-condicionado defeituoso. — Embora agora eu esteja me perguntando quantas pessoas ficaram lá no auge do verão.

— Não é culpa sua — diz Alex. — Eu considero Nikolai totalmente o responsável.

Eu aceno, e o silêncio se desenrola estranhamente até que eu pergunto:

— Como está seu pai?

— Sim — diz Alex. — Bom. Ele está indo bem. Eu te falei sobre o adesivo de para-choque?

Eu sorrio.

— Falou.

Ele dá uma risada constrangida e passa a mão pelo cabelo.

— Deus, envelhecer é chato. Minha melhor história de festa é que meu pai ganhou um novo adesivo de para-choque.

— Uma história muito boa — eu insisto.

— Você tem razão. — Sua cabeça se inclina. — Seguindo, você quer ouvir sobre minha máquina de lavar louça?

Eu suspiro e aperto meu coração.

— Você possui sua própria máquina de lavar louça? Tipo, está em seu nome?

— Hum. Eles normalmente não registram máquinas de lavar louça em seu nome, mas sim, eu comprei. Logo depois que eu peguei a casa.

Uma emoção sem nome apunhala em meu peito.

— Você... comprou uma casa?

— Eu não te disse?

Eu balancei minha cabeça. Claro que ele não me contou. Quando ele teria me contado? Mas ainda dói. Cada coisa que perdi nos últimos dois anos dói.

— Casa dos meus avós. — diz ele. — Depois que minha avó faleceu. Ela deixou para o meu pai, e ele queria vendê-la, mas precisa de um conserto para o qual ele não tinha tempo ou dinheiro, então estou morando nela, consertando-a.

— Betty? — Eu engulo o emaranhado de emoções subindo na minha garganta. Eu só encontrei a avó de Alex algumas vezes, mas eu a amava. Ela era mais minúscula e feroz do que eu, uma amante de mistérios de assassinato, crochê, comida apimentada e arte moderna. Ela se apaixonou pelo padre e ele deixou o sacerdócio para se casar com ela (“E foi assim que nos tornamos protestantes!”) e então (“oito meses depois”, ela me disse com uma piscadela), a mãe de Alex tinha nascido com uma cabeça de cabelo escuro e espesso como o dela e um nariz “forte” como o avô de Alex, que Deus o tenha.

A casa dela era um quadrado descolado do início dos anos sessenta. Tinha o papel de parede floral laranja e amarelo original na sala de estar, e ela teve que colocar um tapete marrom feio sobre a madeira e os ladrilhos — até mesmo no banheiro — depois que escorregou e quebrou o quadril vários anos atrás.

— Betty morreu? — Eu sussurro.

— Foi tranquilo. — diz Alex, sem olhar para mim. — Sabe, ela era muito, muito velha.

Ele começa a dobrar nossos invólucros de palha, precisamente, em pequenos quadrados. Ele não mostra nenhum sinal de emoção, mas eu sei que Betty era praticamente seu membro favorito da família, talvez empatado com David.

— Deus, sinto muito. — Luto para evitar que minha voz trema, mas minha emoção está aumentando, como uma onda. — Flannery O'Connor e Betty. Eu gostaria que você tivesse me contado.

Seus olhos castanhos se arrastam até os meus.

— Eu não tinha certeza se você queria ouvir de mim.

Eu pisco para conter as lágrimas, olho para longe e finjo que estou tirando o cabelo do rosto em vez de enxugar os olhos. Quando eu olho para ele, seu olhar ainda está fixo em mim.

— Eu queria. — eu digo. Merda, os tremores chegaram.

Até mesmo a banda de mariachi tocando na sala dos fundos parece ter se acalmado com um zumbido, de modo que somos apenas nós nesta cabine vermelha com sua mesa colorida esculpida à mão.

— Bem. — Alex diz suavemente. — Agora eu sei.

Quero perguntar se ele *queria* falar comigo durante todo esse tempo, se ele já digitou mensagens que não foram enviadas, ou pensou em ligar por tanto tempo que realmente começou a discar.

Se ele também sente que perdeu dois bons anos de sua vida quando paramos de conversar, e por que ele deixou isso acontecer. Quero que ele diga que as coisas podem ser como eram antes, quando não havia nada que não pudéssemos dizer um ao outro, e estar junto era tão fácil e natural como estar sozinho, sem nada de solidão.

Mas então nosso garçom chega com o cheque. Eu instintivamente pego antes que Alex possa.

— Esse não é o cartão da $R + R$? — ele diz, como se fosse uma pergunta.

Sem decidir ativamente, minto.

— Eles apenas nos reembolsam agora. — Minhas mãos formigam, coçam de desconforto com o engano, mas é tarde demais para voltar atrás.

Quando saímos, está escuro e estrelado. O calor do dia passou e, embora ainda deva estar na casa dos setenta, não é nada comparado aos cento e seis com os quais estávamos lidando antes. Tem até uma brisa. Ficamos em silêncio enquanto cruzamos o estacionamento para o Aspire. Há um peso entre nós agora que esbarramos no que aconteceu na Croácia.

Eu me convenci de que poderíamos deixar isso no passado, mas agora percebo que toda vez que aprendo algo novo nos últimos dois anos, isso pressionará o mesmo ponto em meu coração.

Deve estar tendo algum tipo de efeito sobre ele também, mas ele sempre foi bom em reprimir seus sentimentos quando não queria compartilhá-los.

A viagem toda para casa, eu quero dizer, *eu voltaria. Se fosse consertar isso, eu pegaria de volta.*

Quando chegamos ao apartamento, está oficialmente mais quente dentro do que fora. Nós dois nos alinhamos para ver o termostato.

— Oitenta e um? — ele diz. — Subiu de novo?

Eu esfrego a ponta do meu nariz. Uma dor de cabeça está começando atrás dos meus olhos, por causa do calor, do álcool ou do estresse, ou de tudo isso.

— OK. OK. Temos que voltar para oitenta, certo? E deixar cair para isso antes de baixá-lo novamente?

Alex encara o termostato como se ele tivesse arrancado uma casquinha de sorvete de sua mão. Existem tons involuntários de cachorrinho triste em sua expressão.

— Um de cada vez. Isso é o que Nikolai disse.

Ele ajusta a temperatura para oitenta, e eu deslizo abrindo a porta da varanda.

Mas a parede de plástico está protegendo a entrada de ar fresco. Na cozinha, procuro nas gavetas até encontrar uma tesoura.

— O que você está fazendo? — Alex pergunta, me seguindo até a varanda.

— Apenas a porra do mínimo. — eu digo, cortando com a tesoura pelo meio do plástico.

— Aaah, Nikolai vai se zangaaar com você. — Alex provoca.

— Eu também não estou muito feliz com ele. — eu digo, e corto uma longa aba no plástico, puxando-o de lado e dando um nó frouxo, para que haja um espaço para o ar fluir.

— Ele vai nos processar. — ele fala sem rodeios.

— Vem até mim, Nicky.

Alex ri e, após alguns segundos de silêncio, digo:

— Amanhã eu estava pensando que poderíamos dar uma olhada no museu de arte e pegar o bonde. A vista deve ser incrível.

Alex acena com a cabeça.

— Soa bem.

Novamente ficamos quietos. São apenas dez e meia, mas as coisas estão tão estranhas que acho que encerrar o dia pode ser nossa melhor aposta.

— Você precisa ir ao banheiro antes...

— Não. — diz Alex. — Vá em frente. Vou colocar alguns e-mails em dia.

Não verifiquei meu e-mail do trabalho desde que cheguei aqui, e também deixei algumas mensagens de Rachel sem resposta, junto com o texto do grupo sempre transbordando entre meus irmãos e eu. Em grande parte, são apenas os dois discutindo ideias que não vão a lugar nenhum. Na última vez que verifiquei, eles estavam inventando um jogo de tabuleiro chamado Guerra no Natal, e exigindo que eu contribuísse com trocadilhos.

Então, pelo menos, terei algo para fazer enquanto estou deitada na cadeira-cama, bem acordada.

Com a dor de cabeça ainda crescendo, eu puxo meu cabelo em meu rabo de cavalo atarracado e atravesso o chão de madeira arranhado para o banheiro da era espacial. Em sua estranha luz azul, eu lavo meu rosto, mas em vez de aplicar qualquer um dos hidratantes extravagantes ou soros que Rachel está constantemente despejando em mim, eu salpico meu rosto com água fria quando termino, esfregando um pouco nas minhas têmporas e no meu pescoço.

No espelho, meu reflexo parece tão estressado quanto eu. Eu preciso mudar isso e lembrar a Alex como as coisas costumavam ser, e eu só tenho cinco dias restantes para fazer isso, os últimos três dos quais serão inteiramente preenchidos com festividades de casamento.

Amanhã tem que ser incrível. Eu preciso ser Poppy, a Divertida, não a Estranha, ou a Poppy Magoada. Então Alex se soltará e tudo ficará bem. Eu coloco um short de pijama de seda e uma regata, escovo os dentes, então volto para a sala de estar para descobrir que Alex desligou todas as luzes, exceto a lâmpada ao lado da cama, e ele está deitado no colchão

da cadeira em um par de shorts de ginástica e uma camiseta, seu mesmo livro de antes em mãos.

Acontece que eu sei que Alex Nilsen *sempre* dormiu sem camisa, mesmo quando as temperaturas *não* são *tão* absurdamente altas, mas isso não é nem aqui nem ali, porque a questão é: devo pegar a cadeira dobrável.

— Saia da minha cama! — Eu digo.

— Você pagou. — ele diz. — Você pega a cama.

— *R + R* pagou. — Só assim, estou mais fundo na mentira. Não é como se fosse prejudicial, mas ainda assim.

— Eu quero a cadeira. — diz Alex. — Com que frequência um homem adulto consegue dormir em uma cadeira dobrável felpuda, Poppy?

Sento-me ao lado dele e faço um grande show tentando empurrá-lo, mas ele é sólido demais para que eu o mova. Eu me viro, apoiando meus pés contra o chão, meus joelhos contra a borda da cama e minhas mãos contra seu quadril direito, enquanto cerro os dentes e tento empurrá-lo para longe.

— Pare com isso, sua esquisita. — ele diz.

— Eu não sou esquisita. — Eu me viro de lado, tento usar meu quadril e corpo lateral para forçá-lo a sair. — Você é quem está tentando roubar minha única alegria na vida, esta cama estranha.

Naquele momento, quando todo o meu peso está concentrado em meu quadril, ele para de resistir e se esquia um pouco para o lado, e de alguma forma eu caio meio caminho na cadeira-cama e meio caminho em seu peito, derrubando com força seu livro no chão no processo. Ele ri, e eu rio também, mas também estou me sentindo meio formigante e pesada e, francamente, excitada, deitada sobre ele assim.

Pior de tudo, não consigo me mover. Seu braço passou pelas minhas costas, solto na curva em sua base, e quando sua risada se acalma, eu olho em seus olhos, meu queixo descansando em seu peito.

— Você me enganou. — murmuro. — Aposto que você nem *tinha* e-mails para responder.

— Pelo que você sabe, eu nem tenho uma *conta de* e-mail. — ele brinca. — Você está zangada?

— Furiosa.

Sua risada estremece através de mim, arrepios correndo atrás de minha espinha, e o calor do apartamento afunda em minha pele, se acumulando entre minhas pernas.

— Eu te perdoaria eventualmente. — eu digo. — Eu sou muito indulgente.

— Você é. — ele concorda. — Sempre gostei disso em você.

Sua mão apenas roça a pele entre a parte inferior da minha blusa e a parte superior do meu short, e eu me movo contra ele, sentindo como se pudéssemos derreter um sob o outro.

O que eu estou fazendo?

Eu me sento de repente e solto meu cabelo apenas para colocá-lo de volta.

— Você tem certeza de que está bem em dormir na cadeira-cama? —
Minha voz sai muito alta.

— Claro. Sim.

Eu me levanto e vou até a cama.

— Ok, legal, então... boa noite.

Apago a luz e subo na cama. Sobre, não em baixo, porque está muito quente para cobertores.

Este Verão

QUANDO EU ME SOBRESSALTO acordada, ainda está escuro e tenho certeza de que estamos sendo roubados.

— Merda, merda, merda. — O ladrão está dizendo por algum motivo, e parece que ele está com dor.

— A polícia está a caminho! — Eu grito, o que não é uma afirmação verdadeira nem premeditada, e me arrasto até a beira da cama para acender a luz.

— O que? — Alex sibila, os olhos semicerrados contra o brilho repentino.

Ele está parado no escuro, com o mesmo short preto com que foi dormir e sem camisa. Ele está ligeiramente curvado na cintura e segurando a parte inferior das costas com as duas mãos e, à medida que o sono desaparece do meu cérebro, percebo que ele *não* está apenas piscando contra a luz.

Ele está ofegante como se estivesse com dor.

— O que aconteceu? — Eu choro, meio caindo da cama em direção a ele. — Você está bem?

— Espasmo nas costas — diz ele.

— O que?

— Estou tendo um espasmo nas costas — ele diz.

Ainda não tenho certeza do que ele está falando, mas posso dizer que ele está com uma dor horrível, então não pressiono para obter mais informações além de perguntar:

— Você precisa se sentar?

Ele acena com a cabeça e eu o guio em direção à cama. Ele abaixa lentamente sobre ela, estremecendo até que finalmente se sinta, momento em que um pouco da dor parece diminuir.

— Você quer se deitar? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Levantar e ir para cama é a parte mais difícil quando isso acontece.

Quando isso acontece? Eu penso, mas não digo, e a culpa apunhala em meu peito. Aparentemente, este é mais um daqueles desenvolvimentos sem Poppy dos últimos dois anos.

— Aqui. — eu digo. — Deixe-me apoiar alguns travesseiros atrás de você.

Ele acena com a cabeça, o que eu considero como uma confirmação de que isso não vai piorar as coisas. Eu inflo os travesseiros,

empilhando-os contra a cabeceira da cama, e ele se reclinava lentamente, com o rosto contorcido de dor.

— Alex, o que aconteceu? — Eu olho para o despertador na mesa de cabeceira. São cinco e meia da manhã.

— Eu estava me levantando para correr. — diz ele. — Mas eu acho que me sentei de mal jeito? Ou muito rápido ou algo assim, porque minhas costas tiveram espasmos e... — Ele inclina a cabeça para trás contra os travesseiros, os olhos se fechando. — Merda, Poppy, sinto muito.

— Desculpe? — Eu digo. — Por que *você* está arrependido?

— É minha culpa. — diz ele. — Eu não pensei sobre o quão baixo é a cama. Eu deveria saber que pular da cama assim faria isso.

— Como você poderia saber? — Eu digo, não acreditando.

Ele massageia a testa.

— Eu deveria. — ele repete. — Isso vem acontecendo há, tipo, um ano agora. Não consigo nem me curvar para pegar meus sapatos antes de estar acordado e me mexendo por pelo menos meia hora. Simplesmente não me ocorreu. E eu não queria que você pegasse uma enxaqueca da cadeira, e—

— E é por isso que você nunca deve ser um herói. — eu digo suavemente, provocando, mas sua expressão de miséria nem mesmo vacila.

— Eu não estava pensando. — diz ele. — Eu não queria atrapalhar sua viagem.

— Alex, ei. — Eu toco seu braço levemente para que não perturbe o resto de seu corpo. — Você não bagunçou esta viagem, ok? Foi Nikolai.

Os cantos de sua boca se retorcem em um sorriso não convencido.

— O que você precisa? — Eu pergunto. — Como posso ajudá-lo?

Ele suspira. Se há uma coisa que Alex Nilsen odeia é ser indefeso. O que anda de mãos dadas com ser servido. Na faculdade, quando ele tinha infecção de garganta, ele me espantava por uma semana (a primeira vez que fiquei realmente brava com ele). Quando seu colega de quarto me disse que Alex estava com febre, fiz uma péssima sopa de macarrão de galinha na cozinha do nosso dormitório e levei para o quarto dele.

Ele trancou a porta e não me deixou entrar por medo de passar a infecção. então comecei a gritar:

— *Vou ficar com o bebê, está bem?* — Através da porta e ele cedeu.

Isso faz com que ele se sinta desconfortável. Pensar nisso tem um efeito semelhante, embora destilado, em mim, como olhar para a formidável Cara de Filhote de Cachorro Triste. É opressor. O amor sobe menos como uma onda e mais como um arranha-céu de aço erguido instantaneamente, disparando pelo meu centro e tirando todo o resto do seu caminho.

— Alex. — eu digo. — *Por favor*, deixe-me ajudar.

Ele suspira, derrotado.

— Há relaxantes musculares no bolso da frente da minha bolsa do laptop.

— Estou indo. — Pego a garrafa, encho um copo d'água na cozinha e levo os dois para ele.

— Obrigado. — ele diz se desculpando, então toma a pílula.

— Sem problemas. — eu digo. — O que mais?

— Você não precisa fazer nada. — diz ele.

— Olhe. — Eu respiro fundo. — Quanto mais cedo você me disser como posso ajudá-lo, mais cedo você ficará bom e mais cedo isso acabará, ok?

Seus dentes roçam seu lábio inferior carnudo e estou hipnotizada com a visão. Eu me assusto quando seu olhar volta para mim.

— Se houver uma bolsa de gelo aqui, isso ajudaria. — ele admite. — Normalmente alterno entre compressas frias e almofadas térmicas, mas o importante é ficar sentado quieto.

Ele diz isso com desdém.

— Entendi. — Eu coloco minhas sandálias e pego minha bolsa.

— O que você está fazendo? — ele pergunta.

— Indo para a farmácia. Esse freezer nem tem uma bandeja de cubos de gelo, muito menos uma bolsa de gelo, e duvido que Nicky tenha uma almofada de aquecimento também.

— Você não precisa fazer isso. — diz Alex. — Sério, se eu ficar parado, vou ficar bem. Volte a dormir.

— Enquanto você se senta ereto no escuro? Sem chance. Por um lado, isso é extremamente assustador, e por outro, estou acordada, então posso também ser útil.

— Estas são as suas férias.

Eu ando em direção à porta, porque não há nada que ele possa fazer para me impedir.

— Não. — eu digo. — É a nossa viagem de verão. Não dance pelado até eu voltar, ok?

Ele solta um suspiro.

— Obrigado, Poppy. Sério.

— Pare de me agradecer. Já estou esboçando uma lista absurda de maneiras de você me retribuir.

Isso finalmente ganha um leve sorriso.

— Bom. Gosto de ser útil.

— Eu sei. — eu digo. — Sempre gostei disso em você.

Oito Verões Atrás

NÓS VOLTAMOS para o nosso quarto de hotel no centro às duas e meia da manhã, um pouco exaustos. Normalmente não bebemos tanto, mas toda essa viagem foi uma celebração.

Estamos comemorando o fato de Alex ter se formado na faculdade e em breve partir para o mestrado em redação criativa na Universidade de Indiana.

Digo a mim mesma que não é tão longe. Na verdade, estaremos morando mais próximos um do outro do que desde que larguei a faculdade.

Mas a verdade é que, mesmo com todas as viagens que tenho feito, estou louca para sair da casa dos meus pais em Linfield. Comecei a procurar apartamentos em outras cidades, empregos flexíveis como bartender e atendente, onde posso trabalhar até a exaustão e depois tirar semanas de folga para viajar.

Passar um tempo com meus pais tem sido ótimo, mas estar em casa me faz sentir claustrofóbica, como se os subúrbios fossem uma rede puxando cada vez mais perto de mim enquanto eu luto contra isso.

Dou de cara com meus antigos professores e, quando eles perguntam o que estou fazendo, suas bocas se retorcem julgando a resposta. Vejo colegas que costumavam me intimidar e alguns que eram bastante amigáveis, e me escondo. Eu trabalho em um bar de luxo quarenta minutos ao sul, em Cincinnati, e quando Jason Stanley, meu primeiro beijo, apareceu com seu sorriso ortodontista perfeito e o tipo de roupa que o trabalho de colarinho branco em tempo integral exige, eu mergulhei no banheiro. Disse ao meu chefe que tinha vomitado.

Por semanas depois disso, ele continuou perguntando como eu estava, com uma voz que deixava perfeitamente claro que ele pensava que eu estava grávida.

Eu não estava grávida. Julian e eu sempre tomamos cuidado com isso. Ou pelo menos eu tomava. Julian, em geral, não é cuidadoso por natureza. Ele é uma pessoa que diz sim ao mundo, quase independentemente do que ele pede. Quando ele me visita no trabalho, ele termina os drinques que ficam no bar e já experimentou a maioria das drogas (excluindo a heroína) uma vez. Ele está sempre pronto para viagens de fim de semana para Red River Gorge ou Hocking Hills — ou viagens um pouco mais longas para Nova York, no ônibus noturno que custa apenas sessenta dólares para ida e volta, mas geralmente não tem banheiro. Ele tem o mesmo tipo de horário flexível que eu — ele

também abandonou a faculdade, mas deixou a Universidade de Cincinnati depois de apenas um ano.

Ele estava estudando projeto de arquitetura, mas realmente quer ser um artista ativo. Ele mostra suas pinturas em pontos de bricolagem pela cidade, e mora com três outros pintores em uma velha casa branca que me faz pensar em Buck e nos passageiros de Tofino. Às vezes, depois de muitas cervejas, sentado na varanda enquanto todos fumam maconha ou cigarros de cravo, eles falam sobre seus sonhos, fico tão nostálgica que posso chorar de algum misto de tristeza e felicidade cujas proporções nunca consigo decifrar.

Julian é magro como um ancinho, com maçãs do rosto cavadas e olhos alertas que parecem estar fazendo um raio-x. Depois do nosso primeiro beijo, do lado de fora de seu bar favorito, um lugar sujo no centro da cidade que tem uma oficina de bicicletas nos fundos, ele me disse que nunca queria se casar ou ter filhos.

— Tudo bem. — eu disse a ele. — Eu também não quero me casar com você.

Ele riu rispidamente e me beijou novamente. Ele sempre tem gosto de cigarro ou cerveja, e quando passa seus dias de folga — ele trabalha em um depósito da UPS na periferia da cidade — pintando em casa, fica tão perdido no trabalho que se esquece de comer ou beber. Quando nos encontramos depois, ele geralmente fica de mau humor, mas apenas por alguns minutos, até que faça um lanche, momento em que ele se transforma em um namorado doce e sensível que sempre me beija e me toca com tanta sensualidade que eu regularmente me encontro pensando, *aposto que isso ficaria lindo em um filme*.

Penso em dizer isso a ele, perguntando se deveríamos filmar e tirar algumas fotos, e fico imediatamente envergonhada de ter sequer considerado isso.

Ele é a segunda pessoa com quem já dormi, mas ele não sabe disso. Ele não perguntou. O primeiro ainda vem ao meu bar de vez em quando e flerta um pouco, mas nós dois podemos dizer que qualquer leve atração que houve quando ele começou a vir, fracassou depois daqueles dois encontros rápidos. Eles eram meio estranhos mas bons, e no final, estou feliz por tê-los tirado do caminho, porque tenho a sensação de que Julian teria ficado muito assustado para chegar perto de mim se soubesse o quão inexperiente eu era. Ele teria ficado com medo de que eu ficasse muito ligada a ele, e provavelmente eu fiquei, mas acho que ele também, então, por enquanto, está tudo bem que passemos cada minuto livre juntos.

Julian conheceu Alex uma vez quando Alex estava em casa para as férias de Natal no *meu* bar, uma segunda vez durante as férias de primavera no bar de bicicletas sujo de Julian e uma terceira vez para o café da manhã na Casa de Waffles antes de Alex e eu partirmos para esta viagem.

Posso dizer que Julian tem muito pouca opinião sobre Alex, o que é um tanto decepcionante, e também estou ciente de que Alex despreza Julian, o que provavelmente não deveria ser uma surpresa.

Ele acha que Julian é imprudente, descuidado. Ele não gosta que ele sempre apareça tarde, ou que às vezes eu não tenha notícias dele por dias, então passo semanas com ele quase constantemente, ou que ele não tenha conhecido meus pais embora eles morem na mesma cidade.

— Está tudo bem", eu insisti quando Alex compartilhou essas opiniões comigo no voo para San Francisco alguns dias atrás. "Funciona para nós." Eu nem *quero* que ele conheça minha família.

— Eu posso apenas dizer que ele não entendeu. — disse Alex.

— Entendeu o que? — Eu perguntei.

— Você. — disse ele. — Ele não tem ideia da sorte que tem.

Foi uma coisa doce e dolorosa para ele dizer. A opinião de Alex sobre nosso relacionamento me deixou envergonhada, mesmo que eu não tivesse certeza de que ele estava certo.

— Eu também tenho sorte. — eu disse. — Ele é muito especial, Alex.

Ele suspirou.

— Talvez eu só precise conhecê-lo melhor. — Eu sabia pela voz dele que ele não achava que isso resolveria o problema.

Em meus devaneios, imaginei os dois se tornando melhores amigos, tão próximos que fez sentido que nossa viagem de verão se expandisse para incluir Julian, mas depois de ver como eles interagem, eu soube que não devia sequer insistir com a ideia.

Então, Alex e eu fomos para San Francisco por conta própria. Meu cartão de crédito me rendeu pontos suficientes para conseguir uma das passagens de avião de ida e volta gratuitamente, e Alex e eu dividimos o custo da outra.

Começamos com quatro dias na região do vinho, hospedando-nos em uma nova pousada em Sonoma que compensou duas noites em troca da publicidade que conseguimos pelos meus 25 mil seguidores. Alex, de bom humor, concordou em tirar minhas fotos fazendo todos os tipos de coisas estranhas:

Sentada em uma das antiquadas bicicletas vermelhas que o B e B tem para os hóspedes, usando um boné de palha gigante, flores frescas na cesta de vime fixada no guidão.

Caminhando nas trilhas naturais através dos prados e suas árvores rasteiras.

Bebericando uma xícara de café no pátio, e um gelado à moda antiga na sala de estar.

Nós também tivemos sorte com as degustações de vinho. A primeira vinícola que visitamos oferecia suas degustações se você comprasse uma garrafa, e eu pesquisei a mais barata online antes de irmos. Alex tirou minha foto posando entre fileiras de videiras com um vidro cintilante rosé, uma perna cruzada para o lado para mostrar meu ridículo macacão vintage listrado de roxo e amarelo.

Eu estava bêbada a essa altura, e quando ele se ajoelhou, bem na terra ressecada em sua calça cinza claro, para tirar a foto, quase caí de tanto rir do ângulo bizarro que ele escolheu para a foto.

— Vinho demais. — eu disse, tentando recuperar o fôlego.

— Vinho. Demais? — ele repetiu, encantado e incrédulo, e quando eu me agachei no meio do corredor, rindo pra caramba, ele tirou mais algumas fotos lá embaixo, fotos que me fariam parecer um triângulo de pele atrevidamente vestido.

Ele estava sendo um fotógrafo horrível de propósito, não para protestar, mas para me fazer rir.

Foi o outro lado da moeda do Cachorro Triste, outra performance para mim e somente para mim.

Quando chegamos à segunda vinícola, já estávamos com sono por causa do álcool e do sol, e deixei minha cabeça cair em seu ombro. Estávamos lá dentro, por um tecnicismo: toda a parte de trás do prédio era uma porta de garagem com janelas que se abria para que você pudesse se mover livremente do pátio, com sua treliça invadida por buganvílias⁷, para o bar claro e arejado com seus tetos de vinte pés, com grandes ventoinhas girando preguiçosamente no alto, seu ritmo como uma canção de ninar.

— Há quanto tempo vocês dois estão juntos? — a doce mulher de meia-idade que fazia a degustação perguntou ao retornar com nosso próximo vinho, um Chardonnay leve e estaladiço.

— Ah. — disse Alex.

No meio de um bocejo, apertei seus bíceps e disse:

— Recém-casados.

A bartender estava divertida.

— Nesse caso — disse ela com uma piscadela — este é por minha conta.

Seu nome era Mathilde, e ela era originalmente da França, mas mudou-se para os Estados Unidos depois de conhecer sua esposa online. Elas moravam em Sonoma, mas haviam passado a lua-de-mel nos arredores de São Francisco. “Chama-se Blue Heron Inn”, disse-me ela. “É o lugar mais paradisíaco que já vi. Romântico e aconchegante, com esta lareira e adorável pátio — a apenas alguns minutos da Praia de Muir. Vocês dois *devem* ver. É *perfeito* para recém-casados. Diga a eles que Mathilde mandou você.

Antes de sairmos, damos uma gorjeta a Mathilde sobre o custo da degustação gratuita e mais um pouco.

Pelos próximos dias, eu implantei a ideia de recém-casados regularmente. Às vezes tínhamos um desconto ou um copo grátis; às vezes não recebíamos nada além de um sorriso, mas mesmo aqueles pareciam genuínos e significativos.

— Eu me sinto meio mal. — Alex me disse enquanto caminhávamos em um vinhedo.

— Se você quiser se casar — eu disse — nós podemos.

— De alguma forma, não acho que Julian aceitaria isso muito bem.

— Ele não vai se importar. — eu disse. — Julian não quer se casar.

Alex parou e olhou para mim, e então, inteiramente por causa do vinho, comecei a chorar. Ele segurou meu rosto e o aproximou do dele.

— Ei. — ele disse. — Está tudo bem, Poppy. Você realmente não quer se casar com Julian, quer? Você é boa demais para aquele cara. Ele não merece você.

Eu cheirei minhas lágrimas, mas isso apenas deixou mais escapar. Minha voz saiu como um guincho.

— Só meus pais vão me amar. — eu disse. — Eu vou morrer sozinha.

— Eu sabia o quão estúpido e melodramático parecia, mas com ele, era sempre tão difícil me controlar, dizer qualquer coisa, para além da verdade absoluta de como eu me sentia. É o pior de tudo, eu nem sabia que era como me sentia até este momento. A presença de Alex tinha um jeito de trazer a verdade direto para a minha superfície.

Ele balançou a cabeça e me puxou para seu peito, me apertando, me levantando contra ele como se planejasse me absorver.

— Eu te amo. — disse ele, e beijou minha cabeça. — E se você quiser, podemos morrer sozinhos juntos.

— Eu nem sei se quero me casar. — eu disse, enxugando as lágrimas com uma risadinha. — Eu acho que estou prestes a começar meu período ou algo assim.

Ele olhou para mim, o rosto inescrutável por outro momento. Não me fez sentir radiografada, como os olhos de Julian. Isso apenas me fez sentir vista.

— Vinho demais. — eu disse, e ele finalmente deixou uma fração de um sorriso deslizar em seus lábios e voltamos a andar fora da agitação.

Saímos bem cedo do nosso B e B e ligamos para o Blue Heron Inn no viva-voz enquanto voltávamos para São Francisco. Era meio da semana e eles tinham muitos quartos.

— Você por acaso seria a Poppy que minha querida Mathilde disse que ligaria? — a senhora no telefone perguntou.

Alex me lançou um olhar significativo e suspirei profundamente.

— Sim, mas é o seguinte. Dissemos a ela que éramos recém-casados, mas era uma piada. Então, não queremos nada de graça.

A mulher do outro lado da linha soltou uma tosse forte, que acabou sendo uma risada.

— Oh querida. Mathilde não nasceu ontem. As pessoas usam esse truque o tempo todo. Ela simplesmente gostava de vocês dois.

— Nós gostamos dela também. — eu disse, sorrindo para Alex. Ele sorriu enormemente de volta.

— Eu não tenho autoridade para dar a ninguém uma estadia livre — continuou a mulher — mas eu *posso* ter um par de passes durante todo o ano que você pode usar para visitar Muir Woods se você gostar.

— Isso seria incrível. — eu disse.

E assim nós economizamos trinta dólares.

O lugar era adorável, uma cabana Tudoresca branca enfiada em uma estrada estreita. Tinha um telhado de telhas e janelas empenadas forradas com floreiras e uma chaminé cuja fumaça serpenteava romanticamente através da névoa, as janelas brilhavam suavemente quando entramos no estacionamento.

Por dois dias, nós mudamos entre a praia, as sequoias, a biblioteca aconchegante da pousada e a sala de jantar com suas mesas de madeira escura e lareira acesa. Jogamos UNO e Hearts, e algo chamado Quiddler. Bebemos cervejas espumosas e tomamos grandes cafés da manhã ingleses.

Tiramos fotos juntos, mas não postei nenhuma. Talvez fosse egoísmo, mas eu não queria vinte e cinco mil pessoas caindo neste lugar. Eu queria que ficasse exatamente como estava.

Em nossa última noite, reservamos um quarto em um hotel moderno que pertencia ao pai de um de meus seguidores. Quando postei sobre a próxima viagem e pedi dicas, ela me mandou uma DM oferecendo o quarto de graça.

Adoro o seu blog, disse ela, *e adoro ler sobre o Particular Meu Amigo*, que é como chamo Alex quando o menciono. Eu tento principalmente deixá-lo fora disso, porque ele, como o Blue Heron Inn, não é algo que eu quero compartilhar com milhares de pessoas, mas às vezes as coisas que ele diz são engraçadas demais para deixar de fora. Aparentemente, ele se destaca mais do que eu percebi.

Resolvi me esforçar mais para mantê-lo fora disso, mas aceitei a sala gratuita, por causa do dinheiro. Além disso, o hotel dispõe de estacionamento gratuito para os hóspedes, o que, em São Francisco, equivale a um hotel que oferece transplantes renais gratuitos.

Largamos nossas malas assim que entramos na cidade e voltamos para aproveitar ao máximo nosso único dia no centro de San Francisco. Saímos do carro e pegamos táxis.

Primeiro caminhamos pela ponte Golden Gate, que era incrível, mas também mais fria do que eu esperava e com tanto vento que não podíamos ouvir um ao outro. Por provavelmente dez minutos, fingimos estar conversando, balançando os braços exageradamente e gritando coisas sem sentido enquanto caminhávamos pela passarela lotada.

Isso me fez pensar naquela corrida de táxi aquático em Vancouver, como Buck ficava gesticulando vagamente, falando em um tom tranquilo como um daqueles ortodontistas que não param de fazer perguntas enquanto suas mãos estão na sua boca.

Felizmente, o tempo havia decidido fazer sol; caso contrário, provavelmente teríamos hipotermia na ponte. Paramos no meio do caminho e fingi pular do parapeito. Alex fez sua careta característica e balançou a cabeça. Ele agarrou minhas mãos e me puxou para longe da grade, inclinando-se para que eu pudesse ouvi-lo acima do vento quando ele disse em meu ouvido:

— Isso me faz sentir como se eu fosse ter diarreia.

Eu comecei a rir e continuamos andando, ele mais no centro, eu mais perto da grade, resistindo a uma vontade poderosa de continuar brincando com ele. Provavelmente eu iria acidentalmente *cair* e não apenas morrer, mas traumatizar o pobre Alex Nilsen, e isso era a última coisa que eu queria.

No final da ponte, havia um restaurante, o Round House Cafe, um prédio redondo com janelas. Entramos para tomar uma xícara de café enquanto damos aos nossos ouvidos a chance de parar de zumbir com o vento.

Havia dezenas de livrarias e lojas vintage em São Francisco, mas decidimos que duas de cada seriam suficientes.

Primeiro pegamos um táxi até a City Lights, uma livraria e editora que existia desde o auge da era beatnik. Nenhum de nós dois era uma pessoa disso, mas a loja era exatamente o tipo de loja antiga e sinuosa para a qual Alex vivia. De lá, paramos em uma loja chamada Second Chance Vintage, onde encontrei uma sacola de lantejoulas dos anos 40 por dezoito dólares.

Depois disso, tínhamos planejado ir ao Booksmith, perto do Haight-Ashbury, mas a essa altura, o grande café da manhã inglês do Blue Heron Inn havia passado e o café da Round House nos deixou um pouco nervosos.

— Acho que teremos que voltar — disse a Alex quando saímos da loja em busca de jantar.

— Acho que sim — ele concordou. — Talvez no nosso quinquagésimo aniversário.

Ele sorriu para mim, e meu coração inchou até que parecia tão grande e leve que meu corpo poderia flutuar para longe.

— Só para você saber — disse eu — eu me casaria com você de novo e de novo, Alex Nilsen.

Sua cabeça tombou para o lado. Ele usou o rosto triste de cachorrinho.

— É só porque você quer mais vinho de graça?

Foi difícil escolher um restaurante em uma cidade com tanto a oferecer, mas estávamos com muita fome para examinar a lista que eu fiz, então optamos pelo clássico.

Farallon *não* é um lugar barato, mas no segundo dia de degustação de vinhos, quando estávamos ambos tristes, Alex pediu outra bebida, gritando: "Quando estiver em Roma!" e desde então, sempre que um de nós hesitava em comprar algo, o outro insistia: "Quando estiver em Roma!"

Até agora, isso havia se limitado principalmente a enormes casquinhas de sorvete, livros usados de brochura e muito vinho.

Mas Farallon é lindo, é a principal região de São Francisco, e se íamos gastar muito dinheiro, poderia muito bem acontecer lá. Assim que entramos no prédio, com seus tetos opulentos e arredondados, luminárias douradas e cabines com bordas douradas, eu disse:

— Sem arrependimentos. — e forcei Alex a me dar mais cinco.
— Dar mais cinco me faz sentir como se minhas entranhas tivessem hera venenosa. — ele murmurou.

— É melhor tirar isso do caminho, caso você esteja prestes a descobrir que é alérgico a comida do mar.

Fiquei tão extasiada com a decoração exagerada que tropecei três vezes no caminho para a mesa. Era como estar no castelo de *A Pequena Sereia*, exceto que não estava animado e todos estavam completamente vestidos.

Quando nosso garçom nos deixou com nossos cardápios, Alex fez aquela coisa de velho, onde ele abriu o cardápio e se afastou dos preços com os olhos arregalados, como um cavalo assustado.

— Mesmo? — Eu disse. — Tão ruim assim?

— Depende. Você quer mais do que meia onça de caviar?

Não era o tipo de coisa cara que a classe média alta de Linfield evitaria, mas para nós, sim, era cara.

Dividimos um prato de ostras, caranguejo e camarão para duas pessoas, juntamente com um coquetel.

Nosso garçom nos odiava.

Quando saímos, passamos por ele e pensei ter ouvido Alex dizer baixinho:

— Desculpe, senhor.

Fomos direto para uma pizzeria e comemos uma pizza grande de queijo para nós dois.

— Eu comi demais. — Alex disse enquanto caminhávamos pela rua depois. — Foi como se algum tipo de demônio do Meio-Oeste me possuísse enquanto eu estava sentado naquele restaurante e aquele pequeno prato saiu. Eu podia ouvir meu pai dizendo: 'Agora, isso não é econômico.'

— Eu sei. — eu concordei. — No meio do caminho, eu estava tipo, tire-me daqui, preciso ir a um Costco e comprar um saco de macarrão de cinco dólares que poderia alimentar uma família por semanas.

— Acho que sou péssimo em férias. — disse Alex. — Toda essa coisa me faz sentir culpado.

— Você não é ruim em fazer isso nas férias. — argumentei. — E quase tudo faz você se sentir culpado, então não se culpe por viver grande.

— Touché. — ele concordou. — Mas ainda assim. Você provavelmente teria se divertido mais se tivesse feito esta viagem com Julian. — Ele não disse isso como uma pergunta, mas pelo jeito que seus olhos se voltaram para mim, então de volta para a calçada à nossa frente, eu poderia dizer que era uma.

— Pensei em convidá-lo. — admiti.

— Sim? — Alex tirou uma mão do bolso e alisou o cabelo. Por alguma razão, as luzes da rua passando sobre ele na calçada escura o faziam parecer mais alto. Mesmo curvado, ele estava se elevando sobre mim. Eu

acho que ele sempre foi. Eu só nem sempre percebia porque ele frequentemente se abaixava ao meu nível ou me puxava para cima dele.

— Sim. — Enrolei meu braço em seu cotovelo. — Mas estou feliz por não ter feito isso. Estou feliz que somos apenas nós.

Ele olhou por cima do ombro para mim e diminuiu a velocidade. Eu diminuí ao lado dele.

— Você vai terminar com ele?

A pergunta me pegou desprevenida. A maneira como ele estava olhando para mim, com as sobrancelhas franzidas e a boca pequena, também me pegou desprevenida. Meu coração disparou na próxima batida.

Sim, pensei imediatamente, sem qualquer consideração.

— Não sei. — disse eu. — Talvez.

Continuamos andando. Mais à frente, encontramos um bar com o tema Hemingway. Isso pode parecer um tanto ambíguo como tema, mas eles conseguiram com sua madeira escura lustrosa e luz âmbar e meia arrastão (não as meias, redes reais para peixes) suspensas no teto. Os drinques eram todos coquetéis de rum, com nomes de livros e contos de Hemingway, e nas duas horas seguintes, Alex e eu tomamos três cada, junto com uma dose. Continuei dizendo:

— Estamos celebrando! Vamos, Alex! — mas realmente, eu senti que havia algo que eu estava tentando esquecer.

E agora, enquanto tropeçamos de volta em nosso quarto de hotel, me ocorre que não me lembro do que estava tentando esquecer, então acho que funcionou.

Tiro os sapatos e desabo na cama mais próxima, enquanto Alex desaparece no banheiro e volta com dois copos d'água.

— Beba isso. — ele diz. Eu resmungo e tento afastar sua mão. — Poppy, — ele diz com mais firmeza, e eu me ponho descaradamente em pé e aceito o copo de água. Ele se senta na cama ao meu lado até que eu esvazie meu copo, então volta para encher mais dois.

Não tenho certeza de quantas vezes ele faz isso — estou quase dormindo o tempo todo. Tudo o que sei é que, eventualmente, ele coloca os copos de lado e começa a se levantar, e do meu estado de meio-sonho, totalmente bêbada, eu pego seu braço e digo:

— Não vá.

Ele se acomoda na cama e se deita ao meu lado. Adormeço enrolada contra o seu lado e quando acordo na manhã seguinte com o meu alarme tocando, ele já está no banho.

A humilhação por tê-lo feito dormir ao meu lado é instantânea e ardente. Eu sei então que não posso terminar com Julian quando chegar em casa. Tenho que esperar o tempo suficiente para ter certeza de que não estou confusa. Tempo suficiente para que Alex não pense que os dois eventos estão conectados.

Eles não estão conectados, eu penso. Tenho certeza que não.

Este Verão

EU ENCONTRO UMA FARMÁCIA ABERTA VINTE E QUATRO HORAS em Palm Springs, e dirijo em direção a ela sob os primeiros raios suaves do nascer do sol. Depois, volto para o apartamento antes que a maioria das outras lojas abram. A essa altura, o estacionamento do Desert Rose começou a assar novamente, e as horas frias da madrugada diminuem para uma memória distante enquanto subo os degraus, carregada de sacolas de supermercado.

— Como vai? — Eu pergunto a Alex enquanto fecho a porta atrás de mim.

— Melhor. — Ele força um sorriso. — Obrigado.

Mentiroso. Sua dor está estampada em seu rosto. Ele é pior em esconder isso do que suas emoções. Coloco as duas bolsas de gelo que comprei no freezer, vou para a cama e ligo a almofada térmica.

— Incline-se para frente — eu digo, e Alex se move o suficiente para eu deslizar o bloco para baixo da pilha de travesseiros onde ele pode ficar em seu meio das costas. Eu toco seu ombro, ajudando a desacelerar sua descida enquanto ele se inclina para trás. Sua pele é tão quente. Tenho certeza de que a almofada térmica não será *confortável*, mas espero que funcione, aquecendo o músculo até que ele relaxe.

Em meia hora, mudaremos para a bolsa de gelo para tentar reduzir qualquer inflamação.

Posso ter lido sobre espasmos nas costas nos corredores silenciosos e iluminados por lâmpadas fluorescentes da drogaria.

— Eu tenho um pouco de Icy Hot⁸ também — eu digo. — Isso ajuda?

— Talvez — ele diz.

— Bem, vale a pena tentar. Acho que deveria ter pensado nisso antes de você se inclinar para trás e ficar confortável novamente.

— Está tudo bem — ele diz, estremecendo. — Eu nunca fico confortável quando isso acontece. Só espero o remédio me nocautear e, quando acordo, geralmente me sinto muito melhor.

Eu deslizo para fora da cama e pego o resto das sacolas, levando-as de volta para ele.

— Quanto tempo isso dura?

— Normalmente, só um dia se eu ficar parado. — diz ele. — Terei que tomar cuidado amanhã, mas poderei me locomover. Você deveria fazer algo que você sabe que eu odiaria. — Ele força outro sorriso.

Eu ignoro o comentário e procuro na bolsa até encontrar a pomada.

— Precisa de ajuda para se inclinar para frente novamente?

— Não, eu estou bem. — Mas a cara que ele faz sugere o contrário, então eu me movo ao lado dele, pego seus ombros em minhas mãos e lentamente o ajudo a se endireitar.

— Eu sinto que você é minha enfermeira agora. — ele diz amargamente.

— Tipo, de uma forma quente e sexy? — Eu digo, tentando aliviar o humor dele.

— De um jeito velho triste que não consegue cuidar de si mesmo. — diz ele.

— Você tem uma casa. — eu digo. — Aposto que você até arrancou o carpete do banheiro.

— Eu fiz. — ele concorda.

— É claro que você pode cuidar de si mesmo. — eu digo. — Não consigo nem manter uma planta de casa viva.

— Isso é porque você nunca está em casa. — diz ele.

Eu torço a tampa do Icy Hot e coloco um pouco na ponta de meus dedos.

— Acho que não. Eu tenho essas coisas resistentes, pothos, plantas ZZ e plantas de cobra — elas são o tipo de planta que eles colocam em shoppings sem luz por meses a fio e não morrem. Em seguida, elas se mudam para o meu apartamento e imediatamente desistem da vida. — Eu estabilizo sua caixa torácica com uma mão para não empurrá-lo muito e, com a outra, estendo a mão para massagear cuidadosamente o creme em suas costas.

— Esse é o lugar certo? — Eu pergunto.

— Um pouco mais alto e para a esquerda. Minha esquerda.

— Aqui? — Eu olho para ele e ele acena com a cabeça. Eu afasto meu olhar e me concentro em suas costas, meus dedos fazendo círculos suaves sobre o local.

— Eu odeio que você tenha que fazer isso. — ele diz, e meus olhos vagam de volta para os dele, que são baixos e sérios sob uma sobrelha franzida.

Meu coração parece que cai no meu peito e voa de volta.

— Alex, já ocorreu a você que eu gostaria de cuidar de você? — Eu digo. — Quero dizer, obviamente não amo que você esteja com dor e odeio ter deixado você dormir naquela cadeira abominável, mas se alguém vai ter que ser sua enfermeira, estou honrada que seja eu.

Sua boca se fecha, e nenhum de nós diz nada por alguns momentos.

Eu puxo minhas mãos para longe dele.

— Com fome?

— Estou bem. — diz ele.

— Bem, isso é muito ruim. — Vou para a cozinha e enxágua o restante do Icy Hot das minhas mãos, pego alguns copos e os encho com gelo, depois volto para a cama e arrumo as sacolas de supermercado restantes em uma fileira. — Porque... — Pego uma caixa de donuts com

um floreio, como um mágico tirando um coelho de um chapéu. Alex parece duvidoso.

Ele não é uma pessoa muito de doces. Acho que em parte é por isso que ele cheira tão bem, mesmo com a limpeza obsessiva à parte, seu hálito e o odor corporal são sempre meio bons e acho que é porque ele *não* come como um menino de dez anos. Ou um esfomeado.

— E para *você*. — eu digo, e despejo os copos de iogurte, a caixa de granola e a mistura de frutas vermelhas, junto com uma garrafa de cerveja gelada. O apartamento está quente demais para tomar café.

— Uau. — diz ele, sorrindo. — Você é uma verdadeira heroína.

— Eu sei. — eu digo. — Quero dizer, obrigado.

Sentamos e festejamos, como em um piquenique, na cama. Eu como principalmente donuts e algumas colheradas do iogurte de Alex. Ele come principalmente iogurte, mas também devora metade de um donut de morango.

— Eu nunca como essas coisas. — diz ele.

— Eu sei. — eu digo.

— É muito bom. — diz ele.

— Isto fala comigo. — digo, mas se ele capta a referência à primeira viagem que fizemos juntos, ele ignora e meu coração afunda.

É possível que todos aqueles pequenos momentos que significaram tanto para mim nunca tenham significado exatamente a mesma coisa para ele. É possível que ele não tenha me procurado por dois anos inteiros porque, quando paramos de falar, ele não perdeu algo precioso como eu.

Temos mais cinco dias de viagem, contando hoje — embora hoje e amanhã sejam nossos últimos dias sem eventos de casamento — e agora eu temo algo maior do que constrangimento.

Eu penso em corações partidos. A versão completa disso que estou sentindo agora, mas me espalhando por dias a fio, sem alívio ou fuga. Cinco dias fingindo estar bem, enquanto dentro de mim algo está se partindo em pedaços cada vez menores até que não passa de restos.

Alex coloca sua bebida gelada na mesa lateral e olha para mim.

— Você realmente deveria sair.

— Eu não quero. — eu digo.

— Claro que você quer. — diz ele. — Esta é a sua viagem, Poppy. E eu sei que você não conseguiu tudo o que precisa para o seu artigo.

— O artigo pode esperar.

Sua cabeça inclina-se incerta.

— Por favor, Poppy. — diz ele. — Vou me sentir péssimo se você ficar presa comigo o dia todo.

Quero dizer a ele que vou me sentir péssima se for embora. Quero dizer, *tudo o que eu queria nessa viagem era estar em qualquer lugar com você o dia todo*, ou *Quem se importa em ver Palm Springs quando está cem graus lá fora*, ou *eu te amo tanto que às vezes dói*. Em vez disso, digo:

— Tudo bem.

Então eu me levanto e vou ao banheiro me arrumar. Antes de ir, levo para Alex uma bolsa de gelo e troco a almofada de aquecimento.

— Você vai conseguir fazer isso sozinho? — Eu pergunto.

— Vou dormir quando você sair. — diz ele. — Vou ficar bem sem você, Poppy.

Esta é a última coisa que quero ouvir.

• • •

Sem ofensa ao Museu de Arte de Palm Springs, mas eu simplesmente não me importo. Talvez eu pudesse em outras circunstâncias, mas nessas circunstâncias, é claro para mim e para todos que trabalham aqui que estou apenas matando o tempo. Eu nunca soube realmente *como* olhar para a arte sem outra pessoa como meu guia.

Meu primeiro namorado, Julian, costumava dizer: *Você ou sente algo ou não sente*, mas ele nunca estava me levando ao MoMA ou ao Met (quando pegamos o ônibus noturno para Nova York, pulamos todos eles) ou mesmo ao Cincinnati Museu de Arte; ele estava me levando para galerias faça você mesmo, onde artistas ficavam deitados nus no chão com as virilhas cobertas de alcatrão e penas, enquanto as gravações de áudio da sala de jantar do PF Chang tocavam no volume máximo.

Era mais fácil “sentir algo” nesses contextos. Constrangimento, repulsa, ansiedade, diversão. Havia tanta coisa que você podia sentir em algo tão exagerado, e os menores detalhes podem te ajudar de uma forma ou de outra.

Mas a maioria das artes visuais não desencadeia uma reação visceral em mim, e nunca tenho certeza de quanto tempo devo ficar na frente de uma pintura, ou que rosto devo fazer, ou como saber se escolhi o mais chato do lote e todos os docentes estão me julgando silenciosamente.

Tenho quase certeza de que não estou gastando a quantidade adequada de tempo olhando de forma significativa para a arte aqui, porque termino de percorrer a área em menos de uma hora. Tudo o que quero fazer é voltar para o apartamento, mas *não* se Alex especificamente quiser que eu não volte.

Então faço uma segunda volta. E então uma terceira. Desta vez, li todos os cartazes. Pego a literatura na recepção e levo comigo para ter outra coisa para estudar intensamente. Um docente careca com pele fina como papel me dá um mau-olhado.

Ele provavelmente pensa que estou examinando o lugar. Por todo o tempo que passei aqui, poderia muito bem estar. Dois coelhos, com uma cajadada só, etc, etc, etc.

Finalmente, aceito que gastei minhas boas-vindas e sigo para Palm Canyon Drive, onde deve haver algumas lojas de antiguidades incríveis.

E há. Galerias, salas de exposição e lojas de antiguidades, todos alinhados em uma linha organizada, polvilhados com estampas brilhantes de cores modernistas de meados do século — como a dos ovos de tordo azuis, laranjas brilhantes e verde azedo, há lâmpadas amarelas mostardas vibrantes que parecem quase ilustradas e sofás

estampados de Sputnik e luminárias elaboradas de metal com raios saindo em todas as direções.

É como se eu estivesse de férias à imagem dos anos 1960 do futuro.

É o suficiente para manter meu interesse por vinte minutos.

Então eu finalmente cedo e ligo para Rachel.

— Olaaaaaah! — ela chora no segundo toque.

— Você está bêbada? — Eu pergunto, surpresa.

— Não? — ela diz. — Você está?

— Eu queria.

— Oh-oh. — ela diz. — Achei que você não estava me respondendo porque estava se divertindo muito!

— Não estou respondendo a mensagem de texto porque estamos ficando em uma caixa de sapatos de mais de um metro de altura que tem um trilhão de graus, e não tenho nem espaço nem força mental para enviar uma mensagem detalhada sobre como está indo mal.

— Oh, querida. — Rachel suspira. — Você quer voltar para casa?

— Eu não posso — eu digo. — Há um casamento no final disso, lembra?

— Você *poderia* — ela diz. — Eu poderia ter uma 'emergência'.

— Não, tudo bem — eu digo. Não quero ir para casa, só quero que as coisas melhorem.

— Aposto que você gostaria de estar em Santorini agora. — diz ela.

— Principalmente, eu só queria que Alex não estivesse deitado de volta na sala com um *espasmo nas costas*.

— *O quê?* — Rachel diz. — Jovem, em forma e com corpo arrasador, esse Alex?

— Esse mesmo. E ele não me deixa fazer nada para ajudá-lo, de verdade. Ele me expulsou e eu fui ao museu de arte, tipo, quatro vezes hoje.

— Quatro... vezes? — ela diz.

— Quer dizer — digo — eu não, tipo, saí e voltei. Eu só sinto que fiz quatro excursões completas da sétima série seguidas. Pergunte-me qualquer coisa sobre Edward Ruscha.

— Ah! — Rachel diz. — Qual era o seu pseudônimo quando estava trabalhando na revista *Artforum* em layout?

— Ok, não me pergunte nada. — eu digo. — Acontece que não li o panfleto que estava olhando o tempo todo.

— Eddie Rússia. — a Rachel da Escola de Arte deixa escapar. — Não me lembro por quê. Quero dizer, obviamente soa como o nome dele, mas por que não usar seu nome verdadeiro nesse caso, sabe?

— Totalmente. — eu concordo, voltando para o carro. Há suor acumulando nas minhas axilas e na parte de trás dos meus joelhos, e eu sinto que estou pegando uma queimadura de sol, mesmo estando sob o toldo desta cafeteria. — Devo começar a escrever com o nome de Pop Right, sem o *W*?

— Ou se tornar uma DJ nos anos 90. — Rachel diz categoricamente. — DJ Pop-Right.

— De qualquer forma. — eu digo. — Como você está? Como está Nova York? Como estão os cães?

— Bom — ela diz — quente e tudo bem. Otis fez uma pequena cirurgia esta manhã. Remoção de tumor — benigno, graças a Deus. Estou indo buscá-lo agora.

— Dê-lhe beijos por mim.

— Obviamente. — ela diz. — Estou quase no veterinário, então tenho que ir, mas me avise se precisar que eu me machuque ou algo assim, para que você possa voltar para casa mais cedo.

Eu suspiro.

— Obrigada. E *você* me avise se precisar de alguma mobília cara.

— Hum. Certo.

Desligamos e eu verifico a hora. Consegui chegar às quatro e meia da tarde. Acho que isso significa que é apropriadamente tarde para pegar os sanduíches e voltar para o Desert Rose.

Quando eu entro, a porta da varanda está fechada para o calor do dia, mas o apartamento ainda está terrivelmente quente. Alex vestiu uma camiseta cinza e está sentado onde eu o deixei com seu livro aberto e mais dois jogados no colchão ao lado dele.

— Ei. — ele diz. — Se divertiu?

— Sim. — eu minto. Eu inclino meu queixo em direção à porta. — Você tem se levantado e andado por aí.

Sua boca se torce em uma carranca culpada.

— Só um pouco. Eu tinha que fazer xixi de qualquer maneira e tomar outro comprimido.

Subo na cama e coloco o saco de sanduíches entre nós, puxando minhas pernas para baixo.

— Como você está se sentindo?

— Muito melhor. — diz ele. — Quer dizer, ainda estou preso aqui, mas dói menos.

— Bom. Trouxe um sanduíche para você. — Viro o saco plástico de cabeça para baixo e o sanduíche embrulhado em papel desliza para fora dele.

Ele pega o seu e sorri levemente enquanto o desembulha.

— Um Reuben?

— Eu sei que não é a mesma coisa que roubar de Delallo. — eu digo. — Mas se você quiser, vou colocá-lo na geladeira e ir ao banheiro tempo suficiente para você mancar e pegá-lo.

— Tudo bem. — diz ele. — No meu coração, é roubado de Delallo, e alguns diriam que isso é o que realmente importa.

— Estamos aprendendo muitas lições importantes nesta viagem. — eu digo. — PS, deixei uma mensagem de voz para Nikolai a caminho de casa sobre a situação do ar. Tenho certeza de que ele está monitorando minhas ligações.

— Oh! — Alex diz, iluminando-se. — Eu esqueci de te contar! Baixei para setenta e oito.

— Sério? — Eu pulo da cama e vou verificar. — Isso é incrível, Alex! Ele ri.

— É uma coisa patética de se comemorar.

— O tema desta viagem é Levando o que Podemos Obter. — eu digo enquanto me sento ao lado dele.

— Achei que fosse Aspire. — diz Alex.

— Aspire alcançar setenta e cinco graus.

— Aspire caber dentro da piscina em algum momento.

— Aspire escapar impune do assassinato de Nikolai.

— Aspire sair da cama.

— Sua poooooobre coisinha. — eu gemo. — Preso na cama com um livro - seu inferno pessoal! - enquanto eu esfrego mentol em suas costas e entrego em mãos seu café da manhã e almoço ideais.

Alex faz a cara de cachorrinho.

— Injusto! — Eu digo. — Você sabe que não posso usar legítima defesa contra você agora!

— Ok. — diz ele. — Vou parar até que você se sinta confortável para me causar lesões corporais de novo.

— Quando isso começou a acontecer? — Eu pergunto.

— Não sei. — diz ele. — Acho que alguns meses depois da Croácia?

A palavra pousa como fogos de artifício no meio do meu peito. Tento manter meu rosto plácido, mas não tenho ideia de como estou me saindo. Ele, por sua vez, não mostra nenhum sinal de desconforto.

— Você sabe por quê? — Eu me recupero.

— Eu me curvo muito? — ele diz. — Especialmente quando estou lendo ou no meu computador. Um massagista me disse que meus músculos do quadril provavelmente estavam encurtando, puxando minhas costas. Não sei. Meu médico apenas me prescreveu relaxantes musculares e saiu antes que eu pudesse pensar em qualquer dúvida.

— E isso acontece muito? — Eu digo.

— Não muito. — ele diz. — Esta é a quarta ou quinta vez. Acontece menos quando faço exercícios regularmente. Acho que sentar no avião, no carro e tudo mais... e então a cadeira-cama.

— Faz sentido.

Depois de um momento, ele pergunta:

— Você está bem?

— Eu acho que sim... — Eu paro, sem saber o quanto eu quero dizer.

— Eu sinto que perdi muito.

Sua cabeça se inclina para trás contra os travesseiros e seus olhos vagam pelo meu rosto.

— Eu também.

Uma risada indiferente sai de mim.

— Não, você não perdeu. Minha vida é exatamente a mesma.

— Isso não é verdade. — diz ele. — Você cortou seu cabelo.

Desta vez, a risada é mais genuína e um sorriso contido se forma nos lábios de Alex.

— Sim, bem. — eu digo, lutando contra o rubor quando sinto seu olhar se mover sobre meu ombro nu, descendo pelo comprimento do meu braço, até onde minha mão repousa na cama perto de seu joelho. — Eu não comprei uma casa ou minha própria máquina de lavar louça nem nada. Duvido que algum dia consiga.

Sua sobrancelha arqueia e seus olhos voltam a olhar meu rosto.

— Você não quer. — ele diz baixinho.

— Sim, você provavelmente está certo. — eu digo, mas honestamente não tenho certeza. Esse é o problema. Não queria as coisas que costumava querer, as coisas que queria quando tomei quase todas as grandes decisões da vida. Ainda estou pagando empréstimos estudantis por um diploma que não concluí e, mesmo que tenha economizado mais um ano e meio de mensalidade, ultimamente me pego me perguntando se *essa* foi a escolha certa.

Eu fugi de Linfield. Eu fugi da Universidade de Chicago e, para ser honesta, meio que fugi de Alex quando tudo aconteceu. Ele fugiu de mim também, mas não posso colocar toda a culpa nele.

Eu estava apavorada. Eu corri. E eu deixei para ele consertar.

— Lembra-se de quando íamos a São Francisco e ficávamos dizendo 'quando estiver em Roma' sempre que queríamos comprar alguma coisa? — Eu pergunto.

— Talvez. — ele diz, parecendo incerto. Estou supondo que minha expressão deve estar claramente destrocada, porque ele acrescenta, se desculpando: — Eu não tenho uma ótima memória.

— Sim. — eu digo. — Isso faz sentido.

Ele tosse.

— Você quer assistir alguma coisa ou vai voltar?

— Não — eu digo — vamos assistir algo. Se eu voltar ao Museu de Arte de Palm Springs, acho que o FBI estará esperando por mim.

— Por que, você roubou algo inestimável? — Alex pergunta.

— Eu não vou saber até que eu tenha avaliado. — eu brinco. — Espero que esse tal de Claude Moan-ay acabe sendo um grande negócio.

Alex ri e balança a cabeça, e mesmo esse pequeno gesto parece custar-lhe um choque de dor.

— Merda. — ele diz. — Você tem que parar de me fazer rir.

— Você tem que parar de achar que estou brincando quando estou falando sobre roubar museus de arte.

Ele fecha os olhos e pressiona a boca em uma linha reta, sufocando mais risadas. Depois de um segundo, ele abre os olhos.

— Ok, vou fazer xixi pela última vez hoje – espero –, e tomar outro comprimido. Você pode pegar meu laptop da bolsa e abrir a Netflix, se quiser. — Ele se vira com cautela, põe os pés no chão e se levanta.

— Entendi. — eu digo. — E você quer que eu deixe as revistas de nudismo lá ou as tire também?

— Poppy. — ele geme sem olhar para trás. — Sem brincadeira.

Eu me empurro para fora da cama e puxo a bolsa do laptop de Alex para a cadeira enquanto procuro o computador, em seguida, carrego-o de volta para a cama comigo, abrindo-o no caminho.

Ele não o desligou e, quando mexo o mouse, a tela ganha vida, exigindo que eu faça login.

— Senha? — Eu chamo em direção ao banheiro.

— Flannery O'Connor. — ele responde, depois dá a descarga e abre a pia.

Não pergunto sobre espaços, letras maiúsculas ou pontuação. Alex é um purista. Eu digito e a tela de login desaparece, substituída por um navegador aberto. Antes de perceber, estou bisbilhotando sem querer.

Meu coração está acelerando.

A água fecha. A porta se abre. Alex sai e, embora seja melhor fingir que não vi o anúncio de emprego que Alex havia pesquisado, algo aconteceu, arrancou a parte do meu cérebro que — pelo menos *ocasionalmente* — filtra coisas que eu não deveria dizer.

— Você está se candidatando para lecionar em Berkeley Carroll?

A confusão em seu rosto rapidamente se transforma em algo semelhante à culpa. — Ah isso.

— Isso é em Nova York. — eu digo.

— Foi o que o website sugeriu. — diz Alex.

— Cidade de Nova York. — esclareço.

— Espere, *essa* Nova York? — ele está sem expressão.

— Você está se mudando para Nova York? — Eu digo, e tenho certeza que estou falando alto, mas a adrenalina me faz sentir como se o mundo inteiro estivesse cheio de algodão, amortecendo todos os sons para um zumbido abafado.

— Provavelmente não. — ele diz. — Acabei de ver a postagem.

— Mas você adoraria Nova York. — eu digo. — Quero dizer, pense nas livrarias.

Agora ele dá um sorriso que parece divertido e triste. Ele volta para a cama e lentamente se acomoda ao meu lado.

— Não sei. — diz ele. — Eu só estava olhando.

— Eu não vou incomodar você. — eu digo. — Se você está preocupado, se eu, tipo, aparecer na sua porta toda vez que eu tiver uma crise, prometo que não vou.

Sua sobrancelha levanta com ceticismo.

— E se você descobrir que eu tenho um espasmo nas costas, você vai entrar no meu apartamento com donuts e Icy Hot?

— Não? — Eu digo, levantando o tom com culpa. Seu sorriso se alarga, mas ainda assim, há algo vagamente triste nisso. — O que foi?

Ele segura meus olhos por um tempo, como se fôssemos pegos em um jogo de ver quem desvia o olhar primeiro. Então ele suspira e passa a mão no rosto.

— Não sei. — diz ele. — Há algumas coisas que ainda estou tentando resolver. Em Linfield. Antes de tomar uma decisão como essa.

— A casa? — Eu adivinho.

— Isso é uma parte. — diz ele. — Eu amo aquela casa. Não sei se suportaria vendê-la.

— Você poderia alugá-la! — Eu sugiro, e Alex me dá uma olhada. — Certo. Você é muito tenso para ser um senhorio.

— Eu acredito que você quer dizer que todo mundo é *muito negligente* para ser um inquilino.

— Você poderia alugá-la para um de seus irmãos. — eu digo. — Ou você pode apenas ficar com ela. Quer dizer, sua avó era a dona, certo? Você deve alguma coisa?

— Apenas impostos sobre a propriedade. — Ele afasta o computador de mim e sai do anúncio de emprego.

— Mas não é só a casa. E não é só por causa do meu pai e irmãos. — acrescenta ele quando vê minha boca se abrindo. — Quero dizer, obviamente eu sentiria muita falta das minhas sobrinhas e sobrinhos. Mas há outras coisas me mantendo lá. Ou, não sei, pode haver. Eu estou meio que... esperando para ver o que acontece.

— Ah. — eu digo, a compreensão surgindo. — Então, tipo... uma mulher.

Mais uma vez, ele sustenta meu olhar, como se me desafiasse a empurrar o assunto. Mas eu não pisco e ele o faz primeiro.

— Não precisamos falar sobre isso.

— Hm. — E agora toda aquela energia vibrante e excitada parece estar congelando, afundando no meu estômago. — Então é Sarah. Vocês vão voltar a ficar juntos.

Ele inclina a cabeça, esfrega a testa.

— Não sei.

— Ela quer? — Eu digo. — Ou você quer?

— Eu não sei. — ele diz novamente.

— Alex.

— Não faça isso. — Ele ergue os olhos. — Não me castigue. É muito triste lá fora, em termos de namoro, e Sarah e eu temos muita história.

— Sim, uma história sórdida. — eu digo. — Há uma razão para você ter terminado. Duas vezes.

— E uma razão para termos namorado. — ele dispara de volta. — Nem todo mundo pode simplesmente *não olhar para trás* como você.

— O que isso deveria significar? — Eu exijo.

— Nada. — ele diz rapidamente. — Somos apenas diferentes.

— Eu sei que somos diferentes. — eu digo, na defensiva. — Eu também sei que é horrível lá fora. Também estou solteira, Alex. Sou um membro de carteirinha do Grupo de Apoio Não Solicitado de Fotos de Paus. Não significa que estou correndo para voltar com um dos meus ex-namorados.

— É diferente. — ele insiste.

— Como? — Eu estalo.

— Porque você não quer as mesmas coisas que eu quero. — diz ele, meio gritando, possivelmente o mais alto que já o ouvi falar, e embora sua voz não esteja com raiva, é definitivamente frustrante.

Quando eu me afasto dele, eu o vejo murchar um pouco, envergonhado.

Ele continua, quieto e controlado mais uma vez.

— Eu quero todas as coisas que meus irmãos têm. — diz ele. — Eu quero me casar e ter filhos e netos, ficar velho pra caralho com minha esposa, morar em nossa casa por tanto tempo que tenha o nosso cheiro. Tipo, eu quero escolher a merda de móveis e cores de pintura, fazer todas aquelas coisas de Linfield que você acha tão insuportável, ok? Isso é o que eu quero. E eu não quero esperar. Ninguém sabe quanto tempo nós temos, e eu não quero que mais dez anos se passem e descubram que tenho câncer no pau ou algo assim, e é tarde demais para mim. *Isso é o que importa para mim.*

Qualquer fogo restante sai dele, mas ainda estou tremendo de nervosismo, dor e vergonha e, acima de tudo, raiva de mim mesma por não entender o que estava acontecendo toda vez que ele defendeu nossa cidade natal de Podunk, ou mudou de assunto para Sarah, ou qualquer outra coisa.

— Alex. — eu digo, à beira das lágrimas. Eu balanço minha cabeça, tentando limpar as nuvens de tempestade de emoções acumuladas. — Não acho que isso seja insuportável. Eu não acho que nada disso seja insuportável.

Seus olhos levantam pesadamente para os meus, disparam para longe novamente. Com cuidado para não bater nele, eu me aproximo e puxo sua mão na minha, cruzo meus dedos nos dele.

— Alex?

Ele olha para mim.

— Desculpe. — ele murmura. — Sinto muito, Poppy.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu amo a casa de Betty. — eu digo. — E adoro pensar que você a tem, e por mais que eu odiasse a escola, adoro pensar que você leciona lá e como essas crianças são sortudas. E eu amo o bom irmão e filho que você é, e — Minhas palavras ficam presas na minha garganta, e eu tenho que gaguejar em lágrimas através do resto delas. — E eu não quero que você se case com Sarah, porque ela não dá valor a você. Ela nunca teria terminado com você em primeiro lugar se não o fizesse. E, honestamente, tirando isso, não quero que você se case com ela, porque ela nunca gostou de mim, e se você se casar com ela... — Eu paro antes de começar a soluçar.

Se você se casar com ela, eu penso, vou perder todos vocês para sempre.

E então, provavelmente não importa com quem você se case, terei que te perder para sempre.

— Eu sei que isso é tão egoísta. — eu digo. — Mas não é só isso. Eu realmente acho que você pode fazer melhor. Sarah será ótima para alguém, mas não para você. Ela não gosta de karaokê, Alex.

Esta última parte saiu pateticamente chorosa, e enquanto ele olha para mim, ele faz o possível para esconder o sorriso que puxa sua boca. Ele libera sua mão da minha e envolve seu braço em volta de mim, pressionando-me levemente contra ele, mas eu não me permito afundar nele como eu quero por medo de machucá-lo.

Esta lesão, embora infeliz para ele, está na verdade se revelando um bom amortecedor, porque em todos os lugares que estamos tocando começou a zumbir, como se meus nervos estivessem lutando por mais dele. Ele pressiona um beijo no topo da minha cabeça, e parece que alguém quebrou um ovo ali, algo quente e sensual escorrendo sobre mim.

Afasto as memórias nebulosas de tudo que aquela boca fez na Croácia.

— Não tenho certeza se realmente posso fazer melhor. — diz Alex, tirando-me de uma cena digna de rubor. — Quando eu abro o Tinder, ele só me mostra o dedo médio.

— Jura? — Eu me sento — Você tem uma conta do Tinder?

Ele revira os olhos.

— Sim, Poppy. Vovô tem um Tinder.

— Deixe-me ver.

Suas orelhas ficam vermelhas.

— Não, obrigado. Não estou com vontade de ser brutalmente importunado.

— Eu posso te ajudar, Alex. — eu digo. — Eu sou uma mulher heterossexual. Eu sei como os perfis masculinos do Tinder são analisados. Eu posso descobrir o que você está fazendo de errado.

— O que estou fazendo de errado é tentar encontrar uma conexão significativa em um aplicativo de namoro.

— Bem, obviamente. — eu digo. — Mas vamos ver o que mais.

Ele suspira.

— Tá bom. — Ele puxa o telefone do bolso e o entrega para mim. — Mas vá com calma comigo, Poppy. Estou frágil agora.

E então ele faz a cara.

Sete Verões Atrás

NOVA ORLEANS.

Alex está curioso sobre a arquitetura — todos aqueles prédios antigos da cor de giz de cera com suas varandas de ferro forjado e as árvores antigas se contorcendo nas calçadas, raízes se espalhando por metros em todas as direções, quebrando o cimento como se não fosse nada. As árvores são anteriores a ele e durarão mais que isso.

Estou animada para o álcool na forma de raspadinha e lojas sobrenaturais kitsch⁹.

Felizmente, não há falta de nada disso.

Estou emocionada ao encontrar um grande apartamento não muito longe da Bourbon Street. O chão é manchado de escuro e a mobília é de madeira pesada, e há pinturas coloridas de músicos de jazz penduradas nas paredes de tijolos expostos. As camas são baratas, assim como a roupa de cama, mas são *Queen size*, e o lugar é limpo, o ar-condicionado é tão forte que temos que diminuí-lo para que toda vez que entremos depois de um dia no calor, nossos dentes não batam.

Tudo o que realmente há para fazer em Nova Orleans, ao que parece, é caminhar, comer, beber, olhar e ouvir. Isso é basicamente o que fazemos em todas as viagens, mas o fato é enfatizado aqui pelas centenas de restaurantes e bares situados lado a lado em cada rua estreita. E as milhares de pessoas circulando pela cidade com copos altos de neon e canudos que não combinavam. A cada quarteirão, mais ou menos, os cheiros da cidade mudam de frito e delicioso para fedorento e podre, a umidade prendendo o esgoto e o colocando em exposição.

Em comparação com a maioria das cidades americanas, tudo parece tão velho que imagino que estejamos sentindo o cheiro de lixo de 1700, o que milagrosamente o torna mais suportável.

— Parece que estamos andando pela boca de alguém. — diz Alex mais de uma vez sobre a umidade e, a partir de então, sempre que o cheiro nos atinge, penso em comida presa entre os dentes.

Mas a questão é que nunca dura. Uma brisa sopra para limpá-lo, ou passamos por outro restaurante com todas as portas abertas, ou viramos a esquina e tropeçamos em alguma bela rua lateral onde todas as sacadas estão cheias de flores roxas.

Além disso, estou em Nova York há cinco meses e, durante os últimos dois meses de verão, não é como se minha estação de metrô cheirasse a

rosas. Já vi três pessoas diferentes fazendo xixi na escada interna e vi *uma delas* fazer isso uma segunda vez, uma semana depois.

Eu amo Nova York, mas, vagando por Nova Orleans, me pergunto se eu poderia ser tão feliz aqui. Se talvez eu pudesse ser mais feliz. Se talvez Alex me visitasse com mais frequência.

Até agora, ele visitou Nova York uma vez, algumas semanas após o término de seu primeiro ano de pós-graduação. Ele trouxe um carro cheio das minhas coisas da casa dos meus pais para o meu apartamento no Brooklyn e, no último dia de sua viagem, comparamos calendários e conversamos sobre quando nos veríamos da próxima vez.

A viagem de verão, obviamente. Possivelmente (mas provavelmente não) no Dia de Ação de Graças. Natal se eu pudesse tirar uma folga do trabalho no restaurante onde estou servindo. Mas todo mundo quer passar o Natal fora, então, em vez disso, expus a ideia da véspera de Ano Novo e concordamos em discutir sobre mais tarde.

Até agora não falamos sobre nada disso nesta viagem. Não queria pensar em sentir *falta de* Alex enquanto estou com ele. Parece um desperdício.

— Se nada mais — ele brincou — sempre teremos a viagem de verão.

Tive de decidir ativamente ver isso como reconfortante.

De manhã até horas depois de escurecer, nós vagamos. Bourbon Street, Frenchmen, Canal e Esplanade (Alex é particularmente apaixonado pelas casas antigas e imponentes desta rua, com seus canteiros de flores transbordando e palmeiras bronzeadas erguendo-se ao lado de carvalhos escarpados).

Comemos beignets¹⁰ macios e polvilhados com açúcar em um café ao ar livre e passamos horas escolhendo o nosso caminho entre as bugigangas que estão sendo vendidas fora do Mercado Francês (chaveiros com cabeça de crocodilo e anéis de prata com pedras da lua), os pães recém-assados, produtos locais gelados, bolinhos densos cobertos com kiwi e morangos e cerejas embebidas em bourbon e bombons (de todas as maneiras imagináveis) sendo vendidos nas barracas internas.

Bebemos Sazeracs, coquetéis Hurricane e daiquiris em todos os lugares que vamos, porque — Ficar no tema importa. — como Alex diz dramaticamente quando tento pedir um gim com tônica, e a partir daí, temos nosso mantra e nossos alter egos para a semana.

Gladys e Keith Vivant são um casal poderoso da Broadway, nós decidimos. Verdadeiros performers, em sua essência, e enquanto suas tatuagens combinam que dizem, *O mundo todo é um palco!*

Eles começam todos os dias com alguns exercícios de atuação, seguem seu instinto toda a semana, deixando-o guiar cada interação para melhor habitar do Personagem.

E o tema, claro, é vital.

Ou, você poderia dizer, é importante.

— O tema é importante! — gritamos para a frente e para trás, batendo os pés sempre que queremos fazer algo que o outro não está entusiasmado.

Há muitas lojas vintage que parecem nunca ter sido limpas antes, e Alex não fica feliz em experimentar as calças de couro de camurça que escolhi para ele em uma dessas, assim como não fico feliz quando ele quer gastar seis horas em um museu de arte.

— O tema é importante! — Eu grito quando ele se recusa a entrar em um bar com uma — não é brincadeira — banda só de saxofones tocando no meio do dia.

— O tema é importante! — ele chora quando digo que não quero comprar camisas que dizem *Vadia Bêbada 1* e *Vadia Bêbada 2*, como aquelas camisas Coisa 1 e Coisa 2 que vendem em parques temáticos, e saímos da loja vestindo as camisas por cima das roupas.

— Eu adoro quando você fica estranho. — digo a ele.

Ele aperta os olhos meio embriagados para mim enquanto caminhamos.

— Você me deixa estranho. Eu não sou assim com ninguém.

— Você me deixa estranha também. — eu digo; então — Devemos fazer tatuagens de *verdade* que digam 'O mundo todo é um palco'?

— Gladys e Keith fariam. — diz Alex, tomando um longo gole de sua garrafa de água. Ele passa para mim depois, e eu avidamente engulo a metade.

— Então isso é um sim?

— Por favor, não me obrigue. — ele diz.

— Mas, Alex. — eu choro. — O tema import—

Ele coloca a garrafa de água de volta na minha boca.

— Assim que estiver sóbria, prometo que não achará mais engraçado.

— Eu *sempre* acho que *cada* piada que eu faço é hilária — eu digo — mas você fez um ponto.

Vamos a happy hour depois de happy hour, com resultados variados. Às vezes as bebidas são fracas e ruins, às vezes são fortes e boas, frequentemente são fortes e ruins. Vamos a um bar de hotel montado em um carrossel e cada um compra um coquetel de quinze dólares. Vamos ao, supostamente, segundo bar em funcionamento contínuo mais antigo da Louisiana. É uma antiga oficina de ferreiro com piso pegajoso que parece um museu vivo pela metade, exceto pela gigantesca máquina de curiosidades instalada no canto.

Alex e eu bebemos lentamente uma bebida compartilhada enquanto esperamos nossa vez. Não batemos o recorde, mas fomos para o placar.

Na quinta noite, terminamos em um bar de karaokê descolado com um palco exagerado e com show de luzes de laser. Depois de duas cenas de Fireball, Alex concorda em cantar “I Got You Babe” de Sonny e Cher no palco como os Vivants.

No meio da música, nós começamos uma briga com microfones sobre o fato de que eu *sei que* ele está dormindo com Shelly por causa da

maquiagem.

— Não leva nem uma hora para colocar uma maldita barba falsa, Keith! — Eu grito.

Os aplausos no final são abafados e desconfortáveis. Tiramos outra foto e nos dirigimos para um lugar que Guillermo me contou que serve um coquetel de café congelado.

Metade dos lugares que visitamos foram lugares que Guillermo recomendou, e eu adorei todos eles, especialmente a pequena loja de po'boy. Ter um chef como namorado tem suas vantagens.

Quando eu disse a ele para onde Alex e eu íamos, ele pegou um pedaço de papel e começou a escrever tudo o que conseguia se lembrar da sua última viagem, junto com notas sobre preços e o que pedir. Ele anotou todos os seus pratos imperdíveis, mas de jeito nenhum vamos experimentar a todos eles.

Conheci o Guillermo alguns meses depois de me mudar para Nova York. Minha nova (primeira nova amiga em Nova York) Rachel recebeu um pedido para comer em seu novo restaurante de graça, em troca de postar algumas fotos em suas redes sociais. Ela faz muito esse tipo de coisa e, como sou uma pessoa da Internet, fazemos esse tipo de coisa juntas.

— Menos constrangedor. — ela insiste. — Promoção em dobro.

Cada vez que ela posta uma foto comigo, minha contagem de seguidores sobe em centenas. Eu estive empacada em torno de 36 mil por seis meses, mas tinha aumentado para cinquenta e cinco mil por pura associação com a marca dela.

Então fui com ela a este restaurante e, após a refeição, o chef veio falar conosco, e ele era lindo e meigo, com olhos castanhos suaves, cabelo escuro penteado para trás.. Sua risada foi suave e despreocupada, e naquela noite, ele me mandou uma mensagem no Instagram, antes mesmo que eu pudesse postar as fotos que tirei para minha conta.

Ele me encontrou por meio de Rachel, e gostei da maneira como ele me disse isso logo de cara, sem constrangimento. Ele trabalha quase todas as noites, então, em nosso primeiro encontro, fomos tomar café da manhã, e ele me beijou quando me pegou, em vez de esperar até que ele me deixasse depois.

No começo, eu estava saindo com algumas outras pessoas e ele também, mas várias semanas depois, decidimos que nenhum de nós queria ver mais ninguém. Ele riu quando me contou, e eu ri também, só porque adquiri o hábito de dar risadas encorajadoras por estar perto dele.

Não é como era com Julian, não totalmente absorvente e imprevisível. Nós nos vemos duas ou três vezes por semana, e é legal como isso deixa espaço na minha vida para outras coisas.

Aulas de spinning com Rachel e longas caminhadas pelo shopping do Central Park com uma casquinha de sorvete pingando na mão, inaugurações de galerias e noites especiais de cinema em bares de

bairro. As pessoas em Nova York são mais amigáveis do que o resto do mundo me avisou que seriam.

Quando digo isso a Rachel, ela diz:

— A maioria das pessoas aqui não são idiotas. Elas estão apenas ocupadas.

Mas quando digo a mesma coisa para Guillermo, ele segura meu queixo, ri e diz:

— Você é tão fofa. Espero que não deixe este lugar mudar você.

É doce, mas também me preocupa. Como se talvez a coisa que Gui mais ama em mim não seja uma parte essencial, mas algo mutável, algo que poderia ser arrancado por alguns anos no clima certo.

Enquanto vagamos pelas ruas de Nova Orleans, penso várias vezes em contar a Alex sobre o que Guillermo disse, mas sempre me contenho. Quero que Alex goste de Guillermo e me preocupo que ele se ofenda por minha causa.

Então eu conto a ele outras coisas. Como o quão calmo Guillermo é, que ele ri facilmente, o quão apaixonado ele é pelo seu trabalho e pela comida em geral.

— Você vai gostar dele. — eu digo, e realmente acredito nisso.

— Tenho certeza que vou. — Alex insiste. — Se você gosta dele, eu gostarei dele.

— Boa. — eu digo.

E então ele me fala sobre Sarah, sua paixão não correspondida da faculdade. Ele a encontrou quando estava em Chicago visitando seus amigos há algumas semanas.

Eles tomaram uma bebida.

— E?

— E nada. — ele diz. — Ela mora em Chicago.

— Não é Marte. — eu digo. — Não fica nem tão longe da Universidade de Indiana.

— Às vezes ela me manda algumas mensagens de texto. — ele admite.

— Claro que manda. — eu digo. — Você é um homem e tanto.

Seu sorriso é tímido e adorável.

— Não sei. — diz ele. — Talvez da próxima vez que eu estiver na cidade nos encontremos de novo.

— Você deveria. — eu pressiono.

Estou feliz com o Guillermo, e Alex merece ser feliz também. Qualquer tensão que cinco por cento de nosso relacionamento — *o e se* — provocava, parece ter sido resolvida.

Embora a estadia no French Quarter tenha parecido ideal quando reservei no Airbnb, descobri que as noites são bem barulhentas. A música continua até às três ou quatro da madrugada, e começa surpreendentemente cedo pela manhã. Nós nos aventuramos na piscina da cobertura do Ace Hotel, que é gratuita nos dias de semana, e tiramos uma soneca em algumas espreguiçadeiras ao sol.

É provavelmente a melhor noite de sono que durmo a semana toda, então, no momento em que fazemos o tour do cemitério no último dia da viagem, estou absolutamente cansada. Alex e eu esperávamos histórias de fantasmas assustadoras. Em vez disso, obtemos informações sobre como a Igreja Católica cuida de alguns túmulos — aqueles para os quais as pessoas compraram "cuidados perpétuos" gerações atrás — e permite que os outros se transformem em pó.

É decididamente enfadonho, e estamos cozinhando ao sol, e minhas costas doem de andar com sandálias durante toda a semana, estou exausta de dormir mal, e no meio do caminho, quando Alex percebe como estou miserável, ele começa a levantar a mão toda vez que paramos em outra sepultura para ouvirmos mais baboseiras e pergunta:

— Então, *esta* sepultura está assombrada?

No início, nosso guia turístico ri de sua pergunta, mas ele fica menos receptivo a cada vez que isso acontece. Finalmente, Alex pergunta sobre uma grande pirâmide de mármore branco em desacordo com o resto dos túmulos retangulares de estilo francês e espanhol empilhados, e o guia turístico bufa:

— Espero que não! Aquele pertence a Nicolas Cage!

Alex e eu nos deterioramos em gargalhadas.

Acontece que ele não está brincando.

Era para ser uma grande revelação, provavelmente com uma piada embutida, e nós a estragamos.

— Desculpe. — Alex diz, e passa uma gorjeta para ele quando estamos saindo. Sou eu que trabalho no bar, mas é ele que sempre tem dinheiro.

— Você é secretamente um stripper? — Pergunto a Alex. — É por isso que você sempre tem dinheiro?

— Dançarino exótico. — diz ele.

— Você é um dançarino exótico? — Eu digo.

— Não. — ele diz. — É muito útil carregar dinheiro.

O sol está se pondo e nós dois estamos cansados até os ossos, mas é nossa última noite, então decidimos nos limpar e ir recuperar as forças. Enquanto estou sentada no chão em frente ao espelho de corpo inteiro, colocando a maquiagem, examino a lista de Guillermo e grito sugestões para Alex.

— Tá. — ele diz depois de cada um. Depois de um punhado, ele vem para trás de mim, fazendo contato visual no espelho. — Podemos apenas caminhar?

— Eu adoraria. — eu admito.

Chegamos a alguns pubs sujos antes de terminarmos no Dungeon, um pequeno e escuro bar gótico no final de um beco estreito. Disseram-nos que fotos são expressamente proibidas antes que o segurança nos deixe entrar na sala iluminada de vermelho. Está tão lotado que preciso segurar o cotovelo de Alex enquanto subimos as escadas. Há esqueletos de plástico pendurados na parede, e um caixão forrado de cetim

vermelho está à espera de uma oportunidade de foto que você não tem permissão para tirar.

Apesar do nosso mantra para esta viagem e de todas as compras pessoais gratuitas que fiz para ele, Alex continuou a detestar festas temáticas, eventos e, aparentemente, bares também.

— Este lugar é horrível. — diz ele. — Você ama isso, não é?

Eu aceno, e ele sorri. Temos que ficar tão perto que preciso inclinar minha cabeça para trás para vê-lo. Ele afasta meu cabelo dos olhos e segura minha nuca, como se para estabilizá-la.

— Sinto muito por ser tão alto. — diz ele sobre a música de metal vibrando através do bar.

— Sinto muito por ser tão baixa. — eu digo.

— Eu gosto de você baixinha. — ele diz. — Nunca se desculpe por ser baixinha.

Eu me inclino para ele, tocando nossos troncos.

— Ei. — eu digo.

— Ei o que? — ele pergunta.

— Podemos ir para aquele bar country pelo qual passamos?

Tenho certeza que ele não quer. Tenho certeza de que ele acha tudo isso humilhante. Mas o que ele diz é:

— Claro. O tema é importante, Poppy.

Então, vamos lá em seguida, e é o extremo oposto do Dungeon, um grande open bar com selas para assentos e Kenny Chesney gritando para ninguém além de nós.

Alex fica chateado com a ideia de sentar nas selas, mas eu pulo e tento fazer sua cara de cachorro triste para ele.

— O que é isso? — ele diz. — Você está bem?

— Estou sendo patética. — eu digo. — Para que você, por favor, me faça a mulher mais feliz do estado de Louisiana e se sente em um desses assentos de sela.

— Não consigo decidir se você é muito fácil de agradar ou muito difícil. — diz ele, e balança uma perna, subindo na sela ao lado da minha.

— Com licença. — ele diz, para um barman corpulento em um colete de couro preto. — Me traga algo que me faça esquecer que isso aconteceu.

Ainda polindo um vidro, ele se vira e o encara.

— Eu não leio mentes, garoto. O que você quer?

As bochechas de Alex ficam vermelhas. Ele limpa a garganta.

— Cerveja boa. O que você tiver.

— Duas. — eu digo. — Duas dessas, por favor.

Quando o barman se vira para pegar nossas bebidas, eu me inclino para Alex e quase caio da sela no processo. Ele me pega e me levanta enquanto eu sussurro:

— *Ele está tão no tema!*

São apenas onze e meia quando partimos, mas estou exausta e tão sem sede como jamais estive em minha vida. Então, nós apenas andamos pelo meio da rua ao meio de todos os outros foliões: famílias

em camisetas de reunião combinando; noivas vestidas de branco com faixas BACHELORETTE rosa sedoso e saltos altos; homens de meia-idade bêbados dando em cima das garotas com faixas BACHELORETTE rosa, enfiando notas de um dólar nas alças dos vestidos enquanto passam.

Acima, as pessoas se alinham nas sacadas de cima de bares e restaurantes, balançando miçangas roxas, douradas e verdes ao redor, e quando um homem assobia e balança um punhado de colares para mim, eu ergo meus braços para pegá-los. Ele balança a cabeça e faz um gesto levantando a camisa.

— Eu o odeio. — digo a Alex.

— Eu também. — Alex concorda.

— Mas eu tenho que admitir, ele *está* no tema.

Alex ri e seguimos em frente, sem destino em mente. Gradualmente, o tráfego de pedestres diminui à medida que nos aproximamos de uma banda de metais (sem saxofone e outros instrumentos de sopro) que se instalou no meio da rua, buzinas tocando, tambores tocando. Paramos para assistir e alguns casais começaram a dançar. Na virada do século, Alex me oferece sua mão e, quando eu a pego, ele me gira em um círculo preguiçoso e me puxa para perto, uma mão em volta das minhas costas, a outra dobrada contra as minhas. Ele me balança para frente e para trás, e nós dois rimos sonolentos. Não estamos no ritmo, mas não importa. Somos apenas nós.

Talvez seja por isso que ele pode lidar com o afeto do público. Talvez, como eu, quando estamos juntos, ele sinta que ninguém mais está lá, como se fossem fantasmas que apenas enfeitam o cenário.

Mesmo se Jason Stanley e todos os outros valentões do meu passado estivessem aqui, zombando de mim através de um megafone, não acho que pararia de dançar desajeitadamente com Alex na rua. Ele me gira para fora e para dentro, tenta me mergulhar, quase me deixa cair. Eu grito quando isso acontece, rio tanto que bufo quando ele me pega e me coloca de pé, me balançando um pouco mais.

Quando a música termina, nós nos separamos e nos juntamos à multidão em aplausos. Alex se agacha por um segundo e, quando se levanta, está segurando um colar de miçangas roxas de Mardi Gras lascadas.

— Esses estavam no chão. — eu digo.

— Você não os quer?

— Não, eu quero eles. — eu digo. — Mas eles estavam no chão.

— Sim. — ele diz.

— Onde há sujeira. — eu digo. — E bebida derramada. Possivelmente vômito.

Ele estremece e começa a abaixar o colar. Eu pego seu pulso, parando-o.

— Obrigada. — eu digo. — Obrigada por tocar nessas miçangas nojentas por mim, Alex. Adoro elas.

Ele revira os olhos, sorri, desliza o colar pelo meu pescoço enquanto eu abaixo a cabeça.

Quando eu olho de volta para ele, ele está sorrindo para mim, e eu penso, *eu te amo mais agora do que nunca*. Como é possível que isso continue acontecendo com ele?

— Podemos tirar uma foto juntos? — Eu pergunto, mas o que estou pensando é, *eu gostaria de poder engarrafar este momento e usá-lo como um perfume*. Sempre estaria comigo. Onde quer que eu fosse, ele estaria lá também, então sempre me sentiria eu mesma.

Ele pega o telefone e nos amontoamos enquanto ele tira uma foto. Quando olhamos para ela, ele faz um som de surpresa estrangulada. Provavelmente em um esforço para não parecer tão sonolento, ele arregalou os olhos no último segundo possível.

— Parece que você viu algo horrível exatamente quando o flash disparou. — eu digo.

Ele tenta puxar o telefone das minhas mãos, mas eu giro para longe dele, corro para fora do alcance enquanto mando mensagem para mim mesma. Ele me segue, lutando contra um sorriso e, quando o devolvo, digo:

— Pronto, agora que tenho uma cópia, você pode excluí-la.

— Eu nunca iria excluí-la. — diz Alex. — Só vou olhar para ela quando estiver sozinho, trancado no meu apartamento, para que ninguém mais veja meu rosto nesta foto.

— Eu vou ver. — eu digo.

— Você não conta. — diz ele.

— Eu sei. — eu concordo. Eu amo isso, ser aquela que não conta. Aquela que tem permissão para ver Alex por completo. Aquela que o torna estranho.

Quando voltamos para o apartamento, pergunto quando ele vai me deixar ler os contos em que está trabalhando.

Ele diz que não pode — se eu não gostar deles, ele ficará muito envergonhado.

— Você entrou em um programa incrível de MFA. — eu digo. — Você é obviamente bom. Se eu não acho que eles são bons, estou obviamente errada.

Ele diz que, se eu não acho que eles são bons, então a Universidade de Illinois está errada.

— Por favor. — eu digo.

— Ok. — ele diz, e pega seu computador. — Apenas espere até eu estar no banho, ok? Eu não quero ter que ver você lendo isso.

— Ok. — eu digo. — Se você tem um romance, eu poderia ler em vez disso, já que terei todo o tempo de um banho de Alex Nilsen.

Ele joga um travesseiro em mim e vai para o banheiro.

A história é realmente curta. Nove páginas, sobre um menino que nasceu com um par de asas. Durante toda a sua vida, as pessoas lhe disseram que isso significava que ele deveria tentar voar. Ele tem medo.

Quando ele finalmente o faz, pula de um telhado de dois andares e cai. Ele quebra suas pernas e asas. Ele nunca os recompõe. Conforme ele se recupera, o osso se cura em uma forma irregular. Finalmente, as pessoas param de dizer que ele deve ter nascido para voar. Finalmente, ele está feliz.

Quando Alex volta, estou chorando.

Ele me pergunta o que há de errado.

Eu digo:

— Não sei. Apenas fala comigo.

Ele acha que estou fazendo uma piada e ri junto, mas pela primeira vez, eu não estava me referindo à garota da galeria que tentou nos vender uma escultura de urso de 21 mil dólares.

Estava pensando no que Julian costumava dizer sobre arte. Como isso faz você sentir algo ou não.

Quando li sua história, comecei a chorar por um motivo que não consigo explicar totalmente, nem mesmo para Alex.

Quando eu era criança, costumava ter esses ataques de pânico pensando em como nunca poderia *ser* outra pessoa. Eu não poderia ser minha mãe ou meu pai, e por toda a minha vida, eu teria que andar por aí dentro de um corpo que me impedia de conhecer verdadeiramente outra pessoa.

Isso me fez sentir solitária, desolada, quase sem esperança. Quando contei isso a meus pais, esperava que eles conhecessem o sentimento de que eu estava falando, mas não sabiam.

— Isso não significa que haja algo de errado em se sentir assim, querida! — Mamãe insistiu.

— Quem mais você pensa em ser? — meu pai disse com seu fascínio particular e direto.

O medo diminuiu, mas a sensação nunca foi embora. De vez em quando, eu o desenrolava, cutucava. Me pergunto como pude parar de me sentir solitária quando ninguém jamais poderia me conhecer completamente. Quando eu nunca poderia analisar o cérebro de outra pessoa e ver tudo.

E agora estou chorando porque ler essa história me faz sentir pela primeira vez que não estou no meu corpo. Como se houvesse uma bolha que se estende ao redor de mim e de Alex, e faz com que sejamos apenas dois globos de cores diferentes em uma lâmpada de lava, se misturando livremente, dançando em volta um do outro, sem obstáculos.

Estou chorando porque estou aliviada. Porque nunca mais me sentirei tão sozinha como naquelas longas noites de infância. Enquanto eu o tiver, nunca estarei sozinha novamente.

Este Verão

- ALEX! — Eu grito ao ver seu perfil no Tinder. — Não!
- O que? O que? — ele diz. — Você não pode ter lido tudo até agora!
- Hum, em primeiro lugar — eu digo, sacudindo seu telefone na nossa frente — você não acha que isso é um problema? Sua biografia parece a carta de apresentação de um currículo. Eu nem sabia que as bios do Tinder poderiam *ser* tão longas! Não existe algum tipo de limite de caracteres? Ninguém vai ler tudo isso.
- Se eles estiverem realmente interessados, eles vão. — diz ele, deslizando o telefone da minha mão.
- Talvez se eles estiverem interessados em colher seus órgãos, eles vão até o fundo apenas para se certificar de que você não mencione seu tipo de sangue — *você menciona?*
- Não — ele diz, parecendo magoado, e então acrescenta: — Apenas meu peso, altura, IMC e número do seguro social. O que eu escrevi é bom, pelo menos?
- Hm, não estamos falando sobre isso ainda. — Pego o telefone de sua mão novamente, viro a tela em sua direção e amplio a imagem de seu perfil. — Primeiro temos que falar sobre isso.
- Ele franze a testa.
- Eu gosto dessa foto.
- Alex... — Digo com calma. — Há quatro pessoas nesta foto.
- Então?
- Portanto, encontramos o primeiro e maior problema.
- Que eu tenho *amigos*? Achei que isso ajudaria.
- Você, pobre criaturinha inocente, recém-chegado à terra. — eu murmuro.
- As mulheres não querem namorar homens que têm amigos? — ele diz secamente, sem acreditar.
- Claro que sim. — eu digo. — Elas simplesmente não querem jogar o *Uni, duni, tê* do aplicativo de namoro. Como elas vão saber qual desses caras é você? Aquele cara da esquerda tem, tipo, oitenta anos.
- Professor de biologia. — diz ele. Sua carranca se aprofundando. — Eu realmente não tiro fotos sozinho.
- Você me enviou aquelas selfies do Cachorro Triste. — eu aponto.
- Isso é diferente. — diz ele. — Isso era para você... Você acha que eu deveria usar uma daquelas?

— Deus, não. — eu digo. — Mas você pode tirar uma nova foto onde não está fazendo aquela cara, ou pode cortar uma que seja você e três professores de biologia que tenham uma certa idade para que seja só você.

— Estou fazendo uma cara esquisita nessa foto. — diz ele. — Estou sempre fazendo uma cara esquisita nas fotos.

Eu rio, mas realmente, um afeto quente está crescendo em minha barriga.

— Você tem um rosto para filmes, não para fotos. — eu digo.

— O que significa?

— O que significa que você é extremamente bonito na vida real, quando seu rosto está se movendo como agora, mas quando é fotografado, sim, às vezes você está fazendo uma cara estranha.

— Então, basicamente, eu deveria excluir o Tinder e jogar meu telefone no mar.

— Espera! — Eu pulo da cama e pego meu telefone do balcão onde o deixei, em seguida, subo de volta ao lado de Alex, cruzando minhas pernas.

— Eu sei o que você deve usar.

Ele duvidosamente me observa percorrer minhas fotos. Estou procurando uma foto de nossa viagem à Toscana, a última viagem antes da Croácia. Estávamos sentados no pátio, jantando tarde, e ele escapuliu sem dizer uma palavra. Achei que ele tinha ido ao banheiro, mas quando entrei para pegar a sobremesa, ele estava na cozinha, mordendo o lábio e lendo um e-mail em seu telefone.

Ele parecia preocupado, não parecia notar que eu estava lá até que toquei seu braço e disse seu nome. Quando ele olhou para cima, seu rosto ficou frouxo.

— O que é? — Eu perguntei, e a primeira coisa que me veio à mente foi *vovó Betty!* Ela estava ficando velha. Na verdade, desde que eu a conhecia, ela era velha, mas a última vez que fomos para a casa dela juntos, ela mal se levantou da cadeira em que tricotava. Até então, ela sempre foi uma *corredora*. Correndo para a cozinha para buscar limonada. Correndo até o sofá para afogar as almofadas antes de nos sentarmos.

Mas o pensamento não teve tempo de gestar porque o sorriso minúsculo e sempre contido de Alex apareceu.

— Tin House. — disse ele. — Eles estão publicando uma de minhas histórias.

Ele deu uma risada surpresa depois de dizer isso, e eu joguei meus braços em volta dele, deixando-o me puxar para cima e contra ele com força. Beijeí sua bochecha sem pensar, e se parecia menos natural para ele do que para mim, ele não demonstrou. Ele me girou em meio círculo, me colocou no chão sorrindo e voltou a olhar para o telefone. Ele se esqueceu de esconder suas emoções. Ele as deixou correr soltas em seu rosto. Tirei meu telefone do bolso, puxei a câmera e disse:

— Alex.

Quando ele olhou para cima, tirei minha foto favorita de Alex Nilsen. Felicidade não filtrada. Alex Nu.

— Aqui. — eu digo, e mostro a ele a foto. Ele, parado em uma aconchegante cozinha dourada na Toscana, com o cabelo espetado como sempre, o telefone solto na mão e os olhos fixos na câmera, a boca sorrindo, mas entreaberta.

— Você deveria usar esta.

Ele se vira do telefone para mim, nossos rostos próximos, embora, como sempre, ele paira sobre o meu, sua boca suave com um traço de sorriso.

— Eu me esqueci disso. — diz ele.

— É a minha favorita. — Por um momento, nenhum de nós se move. Permanecemos neste momento de silêncio fechado. — Vou mandar para você. — digo fracamente, e quebro o contato visual, abrindo nossas conversas e a enviando no chat.

O telefone de Alex vibra em seu colo, onde devo tê-lo deixado cair. Ele abre a foto, pigarreando.

— Obrigado.

— Então. — eu digo. — Sobre aquela biografia.

— Devemos imprimir-la e encontrar uma caneta vermelha? — ele brinca.

— De jeito nenhum, cara. Este planeta está morrendo. De jeito nenhum estou desperdiçando tanto papel.

— Ha ha ha. — ele diz. — Eu estava tentando me descrever.

— Tão descritivo quanto Dostoievski.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim.

— Shh. — eu digo. Estou lendo.

Já conhecendo Alex, eu encontro o tipo de bio de um *encantador*. Principalmente porque fala com aquele lado adorável de vovô dele. Mas se eu *não o* conhecesse e um dos meus amigos lesse esta biografia para mim, sugeriria que talvez esse homem fosse um assassino em série.

Injusto? Provavelmente.

Mas isso não muda as coisas. Ele lista onde estudou, quando se formou, fala a fundo sobre o que estudou, os últimos empregos que teve, seus pontos fortes nesses empregos, o fato de que espera se casar e ter filhos, e que ele é “próximo com [seus] três irmãos, suas esposas e filhos “e” que gosta de ensinar literatura para alunos talentosos do ensino médio”.

Devo estar fazendo uma careta, porque ele suspira e diz:

— É realmente tão ruim assim?

— Não? — Eu digo.

— Isso é uma pergunta? — ele pergunta.

— Não! — Eu digo. — Quer dizer, não, não é ruim. É meio fofo, mas, Alex, do que você deve falar quando sair com uma garota que já leu tudo isso?

Ele encolhe os ombros.

— Não sei. Provavelmente, eu apenas faria perguntas sobre elas mesmas.

— Parece uma entrevista de emprego. — eu digo. — Quero dizer, sim, é uma coisa rara e maravilhosa quando o seu par do Tinder faz uma única pergunta sobre você, mas você não pode simplesmente não falar sobre você.

Ele esfrega a linha em sua testa.

— Deus, eu realmente odeio ter que fazer isso. Por que é tão difícil conhecer pessoas na vida real?

— Pode ser mais fácil... em outra cidade. — eu digo incisivamente.

Ele me olha de soslaio e revira os olhos, mas está sorrindo.

— Ok, o que *você* escreveria se fosse um cara tentando conquistar a si mesma?

— Bem, eu sou diferente. — eu digo. — O que você tem aqui funcionaria totalmente em mim.

Ele ri.

— Não seja má.

— Eu não sou. — eu digo. — Você parece um robô sexy que cria crianças. Como a empregada dos *Jetsons*, mas com abdômen.

— Poppyyyyy. — ele ri-geme, jogando o antebraço sobre o rosto.

— Está bem, está bem. Vou tentar. — Pego seu telefone novamente e apago o que ele escreveu, guardando-o na memória da melhor maneira possível, caso ele queira mantê-lo. Eu penso por um minuto, então digito e passo o telefone de volta para ele.

Ele estuda a tela por um *longo* tempo, depois lê em voz alta:

— Tenho um emprego de tempo integral e uma estrutura de cama de verdade. Minha casa não está cheia de pôsteres do Tarantino, e eu respondo dentro de algumas horas. Também odeio saxofone?

— Ah, eu coloquei um ponto de interrogação? — Eu pergunto, inclinando-me sobre seu ombro para ver. — Isso é para ser um ponto.

— É um ponto. — diz ele. — Eu só não tinha certeza se você estava falando sério.

— Claro que estou falando sério!

— 'Eu tenho uma estrutura de cama real'? — ele diz novamente.

— Isso mostra que você é responsável — eu digo — e que você é engraçado.

— Na verdade, mostra que *você* é engraçada. — diz Alex.

— Mas você também é engraçado. — eu digo. — Você está pensando demais nisso.

— Você realmente acha que as mulheres vão querer sair comigo com base em uma foto e no fato de que eu tenho uma estrutura de cama.

— Oh, Alex. — eu digo. — Eu pensei que você disse que sabia o quão sombrio era lá fora.

— Tudo o que estou dizendo é que ando por aí o dia todo com esse rosto, um emprego e uma estrutura de cama, e nada disso me levou

muito longe.

— Sim, isso é porque você é intimidante. — eu digo, salvando a biografia e voltando para os vários rostos femininos.

— Sim, é sobre isso. — Alex diz, e eu olho para ele.

— Sim, Alex. — eu digo. — É sobre isso.

— O que você está falando?

— Lembra da Clarissa? Minha colega de quarto na Universidade de Chicago?

— A hippie rica? — ele diz.

— E quanto a Isabel, minha colega de quarto do segundo ano? Ou minha amiga Jaclyn do departamento de comunicações?

— Sim, Poppy, eu me lembro de suas amigas. Não foi há vinte anos.

— Você sabe o que essas três pessoas têm em comum? — Eu digo. — Todas elas tinham uma queda por você. Todas elas.

Ele fica vermelho.

— Você falando merda.

— Não. — eu digo. — Eu não estou. Clarissa e Isabel estavam constantemente tentando flertar com você, e as 'habilidades de comunicação' de Jaclyn simplesmente falhavam sempre que você estava na sala.

— Bem, como eu deveria saber disso? — ele exige.

— Linguagem corporal, contato visual prolongado — eu digo — encontrando todas as desculpas para tocá-lo, fazendo insinuações sexuais abertas, pedindo ajuda com papéis.

— Sempre fizemos isso por e-mail. — diz Alex, como se tivesse encontrado um buraco na minha lógica.

— Alex. — eu digo calmamente. — De quem foi *essa* ideia?

A expressão de vitória desaparece de seu rosto.

— Espera. Sério?

— Sério. — eu digo. — Então, com isso em mente, você gostaria de dar uma olhada em sua nova foto e biografia?

Ele parece horrorizado.

— Eu não vou ter um encontro durante a nossa viagem, Poppy.

— Certo, você não precisa! — Eu digo. — Mas você pode pelo menos experimentar. Além disso, quero ver qual é o seu tipo de garota.

— Freiras — diz ele — e trabalhadoras humanitárias.

— Uau, você é uma pessoa tão boa. — eu digo em uma voz ofegante de Marilyn Monroe. — Por favor, permita-me mostrar minha gratidão com um—

— Ok, ok. — ele diz. — Não tenha um ataque de asma. Eu me rendo, apenas seja gentil comigo, Poppy.

Eu bato meu ombro levemente contra o dele.

— Sempre.

— Nunca. — ele diz.

Eu franzo a testa.

— Por favor, me avise se eu fizer você se sentir mal.

— Você não precisa. — ele diz. — Está tudo bem.

— Eu sei que às vezes faço piadas ásperas. Mas eu nunca quero te machucar. Nunca.

Ele não sorri, apenas olha para trás com firmeza, como se estivesse deixando as palavras penetrarem.

— Eu sei disso.

— OK, bom. — Eu aceno, treino meus olhos na tela do telefone. — Hm, e que tal ela?

A garota na tela é bronzeada e bonita, dobrando os joelhos e mandando um beijo para a câmera.

— Nada de beijinhos. — ele diz, e a tira da tela.

— Justo.

Uma garota com piercing nos lábios e maquiagem escura aparece em seu lugar. Sua biografia diz: *Tudo metal, o tempo todo*.

— Isso é muito metal. — Alex diz, e a leva embora também.

Em seguida, uma garota com um chapéu de duende verde, sorrindo em um top verde, segurando uma cerveja verde. Ela tem seios grandes e um sorriso maior.

— Oh, uma boa garota irlandesa. — eu brinco.

Alex a passa sem comentários.

— Ei, o que há de errado com ela? — Eu pergunto. — Ela era linda.

— Não é o meu tipo. — diz ele.

— Okay. Seguinte.

Ele rejeita uma alpinista, uma garçonete do Hooters, uma pintora e uma dançarina de hip-hop com um corpo que rivaliza com o de Alex.

— Alex. — eu digo. — Estou começando a achar que o problema não está na biografia, mas no biógrafo.

— Elas simplesmente não são meu tipo. — diz ele. — E eu definitivamente não sou o delas.

— Como você sabe disso?

— Olha. — ele diz. — Aqui. Ela é bonita.

— Ai meu *Deus*, você deve estar brincando comigo!

— O que? — ele diz. — Você não acha que ela é bonita?

A loira sorri para mim por trás de uma mesa de mogno polido. Seu cabelo está preso em um meio rabo de cavalo e ela está usando um blazer azul marinho. De acordo com sua biografia, ela é uma designer gráfica que adora ioga, sol e cupcakes.

— Alex. — eu digo. — Ela é a Sarah.

Ele recua.

— Essa garota não se parece em nada com Sarah.

Eu bufo.

— Eu não disse que ela se parecia com Sarah. — embora ela se parecesse — Eu disse que ela *é* Sarah.

— Sarah é professora, não designer gráfica. — diz Alex. — Ela é mais alta do que essa garota e seu cabelo é mais escuro e sua sobremesa favorita é cheesecake, não cupcakes.

— Elas se vestem exatamente da mesma forma. Elas sorriem exatamente da mesma forma. Por que todos os caras querem garotas que parecem esculpidas em sabão?

— Do que você está *falando*? — Alex diz.

— Quero dizer, você não tinha interesse em todas aquelas garotas legais e sensuais, e então você vê essa aspirante a professora de jardim de infância e ela é a primeira pessoa que você considera. É apenas... típico.

— Ela não é professora de jardim de infância. — diz ele. — O que você tem contra essa garota?

— Nada! — Eu digo, mas não soa como se fosse verdade, mesmo para mim. Eu pareço irritada. Abro a boca, esperando reverter um pouco minha reação, mas não é isso que acontece. — Não é a menina. É - são os *caras*. Todos vocês *pensam* que querem uma dançarina de hip-hop sexy e independente, mas quando essa pessoa aparece na sua frente, quando ela é uma pessoa real, ela é demais e você não está interessado e você sempre irá para a linda professora de jardim de infância.

— Por que você fica dizendo que ela é professora de jardim de infância? — Alex chora.

— Porque ela é Sarah. — eu deixo escapar.

— Eu não quero namorar Sarah, ok? — ele diz. — E também Sarah dá aula para a nona série, não para o jardim de infância. E *também*, — ele continua, ganhando força — você fala demais, Poppy, mas eu garanto que quando você está no Tinder, está dando match com bombeiros, cirurgiões de pronto-socorro e skatistas profissionais de merda, então não, não me sinto mal por olhar para mulheres que parecem ser amáveis - e para *você*, sim, talvez um pouco chatas - porque não parece ter ocorrido a você que talvez mulheres como você pensem que *eu sou* chato.

— *Foda-se*. — eu digo.

— O que? — ele diz.

— Eu disse, foda-se! — Eu repito. — Eu não acho você chato, então todo o argumento é inválido.

— Somos amigos. — diz ele. — Você não me curtiria no Tinder.

— Eu curtiria. — eu digo.

— Você não faria isso. — ele argumenta.

E aqui está minha chance de esquecer, mas ainda estou muito animada, muito irritada para deixá-lo pensar que está certo sobre isso.

— Eu. Curtiria.

— Bem, eu curtiria você também. — ele retruca, como se de alguma forma tudo isso fosse algum tipo de argumento.

— Não diga algo que você não quer dizer. — advirto. — Eu não estaria usando um blazer ou sentada atrás de uma mesa, sorrindo.

Seus lábios se fecham. Os músculos de sua mandíbula saltam enquanto ele engole. — Ok, me mostre.

Abro meu próprio aplicativo Tinder e entrego meu telefone para que ele possa ver a foto. Estou sorrindo com sono. vestida como uma alienígena em um vestido prateado, meu rosto pintado e com antenas de alumínio coladas à cabeça. Halloween, obviamente. Ou espere, foi a festa de aniversário temática do *Arquivo X* de Rachel?

Alex considera a foto seriamente, então desliza para baixo para ler minha biografia. Depois de um minuto, ele entrega meu telefone de volta para mim e me olha bem nos olhos.

— Eu curtiria.

Meu corpo inteiro formiga com alfinetes e agulhas.

— Ah. — eu digo, em seguida, solto um pequeno — ok.

— Então — diz ele — você não está mais com raiva de mim?

Tento dizer algo, mas minha língua está muito pesada. Meu corpo inteiro está pesado, especialmente onde meu quadril está tocando o dele. Então eu apenas aceno.

Graças a Deus por seu espasmo nas costas, eu acho. Caso contrário, não tenho certeza do que aconteceria a seguir.

Alex me estuda por alguns segundos, em seguida, pega o laptop esquecido. Sua voz sai grossa.

— O que você quer assistir?

Seis Verões Atrás

ALEX E EU ESTÁVAMOS AMBOS sem dinheiro quando o resort em Vail, Colorado, estendeu a mão para me oferecer uma estadia grátis.

Nesse ponto, se a viagem aconteceria estava no ar.

Por um lado, quando Guillermo terminou comigo por uma nova anfitriã em seu restaurante (uma garota de olhos azuis que tinha acabado de sair do avião de Nebraska) — seis semanas depois que eu mergulhei e me mudei para seu apartamento — eu tive que lutar para encontrar um novo lugar para morar.

Tive que alugar um apartamento no topo da minha faixa de preço.

Tive que pagar por um caminhão de mudanças pela segunda vez em dois meses.

Tive de comprar móveis novos para substituir o que havia se tornado redundante e, portanto, descartado — Gui já tinha versões mais legais das minhas coisas: sofá, colchão, mesa de cozinha de estilo dinamarquês. Tínhamos mantido minha cômoda, porque a perna dela estava quebrada, e minha mesinha de cabeceira, porque ele só tinha uma, mas fora isso, quase tudo que tínhamos guardado era dele.

A separação veio logo depois de termos ido para Linfield para o aniversário de mamãe.

Várias semanas antes, eu debati se deveria avisar Gui sobre o que esperar.

Por exemplo, o ferro-velho no estilo *Beverly Hillbillies* que era nosso gramado. Ou o museu da mamãe para a nossa infância, como eu e meus irmãos chamávamos a própria casa. Os produtos assados que minha mãe amontoava na cozinha o tempo todo que estivéssemos lá, muitas vezes com uma cobertura tão espessa e doce que fazia os não-esfomeados tossirem enquanto comiam, ou o fato de que nossa garagem estava cheia de coisas usadas, pois se papai tem uma fita adesiva, tem certeza de que poderia reaproveitar qualquer coisa. Ou que deveríamos jogar um jogo de tabuleiro de vários dias que inventamos quando crianças, baseado em *Ataque dos tomates assassinos*.

Que meus pais haviam adotado recentemente três gatos idosos, um dos quais era incontinente a ponto de ter de usar fralda.

Ou que havia uma considerável chance de ele ouvir meus pais fazendo sexo, porque nossa casa tinha paredes finas e, como afirmado anteriormente, os gulosos são um clã barulhento.

Ou que haveria um Show de Novos Talentos no final do fim de semana, onde todos deveriam apresentar uma virtude que só

começaram a aprender no início da visita.

(A última vez que estive em casa, o talento de Prince foi nos fazer gritar o nome de qualquer filme, e tentar relacioná-lo de volta ao Keanu Reeves.)

Então, eu deveria ter avisado o Guillermo no que ele estava se metendo, definitivamente, mas fazer isso teria parecido uma traição. Como se eu estivesse dizendo que havia algo errado com eles. E claro, eles eram barulhentos e bagunceiros, mas também eram incríveis, gentis e engraçados, e eu me odiava por *considerar* ficar envergonhada por eles.

Gui iria adorá-los, disse a mim mesmo. Gui me amava, e essas foram as pessoas que me fizeram.

No final de nossa primeira noite lá, nos fechamos no quarto de minha infância e ele disse:

— Acho que entendo você melhor agora do que nunca.

Sua voz estava tão terna e calorosa como sempre, mas em vez de amor, parecia simpatia.

— Eu entendo porque você teve que fugir para Nova York. — disse ele. — Deve ter sido muito difícil para você aqui.

Meu estômago afundou e meu coração apertou dolorosamente, mas eu não o corrigi. Novamente, eu simplesmente me odiei por estar envergonhada.

Porque eu *tinha* fugido para Nova York, mas não tinha fugido da minha família, e se os tivesse mantido separados do resto da minha vida, era apenas para protegê-los do julgamento e a mim desse sentimento familiar de rejeição.

O resto da viagem foi desconfortável. Gui foi gentil com minha família — ele sempre foi gentil — mas eu vi cada interação que eles tiveram através de uma lente de condescendência e pena depois disso.

Tentei esquecer que a viagem havia acontecido. Éramos felizes juntos, em nossa *vida real*, em Nova York. E daí se ele não entendeu minha família? Ele me amou.

Algumas semanas depois, fomos a um jantar na casa de arenito de seu amigo, alguém que ele conhecera do colégio interno, um cara rico, com uma pintura de Damien Hirst pendurada sobre a mesa da sala de jantar. Eu sabia disso — nunca iria esquecer — porque quando alguém disse o nome, não relacionado à pintura, eu disse: "Quem?" e risadas se seguiram.

Eles não estavam rindo de mim; eles realmente pensaram que eu estava fazendo uma piada.

Quatro dias depois, Guillermo terminou nosso relacionamento.

— Somos muito diferentes. — disse ele. — Fomos arrebatados pela nossa química, mas a longo prazo, queremos coisas diferentes.

Não estou dizendo que ele me largou por não saber quem era Damien Hirst. Mas também não estou negando isso.

Quando saí do apartamento, roubei uma de suas elegantes facas de cozinha.

Eu poderia ter levado todas elas, mas minha forma leve de vingança era imaginá-lo procurando por tudo em todos os lugares, tentando descobrir se ele a tinha levado para um jantar ou se ela caíra no espaço entre sua enorme geladeira e a ilha da cozinha.

Francamente, eu queria que a faca o assombrasse.

Não no estilo Meu-Ex-Vai-Ficar-Louco, mas de uma maneira Algo-Sobre-Esta-Faca-Perdida-Parece-estar-Conjurando-uma-forte-metáfora-e-não-consigo-descobrir-o-que-está-acontecendo.

Comecei a me sentir culpada depois de uma semana em meu novo apartamento — assim que o choro passou — e considerei devolver a faca pelo correio, mas pensei que isso poderia enviar a mensagem errada. Imaginei Gui aparecendo no departamento de polícia com o pacote e decidi que simplesmente o deixaria comprar uma faca nova.

Pensei em vendê-la online mas me preocupei que o comprador anônimo fosse ele, então apenas guardei e retomei meu choro até terminar três semanas depois.

O que quero dizer é que separações são uma merda. Rompimentos entre parceiros em cidades caras são piores ainda, e eu não tinha certeza se seria capaz de pagar uma viagem de verão este ano.

E então havia a questão de Sarah Torval.

A adorável Sarah Torval, esbelta, porém atlética, de rosto limpo e delineador marrom.

Com quem Alex namora seriamente há nove meses. Depois de seu primeiro encontro casual quando Alex estava visitando amigos em Chicago, suas mensagens de texto rapidamente evoluíram para telefonemas e, em seguida, outra visita. Depois disso, eles ficaram sérios rapidamente e, após seis meses de longa distância, ela conseguiu um emprego de professora e se mudou para Indiana para ficar com ele enquanto ele terminava seu mestrado. Ela está feliz em ficar lá, enquanto ele faz o doutorado e provavelmente irá segui-lo onde quer que ele desembarque depois.

O que me faria feliz se não fosse pela minha crescente suspeita de que ela me odeia.

Sempre que ela posta fotos dela mesma segurando a sobrinha recém-nascida de Alex com legendas como *tempo para a família* ou *esse pequeno bichinho de amor*, eu gosto da postagem e do comentário, mas ela se recusa a me seguir de volta. Até parei de seguir e voltei a segui-la novamente uma vez, caso ela não tivesse me notado da primeira vez.

— Acho que ela se sente meio estranha com a viagem. — Alex admite em uma de nossas ligações (agora menos e mais espaçadas). Tenho quase certeza de que ele só me liga do carro, quando está indo ou voltando da academia. Quero dizer a ele que me ligar apenas quando ela não está por perto provavelmente não está ajudando.

Mas a verdade é que não quero falar com ele enquanto outra pessoa estiver por perto, então, em vez disso, é isso que aconteceu com a nossa amizade. Ligações de quinze minutos a cada duas semanas, sem mensagens de texto, sem mensagens, quase nenhum e-mail, exceto o ocasional com uma foto do minúsculo gato preto que ele encontrou na lixeira atrás de seu complexo de apartamentos.

Ela parece um gatinho, mas de acordo com o veterinário está totalmente crescida, apenas pequena. Ele me manda fotos dela sentada com sapatos, chapéus e tigelas, sempre escrevendo *para escala*, mas realmente sei que ele acha que tudo o que ela faz é adorável. E claro, é fofo que os gatos gostem de sentar nas coisas... mas é possivelmente mais bonito que Alex não consiga parar de tirar fotos dela.

Ele ainda não a nomeou; ele está demorando. Ele diz que não me sentiria bem para citar uma coisa adulta sem saber, então, por enquanto ele a chama *de gato, pequena querida* ou *amiguinha*.

Sarah quer chamá-la de Sadie, mas Alex não acha que isso se encaixa, então ele está ganhando tempo. O gato é a única coisa sobre a qual falamos atualmente. Estou surpresa que Alex seja tão franco a ponto de me dizer que Sarah se sente estranha com a viagem de verão.

— Claro que sim — digo a ele — eu também ficaria. — Eu não a culpo de forma alguma. Se meu namorado tivesse uma amizade com uma garota como a minha e de Alex, eu acabaria em *O Papel de Parede Amarelo*.

Não há nenhuma maneira no inferno que eu poderia acreditar que era totalmente platônico. Especialmente por estar nessa amizade há tempo suficiente para aceitar aqueles cinco (a quinze) por cento do que aconteceria como parte do negócio.

— Então, o que fazemos? — ele pergunta.

— Eu não sei. — eu digo, tentando não soar miserável. — Você quer convidá-la?

Ele fica quieto por um minuto.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— OK... — E então, após a pausa mais longa de todas, eu digo: — Deveríamos apenas... cancelar?

Alex suspira. Ele deve ter posto no viva-voz porque posso ouvir o clique de sua seta. — Não sei, Poppy. Não tenho certeza.

— Sim. Nem eu.

Ficamos ao telefone, mas nenhum de nós disse mais nada pelo resto da viagem.

— Acabei de chegar em casa. — diz ele finalmente. — Vamos falar sobre isso novamente em algumas semanas. As coisas podem mudar até lá.

Que coisas? Quero perguntar, mas não pergunto, porque, uma vez que seu melhor amigo é o namorado de outra pessoa, os limites entre o que você pode e não pode dizer ficam muito mais firmes.

Passei a noite inteira depois do nosso telefonema pensando: *ele vai terminar com ela? Ela vai terminar com ele?*

Ele vai tentar argumentar com ela?

Ele vai terminar comigo?

Quando recebo a oferta de uma estadia gratuita no resort em Vail, envio a primeira mensagem que enviei em meses: **Ei! Me ligue quando tiver um segundo!**

Às cinco e meia da manhã seguinte, meu telefone me acorda. Eu olho através do escuro para o seu nome na tela, e atendo a chamada para ouvir sua seta tocando no fundo. Ele está a caminho do ginásio.

— E aí? — ele pergunta.

— Estou morta. — eu gemo.

— O que mais?

— Colorado. — eu digo. — Vail.

Este Verão

EU ACORDO PERTO de Alex. Ele insistiu que a cama no *Airbnb* de Nikolai era muito grande, que nenhum de nós deveria arriscar mais uma noite na cadeira dobrável, mas estamos bem no meio do colchão quando amanhece.

Estou do meu lado direito, de frente para ele. Ele está no seu esquerdo, de frente para mim. Há meio pé entre nós, exceto que minha perna esquerda está esparramada sobre ele, minha coxa enganchada contra seu quadril, minha mão apoiada no alto dele.

O apartamento está terrivelmente quente e nós dois estamos encharcados de suor.

Preciso me desvencilhar antes que Alex acorde, mas a parte ridícula do meu cérebro quer ficar aqui, repetindo o olhar que ele me deu, a maneira como sua voz soou ontem à noite quando ele avaliou meu perfil de namoro e disse: “Eu curtiria.”

Como um desafio.

Então, novamente, ele estava tomando relaxantes musculares nesse momento.

Hoje, se ele se lembrar disso, com certeza ficará arrependido e envergonhado.

Ou talvez ele se lembre de ter sentado ao meu lado durante a duração de um documentário flagrantemente desinteressante sobre os Kinks, e sentindo como se um fio elétrico estivesse acendendo cada vez que nossos braços se tocavam.

— Você geralmente adormece assistindo isso — apontou ele com um sorriso suave, empurrando sua perna contra a minha, mas quando ele olhou para mim, seus olhos castanhos pareciam ser parte de uma expressão totalmente diferente, afiados e com alguma fome.

Dei de ombros, disse algo como “Só não estou cansada” e tentei me concentrar no filme. O tempo se moveu em um ritmo lento, cada segundo ao lado dele me atingindo com uma nova intensidade, como se tivéssemos acabado de começar a nos tocar novamente e novamente por quase duas horas.

Era cedo quando o filme acabou, então começamos outro documentário que era chato e sem sentido, como se fosse apenas ruído de fundo para fazer parecer que estávamos seguindo essa linha.

Pelo menos eu tinha certeza de que era o que estávamos fazendo.

A maneira como sua mão está espalhada sobre minha coxa agora envia outra onda de desejo espinhoso através de mim. Uma parte muito absurda de mim quer se aninhar mais perto, até que estejamos nos tocando, e esperar para ver o que acontecerá quando ele acordar.

Todas aquelas memórias da Croácia invadem a superfície da minha mente, enviando flashes desesperados pelo meu corpo.

Eu puxo minha perna de cima dele e sua mão aperta em mim reflexivamente, afrouxando quando eu me arrasto para longe dela. Eu rolo para longe e me sento exatamente quando Alex está acordando, seus olhos se abrindo sonolentemente, o cabelo bagunçado como o resto da cama.

— Ei. — ele murmura.

Minha própria voz sai grossa.

— Como você dormiu?

— Bem, eu acho. — ele diz. — E você?

— Bem. Como estão suas costas?

— Deixe-me ver. — Lentamente, ele se levanta, virando-se para deslizar suas longas pernas para o lado da cama. Ele se levanta com cautela.

— Muito melhor.

Ele tem uma ereção enorme e parece notar ao mesmo tempo que eu. Ele cruza as mãos na frente de si mesmo e olha ao redor do apartamento semicerrando os olhos. — De jeito nenhum estava tão quente quando adormecemos.

Ele provavelmente está certo, mas não tenho nenhuma lembrança real de como estava quente ontem à noite.

Eu não estava pensando com clareza o suficiente para processar o calor.

Hoje não pode seguir o mesmo caminho de ontem.

Chega de ficar vadiando pelo apartamento. Chega de sentar juntos na cama. Chega de falar sobre o Tinder. Chega de cair no sono juntos e meio que montá-lo inconscientemente.

Amanhã, as festividades de casamento vão começar para David e Tham (despedidas de solteiro, jantar de ensaio, casamento). Hoje, Alex e eu precisamos nos divertir descomplicados e sem confusão o suficiente para que, quando chegarmos em casa, ele não precise de mais dois anos longe de mim.

— Vou ligar para Nikolai sobre o ar condicionado de novo. — digo. — Mas temos que nos mexer. Temos muito que fazer.

Alex passa a mão pela testa em seu cabelo.

— Eu tenho tempo para tomar um banho?

Meu coração dá uma batida forte e estou me imaginando tomando banho com ele.

— Se você quiser. — eu administro. — Mas você *ficará* encharcado de suor novamente em segundos.

Ele encolhe os ombros.

— Eu não acho que posso sair do apartamento me sentindo tão sujo.
— Você já esteve mais sujo. — brinco, porque perdi meu filtro já defeituoso.

— Só na sua frente. — ele diz, e bagunça meu cabelo enquanto caminha até o banheiro.

Minhas pernas parecem gelatina debaixo de mim enquanto estou lá esperando o chuveiro ligar. Só quando isso acontece me sinto capaz de me mover novamente, e minha primeira parada é o termostato.

Oitenta e cinco?!

Oitenta e cinco péssimos graus neste apartamento, e o termostato foi ajustado para setenta e nove na noite passada. Podemos, oficialmente, determinar que o ar condicionado está quebrado.

Eu ando até a varanda e ligo para Nikolai, mas ele me envia para o correio de voz no terceiro toque. Deixo outra mensagem, desta vez com um pouco mais de raiva, e continuo com um e-mail e uma mensagem de texto também, antes de entrar em busca da peça de roupa mais leve que trouxe.

Um vestido de verão riscado tão largo que fica pendurado em mim como um saco de papel.

A água é desligada, e Alex *não* comete o erro de sair em sua toalha neste momento. Ele surge totalmente vestido, o cabelo penteado para trás e as gotas de água ainda grudadas (sensualmente, devo acrescentar) à testa e ao pescoço.

— Então. — ele diz. — O que você tem em mente hoje?

— Surpresas. — eu digo. — Muitas delas. — Tento atirar dramaticamente as chaves do carro para ele. Elas caem no chão a uma boa distância. Ele olha para onde elas estão.

— Uau. — ele diz. — Isso foi... uma das surpresas?

— Sim. — eu digo. — Sim, foi. Mas as outras são melhores, então pegue e vamos lá.

Sua boca se torce.

— Eu provavelmente...

— Ah, certo! Suas costas! — Eu corro e pego as chaves, entregando-as a ele como um humano adulto normal faria.

Quando saímos para o corredor externo do Desert Rose, Alex diz:

— Pelo menos não é *apenas* nosso apartamento que parece as glândulas anais de Satanás.

— Sim, é muito melhor que a cidade inteira seja tão incrivelmente quente. — eu digo.

— Você pensaria que com todas as pessoas ricas de férias aqui, eles teriam dinheiro apenas para colocar o ar-condicionado em todo o lugar.

— Primeira parada: o conselho municipal, para lançar essa ideia fantástica.

— Você já pensou em construir uma *cúpula*, Conselheira? — ele diz secamente enquanto descemos os degraus.

— Ei, aquele cara fez isso naquele romance do Stephen King. — eu digo.

— Definitivamente vou deixar isso fora de cogitação.

— Tenho boas ideias. — Tento novamente fazer cara de cachorrinho enquanto atravessamos o estacionamento, e ele ri e empurra meu rosto para longe.

— Você não é boa nisso. — diz ele.

— Sua reação severa sugeriria o contrário.

— Você legitimamente parece que está cagando.

— Essa não é minha cara de merda. — eu digo. — Essa é. — Eu faço uma pose de Marilyn Monroe, pernas abertas, uma mão apoiada na minha coxa, a outra cobrindo minha boca aberta.

— Isso é bom. — diz ele. — Você deveria colocar isso no seu blog. — Rapidamente, furtivamente, ele saca seu telefone e tira uma foto.

— Ei!

— Talvez uma empresa de papel higiênico contrate você. — ele sugere.

— Isso não é ruim. — eu digo. — Eu gosto do jeito que você pensa.

— Eu tenho boas ideias. — ele papagaia, e destranca a porta para mim, em seguida, circula até o banco do motorista quando eu entro e inspiro profundamente o cheiro de erva daninha.

— Obrigada por nunca me fazer dirigir. — eu digo quando ele entra, sibilando ao sentir o assento quente, e colocando o cinto de segurança.

— Obrigado por odiar dirigir e me permitir ter um mínimo de controle sobre minha vida neste universo vasto e imprevisível.

Eu pisquei para ele.

— Sem problemas.

Ele ri.

Estranhamente, ele parece mais relaxado do que em toda a viagem. Ou talvez seja apenas porque eu estou sendo mais insistentemente normal e tagarela, e esta realmente foi a chave para uma viagem de verão bem-sucedida de Poppy e Alex o tempo todo.

— Então, você vai me dizer para onde estamos indo ou devo apenas apontar para o sol e ir?

— Nenhum desses. — eu digo. — Eu vou te guiar.

Mesmo dirigindo a toda velocidade com todas as janelas abertas, parece que estamos diante de uma fornalha aberta, suas rajadas passando por nossos cabelos e roupas. O calor de hoje faz com que o dia de ontem pareça o primeiro dia da primavera.

Vamos passar *muito* tempo ao ar livre hoje, e faço uma nota mental para comprar garrafas de água enormes na primeira chance que tivermos.

— A próxima à esquerda. — eu digo, e quando a placa aparece à frente, eu grito: — Ta-da!

— O Deserto Vivo de Zoo e Jardins. — Alex lê.

— Um dos dez melhores zoológicos do mundo. — eu digo.

— Bem, *nós seremos* o juiz disso. — ele responde.

— Sim, e se eles pensam que vamos pegar leve com eles só porque estamos delirando de exaustão pelo calor, eles estão muito enganados.

— Mas se eles venderem milkshakes, estou inclinado a deixar uma crítica bastante positiva. — diz Alex rapidamente, e desliga o carro.

— Bem, não somos monstros.

Não é como se fôssemos pessoas que amam zoológicos, mas este lugar é especializado em animais nativos do deserto, e eles fazem muita reabilitação com o objetivo de libertar os animais de volta à natureza.

Também permitem que você alimente girafas.

Não digo isso a Alex porque quero que ele fique surpreso. Embora ele seja um gato jovem e gostoso em seu coração, ele também é apenas um amante dos animais em geral, então espero que isso vá acabar bem.

A alimentação vai até às onze e meia, então acho que temos tempo para vagar livremente antes de ter que descobrir onde as girafas estão, e se esbarrarmos com elas por acidente antes disso, melhor ainda.

Alex ainda precisa ter cuidado com as costas, então nos movemos lentamente, indo de um show informativo de répteis para um sobre pássaros, durante o qual Alex se inclina e sussurra:

— Acho que decidi ter medo de pássaros.

— É bom encontrar novos hobbies! — Eu assobio de volta. — Isso significa que você não está estagnado.

Sua risada é baixa, mas não reprimida, caindo no meu braço de uma forma que me faz sentir tonta. Claro, isso também pode ser do calor.

Depois do show dos pássaros, vamos ao zoológico de animais domésticos, onde ficamos entre um círculo de crianças de cinco anos e usamos escovas especiais para pentear as cabras anãs nigerianas.

— Eu interpretei mal aquele sinal de *fantasmas*, não *cabras*, e agora estou muito desapontado. — Alex diz baixinho. Ele pontua com o rosto de cachorrinho.

— É tão difícil encontrar uma boa exibição de fantasmas hoje em dia. — eu aponto.

— É verdade. — ele concorda.

— Lembra do nosso guia turístico do cemitério em Nova Orleans? Ele nos odiava.

— Uhum. — Alex diz de uma forma que sugere que ele *não se lembra*, e meu estômago, que deu uma cambalhota o dia todo, rola em uma parede e afunda. Eu quero que ele se lembre. Quero que cada momento importe tanto para ele quanto para mim. Mas se os antigos não, então talvez pelo menos os desta viagem possa. Estou determinada a isso.

No zoológico, encontramos alguns outros animais africanos, incluindo alguns burros anões sicilianos.

— Com certeza há um monte de pequenas coisas no deserto. — eu digo.

— Talvez você devesse se mudar para cá. — brinca Alex.

— Você está apenas tentando me tirar de Nova York para poder entrar e pegar meu apartamento.

— Não seja ridícula. — ele diz. — Eu nunca poderia pagar esse apartamento.

Depois do zoológico, rastreamos alguns milkshakes — Alex pega um de baunilha, apesar de todas as minhas súplicas desesperadas.

— Baunilha não é um sabor.

— É sim. — Alex diz. — É o sabor da fava de baunilha, Poppy.

— Você pode muito bem estar apenas bebendo creme de leite congelado.

Ele pensa por um segundo.

— Eu experimentaria isso.

— Pelo menos pegue de chocolate. — eu digo.

— Você pega o de chocolate. — ele diz.

— Eu não posso. Estou pegando o de morango.

— Viu? — Alex diz. — Como eu disse ontem à noite, você me acha chato.

— Eu acho que os milkshakes de baunilha são chatos. — eu digo. — Eu acho que *você* está equivocado.

— Aqui. — Alex estende seu copo de papel para mim. — Quer um gole?

Eu suspiro.

— Tá bom. — Eu me inclino para frente e tomo um gole. Ele arqueia a sobancelha, esperando uma reação. — É *bonzinho*.

Ele ri.

— Sim, honestamente não é tão bom assim. Mas isso não é culpa da Baunilha como um Sabor.

Depois que acabamos com nossos milk-shakes e jogamos fora os copos, decido que devemos andar no Carrossel de Espécies Ameaçadas.

Mas quando chegamos lá, descobrimos que está fechado devido ao calor.

— O aquecimento global está realmente afetando as espécies ameaçadas de extinção quando elas estão diminuindo. — reflete Alex. Ele enxuga o antebraço na cabeça, limpando o suor acumulado lá.

— Você precisa de um pouco de água? — Eu pergunto. — Você não parece muito bem.

— Sim. — ele diz. — Pode ser.

Vamos comprar algumas garrafas e sentar em um banco à sombra. Depois de alguns goles, porém, Alex parece pior.

— Merda. — ele diz. — Estou muito tonto. — Ele se curva sobre os joelhos e abaixa a cabeça.

— Posso pegar algo para você? — Eu pergunto. — Talvez você precise de comida de verdade?

— Talvez. — ele concorda.

— Aqui. Fique aqui e eu vou pegar para você, tipo, um sanduíche, pode ser?

Eu sei que ele deve estar se sentindo péssimo porque ele não discute. Volto para o último café pelo qual passamos. Há uma longa fila agora — é quase hora do almoço.

Eu verifico meu telefone. Onze e três. Restam pouco menos de trinta minutos para alimentar as girafas.

Eu fico na fila por dez minutos para pegar sanduíches de peru, então corro de volta para encontrar Alex sentado onde eu o deixei, sua cabeça apoiada nas mãos.

— Ei. — eu digo, e seus olhos de vidro sobem. — Sentindo-se melhor?

— Não tenho certeza. — diz ele, e aceita o sanduíche, desembrulhando-o. — Quer um pouco?

Ele me dá metade, e eu dou algumas mordidas, tentando o meu melhor para não engoli-lo de vez enquanto ele mastiga lentamente sua metade. Aos onze e vinte e dois, pergunto:

— Isso está ajudando?

— Eu acho que sim. Eu me sinto menos tonto de qualquer maneira.

— Você acha que está bem para andar?

— Nós estamos... com pressa? — ele pergunta.

— Não, claro que não. — eu digo. — Existe apenas esta coisa. Sua surpresa. Ela acaba em breve.

Ele balança a cabeça, mas parece enjoado, então estou dividida entre pressioná-lo a se recuperar ou insistir para que ele fique parado.

— Estou bem. — diz ele, levantando-se. — Só preciso lembrar de beber mais água.

Chegamos às girafas às onze e trinta e cinco.

— Desculpe. — uma funcionária adolescente me diz. — A alimentação das girafas acabou por hoje.

Enquanto ela se afasta, Alex me olha confuso.

— Desculpe, Pop. Espero que não esteja muito desapontada.

— Claro que não. — eu insisto. Eu não me importo em alimentar girafas (pelo menos não muito). O que me importa é tornar essa viagem *boa*. Provando que devemos continuar fazendo elas. Que podemos salvar nossa amizade.

É por isso que estou desapontada. Porque é a primeira falha do dia.

Meu telefone vibra com uma mensagem, e pelo menos são boas notícias.

Nikolai escreve: **Recebi todas as mensagens de vocês. Verei o que posso fazer.**

Ok, eu escrevo de volta. **Apenas nos mantenha atualizados.**

— Venha, — eu digo, — vamos a algum lugar com ar-condicionado até nossa próxima parada.

Seis Verões Atrás

EU NÃO SEI COMO Alex convenceu Sarah sobre a viagem a Vail, mas ele conseguiu.

Perguntar como me parece perigoso. Há coisas sobre as quais conversamos hoje em dia, para manter tudo sob controle, e Alex toma cuidado para não compartilhar nada que possa embarçar Sarah.

Talvez não seja ciúmes pelas nossas conversas. Talvez não *haja* nenhum ciúme. Talvez haja algum outro motivo pelo qual ela inicialmente não gostou da ideia da viagem. Mas ela muda de ideia, a viagem começa e, assim que Alex e eu estamos juntos, paro de me preocupar com isso. As coisas parecem normais entre nós novamente, aqueles quinze por cento do *e se* encolheram de volta para um dois controlado.

Alugamos bicicletas e fazemos barulho pelas ruas de paralelepípedos, pegamos uma gôndola montanha acima e posamos para fotos com o vasto céu azul atrás de nós, o vento soprando nossos cabelos em nossos rostos no meio de uma risada. Sentamos em pátios, tomando chá verde gelado ou café pela manhã antes de ficar quente, fazemos longas caminhadas em trilhas nas montanhas durante o dia com nossos casacos amarradas na cintura, apenas para acabarmos em pátios externos diferentes, bebendo vinho tinto e dividindo três pedidos de batata frita com alho prensado e parmesão ralado na hora. Sentamos do lado de fora até ficarmos arrepiados e tremendo, então colocamos nossos casacos e puxo meus joelhos até o peito dentro da minha camiseta. Cada vez que faço isso, Alex se inclina e joga meu capuz sobre minha cabeça, em seguida, puxa o cordão com força para que apenas metade do meu rosto fique visível, e a maior parte dele é bloqueado por tufo de cabelo loiro emaranhado pelo vento.

— Fofinha. — ele diz, sorrindo, é a primeira vez que ele faz isso, mas parece quase fraternal.

Uma noite, há uma banda ao vivo tocando sucessos de Van Morrison enquanto jantamos do lado de fora sob as luzes do globo que me lembram da noite em que nós nos conhecemos como calouros. Seguimos casais mais velhos para a pista de dança, de mãos dadas. Nós nos movemos como fizemos em Nova Orleans — desajeitados e sem ritmo, mas rindo, felizes.

Agora que ficou para trás, posso admitir que as coisas foram diferentes naquela noite.

Na magia da cidade, na sua música, cheiros e luzes cintilantes, eu senti algo que nunca senti com ele antes. Mais assustador do que isso, eu sabia pela maneira como Alex olhou nos meus olhos, passou a mão pelo meu braço, colocou sua bochecha contra a minha, que ele sentia isso também.

Mas agora, dançando “Brown Eyed Girl,” o calor saiu de seu toque. E estou feliz, porque nunca quero perder isso.

Eu preferia ter um pequeno pedaço dele para sempre do que ter tudo dele por apenas um momento, e saber que teria que abrir mão de tudo quando terminássemos. Eu nunca poderia perder Alex. Eu não podia. E então isso é bom, essa dança pacífica e sem brilho. Esta viagem sem faíscas.

Alex liga para Sarah duas vezes por dia, de manhã e à noite, mas nunca na minha frente. De manhã, eles conversam enquanto ele corre, antes mesmo de eu sair da cama, e quando ele volta, me acorda com um café e um doce servido no café da manhã da sede do resort. À noite, ele sai para a varanda para falar com ela e fecha a porta atrás de si.

— Não quero que você zombe da minha voz ao telefone. — diz ele.

— Deus, eu sou uma idiota. — eu digo, e embora ele ria, eu me sinto mal. Provocar sempre foi uma grande parte da nossa dinâmica, e parece que é a nossa praia. Mas há coisas que ele não vai fazer na minha frente agora, partes dele que ele não confia comigo, e eu não gosto disso.

Quando ele entra depois de sua corrida e ligação matinal no dia seguinte, sento-me sonolenta para aceitar o café e o croissant oferecidos e digo:

— Alex Nilsen, para qualquer efeito, tenho certeza de que sua voz ao telefone é incrível.

Ele cora, esfregando a nuca.

— Não é.

— Aposto que você é amanteigado, quente, doce e perfeito.

— Você está falando comigo ou com o croissant? — ele pergunta.

— Eu te amo, croissant. — eu digo, e arranco um pedaço, colocando-o na minha boca. Ele fica ali, com as mãos nos bolsos, sorrindo, e meu coração incha, ao estilo Grinch, só de olhar para ele. — Mas estou falando de você.

— Você é doce, Poppy. — diz ele. — E amanteigada, quente e tudo. Mesmo assim, prefiro apenas falar no telefone sozinho.

— Entendi. — eu digo, balançando a cabeça, e seguro meu croissant para ele. Ele arranca o menor pedaço e o coloca entre os lábios.

Mais tarde naquele dia, enquanto estávamos sentados para almoçar, algo brilhante me ocorreu.

— Lita! — Eu choro, aparentemente do nada.

— Saúde? — Alex diz.

— Lembra da Lita? — Eu digo. — Ela estava morando naquela casa pequena em Tofino. Com Buck?

Alex estreita os olhos.

— Foi ela quem tentou colocar a mão dentro da minha calça enquanto estava me dando um 'tour'?

— Hum, em primeiro lugar, você não me disse que isso aconteceu, e segundo, não. Ela estava saindo comigo e Buck. Ela iria embora logo, lembra? Mudou para *Vail* para ser guia de rafting!

— Ah. — diz Alex. — Sim. Certo.

— Você acha que ela ainda está aqui?

Ele aperta os olhos.

— Neste plano terreno? Não tenho certeza se alguma dessas pessoas está.

— Eu tenho o número de Buck. — eu digo.

— Você tem? — Alex me lança um olhar penetrante.

— Eu não *usei*. — eu digo. — Mas eu tenho. Vou mandar uma mensagem para ele e ver se ele tem o número de Lita.

Ei, Buck! Eu escrevo. Não tenho certeza se você se lembra de mim, mas você deu a mim e ao meu amigo Alex uma corrida de táxi aquático até as fontes termais, tipo, cinco anos atrás, um pouco antes de sua amiga Lita se mudar para o Colorado? Enfim, estou em Vail e ia ver se ela ainda estava aqui! Espero que você esteja bem e que Tofino ainda seja o lugar mais lindo de todo o planeta.

Quando terminamos de comer, Buck escreveu de volta.

Droga, garota, ele diz. Você é a pequena Poppy sexy? Demorou o suficiente para dar notícias. Acho que não deveria ter chutado você para fora do meu quarto.

Eu bufo e rio, e Alex se inclina sobre a mesa para ler a mensagem de cabeça para baixo. Ele revira os olhos.

— Sim, você fodidamente acha que não, amigo?

Não, não, não se preocupe com isso, digo a ele. Foi uma ótima noite. Nós tivemos um tempo maravilhoso.

Legal, ele diz. Faz anos que não falo com a Lita, mas vou enviar-lhe as informações de contato dela, se quiser.

Isso seria incrível, digo a ele.

Se você voltar para a ilha, você vai me dizer? ele pergunta.

Obviamente, eu digo. Não tenho ideia de como operar um táxi aquático. Você será inestimável.

Engraçadinha, ele diz, Você é uma aberração, eu adoro isso.

À noite, reservamos um passeio de rafting com Lita, que não se lembra de nós, mas insiste no telefone que tem certeza de que nos divertimos muito juntos.

— Para ser justa, eu usava, tipo, uma *tonelada* de drogas naquela época. — diz ela. — Eu *sempre me* divertia muito e não me lembro de quase nada disso.

Alex, ao ouvir isso, faz uma cara que parece angustiada com essas perguntas sem resposta. Eu sei exatamente o que ele quer que eu descubra.

— Então — eu digo, o mais casualmente que posso — você ainda... usa... drogas?

— Três anos sóbria, mamãe. — ela responde. — Mas se você está querendo comprar algo, posso enviar o número do meu velho amigo.

— Não, não. — eu digo. — Tudo bem. Vamos apenas... ficar... com o material... que nós trouxemos... de casa.

Parecendo sitiado, Alex balança a cabeça.

— Tudo bem então. Vejo vocês dois bem cedo.

Quando desligo, Alex diz:

— Você acha que Buck estava drogado quando dirigia nosso táxi aquático?

Eu encolho os ombros.

— Nós nunca descobrimos o que ele estava tagarelando na viagem. Talvez ele tenha pensado que Jim Morrison estava pairando sobre a água bem na frente dele.

— Estou tão feliz por ainda estarmos vivos. — diz Alex.

Na manhã seguinte, encontramos Lita na loja de aluguel de jangadas, e ela é quase exatamente como eu me lembrava dela, mas com uma tatuagem de aliança de casamento e uma pequena barriga de bebê.

— Quatro meses. — ela diz, deslizando as mãos sobre a barriga.

— E é... seguro? Fazer isso? — Alex pergunta.

— O bebê número um se saiu muito bem. — Lita nos garante. — Sabe, na Noruega, eles colocam seus bebês do lado de fora para tirar sonecas.

— Oh... tudo bem. — diz Alex.

— Eu *adoraria* ir para a Noruega. — digo.

— Oh, você *precisa*! — ela diz. — A irmã gêmea de minha esposa mora lá - ela se casou com um norueguês. Gail às vezes fala sobre se divorciar legalmente de mim e se oferecer para pagar a um casal de noruegueses legais para nos casarem, para que ambas possamos obter o certificado de cidadãos e nos mudarmos para lá. Pode me chamar de antiquada, mas simplesmente não me sinto bem em *pagar* pelo meu casamento falso.

— Bem, eu acho que você apenas terá que sobreviver nas férias na Noruega, então. — eu digo.

— Acho que sim.

Por excesso de cautela, optamos pela rota de iniciante, e logo descobrimos que isso significa que nossa "viagem de rafting" consiste grande parte em tomar sol e flutuar com a corrente, esticando nossos remos para empurrar as rochas quando chegamos perto, e levantando o nosso remo sempre que surge uma corrente rápida.

Lita, ao que parece, se lembra muito mais do que dizia sobre Buck e as outras pessoas com quem morava na casa em Tofino, e ela nos presenteia com histórias de pessoas pulando do telhado em um trampolim e bêbadas fazendo tatuagens de pau umas nas outras com canetas de tinta vermelha.

— Acontece que algumas pessoas são alérgicas à tinta vermelha. — diz ela. — Quem poderia saber?

Cada história que ela conta é mais ridícula do que a anterior, e no momento em que arrastamos a jangada para a margem do rio no final do nosso percurso, meu abdômen dói de tanto rir.

Ela enxuga as lágrimas de riso dos cantos dos olhos que estão começando a enrugar e solta um suspiro de satisfação.

— Posso rir porque sobrevivi. Fico feliz em saber que Buck também fez. — Ela esfrega a barriga. — Fico muito feliz toda vez que você descobre como o mundo é pequeno, sabe? Tipo, nós estávamos naquele lugar ao mesmo tempo e agora estamos aqui. Em diferentes pontos de nossas vidas, mas ainda conectados. Como um emaranhamento quântico ou alguma merda.

— Penso nisso toda vez que estou em um aeroporto. — digo a ela. — É um dos motivos pelos quais adoro viajar. — Hesito, procurando uma forma de traduzir esse pensamento ensopado de longa duração em palavras concretas. — Quando criança, eu era uma solitária — explico — e sempre achei que, quando crescesse, deixaria minha cidade natal e descobriria outras pessoas como eu em outro lugar. O que eu tenho, sabe? Mas todo mundo fica sozinho às vezes e, sempre que isso acontece, compro uma passagem de avião e vou para o aeroporto e... não sei. Não me sinto mais só. Porque não importa o que torna todas essas pessoas diferentes, todas elas estão apenas tentando chegar a algum lugar, esperando para alcançar alguém.

Alex me lança um olhar estranho cujo significado não consigo interpretar.

— Ah, merda. — diz Lita. — Você vai me fazer chorar. Esses malditos hormônios da gravidez. Eu reajo pior a eles do que à ayahuasca¹¹.

Antes de nos separarmos, Lita puxa cada um de nós para um longo abraço.

— Se você estiver em Nova York... — Eu digo.

— Se você quiser fazer uma viagem de rafting de *verdade*. — ela responde com uma piscadela.

O silêncio paira sobre nós na volta para o resort, com rugas preocupadas subindo do interior de suas sobancelhas, Alex diz:

— Eu odeio pensar que você está sozinha.

Devo parecer confusa, porque ele esclarece:

— A questão de como você vai para o aeroporto. Quando você sente que está sozinha.

— Não sou mais tão solitária. — digo.

Eu tenho o grupo de mensagens com Parker e Prince — estamos planejando um musical *Jaws* sem orçamento. Depois, há as ligações semanais com meus pais no viva-voz. Além disso, há Rachel, que realmente me ajudou depois de Guillermo, com convites para aulas de ginástica, bares de vinho e dias de voluntariado em abrigos de cães.

Embora Alex e eu não nos falemos tanto como costumávamos, há também contos que ele tem me enviado com breves notas rabiscadas à mão em post-its. Ele poderia enviá-los por e-mail, mas não o faz, e

depois de ler cada cópia impressa, coloco em uma caixa de sapatos, onde comecei a guardar as coisas que importam para mim. (Uma caixa de sapatos, para eu não acabar com enormes latas de plástico com os desenhos de dragão dos meus futuros filhos, como mamãe e papai têm.)

Não me sinto sozinha quando leio suas palavras. Não me sinto sozinha quando seguro esses Post-its na mão e penso na pessoa que os escreveu.

— Me desculpe se eu não estive lá para você. — Alex disse calmamente. Ele abre a boca como se fosse continuar, então balança a cabeça e a fecha novamente. Voltamos para o resort, entramos em nossa vaga de estacionamento e, quando me viro em meu assento para encará-lo, ele se inclina em minha direção também.

— Alex... — Demoro alguns segundos para continuar: — Nunca me senti realmente sozinha desde que te conheci. Acho que nunca mais me sentirei verdadeiramente sozinha neste mundo, enquanto você estiver nele.

Seu olhar se suaviza e se mantém firme por um instante.

— Posso te contar uma coisa embaraçosa?

Pela primeira vez, não me ocorre brincar ou ser sarcástica.

— Qualquer coisa.

Ele passa a mão no volante em um vai e vem lento.

— Eu não acho que sabia que estava sozinho até que conheci você. — Ele balança a cabeça novamente. — Em casa, depois que minha mãe morreu e meu pai desmoronou, eu só queria que todos ficassem bem. Eu queria ser exatamente o que papai precisava e exatamente o que meus irmãos mais novos precisavam, e na escola, eu queria ser quem todos queriam, então tentei ser calmo, responsável e firme, e acho que tinha dezenove anos na primeira vez que me ocorreu que talvez não fosse assim que algumas pessoas viviam. Que talvez eu apenas *fosse* alguém, além de quem eu *tentava* ser. Eu conheci você, e honestamente... a princípio, pensei que fosse uma atuação. As roupas escandalosas, as piadas chocantes.

— O que você quer dizer? — Eu provoco baixinho, e um sorriso pisca no canto de sua boca, breve como o bater das asas de um colibri.

— Naquela primeira viagem de volta para Linfield, você me fez todas essas perguntas sobre o que eu gostava e o que odiava, e eu não sei. Parecia que você realmente queria saber.

— Claro que sim. — digo.

Ele concorda.

— Eu sei. Você me perguntou quem eu era e — foi como se a resposta viesse do nada. Às vezes parece que eu nem existia antes disso. Como se você tivesse me inventado.

O calor sobe para minhas bochechas e eu ajusto minha posição no meu assento, puxando meus joelhos em meu peito.

— Eu não sou inteligente o suficiente para ter inventado você. Ninguém é tão inteligente.

Os músculos ao longo de sua mandíbula saltam enquanto ele considera suas próximas palavras, nunca deixando escapar qualquer coisa sem primeiro pesar.

— Meu ponto é, ninguém realmente me conheceu antes de você, Poppy. E mesmo se... as coisas mudarem entre nós, você nunca estará sozinha, ok? Eu vou te amar para sempre.

Lágrimas nublam meus olhos, mas milagrosamente eu as pisco limpando. De alguma forma, minha voz sai firme e leve, e não como se alguém tivesse alcançado minhas costelas e segurado meu coração dentro de sua mão apenas tempo o suficiente para cutucar uma ferida secreta.

— Eu sei. — digo a ele, e — Eu também te amo.

É verdade, mas não toda a verdade. Não há palavras vastas ou específicas o suficiente para capturar o êxtase, a dor, o amor e o medo que sinto só de olhar para ele agora.

Então o momento passa e a viagem continua, e nada é diferente entre nós, exceto que uma parte de mim acordou, como um urso emergindo da hibernação com uma fome que conseguiu restringir durante meses, mas não consegue ignorar um segundo a mais.

No dia seguinte, o penúltimo da viagem, fizemos uma caminhada até uma passagem na montanha. Perto do topo, vou até a beira do caminho para tirar uma foto através de uma abertura nas árvores do lago azul profundo abaixo, e perco o equilíbrio. Meu tornozelo rola, forte e rápido. Parece que o osso perfura meu pé ao atingir o chão, e então estou esparramada na lama e nas folhas, sussurrando palavrões.

— Fique parada. — diz Alex, agachando-se ao meu lado.

No começo eu mal consigo respirar, não estou chorando, apenas engasgando.

— Eu tenho um osso saindo da minha pele?

Alex olha para baixo, verifica minha perna.

— Não, acho que você só torceu.

— Foda-se. — eu suspiro sob uma onda de dor.

— Aperte minha mão se precisar. — ele diz, e eu aperto, o mais forte que posso. Em sua palma gigante e masculina, a minha é minúscula, meus dedos ossudos e bulbosos.

A dor diminui o suficiente para que o pânico se apresse em substituí-la. Com as lágrimas caindo freneticamente, eu pergunto:

— Eu tenho mãos de loris?

— O que? — Alex pergunta, compreensivelmente confuso. Sua expressão preocupada estremece. Ele transforma uma risada em tosse.

— Mãos de loris? — ele repete sério.

— Não ria de mim! — Eu grito, totalmente regredida em uma irmã mais nova de oito anos de idade.

— Sinto muito. — ele diz. — Não, você não tem mãos de loris. Não que eu saiba o que é um loris.

— É como um lêmure. — eu digo em lágrimas.

— Você tem mãos lindas, Poppy. — Ele tenta muito, muito mesmo — talvez o mais difícil de todos — não sorrir, mas lentamente isso acontece de qualquer maneira, e eu começo a rir chorando. — Você quer tentar ficar de pé? — ele pergunta.

— Você não pode simplesmente me rolar montanha abaixo?

— Prefiro não. — diz ele. — Pode haver hera venenosa quando sairmos da trilha.

Eu suspiro.

— Está bem então. — Ele me ajuda a levantar, mas não consigo colocar nenhum peso no meu pé direito sem um raio de dor crepitar em minha perna. Eu paro de cambalear, começo a chorar de novo e enterro meu rosto em minhas mãos para esconder a bagunça ranhosa em que estou desmoronando.

Alex esfrega as mãos lentamente para cima e para baixo em meus braços por alguns segundos, o que só me faz chorar mais. Pessoas serem legais comigo quando estou chateada sempre tem esse efeito. Ele me puxa contra seu peito e coloca seus braços contra minhas costas.

— Vou ter que, tipo, pagar por um helicóptero para chegar aqui? — Eu deixo sair.

— Não estamos tão longe. — diz ele.

— Não estou brincando, não consigo colocar nenhum peso nisso.

— Aqui está o que vai acontecer. — diz ele. — Vou pegar você e carregá-la - bem devagar - pela trilha. E provavelmente terei que fazer muitas paradas e colocá-la no chão, e você não tem permissão para me chamar de Biscoito do Mar ou gritar *Mais rápido! Mais rápido!* no meu ouvido.

Eu rio em seu peito, aceno contra ele, deixando marcas molhadas em sua camiseta.

— E se eu descobrir que você fingiu tudo só para ver se eu a carregaria por oitocentos metros montanha abaixo — diz ele — ficarei muito irritado.

— Escala de um a dez. — eu digo, inclinando-me para trás para olhar em seu rosto.

— Sete no mínimo. — ele diz.

— Você é tão, tão legal. — eu digo.

— Você quer dizer amanteigado, quente e perfeito. — ele brinca, ampliando sua postura. — Pronta?

— Pronta. — eu confirmo, e Alex Nilsen me pega em seus braços e me carrega pela porra de uma montanha abaixo.

Não. Eu realmente não poderia tê-lo inventado.

Este Verão

TOTALMENTE RECARREGADOS APÓS duas garrafas de água e quarenta minutos em uma loja de presentes do zoológico cheia de camelôs empalhados, nós nos dirigimos ao nosso próximo destino.

Os Cabazon Dinosaurs são quase exatamente o que parecem: duas esculturas de dinossauros enormes na beira de uma rodovia no meio do nada, Califórnia.

Um escultor de parque temático construiu os monstros de aço na esperança de atrair negócios para sua lanchonete à beira da estrada. Desde que ele morreu, a propriedade foi vendida a um grupo que instalou um museu criacionista e uma loja de presentes dentro da cauda de um dos dinossauros.

É o tipo de lugar em que se você estiver passando de carro, irá parar. É também o tipo de lugar para onde você dirige, fora do seu caminho, quando está tentando preencher cada segundo do dia.

— Bem — Alex diz quando saímos do carro. O empoeirado *T. rex* e o *brontossauro* elevam-se sobre nós, algumas palmeiras pontiagudas e arbustos irregulares pontilhando a areia abaixo deles. O tempo e a luz do sol drenaram as cores de quase todos os dinossauros. Eles parecem com sede, como se tivessem andado cambaleando por este lugar e por sua forte luz do sol por milênios.

— Bem, de fato — eu concordo.

— Acho que devemos tirar algumas fotos? — Alex diz.

— Definitivamente.

Ele pega o telefone e espera que eu faça algumas poses na frente dos dinossauros. Depois de algumas fotos apropriadas para o Instagram, eu começo a pular e agitar meus braços, na esperança de fazê-lo rir.

Ele sorri, mas ainda parece um pouco abatido, e eu decido que é melhor entrarmos na sombra. Caminhamos pelo terreno, tiramos mais algumas fotos e com os dinossauros menores que foram acrescentados aos arbustos que cercam as duas ofertas principais. Em seguida, subimos os degraus para vasculhar a loja de presentes.

— Você mal pode dizer que estamos dentro de um dinossauro. — queixa-se Alex em tom de brincadeira.

— Não é? Onde estão as vértebras gigantes? Onde estão os vasos sanguíneos e os músculos da cauda?

— Isso não está recebendo uma avaliação favorável do Yelp. — murmura Alex, e eu rio, mas ele não. De repente, estou ciente de como o

ar condicionado é patético nesta loja. Nada comparado à loja de presentes do zoológico. Podemos muito bem estar de volta ao inferno de Nikolai.

— Devemos sair daqui? — Eu pergunto.

— Deus, sim. — diz Alex, e pousa a estatueta de dinossauro que está segurando.

Eu verifico a hora no meu telefone. São apenas quatro da tarde e fizemos tudo o que planejamos para hoje. Abro meu aplicativo de anotações e examino a lista em busca de algo mais para fazer.

— Ok. — eu digo, tentando mascarar minha ansiedade. — Eu consegui. Vamos.

O Jardim Botânico Moorten. É do lado de fora, mas com certeza tem um sistema de resfriamento melhor do que a loja de presentes dentro de um dinossauro de aço.

Só que não penso em verificar o horário e dirigimos até lá apenas para encontrá-lo fechado.

— Fecha à *uma* durante o verão? — Eu li a placa incrédula.

— Você acha que isso tem alguma coisa a ver com a temperatura perigosamente alta? — Alex diz.

— Ok. — eu digo. — OK.

— Talvez devêssemos ir para casa. — diz Alex. — Ver se Nikolai consertou o ar-condicionado.

— Ainda não. — eu digo, desesperada. — Há outra coisa que eu queria fazer.

— Tudo bem. — diz Alex. De volta ao carro, eu o levo até a porta do lado do motorista e ele pergunta: — O que você está fazendo?

— Eu tenho que dirigir para esta parte. — eu digo.

Ele arqueia uma sobrancelha, mas se senta no banco do passageiro. Abro meu GPS e digito o primeiro endereço da lista para o "tour autoguiado de arquitetura em Palm Springs".

— É... um hotel. — diz Alex, confuso, quando paramos no edifício angular descolado com seu revestimento de laje e uma placa com contorno laranja.

— O Del Marcos Hotel. — eu digo.

— Existe... um dinossauro de aço dentro? — ele pergunta.

Eu franzo a testa.

— Acho que não. Mas todo esse bairro, o bairro do Tennis Club, deve estar cheio de todos esses prédios ridiculamente incríveis.

— Ah. — ele diz, como se isso fosse tudo que ele pudesse reunir em termos de entusiasmo.

Meu estômago embrulha quando eu digito o próximo endereço. Dirigimos por duas horas, paramos para um jantar barato (que demoramos mais uma hora porque o ar-condicionado funcionava) e, quando voltamos para o carro, Alex me interrompe na porta do motorista.

— Poppy. — diz ele suplicante.

— Alex. — eu digo.
— Você pode dirigir se quiser — diz ele — mas estou ficando um pouco enjoado e não sei se aguento ver mais mansões de estranhos hoje.
— Mas você ama arquitetura. — eu digo pateticamente.
Sua testa franze, seus olhos estreitos.
— Eu... o que?
— Em Nova Orleans — eu digo — você ficava andando por aí apontando, tipo, janelas o tempo todo. Achei que você amava esse tipo de coisa.
— Apontando para as janelas?
Eu jogo meus braços para os lados.
— Não sei! Você apenas gosta... porra, *adorava* olhar para edifícios!
Ele solta uma risada cansada.
— Eu acredito em você. — ele diz. — Talvez eu ame arquitetura. Não sei. Eu estou apenas... muito cansado e com calor.
Eu luto para pegar meu telefone da minha bolsa. Ainda não há notícias de Nikolai. Não podemos voltar para aquele apartamento.
— E o museu do ar?
Quando eu olho para cima, ele está me estudando, a cabeça inclinada e os olhos ainda estreitos. Ele passa a mão infeliz pelo cabelo e desvia o olhar por um segundo, colocando a mão no quadril.
— São, tipo, sete horas, Poppy. — ele diz. — Eu não acho que vai estar aberto.
Eu suspiro, murchando.
— Você tem razão. — Eu cruzo de volta para o banco do passageiro e me jogo, me sentindo derrotada quando Alex liga o carro.
Quinze milhas adiante, temos um pneu furado.
— Oh, Deus. — eu gemo quando Alex puxa para o acostamento.
— Provavelmente há um reserva. — diz ele.
— E você sabe como colocar isso? — Eu digo.
— Sim. Eu sei como colocar isso.
— Sr. Dono de Casa. — eu digo, tentando soar brincalhona. Acontece que eu também estou profundamente mal-humorada e é assim que minha voz me retrata. Alex ignora o comentário e sai do carro.
— Você precisa de ajuda? — Eu pergunto.
— Pode ser necessário que você acenda uma luz. — diz ele. — Está começando a escurecer.
Eu o sigo até a parte de trás do carro. Ele abre a porta do bagageiro, move algumas das esteiras e xinga.
— Sem reserva.
— Este carro pretende destruir nossas vidas. — digo, e chuto a lateral do carro. — Merda, vou ter que comprar um pneu novo para essa garota, não vou?
Alex suspira e esfrega a ponta do nariz.
— Vamos dividir.
— Não, não era isso que eu estava... Eu não estava dizendo isso.

— Eu sei. — diz Alex, irritado. — Mas não vou deixar você pagar por tudo.

— O que nós fazemos?

— Chamamos uma empresa de reboque. — diz ele. — Nós vamos de Uber para casa e trataremos disso amanhã.

Então é isso que fazemos: chamamos a empresa de reboque. Sentamos em silêncio na porta traseira enquanto esperamos eles chegarem. Voltamos para a loja na frente do caminhão de reboque com um homem chamado Stan, que tem uma mulher nua tatuada em cada braço. Assinamos alguns papéis, e ligamos para um Uber. Ficamos do lado de fora enquanto esperamos ele chegar.

Entramos em um carro com uma senhora chamada Marla, que Alex sussurra baixinho “se parece exatamente com Delallo”, e pelo menos isso é motivo de riso.

E então o aplicativo de Marla bagunça e ela se perde.

E nossa viagem de dezessete minutos se torna uma viagem de vinte e nove minutos diante de nossos olhos. E nenhum de nós está rindo. Nenhum de nós está dizendo nada, fazendo qualquer som.

Finalmente, estamos quase no Desert Rose. Está muito escuro lá fora, e tenho certeza de que as estrelas no céu seriam incríveis se não estivéssemos presos na parte de trás do Kia Rio de Marla, inalando o spray de biscoito da Bath & Body Works com o qual ela parece ter encharcado todo o carro.

Quando o tráfego para de repente a oitocentos metros do Desert Rose, quase choro.

— Deve ser um acidente bloqueando a estrada. — diz Marla. — Nem no céu nem na terra o tráfego devia ser *esta tranqueira*.

— Você quer andar? — Alex me pergunta.

— Por que diabos não. — eu digo, e saímos do carro de Marla, observamos ela virar o Kia em uma curva de quinze pontos e começar a descer o acostamento escuro em direção a casa.

— Vou entrar naquela piscina hoje à noite. — diz Alex.

— Provavelmente está fechada. — eu resmungo.

— Vou escalar a cerca. — diz Alex.

Uma risada borbulhante e cansada passa pelo meu peito.

— Ok, estou dentro.

Cinco Verões Atrás

NA NOSSA ÚLTIMA NOITE na Ilha de Sanibel, fico acordada, ouvindo a chuva batendo no telhado, repetindo a semana como se estivesse assistindo através de um brilho espesso, nebuloso e sempre ondulante, tentando capturar essa fração de segundo que parece sumir de vista todas as vezes que eu procuro por ela.

Eu vejo as praias tempestuosas. A maratona de *Twilight Zone*, que Alex e eu cochilamos no sofá. A loja de frutos do mar onde ele finalmente me deu os detalhes horríveis do rompimento dele e de Sarah — que ela disse a ele que o relacionamento deles era tão emocionante quanto a biblioteca onde eles se conheceram, antes de deixá-lo e sair por um período de três semanas para um retiro de ioga. *Se ela quer emoção*, eu disse, *fico feliz em ligar o carro dela*. Minha memória salta para frente, para o bar chamado BAR, com seus pisos pegajosos e ventiladores de palha, onde eu saio do banheiro e o vejo no bar, lendo um livro, e sinto tanto amor que poderia me abrir, e como depois tentei sacudi-lo de sua tristeza pós-Sarah com um exagerado "Ei, tigre!"

Então chega o momento em que corremos através do aguaceiro do BAR para o nosso carro, ouvindo os limpadores de para-brisa rangerem enquanto cortávamos a chuva torrencial de volta para nosso bangalô encharcado de chuva.

Estou me aproximando desse momento, daquele que continuo tentando alcançar e subindo de mãos vazias, como se não fosse nada além de um pouco de luz refletida, dançando no chão.

Vejo Alex pedindo para tirarmos uma foto juntos, me surpreendendo com o flash na contagem de dois em vez de três. Nós dois sufocando de tanto rir, gemendo com a hediondez da nossa foto, discutindo se a excluímos, Alex prometendo que eu não parecia nada assim, eu dizendo a ele o mesmo.

Então ele diz:

— No próximo ano, vamos para algum lugar frio.

Eu digo tudo bem, que vamos.

E aí vem, o momento que continua escapando por entre meus dedos, como se fosse o detalhe da mudança de jogo em um replay instantâneo que não consigo pausar ou desacelerar.

Estamos apenas olhando um para o outro. Não há arestas difíceis para agarrar, nenhum marcador distinto no início ou no fim deste momento, nada para separá-lo dos milhões como ele.

Mas este, este é o momento em que penso primeiro.

Estou apaixonada por você.

O pensamento é assustador, provavelmente nem mesmo verdade. Uma ideia perigosa para entreter. Eu libero meu controle sobre ele, observo-o escapar.

Mas há pontos no centro de minhas palmas que queimam, chamuscados, a prova de que uma vez o segurei lá.

Este Verão

O APARTAMENTO tornou-se o sétimo anel do inferno, e não há sinal de que Nikolai esteve lá. No banheiro, coloco meu biquíni e uma camiseta enorme, em seguida, envio outra mensagem irritada exigindo uma atualização.

Alex bate na porta quando ele termina de se trocar na sala de estar, e nós nos esgueiramos até a piscina, toalhas nas mãos. Nós nos movemos furtivamente para verificar o portão primeiro.

— Fechado. — Alex confirma, mas acabo de notar o problema maior.

— Mas. Que. Inferno.

Ele olha para cima e vê: a bacia de concreto vazia da piscina.

Atrás de nós, alguém engasga.

— Ah, querido, eu disse que eram eles!

Alex e eu giramos quando um casal bronzeado de meia-idade aparece. Uma mulher ruiva com saltos de cortiça cintilantes e capris brancos, ao lado de um homem de pescoço grosso com a cabeça raspada e óculos escuros equilibrados na nuca.

— Você disse, querida. — diz o homem.

— Os Newwwwlyweds! — a mulher canta e me agarra em um abraço. — Por que vocês não nos disseram que estavam indo para Springs?

É quando me lembro. Maridinho e Esposinha da corrida de táxi saindo de LAX.

— Uau. — diz Alex. — Oi. Como estão?

As unhas laranja neon da mulher me soltam e ela acena com a mão.

— Ah, você sabe. Estava indo bem até esse absurdo. Com a piscina.

Maridinho grunhe em acordo.

— O que aconteceu? — Eu pergunto.

— Foi uma criança que teve diarreia! Um *monte*, eu acho, porque eles tiveram que ir e drenar a coisa toda. Eles dizem que deve estar funcionando novamente amanhã! — Ela franze a testa. — Claro, amanhã *vamos* para Joshua Tree.

— Ah, que legal! — Eu digo. É difícil soar brilhante e animada quando, na verdade, minha alma está murchando silenciosamente dentro da concha vazia do meu corpo.

— Ganhei uma estadia gratuita lá. — Ela pisca para mim. — Estou com sorte.

— Claro que sim. — diz Maridinho.

— Não estou apenas dizendo isso! — ela continua. — Ganhamos na loteria alguns anos atrás — não foi quatrilhões de dólares, mas um bom pedaço, e eu juro, desde então é como se eu ganhasse todos os sorteios, loterias e concursos que olho!

— Incrível. — diz Alex. Sua alma, ao que parece, também encolheu.

— De qualquer maneira! Nós vamos deixar vocês dois pombinhos fazerem suas coisinhas. — Ela pisca novamente. Ou talvez seus cílios postiços estejam apenas colados. Difícil de dizer. — Eu simplesmente não conseguia acreditar que sorte esquisita foi termos ficado no mesmo lugar!

— Sorte. — diz Alex. Ele parece estar em um transe induzido pela má sorte. — Sim.

— É um mundo minúsculo, não é? — Esposinha diz.

— É. — eu concordo.

— De qualquer forma, aproveitem o resto de sua viagem! — Ela nos abraça e o Marido acena com a cabeça, e então eles saem e ficamos parados na frente da piscina vazia.

Depois de três segundos de silêncio, digo:

— Vou tentar ligar para Nikolai novamente.

Alex não diz nada. Voltamos para cima. Está noventa graus. Não metaforicamente. Está literalmente noventa graus. Não acendemos nenhuma luz, exceto a do banheiro, como se mais uma lâmpada pudesse nos levar a até cem graus.

Alex está no meio da sala, parecendo miserável. Está muito quente para sentar em qualquer coisa, para tocar em qualquer coisa. O ar está diferente, duro como uma tábua. Eu ligo para Nikolai repetidamente enquanto ando.

Na quarta vez que ele rejeita a chamada, solto um grito e volto para a cozinha para pegar a tesoura.

— O que você está fazendo? — Alex pergunta. Eu apenas passo furiosa para a varanda e apunhalo o plástico. — Isso não vai ajudar. — diz ele. — Está tão quente lá fora quanto aqui esta noite.

Mas não consigo raciocinar. Estou cortando o plástico, cortando uma tira gigante atrás de uma tira gigante e esfarrapada, e jogando-as no chão. Finalmente metade da varanda está aberta para o ar noturno, mas Alex estava certo. Não importa.

Está tão quente que eu poderia derreter. Eu marcho de volta para dentro e salpico meu rosto com água fria.

— Poppy — diz Alex — acho que devemos nos hospedar em um hotel. Eu balanço minha cabeça, muito frustrada para falar.

— Temos que fazer isso. — diz ele.

— Não é assim que isso devia ser. — eu mordo, uma pulsação repentina passando pelo meu olho.

— Do que você está falando? — ele diz.

— Nós deveríamos fazer isso como fazíamos! — Eu digo. — Devemos manter as coisas baratas e — e nos virarmos.

— Nós nos viramos, muito. — Alex insiste.

— Hotéis custam dinheiro! — Eu digo. — E já vamos ter que gastar duzentos dólares para comprar um pneu novo para aquele carro horrível!

— Você sabe o que custa dinheiro? — ele diz. — Hospitais! Nós vamos *morrer* se ficarmos aqui.

— Não é assim que deveria ser! — Eu meio que grito, um recorde quebrado.

— É assim que está indo! — ele atira de volta.

— Eu só queria que fosse como costumava ser! — Eu digo.

— Nunca vai ser assim! — ele se encaixa. — Não podemos voltar a isso, ok? As coisas são diferentes e não podemos mudar isso, então *pare!* *Pare* de tentar forçar essa amizade de volta ao que costumava ser — isso não vai acontecer! Somos *diferentes* agora, e você tem que parar de fingir que não somos!

Sua voz se interrompe, olhos escuros, mandíbula tensa.

Lágrimas turvam minha visão, e meu peito parece que está sendo serrado ao meio enquanto estamos parados ali na penumbra, nos encarando em silêncio, respirando com dificuldade.

Algo interrompe o silêncio. Um estrondo baixo e distante, e então, um silencioso *tap-tap-tap*.

— Você ouviu isso? — A voz de Alex é um som rouco.

Eu dou um aceno incerto, e então outro estrondo estremece. Nossos olhos se encontram, arregalados e desesperados. Corremos para a beira da varanda.

— Puta merda. — Eu jogo meus braços para pegar a chuva que cai. Eu começo a rir. Alex se junta a mim.

— Aqui. — Ele agarra o restante do plástico e começa a rasgá-lo. Pego a tesoura da mesa do café e arrancamos o resto, jogando-o sobre os ombros, a chuva caindo livremente, até que, finalmente, está tudo fora do nosso caminho. Ficamos para trás com nossos rostos inclinados para cima e deixamos a chuva cair sobre nós. Outra risada borbulha em mim, e quando eu olho para Alex, ele está me observando, seu sorriso largo por dois segundos antes de se desintegrar em preocupação.

— Sinto muito. — diz ele, a voz baixa sob a chuva. — Eu só quis dizer..

— Eu sei o que você quis dizer. — eu digo. — Você estava certo. Não podemos voltar.

Seus dentes roçam o lábio inferior.

— Quero dizer.. você realmente queria?

— Eu só quero... — Eu encolho os ombros.

Você, eu penso.

Você.

Você.

Você. Diga.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não quero perder você de novo.

Alex estende a mão para mim, e eu vou até ele, o deixo pegar meus quadris e me puxar para dentro. Eu me pressiono contra sua camiseta úmida enquanto ele envolve seus braços em volta de mim e me levanta para ele. Eu fico na ponta dos pés e ele me segura lá, seu rosto enterrado no meu pescoço e minha camiseta encharcada. Enfio meus braços em volta de sua cintura e estremeço quando suas mãos deslizam pelas minhas costas, pegando o nó onde as fitas do meu maiô estão amarradas sob a minha camisa.

Mesmo depois de um dia inteiro de suor, ele cheira tão bem, é tão bom contra mim e sob minhas mãos. Combinado com o intenso alívio da chuva do deserto, isso me faz sentir tonta, com a cabeça leve, desinibida. Minhas mãos deslizam por seu pescoço e escorregam em seu cabelo, e ele se afasta o suficiente para me olhar no rosto, mas nenhum de nós desvia o olhar, e todo o estresse e preocupação deixaram sua testa e mandíbula assim como sumiu do meu corpo igual vapor.

— Você não vai me perder. — diz ele, a voz esmaecida pela chuva. — Enquanto você me quiser, estou aqui.

Eu engulo o nó na garganta, mas ele continua aumentando. Tentando manter as palavras dentro. Seria um erro dizê-las, certo? Contamos tudo um ao outro, mas há coisas que não podem ser ditas, assim como há coisas que não podem ser desfeitas.

Sua mão se levanta para tirar uma mecha úmida dos meus olhos, colocando-a atrás da minha orelha. O nó parece derreter e a verdade desliza para fora de mim como a respiração que estive prendendo todo esse tempo.

— Eu sempre quero você, Alex. — eu sussurro. — Sempre.

Nessa luz fraca, seus olhos parecem quase brilhantes e sua boca se suaviza. Quando ele se inclina para pressionar sua testa na minha, todo o meu corpo fica pesado, como se meu desejo fosse um cobertor pesado sendo empurrado em mim de todos os lados, enquanto suas mãos roçam minha pele tão suavemente quanto a luz do sol. Seu nariz desliza para baixo ao lado do meu, a polegada entre nossas bocas inseguras e estendidas pulsando.

Ainda há uma espécie de negação plausível nisso, uma chance de deixarmos este momento passar sem nunca fechar essa distância final. Mas, enquanto ouço sua respiração instável, sinto o jeito que ela puxa contra mim enquanto seus lábios se abrem, chegando mais perto, hesitam, eu esqueço todos os motivos pelos quais eu estava tentando adiar isso.

Somos ímãs, tentando nos aproximar, mesmo enquanto protegemos a distância cuidadosa entre nós. Sua mão desliza sobre minha mandíbula, cuidadosamente angulada para que nossos narizes roçam um no outro, testando este pequeno espaço entre nós, nossas bocas abertas provando o ar entre nós.

Cada respiração que ele toma, agora sussurra contra meu lábio inferior. Cada uma das minhas inalações trêmulas tenta atraí-lo para

mais perto. *Isso não deveria ter acontecido*, penso nebulosamente.

Então, e mais alto, *isso tinha que acontecer*.

Isso tem que acontecer.

Isso está acontecendo.

Quatro Verões Atrás

ESTE ANO vai ser diferente. Trabalho para a revista *Rest + Relaxation* há seis meses. Nesse tempo, já estive em:

Marrakech e Casablanca.

Martinborough e Queenstown.

Santiago e Easter Island.

Sem falar em todas as cidades dos Estados Unidos para onde me mandaram.

Essas viagens não são nada como as que Alex e eu costumávamos fazer, mas posso ter minimizado isso quando propus combinar nossa viagem de verão com uma viagem de trabalho, porque quero ver a reação dele quando aparecermos em nosso primeiro resort com nosso velho TJ Maxx Luggage apenas para ser saudada com champanhe.

Quatro dias na Suécia. Quatro na Noruega.

Não é exatamente frio, mas pelo menos é *legal*, e desde que falei com a cunhada expatriada de Lita, a Guia de Jangada do Rio, ela tem me enviado e-mails semanalmente com sugestões de coisas para fazer em Oslo. Ao contrário de Lita, Dani tem uma memória de aço: ela parece se lembrar de todos os restaurantes incríveis em que comeu, e sabe exatamente o que nos dizer para pedir. Em um e-mail, ela classifica vários fiordes por uma série de critérios (beleza, aglomeração, tamanho, conveniência da localização, beleza da unidade *até* o local conveniente / inconveniente).

Quando Lita passou suas informações de contato, eu esperava obter uma lista com um parque nacional específico e alguns bares, talvez. E Dani fez isso — em seu primeiro e-mail. Mas as mensagens continuavam chegando sempre que ela pensava em outra coisa que "absolutamente não poderíamos deixar de experimentar!"

Ela usa muitos pontos de exclamação e, embora geralmente eu ache que as pessoas recorrem a isso na tentativa de parecer amistosas e definitivamente não zangadas, cada uma de suas frases é lida como um comando.

"Você deve beber aquavit!"

"Certifique-se de beber em temperatura ambiente, talvez junto com uma cerveja!"

"Tome seu aquavit em temperatura ambiente no caminho para o Museu do Navio Viking! NÃO PERCA ISTO!"

Cada novo e-mail queima seus pontos de exclamação em minha mente, e eu *teria* medo de conhecer Dani, se não fosse pelo fato de que ela assina todos os e-mails com *xoxo*, que acho tão cativante que estou confiante de que vamos gostar muito dela. Ou vou gostar muito dela e Alex vai ficar apavorado.

De qualquer forma, nunca estive mais animada para uma viagem na minha vida.

Na Suécia, há um hotel feito inteiramente de gelo, chamado (por alguma razão misteriosa) Hotel de Gelo. É o tipo de lugar que Alex e eu nunca poderíamos alugar sozinhos, e durante toda a manhã antes da reunião de apresentação com Swapna, eu estava suando profusamente na minha mesa — não o suor normal, mas o tipo horrível fedorento que vem com a ansiedade. Não é como se Alex não tivesse ido junto nas outras férias quentes na praia, mas desde que descobri sobre o Hotel de Gelo, sabia que seria a surpresa perfeita para ele.

Eu proponho o artigo, tendo como pauta o “Refresque-se para o verão”, e os olhos de Swapna brilham em aprovação.

“Inspirador”, ela diz, e vejo alguns dos outros escritores mais estabelecidos falando a palavra uns para os outros. Não estive lá por tempo suficiente para notá-la usando essa palavra, mas sei como ela é sobre *tendências*, então acho que *inspirar* é diametralmente oposto à *moda* em sua mente.

Ela está totalmente a bordo. Só assim, estou autorizada a gastar muito dinheiro. Eu não posso tecnicamente comprar refeições para Alex, passagens de avião ou até mesmo entradas para o museu Viking, mas quando você está viajando com *R + R*, as portas se abrem para você, garrafas de champanhe que você não pediu flutuam para sua mesa, chefs aparecem com algo “um pouco mais” e a vida fica bem mais brilhante.

Há também a questão do fotógrafo que estará viajando conosco, mas até agora todos com quem trabalhei têm sido agradáveis, se não divertidos, e tão independentes quanto eu. Nós nos encontramos, planejamos fotos, nos separamos e, embora eu não tenha trabalhado com o novo fotógrafo com quem estou trabalhando — fomos pegos em horários opostos de dias de trabalho — Garrett, o outro novo redator da equipe, diz que o fotógrafo Trey é ótimo, então não estou preocupada.

Alex e eu trocamos mensagens de texto incessantemente nas semanas que antecederam a viagem, mas nunca sobre a viagem em si. Digo a ele que estou cuidando de tudo, que é tudo uma surpresa, e mesmo que a falta de controle o esteja matando, ele não reclama.

Em vez disso, ele manda mensagens sobre sua gatinha preta, Flannery O'Connor. Fotos dela em sapatos e armários e esparramada no topo das estantes.

Ela me lembra você, ele diz às vezes.

Por causa das garras? Eu pergunto. Ou *por causa dos dentes* ou *por causa das pulgas*, e todas as vezes, não importa a comparação que eu tente fazer, ele apenas escreve de volta *minúscula lutadora*.

Isso me faz sentir agitada e quente. Isso me faz pensar sobre ele puxando o capuz do meu moletom em volta do meu rosto e sorrindo para mim através da escuridão fria, murmurando baixinho: *fofa*.

Na última semana antes de partirmos, peguei um resfriado horrível ou a pior crise de alergia de verão de que me lembro. Meu nariz estava constantemente entupido e/ou pingando; minha garganta estava áspera e com gosto azedo; minha cabeça inteira parecia obstruída pela pressão; e todas as manhãs, estava exausta antes mesmo de o dia começar. Mas não estava com febre, e uma rápida ida ao atendimento de urgência me informou que não tenho infecção de garganta, então faço o possível para não desacelerar. Há muito o que fazer antes da viagem, e faço tudo isso tossindo profusamente.

Três dias antes de partirmos, tenho um sonho que Alex me conta que voltou com Sarah, que não pode mais viajar.

Eu acordo me sentindo mal do estômago. O dia todo tento tirar o sonho da cabeça. Às duas e meia, ele me manda uma foto de Flannery.

Você já sentiu falta de Sarah? Eu escrevo de volta.

Às vezes, ele diz. Mas não muito.

Por favor, não cancele nossa viagem, eu digo, porque esse sonho está realmente me bagunçando.

Por que eu cancelaria nossa viagem? ele pergunta.

Não sei, digo eu. Eu só fico nervosa que você vá.

A viagem de verão é o ponto alto do meu ano, diz ele.

Do meu também, digo a ele.

Mesmo agora que você viaja o tempo todo? Você não está cansada disso?

Eu nunca me cansaria disso, eu digo. *Não cancele.*

Ele me manda outra foto de Flannery O'Connor sentada em sua mala já feita.

Pequena lutadora, escrevo.

Eu a amo, diz ele, e sei que ele está falando sobre a gata, obviamente, mas mesmo isso faz com que aquela sensação vibrante e quente ganhe vida sob minha pele.

Mal posso esperar para ver você, digo, sentindo vontade de dizer uma coisa tão normal que é ousada, arriscada até.

Eu sei, ele escreve de volta, *é tudo em que consigo pensar.*

Demoro horas para adormecer naquela noite. Eu apenas deito na cama com essas palavras correndo em minha mente ao se repetir, fazendo-me sentir como se estivesse com febre.

Quando acordo, percebo que realmente estou. Que eu ainda tenho. Que minha garganta está mais inchada e em carne viva do que antes, e minha cabeça está latejando, meu peito está pesado e minhas pernas doem, e eu não consigo me aquecer, não importa de quantos cobertores eu esteja embaixo.

Fico doente, esperando dormir antes do meu voo na tarde seguinte, mas, no final da noite, sei que não vou embarcar naquele avião de jeito

nenhum. Estou com febre de cento e dois.

A maioria das coisas que reservamos agora estão perto o suficiente para não serem reembolsáveis. Envolvida em cobertores e tremendo na cama, rascunho um e-mail no meu telefone para Swapna, explicando a situação.

Não tenho certeza do que fazer. Não tenho certeza se isso de alguma forma vai me fazer ser despedida.

Se não me sentisse tão mal, provavelmente estaria chorando.

Volte ao médico logo de manhã, Alex me disse.

Talvez esteja apenas espreitando, eu escrevo. *Talvez você possa voar na hora certa e eu possa te encontrar em alguns dias.*

Você não deveria estar se sentindo pior tão tarde em um resfriado, diz ele. *Por favor, vá ao médico*, Poppy.

Eu vou, eu escrevo. *Eu sinto muito.*

Então eu choro. Porque, se eu não conseguir ir nesta viagem, há uma boa chance de não ver Alex por um ano. Ele está muito ocupado dando aulas e concluindo seu mestrado, e raramente estou em casa agora que estou trabalhando para a *R + R*, e em Linfield ainda menos. Neste Natal, mamãe ficou animada em me contar, ela convenceu papai a vir para a cidade. Meus irmãos até concordaram em vir por um ou dois dias, algo que eles insistiram que nunca fariam depois que se mudassem para a Califórnia (Parker para continuar escrevendo para a TV em Los Angeles e Prince para trabalhar para um desenvolvedor de videogame em San Francisco), como se sobre assinando seus contratos, eles também se comprometeram com uma rivalidade entre os dois estados.

Sempre que estou doente, só desejo estar em Linfield. Deitada no quarto da minha infância, as paredes cobertas de posters de viagens vintage, a colcha rosa clara que mamãe fez enquanto estava grávida de mim puxada com força em volta do meu queixo. Gostaria que ela trouxesse sopa e um termômetro para mim, e verificasse se eu estava bebendo água, continuando a me dar ibuprofeno para baixar minha febre.

Pela primeira vez, odeio meu apartamento minimalista. Eu odeio os sons da cidade batendo nas minhas janelas a qualquer hora. Odeio a roupa de cama de linho cinza que escolhi e a imitação de móveis dinamarqueses aerodinâmicos que comecei a acumular desde que consegui meu emprego de menina-grande, como papai chama.

Eu quero estar cercada de bugigangas. Eu quero abajures com estampas florais e almofadas desencontradas em um sofá xadrez, suas costas envoltas em um cobertor afegão áspero. Quero ir arrastando os pés até uma velha geladeira esbranquiçada coberta de ímãs horríveis de Gatlinburg, Kings Island e do Beach Waterpark, com desenhos que fiz quando criança e fotos de família esmaecidas com flash, e ver um gato de fralda passando perto apenas para esbarrar em uma parede que não viu.

Eu não quero ficar sozinha e para cada respiração não fazer um esforço imenso.

Às cinco da manhã, Swapna responde ao meu e-mail.

Esse tipo de coisa acontece. Não se culpe por isso. Você está certa sobre os reembolsos, porém — se quiser que seu amigo use as acomodações que você reservou, fique à vontade. Envie-me novamente o que você tinha em termos de itinerário e seguiremos em frente e enviaremos o Trey para filmar. Você pode seguir quando estiver bem novamente.

E, Poppy, quando isso acontecer novamente (o que acontecerá), não se preocupe tanto com o pedido de desculpas. Você não é mestre do seu sistema imunológico e posso garantir que, quando seus colegas do sexo masculino precisam cancelar uma viagem, eles não dão mostras de que acham que me ofenderam pessoalmente. Não incentive as pessoas a culpá-la por algo além do seu controle. Você é uma escritora fantástica e temos sorte de tê-la.

Agora vá a um médico e desfrute de um verdadeiro R&R. Falaremos sobre as próximas etapas quando você estiver se recuperando.

Eu provavelmente ficaria mais aliviada se não fosse a névoa sobreposta em todo o meu apartamento e o extremo desconforto de simplesmente existir.

Eu faço a captura de tela do e-mail e mando uma mensagem para Alex. **Vai se divertir!!!** Eu escrevo. **Vou tentar te encontrar na segunda metade!**

A essa altura, só de pensar em sair da cama me sinto tonta. Eu coloco meu telefone de lado e fecho meus olhos, deixando o sono correr para me engolir como um poço se estende, sobe, sobe ao meu redor enquanto eu caio por ele.

Não é um sono tranquilo, mas um tipo frio e intermitente, em que sonhos e frases começam de novo e de novo, interrompendo-se antes que possam decolar. Eu me agito na cama, acordando por tempo suficiente para registrar o quão fria estou, o quão desconfortável tanto a cama quanto o meu corpo se tornaram, apenas para cair de volta em sonhos inquietos.

Eu sonho com um gato preto gigante com olhos famintos. Ele me persegue em círculos até ficar muito difícil de respirar, muito difícil de continuar, e então me ataca, acordando-me por alguns segundos intermitentes, apenas para começar de novo no momento em que fechei os olhos.

Eu deveria ir ao médico, acho que de vez em quando, mas tenho certeza de que não consigo me sentar.

Eu não como. Eu não bebo. Eu nem me levanto para fazer xixi.

O dia passa até que eu abro meus olhos para a luz ouro-amarelada do pôr do sol brilhando na janela do meu quarto, e quando eu pisco, ele se transforma em uma profunda pervinca, e há uma batida na minha cabeça tão real que faz um som de pancada que envia ondas de choque pelo meu corpo.

Eu rolo, e puxo um travesseiro sobre o rosto, mas isso não o impede. Está ficando mais alto. Começa a soar como o meu nome, o jeito que às vezes soa se transforma em música quando você está tão cansado que está meio sonhando.

Poppy! Poppy! Poppy, você está em casa?

Meu telefone bate na mesa de cabeceira, vibrando. Eu ignoro, e deixo tocar. Começa de novo, e depois disso, uma terceira vez, então rolo e tento ler a tela, apesar da forma como o mundo parece estar derretendo, como um redemoinho de sorvetes de dupla tonalidade girando um ao redor do outro.

Existem dezenas de mensagens de **ALEXANDER O MAIOR**, mas a última diz: *Estou aqui! Me deixa entrar!*

As palavras não têm significado. Estou muito confusa para construir um contexto para elas, muito frio para me importar. Ele está me ligando de novo, mas não tenho certeza se posso falar. Minha garganta está muito apertada.

A batida começa novamente, a voz chamando meu nome, e a névoa se levanta apenas o suficiente para que todas as peças se encaixem em perfeita clareza.

— Alex. — eu murmuro.

— Poppy! Você está aí? — ele está gritando do outro lado da porta.

Estou sonhando de novo, pois pelo que parece é a única razão pela qual acho que posso chegar até a porta. Estou sonhando de novo, o que significa que provavelmente, quando eu chegar à porta e abri-la, aquele enorme gato preto estará lá esperando, Sarah Torval cavalcando nele como um cavalo.

Mas talvez não. Talvez seja apenas Alex, e eu posso puxá-lo para dentro e...

— Poppy, por favor, deixe-me saber que você está bem! — ele diz do outro lado da porta, e eu deslizo para fora da cama, levando o edredom forrado de linho comigo. Eu o coloco em volta dos meus ombros e me arrasto até a porta com as pernas que parecem fracas e úmidas.

Tateio a fechadura, finalmente a rodo e a porta se abre como se fosse um passe de mágica, porque é assim que os sonhos funcionam.

Só quando o vejo parado do outro lado da porta, a mão ainda apoiada na maçaneta, a mala surrada atrás dele, não tenho mais certeza de que é um sonho.

— Oh, Deus, Poppy, — ele diz, entrando e me examinando, as costas frias de sua mão pressionando minha testa úmida. — Você está queimando.

— Você está na Noruega. — eu consigo dizer em um sussurro rouco.

— Definitivamente não estou. — Ele arrasta sua bolsa para dentro e fecha a porta. — Quando foi a última vez que você tomou ibuprofeno?

Eu balancei minha cabeça.

— Nada? — ele diz. — Merda, Poppy, você deveria ir ao médico.

— Eu não sabia como. — Parece tão patético. Tenho 26 anos, emprego em tempo integral, seguro de saúde, apartamento e contas de empréstimo estudantil e moro sozinha na cidade de Nova York, mas existem algumas coisas que você não quer ter que fazer por si só.

— Está tudo bem. — diz Alex, puxando-me suavemente para ele. — Vamos colocá-la de volta na cama e ver se podemos nos livrar da febre.

— Eu tenho que fazer xixi. — digo em lágrimas, em seguida, admito: — Eu já posso ter me urinado.

— Ok. — diz ele. — Vá urinar. Vou encontrar roupas limpas para você.

— Devo tomar banho? — Eu pergunto, porque aparentemente estou indefesa. Preciso que alguém me diga exatamente o que fazer, como minha mãe costumava fazer quando eu ficava em casa depois do ensino fundamental assistindo ao Cartoon Network o dia todo, sem fazer nada por mim até que ela me mandou.

— Não tenho certeza. — diz ele. — Vou pesquisar no Google. Por enquanto, é só fazer xixi.

É preciso muito esforço para entrar no banheiro. Eu largo os cobertores do lado de fora e faço xixi com a porta aberta, tremendo o tempo todo, mas confortada pelo som de Alex se movendo no meu apartamento. Abrindo gavetas silenciosamente. Clicando no fogão a gás, movendo a chaleira sobre ele.

Ele vem me verificar quando termina o que quer que esteja fazendo, e ainda estou sentada no banheiro com meus shorts de dormir em volta dos tornozelos.

— Eu acho que você está bem para tomar banho, se quiser. — diz ele, e abre a torneira. — Talvez não lave seu cabelo. Não sei se isso é real, mas a vovó Betty jura que o cabelo molhado dá enjoo. Tem certeza que não vai cair nem nada?

— Se for rápido, vou ficar bem. — digo, de repente ciente de como me sinto pegajosa. Tenho quase certeza de que me molhei. Mais tarde, isso provavelmente será humilhante, mas agora não acho que *nada* poderia me envergonhar. Estou tão aliviada por tê-lo aqui.

Ele parece incerto por um segundo.

— Vá em frente e entre. Eu ficarei por perto, e se você sentir que está ficando demais, é só me dizer, ok? — Ele se afasta de mim enquanto eu me forço a ficar de pé e tiro o pijama. Eu entro na água quente e fecho a cortina, estremeando quando a água me atinge.

— Você está bem? — ele pergunta imediatamente.

— Mm-hm.

— Eu vou ficar aqui, ok? — ele diz. — Se você precisar de alguma coisa, é só me dizer.

— Mm-hm.

Depois de apenas alguns minutos, eu tive o suficiente. Eu fecho a água e Alex me passa uma toalha. Estou com mais frio agora que estou toda molhada e saio com os dentes batendo.

— Aqui. — Ele envolve outra toalha em volta dos meus ombros como uma capa, e tenta esfregar o calor neles. — Venha sentar no quarto enquanto eu troco sua roupa de cama, ok?

Eu aceno, e ele me leva para a cadeira de pavão de ratã antiga no canto do meu quarto.

— Roupa de cama reserva? — ele pergunta.

Eu aponto para o armário.

— Prateleira de cima.

Ele o pega e me entrega uma calça de moletom dobrada e uma camiseta. Como não tenho o hábito de dobrar minhas roupas, ele deve tê-las dobrado instintivamente ao tirá-las da cômoda. Quando eu as pego, ele se afasta propositalmente de mim para trabalhar na arrumação da cama e eu largo as toalhas no chão e me visto.

Quando ele termina de fazer a cama, Alex puxa um canto da roupa de cama e eu deslizo para dentro, deixando-o me acomodar. Na cozinha, a chaleira começa a assobiar. Ele se vira para ir em frente, mas agarro seu braço, meio bêbada com a sensação de estar quente e limpa.

— Eu não quero que você vá.

— Eu já volto, Poppy. — diz ele. — Eu preciso pegar um remédio para você.

Eu aceno, solto-o. Quando ele volta, está carregando um copo d'água e sua bolsa do laptop. Ele se senta na beira da cama e puxa frascos de comprimidos e caixas de Mucinex, alinhando-os sobre a mesa lateral.

— Eu não tinha certeza de quais eram os seus sintomas. — diz ele.

Eu toco meu peito, tentando explicar o quão apertado e horrível é.

— Entendi. — ele diz, e escolhe uma caixa, tira dois comprimidos e os entrega para mim com o copo d'água.

— Você comeu? — ele pergunta quando eu os tomo.

— Acho que não.

Ele dá um sorriso fraco.

— Peguei algumas coisas no caminho para cá para não ter que voltar. A sopa parece boa?

— Por que você é tão legal? — Eu sussurro.

Ele me estuda por um momento, então se inclina e dá um beijo na minha testa.

— Acho que o chá já estará pronto.

Alex me traz sopa de macarrão com frango, água e chá. Ele define cronômetros para quando eu puder tomar mais remédios, verifica minha temperatura a cada duas horas durante a noite.

Quando durmo, não tenho sonhos, e toda vez que me desperto, ele está lá, meio cochilando ao meu lado. Ele boceja até acordar e olha para mim.

— Como você está?

— Melhor. — eu respondo, e não tenho certeza se é verdade no sentido físico, mas pelo menos mentalmente, emocionalmente, me sinto

melhor por tê-lo aqui, e só consigo dizer uma ou duas palavras por vez, então não adianta explicar isso.

De manhã, ele me ajuda a descer as escadas para um táxi e vamos ao médico.

Pneumonia. Sofro de pneumonia. Não é o tipo, porém, que é tão ruim que preciso estar no hospital.

— Contanto que você fique de olho nela e ela fique com os antibióticos, ficará bem. — diz o médico a Alex, mais do que eu, acho, porque realmente não pareço o tipo de pessoa que pode fazer sentido de palavras agora.

Quando Alex me leva para casa depois, ele me diz que tem que voltar, e eu quero tanto implorar para ele ficar, mas estou muito cansada. Além disso, tenho certeza de que ele precisa de uma folga do meu apartamento e de mim depois de uma noite inteira brincando de enfermeira.

Ele volta meia hora depois com gelatina, sorvete, ovos e mais sopa, e todos os tipos de vitaminas e temperos que nunca pensei em guardar em meu apartamento antes.

— Betty jura que zinco ajuda. — ele me diz quando me traz um punhado de vitaminas com um copo de gelatina vermelha e outro copo de água. — Ela também me disse para colocar canela na sua sopa, então se o gosto estiver ruim, culpe-a.

— Como você está aqui? — Eu luto para sair.

— A primeira etapa do meu voo para a Noruega foi por Nova York. — diz ele.

— Então, o quê. — eu digo. — Você entrou em pânico e saiu do aeroporto em vez de embarcar no próximo avião?

— Não, Poppy. — diz ele. — Eu vim aqui para ficar com você.

Imediatamente, lágrimas brotam em meus olhos.

— Eu ia te levar para um hotel feito de gelo.

Um sorriso rápido cruza sua boca.

— Eu honestamente não sei se isso é a febre falando.

— Não. — Eu aperto meus olhos fechados, sentindo as lágrimas cortando trilhas pelo meu rosto. — É real. Eu sinto muito.

— Ei. — Ele tira o cabelo do meu rosto. — Você sabe que eu não me importo com isso, certo? Eu só me importo em passar um tempo com você. — Seu polegar traça levemente a mancha molhada que desce pelo lado do meu nariz, afastando-a pouco antes de chegar ao meu lábio superior. — Lamento que você não esteja se sentindo bem e que esteja sentindo falta do hotel de gelo, mas estou bem aqui.

Com cada grama de dignidade destruída por ter feito este homem mudar minha roupa de cama encharcada de xixi, eu alcanço seu pescoço e o puxo para mim, e ele muda para a cama ao meu lado, manobrando perto do aperto de minhas mãos. Ele envolve um braço em volta das minhas costas e me puxa para seu peito e eu deslizo um braço em volta de sua cintura também, e nós ficamos ali enroscados.

— Eu posso sentir seu batimento cardíaco. — eu digo a ele.

— Eu posso sentir o seu. — diz ele.

— Lamento ter feito xixi na cama.

Ele ri, me aperta contra ele e, naquele momento, meu peito dói com o quanto eu o amo. Acho que devo dizer algo assim em voz alta, porque ele murmura:

— Provavelmente é a febre falando.

Eu balanço minha cabeça, me aninho mais perto, até que não haja mais nenhum espaço entre nós. Sua mão se move levemente em meu cabelo, e um arrepio desce pela minha espinha de onde seus dedos se arrastam ao longo do meu pescoço. É tão bom, em um mar de sentimentos ruins, que me faz arquear um pouco, minha mão apertando suas costas, e eu sinto a velocidade de seus batimentos cardíacos, o que só faz o meu disparar para igualar. Sua mão se move para a minha coxa, envolvendo-a em torno de seu quadril, e meus dedos se torcem contra ele enquanto enterro minha boca contra o lado de seu pescoço, onde sinto seu pulso batendo com urgência sob ele.

— Você está confortável? — ele pergunta densamente, como se aninhar assim pudesse ser apenas uma questão de alinhamento, como se estivéssemos construindo uma narrativa que nos protege da verdade do que está acontecendo. Que mesmo com a névoa de estar doente, posso senti-lo me querendo como eu o quero.

— Mm-hm. — murmuro. — Você está?

Sua mão aperta minha coxa e ele balança a cabeça.

— Sim. — ele diz, e nós dois ficamos muito parados.

Não sei quanto tempo ficamos deitados ali, mas, eventualmente, o remédio para resfriado vence as fagulhas e alertas das terminações nervosas do meu corpo e eu adormeço, apenas para encontrá-lo em segurança do outro lado da cama na próxima vez que eu acordar.

— Você estava perguntando pela sua mãe. — ele me diz.

— Sempre que estou doente, sinto falta dela. — digo.

Ele acena com a cabeça, enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Às vezes eu também.

— Conte-me sobre ela? — Eu pergunto.

Ele muda, levantando-se mais alto contra a cabeceira da cama.

— O que você quer saber?

— Qualquer coisa. — eu sussurro. — O que você pensa quando pensa nela.

— Bem, eu tinha apenas seis anos quando ela morreu. — diz ele, alisando meu cabelo novamente. Eu não discuto ou pressiono por mais, mas eventualmente, ele continua. — Ela costumava cantar para nós quando nos colocava na cama à noite. E eu achei que ela tinha uma voz linda. Quer dizer, eu diria às crianças da minha classe que ela era cantora. Ou ela teria sido se ela não fosse uma mãe que fica em casa ou algo assim. E você sabe... — Sua mão ainda está no meu cabelo. — Meu

pai não podia falar sobre ela. Tipo, em tudo. Quero dizer, ele ainda não consegue sem desmoronar. Então, quando cresci, meus irmãos e eu também não falamos sobre ela. E quando eu tinha provavelmente quatorze, quinze anos, fui até a casa da vovó Betty para limpar suas calhas e aparar a grama e outras coisas, e ela estava assistindo a esses velhos filmes caseiros da minha mãe.

Eu estudo seu rosto, a forma como seus lábios carnudos se curvam e seus olhos pegam os raios de luz da rua passando pela minha janela, de modo que ele quase parece iluminado por dentro.

— Nunca fizemos isso na minha casa. — diz ele. — Eu não conseguia nem lembrar como ela parecia. Mas vimos este vídeo dela me segurando como um bebê. Cantando essa velha canção de Amy Grant. — Seus olhos cortaram para mim, seu sorriso se aprofundando em um canto. — E a voz dela era horrível.

— Quão horrível estamos falando aqui? — Eu pergunto.

— Já é ruim o suficiente Betty ter que desligá-lo para não ter um ataque cardíaco de tanto rir. — diz ele. — E você poderia dizer que mamãe sabia que ela era má. Quer dizer, você podia ouvir Betty rindo enquanto ela filmava, e minha mãe ficava olhando por cima do ombro com aquele sorriso, mas ela não parava de cantar. Acho que penso muito nisso.

— Ela soa como o meu tipo de senhora. — eu digo.

— Durante a maior parte da minha vida — diz ele — ela meio que se sentiu como um bicho-papão, sabe? Como se o maior papel que ela desempenhou na minha vida fosse o quão arrasado meu pai estava por tê-la perdido. Ele estava com muito medo de nos criar sozinho?

Eu concordo; faz sentido.

— Muitas vezes, quando penso nela, é tipo... — Ele faz uma pausa. — Ela é mais um conto de advertência do que uma pessoa. Mas quando penso naquele vídeo, penso em por que meu pai a amava tanto. E isso é melhor. Pensar nela como uma pessoa.

Por um tempo, ficamos quietos. Eu estendo a mão e seguro a mão de Alex na minha.

— Ela deve ter sido incrível — eu digo — para fazer uma pessoa como você.

Ele aperta minha mão, mas não diz mais nada e, eventualmente, volto a dormir.

Os próximos dois dias são um borrão, e então estou crescendo. Não saudável, mas mais desperta, mais leve, com a cabeça mais clara.

Não há abraços mais intensos, apenas um monte de assistir desenhos animados juntos na cama, sentar na escada de incêndio pela manhã enquanto tomamos café da manhã, tomar comprimidos sempre que o alarme dispara no telefone de Alex, beber chá no sofá à noite com uma lista de reprodução de “música folclórica norueguesa tradicional” tocando ao fundo.

Quatro dias se passaram. Depois, cinco. E então estou indo bem o suficiente para que teoricamente pudesse deixar o país, mas é tarde demais e não se fala mais nisso. Não há mais toque também, exceto um solavanco ocasional do braço ou perna, ou o impulso compulsivo através da mesa para me impedir de derramar no meu queixo. À noite, porém, quando Alex está deitado do outro lado da minha cama, fico acordada por horas ouvindo sua respiração irregular, sentindo como se fôssemos dois ímãs tentando desesperadamente se juntar.

Eu sei no fundo que não é uma boa ideia. A febre baixou minhas defesas, e as dele também, mas no final das contas, Alex e eu não somos feitos um para o outro. Pode haver amor, atração e história, mas isso significa apenas que há mais a perder se tentarmos levar essa amizade para um lugar ao qual ela não pertence.

Alex quer casamento, filhos e uma casa em um só lugar, e ele quer tudo com alguém como Sarah. Alguém que o pode ajudar a construir a vida que perdeu quando tinha seis anos.

E eu quero uma vida sem amarras, de viagens espontâneas e novos relacionamentos emocionantes, estações diferentes com pessoas diferentes e, muito possivelmente, que nunca pare. Nossa única esperança de manter esse relacionamento é por meio da amizade platônica que sempre tivemos. Esses cinco por cento estão subindo há anos, mas é hora de contê-los. Esmagar o *e se*.

No final da semana, quando o deixo no aeroporto, dou-lhe o abraço mais casto que posso reunir, apesar da maneira como ele me levanta contra ele envia aquele mesmo arrepio pelas minhas costas e calor se acumulando todos os lugares em que ele nunca me tocou.

— Vou sentir sua falta. — diz ele em um rosnado baixo contra o lado da minha orelha, e me forço a dar um passo para trás em uma distância razoável.

— Eu também.

Eu penso nele a noite toda, e quando sonho, ele está puxando minha coxa sobre sua perna, rolando seus quadris contra os meus. Cada vez que ele está prestes a me beijar, eu acordo.

Não conversamos por quatro dias e, quando ele finalmente me manda uma mensagem, é apenas uma foto de sua gatinha preta sentada em uma cópia aberta de *Wise Blood*, de Flannery O'Connor.

Destino, ele escreve.

Este Verão

AO FICAR NA varanda, nossos corpos encharcados de chuva enrubescem, seu olhar suave, sinto meu último vestígio de autocontrole lavando-se de mim, enxaguado junto com o calor do deserto e a sujeira do dia. Não há mais nada além de Alex e eu.

Seus lábios se fecham e se separam, e os meus os refletem, seu hálito quente contra a minha boca. Cada inspiração superficial que tomo nos atrai um pouco mais perto até que minha língua apenas roça seu lábio inferior umedecido pela chuva, e então ele se ajusta para pegar minha boca um pouco mais com a dele.

Uma fração de beijo. E depois outro, um pouco mais cheio. Uma torção de minhas mãos em seu cabelo, o assobio de respiração entre seus dentes, e então outro roçar de seus lábios, mais profundo, mais lento, cuidadoso e intenso, e estou derretendo contra ele. Tremendo e apavorada e animada e cada sombra entre as nossas bocas se afundam e se separam, sua língua deslizando sobre a minha por um segundo, então um pouco mais fundo, meus dentes pegando a parte mais cheia de seu lábio inferior, suas mãos movendo-se sobre o meu quadril, meu peito arqueando-se contra o dele enquanto minhas mãos deslizam pelo seu pescoço molhado.

Nós nos juntamos e nos separamos, os pequenos intervalos e curtas inalações sem fôlego quase tão inebriantes quanto cada gosto, teste, arranhão de sua boca molhada pela chuva movendo-se sobre a minha. Ele recua, deixa sua boca pairando sobre a minha, onde ainda posso sentir sua respiração.

— Está tudo bem? — Ele me pergunta em um sussurro.

Se eu pudesse falar, diria a ele que este é o melhor beijo que já tive em toda a minha vida. Que eu não sabia que apenas beijar poderia ser tão bom. Que eu poderia *apenas* ficar com ele por horas e que seria melhor do que o melhor sexo que já tive.

Mas não consigo pensar com clareza o suficiente para dizer nada disso. Minha mente está muito ocupada com o aperto de suas mãos na minha bunda e a sensação de seu peito achatando o meu, sua pele molhada e as roupas finas e encharcadas entre nós, então eu apenas aceno e pego seu lábio inferior entre os dentes novamente, e ele me vira contra a parede de estuque, me pressiona contra ela enquanto me beija com mais urgência.

Uma de suas mãos torce a bainha da minha camiseta, onde ela fica pendurada na minha coxa, e a outra roça meu estômago por baixo dela.

— E com isso também? — Ele pergunta.

— Sim — eu respiro.

Sua mão sobe mais alto, desliza por baixo do meu maiô, me fazendo estremecer.

— Isso? — ele diz.

Minha respiração fica presa, o coração tropeça em uma batida enquanto seus dedos circulam levemente. Eu aceno, puxo seus quadris de volta para os meus. Ele está duro entre minhas pernas e imediatamente me sinto um pouco tonta.

— Eu penso em você o tempo todo — ele diz, e me beija lentamente, arrasta sua boca pelo meu pescoço, arrepios vibrando em seu rastro. — Eu penso sobre isso.

— Eu também — eu admito em um sussurro. Sua boca se move sobre meu peito, beijando-me através da minha camiseta molhada, enquanto suas mãos trabalham o tecido sobre meus quadris, minhas costelas e, em seguida, meus ombros. Ele se afasta tempo o suficiente para tirá-lo da minha cabeça e jogá-lo fora entre as folhas de plástico.

— A sua também — eu digo, o coração pulando. Pego a bainha de sua camisa, coloco sobre sua cabeça. Quando eu a jogo de lado, ele tenta se mover em minha direção, mas eu o seguro por um segundo.

— Você quer parar? — ele pergunta, seus olhos escuros.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu só... nunca olhei para você assim.

O canto de sua boca se contorce em um sorriso.

— Você sempre poderia ter olhado. — diz ele em voz baixa. — Só para você saber.

— Bem, você também poderia — eu digo.

— Confie em mim — ele diz. — Eu olhei.

E então eu o estou arrastando contra mim, e ele está levantando minha coxa contra seu quadril, e estou afundando meus dedos em suas costas largas, meus dentes em seu pescoço e suas mãos estão massageando meu peito, minha bunda. Sua boca se move pela minha clavícula, deslizando sob meu biquíni, os dentes cuidadosos no meu mamilo, e eu o estou sentindo através de seu short, em seguida, alcanço-o, amando como ele fica tenso e muda. Eu empurro seu short sobre os ossos do quadril, minha boca ficando seca com a sensação dele contra mim.

— Merda — eu digo, uma realização me atingindo como um balde de água gelada. — Eu parei de tomar anticoncepcional.

— Se ajuda, — diz ele, — fiz uma vasectomia.

Eu recuo, chocada com o momento.

— Você o quê?

— Elas são reversíveis. — diz ele, corando pela primeira vez desde que começamos isso. — E eu peguei... precauções, caso eu queira filhos e

a reversão não funcione. Elas costumam funcionar, mas... de qualquer maneira, eu apenas... não queria acidentalmente engravidar alguém. Ainda estou sempre seguro - não é assim... Por que você está olhando assim para mim?

Eu sabia que Alex era um pensador preto e branco. Eu sabia que ele era ultra-cauteloso e a pessoa mais atenciosa e cortês do planeta. Mas, de alguma forma, ainda estou surpresa que tudo isso contribuiu para *esta* grande decisão. Isso faz meu coração parecer um músculo dolorido, todo calor e dolorida ternura, porque é assim que *ele* é. Eu aperto meus braços em volta de sua cintura, aperto-o contra mim.

— É claro que você fez isso — eu digo. — Acima e além de cautela e consideração. Você é um príncipe, Alex Nilsen.

— Uh-huh. — diz ele, sua expressão divertida e não convencida.

— Estou falando sério — eu digo, me pressionando mais perto. — Você é incrível.

— Podemos encontrar um preservativo se você quiser — diz ele. — Mas eu não estou... não há mais ninguém.

Tenho certeza de que estou corando agora e provavelmente sorrindo ridiculamente.

— Tudo bem — eu digo. — Somos só nós.

O que quero dizer é que, se há alguém com quem eu faria isso, seria ele. Se há uma pessoa em quem realmente confio e desejo tudo dessa forma, é ele.

Mas é assim que eu digo: *somos só nós*. E ele diz isso de volta para mim, como se soubesse exatamente o que quero dizer, e então estamos no chão, em um mar de plástico descartado, e ele está rasgando minha blusa, puxando minha bunda também, pressionando sua boca entre as minhas pernas, segurando minha bunda em suas mãos, me fazendo ofegar e subir contra ele enquanto sua língua se move sobre mim.

— Alex — eu imploro, amarrando minhas mãos em seus cabelos. — Pare de me fazer esperar por você.

— Pare de ser impaciente — ele brinca. — Esperei doze anos. Eu quero que isso dure.

Um arrepio desce pela minha espinha e eu arqueio para ele. Finalmente, ele rasteja por todo o meu comprimento, as mãos enredando no meu cabelo, vagando pela minha pele, e ele lentamente empurra para dentro de mim. Encontramos nosso ritmo juntos, e tudo parece tão bom, tão elétrico, tão certo que não consigo acreditar em todo o tempo que perdemos sem fazer isso. Doze anos fazendo amor abaixo da média quando, o tempo todo, era assim que deveria ser.

— Deus, como você é tão bom nisso — eu digo, e sua risada irrita minha orelha enquanto ele beija atrás dela.

— Porque eu conheço você — diz ele com ternura — e me lembro como você soa quando gosta de alguma coisa.

Tudo em mim se estica em ondas. Cada movimento de suas mãos, cada impulso ameaça me desfazer.

— Eu poderia fazer sexo com você até morrer — eu ofego.

— Bom — ele diz, e ele se move um pouco mais rápido, mais forte, o intenso prazer disso me fazendo resistir e xingar e me mover para combinar com ele.

— Eu te amo — eu assobio, por acidente. Acho que quis dizer *que amo fazer sexo com você* ou *amo seu corpo incrível*, ou talvez quisesse dizer *que te amo*, da mesma forma que sempre digo a ele quando ele faz algo atencioso, mas isso é um pouco diferente porque estamos fazendo sexo e meu rosto fica quente e eu não tenho certeza de como consertar isso, mas então Alex apenas se senta e me puxa para seu colo, me segurando perto enquanto ele empurra em mim de novo lento, profundo, forte e diz:

— Eu também te amo.

E, de repente, meu peito relaxa, meu estômago relaxa, e qualquer constrangimento e medo se evaporam. Não sobrou nada além de Alex.

As mãos ásperas de Alex se movendo suavemente pelo meu cabelo.

As costas largas de Alex ondulando sob meus dedos.

Os quadris afiados de Alex trabalhando lentamente, propositalmente contra os meus.

O suor, a pele e as gotas de chuva de Alex na minha língua.

Seus braços perfeitos me segurando, me mantendo ali, contra ele, enquanto balançamos e nos agarramos.

Seus lábios sensuais puxando minha boca, persuadindo-a a abrir para me provar enquanto nos aproximamos e nos separamos, encontrando novas maneiras de nos tocar e beijar cada vez que nos reunimos.

Ele beija minha mandíbula, minha garganta, meu ombro, sua língua quente e cuidadosa contra minha pele. Eu toco e provo cada linha dura e curva suave dele que posso alcançar e ele estremece sob minhas mãos, minha boca.

Ele se deita e me puxa para cima dele, e isso é o melhor até agora, porque eu posso ver muito dele, chegar a todos os lugares que eu quiser.

— Alex Nilsen — eu digo sem fôlego. — Você é o homem mais gostoso do mundo.

Ele ri, quase sem fôlego, e beija o lado do meu pescoço.

— E você me ama.

Meu estômago se agita.

— Eu te amo — murmuro, desta vez de propósito.

— Eu te amo muito, Poppy, — diz ele, e de alguma forma, apenas o som de sua voz me leva ao limite e estou desmoronando. Estamos juntos.

E eu não sei o que fizemos, que reação em cadeia podemos ter desencadeado, como tudo isso vai acabar, mas agora eu não consigo pensar em mais nada além do amor entre nós.

Este Verão

DEPOIS NÓS DESCANSAMOS na varanda coberta de plástico, enrolados juntos e ensopados até os ossos, embora a tempestade já esteja parando, o calor é pressionado para queimar a umidade de nossa pele.

— Há muito tempo você me disse que sexo ao ar livre não era tudo o que parecia ser — eu digo, e Alex dá uma risada rouca, sua mão alisando meu cabelo.

— Eu não tinha feito sexo ao ar livre com você — diz ele.

— Isso foi incrível — eu digo. — Quero dizer, para mim. Nunca foi assim para mim antes.

Ele se levanta e olha para mim.

— Nunca foi assim para mim também.

Eu viro meu rosto em sua pele e beijo suas costelas.

— Apenas me certificando.

Depois de alguns segundos, ele diz:

— Quero fazer de novo.

— Eu também. — eu digo. — Eu acho que devemos.

— Só me certificando. — ele repetiu. Eu desenho padrões preguiçosos sobre seu peito, e o braço que ele pendurou nas minhas costas aperta com força. — Nós realmente não podemos ficar aqui esta noite.

Eu suspiro.

— Eu sei. Eu só não quero me mover. Nunca mais.

Ele joga meu cabelo atrás do ombro, em seguida, beija a pele que ficou exposta ali.

— Você acha que isso teria acontecido se o ar condicionado de Nikolai não tivesse estragado? — Eu pergunto.

Agora Alex se inclina para me beijar bem sobre o coração, enviando arrepios pelo meu estômago e pelas minhas pernas que seus dedos traçam.

— Isso teria acontecido se Nikolai nunca tivesse nascido. Só podia não ter acontecido nesta varanda.

Eu me sento e balanço um joelho sobre sua cintura, me acomodando em seu colo.

— Estou feliz que sim.

Suas mãos sobem pelas minhas coxas e o calor se acumula novamente entre as minhas pernas.

É quando ouvimos batidas na porta.

— ALGUÉM EM CASA? — um homem grita. — É NIKOLAI. EU VOU ME DEIXAR...

— Espere um segundo! — Eu grito e saio de cima de Alex, puxando a camiseta molhada.

— Merda. — diz Alex, procurando por seu calção de banho na confusão de folhas de plástico.

Encontro o maço de tecido preto e o empurro em direção a ele, em seguida, puxo a bainha da minha camisa para baixo sobre as minhas coxas, no momento em que a porta está começando a destrancar.

— Eiiii, Nikolai! — Eu chamo alto demais, afastando-o antes que ele possa ver Alex Literalmente Nu ou o plástico rasgado.

Nikolai é baixo e careca, vestido com uma roupa inteiramente marrom — camisa de golfe estilo anos setenta, calças plissadas, mocassins. Ele estende uma mão carnuda.

— Você deve ser Poppy.

— Sim, oi. — Eu aperto sua mão e mantenho contato visual intenso, na esperança de dar a Alex a chance de se vestir discretamente na varanda quase toda escura.

— Olha, receio que sejam más notícias. — diz ele. — O ar-condicionado está estragado.

Não brinca, eu apenas mal consigo me impedir de dizer.

— Não apenas para esta unidade, mas para toda a ala. — diz ele. — Temos alguém saindo na primeira hora da manhã, mas me sinto muito mal com o atraso.

Alex aparece em meu ombro. Neste ponto, Nikolai parece perceber que nós dois estamos encharcados e amarrotados, mas felizmente, ele não diz nada sobre isso.

— De qualquer forma, me sinto *muito*, muito mal. — ele repete. — Eu pensei que vocês dois estavam apenas sendo difíceis, para ser bem franco, mas quando eu cheguei aqui... — Ele puxa a gola da camisa e estremece.

— De qualquer forma, estou reembolsando você pelos últimos três dias, e... bem, hesito em dizer-lhe para voltar amanhã, caso as coisas não se resolvam.

— Isso é bom! — Eu digo. — Se você reembolsar a viagem inteira, encontraremos outro lugar para ficar.

— Tem certeza? — ele diz. — As coisas podem ficar muito caras quando você reserva de última hora assim.

— Nós vamos descobrir alguma coisa. — eu insisto.

Alex bate o braço nas minhas costas.

— Poppy é especialista em viagens baratas.

— É mesmo? — Nikolai não poderia parecer menos interessado. Ele pega seu telefone e digita com um dedo. — Reembolso emitido. Não tenho certeza de quanto tempo vai demorar, então deixe-me saber se há um problema.

Nikolai se vira para ir, mas se vira para trás.

— Quase esqueci — encontrei isso no tapete de boas-vindas do lado de fora. — Ele nos entrega um pedaço de papel dobrado ao meio. Em letras cursivas em loop, está escrito na frente *THE NEWLYWEDS* com, tipo, vinte e cinco pequenos corações desenhados ao redor.

— Parabéns pelas núpcias. — Nikolai diz, e sai.

— O que é? — Alex pergunta.

Desdobro o pedaço de papel. É um Groupon impresso em tinta preta de má qualidade. No topo, rabiscado na margem com a mesma caligrafia da frente, está uma nota.

Espero que vocês não pensem que é assustador descobrirmos em que apartamento vocês estavam! Pensamos ter ouvido os sons da paixão vindo deste. ;) Bob também disse que viu você saindo esta manhã (estamos três portas abaixo). De qualquer maneira! Temos que decolar bem cedo para a próxima fase de nossas férias (Joshua Tree!!! Uhul! Me sinto como uma celebridade só de escrever isso!) E, infelizmente, nunca tivemos a chance de usar isso. (Mal consegui sair do nosso quarto — vocês dois saberão como é, hehe.) Espero que todos tenham um ótimo resto de viagem!

Beijos, seus padrinhos mágicos, Stacey e Bob

Eu pisco para o voucher, atordoada.

— É um vale-presente de cem dólares. — digo. — Para um spa. Acho que li sobre este lugar. É para ser incrível.

— Uau. — diz Alex. — Me sinto meio mal por nem mesmo lembrar os nomes deles.

— Eles não nos endereçaram diretamente. — eu aponto. — Eu duvido que eles conheçam o nosso também.

— E mesmo assim eles nos deram isso. — diz Alex.

— Eu me pergunto se existe uma maneira de criarmos uma amizade duradoura com eles, ficar super próximos, fazer viagens juntos, tudo isso, e evitar que eles descubram nossos nomes. Apenas por diversão.

— Nós absolutamente poderíamos. — diz Alex. — Você apenas tem que esperar o suficiente para que seja muito estranho perguntar. Tive tantos 'amigos' assim na faculdade.

— Oh, Deus, sim, e então você tem que usar aquele truque onde você pergunta a duas pessoas se elas foram apresentadas e espera que digam seus nomes.

— Exceto às vezes, eles apenas dizem que sim. — Alex aponta. — Ou eles dizem que não, mas continue esperando que *você* os apresente.

— Talvez eles estejam fazendo exatamente a mesma coisa. — eu digo.

— Talvez essas pessoas nem lembrem seus nomes.

— Bem, duvido que algum dia esquecerei Stacey e Bob agora. — diz Alex.

— Duvido que me esqueça muito desta viagem. — digo. — Exceto a loja de presentes no dinossauro. Isso pode acabar, se eu precisar abrir espaço para coisas mais importantes.

Alex sorri para mim.

— Concorde.

Depois de um silêncio constrangedor, digo:

— Então. Devemos encontrar um hotel?

Este Verão

O LARREA PALM Springs Hotel custa setenta dólares por noite no verão e, mesmo no escuro, parece um desenho feito com caneta colorida por uma criança. No bom sentido.

O exterior é uma explosão de cores — cabanas de piscina amarelo-banana, espreguiçadeiras vermelhas enfileiradas ao redor da água, cada bloco do prédio de três andares pintado em um tom diferente de rosa, vermelho, roxo, amarelo e verde.

O quarto que verificamos é igualmente animado: paredes e cortinas laranja, móveis e carpete verde, roupa de cama listrada combinando com o exterior do prédio. E o mais importante, está muito frio.

— Você quer tomar banho primeiro? — Alex pergunta assim que entramos. Percebo então que toda a viagem - e antes disso, quando estávamos empacotando nossas coisas, arrumando o apartamento de Nikolai - ele estava esperando para ser limpo, suprimindo o desejo de dizer repetidamente, *Deus, eu preciso de um banho*, enquanto tudo o que eu estava fazendo era pensar no que aconteceu na varanda e esquentar todo o corpo.

Não quero que Alex vá tomar banho agora. Quero entrar no chuveiro juntos e beijar mais um pouco.

Mas também me lembro dele confidenciar uma vez que odiava sexo no chuveiro (pior do que sexo ao ar livre) porque quando ele estava no chuveiro, ele só queria estar limpo, e isso era difícil de fazer com o cabelo de outra pessoa e a sujeira caindo em você, enquanto a parte do sexo era igualmente desafiadora porque havia sabão constantemente em seus olhos ou você estava esfregando a parede e pensando na última vez em que os ladrilhos foram limpos, etc., etc., etc.

Então, eu apenas digo:

— Vá em frente! — e Alex acena com a cabeça, mas hesita, como se ele fosse dizer alguma coisa, mas finalmente decide não o fazer e desaparece no banheiro para um longo banho quente.

Minha camiseta e meu cabelo secaram, e quando vou me sentar na varanda (não embrulhada em plástico) de nosso novo quarto, percebo que já está quase todo seco também.

Qualquer sinal da chuva que quebrou o calor se dissipou, como se nunca tivesse acontecido.

Exceto que meus lábios estão machucados e meu corpo está mais relaxado do que durante toda a semana. E o ar está mais leve também,

alegre até.

— Todo seu. — diz Alex atrás de mim.

Quando me viro, ele está lá em sua toalha parecendo limpo e perfeito. Minha pulsação acelera ao vê-lo, mas estou ciente de como pareço imunda, então engulo meu desejo, levanto-me e digo:

— Legal! — muito alto.

Para resumir, não gosto de tomar banho.

Estar limpa, sim. O ato de estar no banho, também sim. Mas tudo sobre ter que escovar meu cabelo emaranhado de antemão, pisar em um tapete de banheiro surrado ou piso de cerâmica, me secar, pentear meu cabelo de novo — odeio tudo isso, o que significa que sou uma pessoa de três banhos por semana enquanto Alex é de dois banhos por dia.

Mas tomar este banho, depois da semana que tivemos até agora, é absolutamente luxuoso.

Ficar em pé na água quente dentro de um banheiro muito frio, vendo a sujeira e a fuligem gotejando de mim e girando em torno do ralo em espirais cinza cintilantes, é vivificante. Massagear meu couro cabeludo com xampu com aroma de coco e sabonete com aroma de chá verde no rosto, depois passar uma navalha barata pelas pernas é *uma* sensação divina.

É o banho mais longo que tomei em meses, e quando finalmente saio do banheiro me sentindo uma nova mulher, Alex está dormindo profundamente em uma das camas, em cima da cama com todas as luzes ainda acesas.

Por um segundo, eu debato em qual cama subir. Em geral, adoro poder me esparramar em uma cama queen-size nessas viagens, mas há uma grande parte de mim que quer se aninhar ao lado de Alex, adormecer com a cabeça na curva de seu ombro, onde posso sentir o cheiro dele limpo, com cheiro de bergamota, talvez evoque um sonho com ele.

No final, porém, decido que é muito assustador presumir que ele quer dividir a cama comigo só porque nós transamos.

A última vez que algo aconteceu entre nós, certamente não houve compartilhamento de cama depois. Era apenas o caos.

Estou determinada a que isso não acabe assim. Não importa o que aconteça ou role entre nós nesta viagem, não vou deixar que isso estrague nossa amizade. Não vou fazer suposições sobre o que isso significa ou impor expectativas a Alex.

Puxo o edredom listrado sobre ele, apago as luzes e subo na cama vazia em frente à dele.

Três Verões Atrás

HEY, ALEX me envia um SMS na noite anterior à nossa partida para a Toscana.

Ei, eu escrevo de volta.

Você pode falar por um segundo? Só quero finalizar algumas coisas.

Imediatamente, acho que ele está ligando para cancelar. O que não faz sentido.

Pela primeira vez em anos, devemos fazer uma viagem sem tensão. Ambos temos um relacionamento sério, nossa amizade está melhor do que nunca e nunca fui tão feliz em minha vida.

Três semanas após minha crise de pneumonia, conheci Trey. Um mês depois disso, Alex e Sarah estavam juntos novamente — ele diz que é melhor desta vez, que eles estão na mesma página. Quase tão importante, desta vez ela parece ter finalmente começado a gostar de mim, e as poucas vezes que Alex e Trey se encontraram, eles se deram bem também. Então, mais uma vez, como sempre, cheguei ao ponto de ser *tão, tão* avassaladoramente feliz por Alex e eu nunca deixarmos nada acontecer entre nós.

Eu começo a enviar uma mensagem de volta, então decido apenas ligar para ele da cadeira dobrável na minha varanda, já que estou sozinha em casa. Trey ainda está no Good Boy Bar, na mesma rua do meu novo apartamento, mas voltei para casa mais cedo depois de um ataque de náusea, um sinal de alerta de uma enxaqueca que eu preciso lutar antes do nosso voo.

Alex atende no segundo toque e eu digo:

— Tudo bem?

Eu posso ouvir sua seta clicando. Ok, então talvez estejamos de volta para ele me ligando do carro, no caminho para casa da academia, mas as coisas realmente parecem melhores. Por um lado, eles me enviaram um cartão de aniversário em conjunto. E cartão de Natal. Ela não apenas me seguiu de volta no Instagram, mas gostou das minhas fotos — até mesmo comenta pequenos corações e rostos sorridentes em algumas delas.

Então, pensei que as coisas estavam bem, mas agora Alex pula logo *oi* e vai direto para:

— Não estamos cometendo um erro, estamos?

— Hum — eu digo — o quê?

— Quero dizer, uma viagem de casais. Isso é meio intenso.

Eu suspiro.

— Como assim?

— Não sei. — Posso ouvir a ansiedade em sua voz, imaginá-lo fazendo uma careta, puxando o cabelo. — Trey e Sarah só se encontraram uma vez.

Na primavera, Trey e eu voamos para Linfield para que ele pudesse conhecer meus pais. Papai não ficou impressionado com as tatuagens ou os furos nas orelhas de Trey dos medidores que ele fez quando ele tinha dezessete anos, ou que ele respondera as perguntas de papai para ele, ou que ele não tem um diploma.

Mas mamãe ficou impressionada com seus modos, que são realmente de primeira. Embora eu ache que para ela, tem mais a ver com a justaposição de sua aparência com sua maneira fácil e calorosa de dizer coisas como "Excelente bolo de amoras, Sra. Wright!" e "Posso ajudar com a louça?"

No final do fim de semana, ela decidiu que ele era um jovem muito bom, e quando eu saí furtivamente para o deque para obter a opinião de papai enquanto Trey e mamãe estavam lá dentro servindo bolo Funfetti caseiro, papai me olhou nos olhos com um aceno solene e disse:

— Suponho que ele parece certo para você. E ele obviamente te faz feliz, Pop. Isso é tudo que importa para mim.

Ele me faz feliz. Tão feliz. E ele é certo para mim. Estranhamente assim. Quer dizer, trabalhamos juntos. Passamos quase todos os dias juntos, seja no escritório ou no outro lado do mundo, mas também somos independentes, como ter nossos próprios apartamentos, nossos próprios amigos. Ele e Rachel se dão bem, mas quando Trey e eu estamos na cidade, ele fica na maior parte do tempo com seus amigos skatistas, enquanto Rachel e eu tentamos um novo lugar para comer um café da manhã, ou lemos no parque ou temos todo o corpo esfregado em nosso spa coreano favorito.

Dois dias em casa em Linfield e nós dois já estávamos um pouco inquietos, mas ele não se importou com a bagunça e *gostou* do zoológico de animais agonizantes e se juntou a nós imediatamente quando fizemos um Show de Novos Talentos pelo Skype com Parker e Prince.

Ainda assim, depois de como tudo aconteceu com Guillermo — e quase todo mundo no mundo inteiro — eu estava inquieta, ansiosa para sair de Linfield antes que algo assustasse Trey, então provavelmente teríamos voltado mais cedo se não fosse o fato que era o sexagésimo aniversário do Sr. Nilsen e que Alex e Sarah estavam vindo para surpreendê-lo com uma visita. Decidimos que nós quatro deveríamos jantar antes da festa.

— Estou tão animado para conhecer esse cara. — Trey ficava dizendo sempre que uma nova mensagem de Alex chegava e, todas as vezes, meus nervos estavam cada vez mais perto da superfície. Eu me sentia extremamente protetora — só não tinha certeza de quem.

— Apenas dê uma chance a ele. — continuei dizendo. — Ele demora um pouco para se abrir.

— Eu sei, eu sei. — Trey insistiu. — Mas eu sei o quanto ele significa para você, então vou gostar dele, P. Eu prometo.

O jantar estava bom. Quer dizer, a comida estava ótima (mediterrânea), mas a conversa poderia ter sido melhor. Trey, não pude deixar de pensar, saiu um pouco exibicionista quando Alex perguntou o que ele havia estudado, mas eu sabia que sua falta de educação formal era uma espécie de estorvo e gostaria que houvesse alguma maneira fácil de sinalizar isso para Alex enquanto Trey contava como tudo aconteceu.

Como ele esteve em uma banda de metal durante todo o ensino médio em Pittsburgh. Como eles decolaram quando ele tinha dezoito anos, tendo recebido a oferta de uma vaga na turnê de uma banda *muito* maior. Trey era um baterista incrível, mas o que ele realmente amava era a fotografia. Quando sua banda se separou após quatro anos de turnês quase constantes, ele conseguiu um emprego tirando fotos na turnê de outra banda. Ele adorava viajar, conhecer pessoas, conhecer novas cidades. E, à medida que essas conexões cresciam, outras ofertas de emprego surgiam. Ele se tornou freelance, acabou trabalhando com a R + R e depois entrou como fotógrafo da equipe.

Ele terminou seu monólogo colocando um braço em volta dos meus ombros e dizendo:

— E então eu conheci P.

A cintilação na expressão de Alex foi tão sutil que tive certeza de que Trey não percebeu. Talvez Sarah também não tivesse, mas para mim, parecia um canivete cravando-se no meu umbigo e arrastando-se cinco ou quinze centímetros para cima.

— Tãooo doce. — Sarah disse em sua voz melosa, e provavelmente meu rosto fez uma contração *muito* maior.

— O engraçado é que — Trey disse então — deveríamos nos encontrar mais cedo. Eu estava programado para ir naquela viagem à Noruega com vocês dois. Antes que ela ficasse doente.

— Uau. — Os olhos de Alex desviaram para os meus, então mergulharam no copo d'água na frente dele. Estava suando tanto quanto eu. Ele o pegou, tomou um gole devagar e o colocou na mesa. — Isso é engraçado.

— De qualquer forma. — disse Trey sem jeito. — E você? O que você estudou?

Trey sabia exatamente por que Alex tinha ido para a escola (ainda estava indo para a escola), mas imaginei que, ao formular isso como uma pergunta, ele estava dando a Alex a chance de falar mais sobre si mesmo.

Em vez disso, Alex tomou outro gole e disse apenas:

— Escrita criativa, depois literatura.

Tive de sentar e observar meu namorado lutar para encontrar uma pergunta apropriada, desistir e voltar a estudar o cardápio.

— Ele é um escritor incrível. — eu disse sem jeito, e Sarah se mexeu na cadeira.

— Ele é. — ela disse, seu tom tão ácido que você pensaria que eu acabei de dizer que *Alex Nilsen tem um corpo incrivelmente sexy!*

Depois do jantar fomos à festa na casa da vovó Betty e as coisas melhoraram um pouco. Os irmãos idiotas de Alex estavam todos clamando para conhecer Trey, bombardeando-o com todos os tipos de perguntas sobre a banda, a *R + R* e se eu roncava.

— Alex nunca nos contou — disse o mais novo, David — mas presumo que Poppy soe como uma metralhadora quando dorme.

Trey riu, levou tudo na esportiva. Ele nunca é ciumento. Nenhum de nós pode se dar ao luxo de ser: ambos somos flertes implacáveis. Parece estranho, mas eu amo isso nele. Adoro vê-lo subir ao bar para pedir uma bebida e ver como as bartenders sorriem e riem, inclinando-se sobre o bar para piscarem para ele. Eu adoro vê-lo usar seu charme em cada cidade que vamos, e sempre que ele está perto de mim, ele está me tocando: um braço em volta dos ombros, uma mão nas minhas costas ou me puxando para seu colo como se estivéssemos sozinho em vez de jantar em um restaurante cinco estrelas.

Nunca me senti tão segura, tão certa de estar na mesma página que alguém.

Na festa, ele manteve as mãos em mim o tempo todo, e David zombou de nós por isso.

— Você não acha que ela vai fugir se você a soltar, não é? — ele brincou.

— Oh, ela definitivamente vai fugir. — disse Trey. — Essa garota não consegue ficar parada por mais de cinco minutos. Isso é uma coisa que amo nela.

A festa foi a primeira vez que todos os irmãos de Alex estiveram no mesmo lugar em muito tempo, e eles foram tão barulhentos e amáveis quanto eu me lembrava deles quando Alex e eu tínhamos dezenove anos, voltamos da faculdade e fomos encarregados de levá-los até o carro de Alex, já que nenhum deles tinha seu próprio ainda e seu pai era um homem doce, mas também esquecido e esquisito, incapaz de saber quem precisava estar, nem onde e nem quando.

Embora Alex sempre tenha sido calmo e ainda por padrão, seus irmãos eram os tipos de garotos que nunca paravam de lutar ou de se irritar. Mesmo que alguns deles tenham filhos agora, eles ainda eram assim na festa.

O Sr. e a Sra. Nilsen os nomearam em ordem alfabética. Alex primeiro, então Bryce, então Cameron, então David, e estranhamente eles também têm esse tamanho. Com Alex sendo o mais alto e mais largo, Bryce igualmente alto, mas esguio e de ombros estreitos, Cameron alguns

centímetros mais baixo e grosso. Depois, há David, que é um centímetro mais alto do que Alex com a constituição de um atleta profissional.

Eles são todos bonitos, com vários tons de cabelo loiro e olhos castanhos iguais, mas David parece uma estrela de cinema (que ultimamente, Alex disse no jantar, ele tem falado em se mudar para Los Angeles para *se tornar uma*), com seu cabelo espesso e ondulado e olhos arregalados e pensativos, e sua excitabilidade, a maneira como ele se ilumina sempre que começa a falar. Ele começa cinquenta por cento de suas frases com o nome da pessoa a quem se dirige ou da pessoa que acha que estará mais interessada.

— Poppy, Alex trouxe um monte de edições da *R + R* para casa para que eu pudesse ler seus artigos. — disse ele em algum momento na casa de Betty, e essa foi a primeira vez que descobri que Alex sequer *lia* meus artigos. — Eles são muito bons. Eles me fazem sentir como se estivesse lá.

— Eu gostaria que você estivesse. — eu disse a ele. — Às vezes, deveríamos todos fazer uma viagem juntos.

— Inferno, sim. — David disse, então olhou por cima do ombro, sorrindo enquanto verificava se seu pai o tinha ouvido xingar. Ele é um bebê de 21 anos e eu o amo.

A certa altura, Betty pediu minha ajuda na cozinha e eu a segui para colocar velas no bolo de chocolate alemão que ela havia feito para o genro.

— Seu jovem Trey parece legal. — ela me disse sem desviar os olhos do que estava fazendo.

— Ele é ótimo. — eu disse.

— E eu gosto de suas tatuagens. — acrescentou ela. — Elas são simplesmente lindas!

Ela não estava sendo uma idiota. Betty pode ser sarcástica, mas também pode pegar você desprevenido com suas opiniões sobre certas coisas. Ela era mutável. Eu gostei disso nela. Mesmo na sua idade, ela fazia perguntas na conversa como se já não tivesse todas as respostas.

— Eu também gosto delas. — eu disse.

Fiquei mais atraída pela energia de Trey do que por sua aparência durante nossa primeira viagem de trabalho juntos (Hong Kong), e gostei que ele esperou para me convidar para sair até que estivéssemos em casa, porque ele não queria fazer nada estranho para mim se eu dissesse não.

Eu estaria mentindo, porém, se dissesse que Alex não desempenhou nenhum papel em eu dizer sim.

Ele tinha acabado de me dizer que ele e Sarah estavam conversando muito mais no trabalho, que as coisas pareciam bem entre eles. Nesse ponto, eu ainda acordava regularmente de sonhos com ele aparecendo na minha porta, parecendo sonolento, preocupado e muito reconfortante, enquanto estava com febre.

Não importava que ele não tivesse dito nada sobre voltar a ficar com Sarah.

Ele faria ou não, mas no final, haveria *alguém*, e eu não acho que meu coração aguentaria. Então eu disse sim para Trey naquela noite e fomos a um bar com Skee-Ball e cachorro-quente grátis, e no final daquela noite, eu *sabia* que poderia me apaixonar por ele.

Trey foi para mim o que Sarah Torval foi para Alex. Alguém que se encaixa.

Então, continuei dizendo sim.

— Você o ama? — Betty me perguntou, ainda sem tirar os olhos da tarefa em mãos.

Tive a sensação de que ela estava me dando um certo nível de privacidade. A opção de mentir, sem ela olhar diretamente nos meus olhos, se isso fosse o que eu precisava. Mas eu não precisava mentir.

— Eu amo.

— Bom, querida. Isso é ótimo. — Suas mãos pararam, segurando duas velas de prata finas no glacê como se elas pudessem tentar pular. — Você o ama como ama Alex?

Lembro-me com vívida clareza da sensação de meu coração tropeçar nas próximas batidas. Essa pergunta era mais complicada, mas eu não podia mentir para ela.

— Acho que nunca vou amar ninguém do jeito que amo Alex. — eu disse, e então pensei, *mas talvez eu nunca ame ninguém como amo Trey também*.

Eu deveria ter dito isso, mas não disse. Betty balançou a cabeça e me olhou nos olhos.

— Gostaria que ele soubesse disso.

Então ela saiu da cozinha, deixando-me segui-la. Alex e Sarah trouxeram Flannery O'Connor com eles, e ela escolheu aquele momento para fazer sua entrada dramática, caminhando até mim com a coluna erguida e os olhos arregalados, olhando para o meu rosto e miando alto, em uma expressão de corpo inteiro que Alex e eu chamamos de *Halloween Kitty*.

— Oi. — eu disse, e ela se esfregou nas minhas pernas, então eu estendi a mão para pegá-la, ela sibilou e balançou um punhado de garras em minha direção assim que Sarah entrou na cozinha com uma pilha de pratos sujos. Ela riu e disse com aquela voz doce dela:

— Uau! Ela *não* gosta de você!

Então, sim, eu vejo de onde Alex está vindo com seus nervos sobre esta viagem de casal, mas estamos fazendo progressos. Com as curtidas do Instagram e os momentos perfeitamente agradáveis que Trey, Alex e eu passamos em um bar de fliperama na última vez que Alex o visitou. Além disso, estar no interior da Toscana com uma dose intravenosa de um vinho incrível *não* será o mesmo que um jantar estranho em Ohio seguido por uma festa de aniversário de um abstinência de sessenta anos.

— Eles vão se dar muito bem. — digo a ele agora, apoiando as pernas no parapeito da varanda e ajustando o telefone entre o rosto e o ombro.

Eu ouço sua seta desligar e ele suspira.

— Como você pode ter certeza?

— Porque nós os amamos. — eu raciocino. — E nós nos amamos. Então eles vão se amar. E todos nós nos amaremos. Você e Trey. Eu e Sarah.

Ele ri.

— Eu gostaria que você pudesse ouvir o quanto sua voz mudou nesta última parte. Parecia que você estava inalando hélio.

— Olha, eu ainda estou trabalhando em perdoá-la por ter te dispensado da última vez. — eu digo. — Parece que ela descobriu que foi o maior erro de sua vida, então estou dando uma chance a ela.

— Poppy. — diz ele. — Não foi assim. As coisas eram complicadas, mas estão melhores agora.

— Eu sei, eu sei. — eu digo, embora, realmente, eu não saiba. Ele insiste que não há ressentimentos entre eles sobre o último rompimento, mas sempre que penso no que ela disse — que o relacionamento deles era tão emocionante quanto a biblioteca da escola onde eles se conheceram — ainda vejo vermelho por um segundo.

Outra onda de náusea me atinge e eu gemo.

— Sinto muito. — eu digo. — Eu realmente preciso ir para a cama para que eu possa estar pronta para o voo amanhã, mas estou lhe dizendo. Essa viagem vai ser incrível.

— Sim. — diz ele rigidamente. — Tenho certeza de que estou me preocupando por nada.

Na maioria das vezes, isso é verdade.

Vamos ficar em uma vila. É difícil estar de mau humor quando você está hospedado em uma vila, com uma piscina cintilante e um antigo pátio de pedra, uma cozinha ao ar livre com buganvílias pingando em tudo em tons rosa e roxos suaves.

— Uau, tudo bem. — diz Sarah quando entramos. — Nunca vou perder uma dessas viagens de novo.

Lanço a Alex um olhar que é o equivalente facial de um polegar para cima, e ele sorri levemente de volta.

— Eu sei certo? — Trey diz. — Devíamos ter pensado em fazer uma viagem em grupo antes.

— Definitivamente. — diz Sarah, embora obviamente com sua agenda no ensino médio e a carga horária de ensino de Alex na universidade, não é como se eles tivessem muito tempo para se locomover, mesmo para vilas toscanas com descontos acentuados.

— Existem, tipo, dez restaurantes com estrelas Michelin a menos de trinta quilômetros daqui — e eu imaginei que Alex gostaria de cozinhar uma noite, pelo menos.

— Isso seria incrível. — Alex concorda.

Claro, é um pouco difícil e estranho naquele primeiro dia na vila, enquanto nós quatro vagamos entre breves cochilos em nossos quartos e mergulhos rápidos na piscina. Trey tira algumas fotos de teste e eu vou à cidade para comprar lanches: queijos e carnes envelhecidas, pão fresco e uma variedade de geleias em potes minúsculos. E vinho, muito vinho.

No final da primeira noite sentados no terraço e bebendo as duas primeiras garrafas de vinho, todos amoleceram, relaxaram. Sarah se tornou francamente tagarela, contando histórias sobre seus alunos, sobre Flannery O'Connor e a vida em Indiana, e Alex oferece caras silenciosas e secas que me fazem rir tanto que o vinho jorra do meu nariz, duas vezes.

Parece que nós quatro somos amigos, amigos de verdade.

Quando Trey me puxa para seu colo e descansa o queixo no meu ombro, Sarah toca seu peito e faz *awws*.

— Vocês dois são tão fofos. — diz ela, olhando para Alex. — Eles não são doces?

— E amanteigados. — diz Alex, mal olhando na minha direção.

— O que? — Sarah diz. — O que isso deveria significar? — Ele dá de ombros e ela continua: — Gostaria que Alex gostasse de demonstrações públicas de afeto. Quase não nos *abraçamos* em público.

— Eu não sou muito de abraços. — Alex diz, envergonhado. — Eu não cresci abraçando.

— Sim, mas sou *eu*. — diz Sarah. — Eu não sou uma garota que você conheceu em um bar, querido.

Agora que penso nisso, não tenho certeza se vi ele e Sarah se tocarem. Mas também não é como se ele tivesse me tocado tanto em público, a menos que você conte a dança nas ruas de New Orleans, ou aquela vez em Vail (e havia uma boa quantidade de álcool envolvida em ambos).

— É apenas uma sensação... grosseira ou algo assim. — Alex tenta explicar.

— Grosseiro? — Trey acende um cigarro. — Somos todos adultos, cara. Segure sua garota, se quiser.

Sarah bufa.

— Não se preocupe. Esta foi uma conversa de anos. Eu aceitei meu lote. Vou me casar com um homem que odeia ficar de mãos dadas.

Meu peito sacode com a palavra *casar*. É realmente tão sério entre eles? Quero dizer, obviamente é sério, mas eles não estão juntos há muito tempo. Trey e eu conversamos sobre casamento de vez em quando, mas de uma maneira sublime, distante, *talvez-quem-sabe-não-vamos-pressurear-assim*.

— Agora, *isso* eu posso entender. — diz Trey, soprando a fumaça do cigarro para longe de nós. — Segurar as mãos é uma merda. Não é confortável e limita os movimentos, e no meio da multidão é inconveniente. Tipo, você também pode algemar seus tornozelos.

— Sem falar que suas mãos ficam suadas. — diz Alex. — É totalmente desconfortável.

— Eu adoro dar as mãos! — Eu grito, colocando a palavra *casar bem* no fundo do meu cérebro para decifrar mais tarde. — *Especialmente* em uma multidão. Isso me faz sentir segura.

— Bem, parece que se formos para Florença antes que esta viagem termine — diz Sarah — seremos eu e Poppy de mãos dadas, e vocês dois lobos solitários se perdendo totalmente por aí.

Sarah estende sua taça de vinho para mim e eu brinco com a minha na dela, e nós duas rimos, e esse pode ser o primeiro momento em que gosto dela. Que eu percebi que talvez eu pudesse ter gostado dela o tempo todo, se eu não tivesse segurado Alex com tanta força que não havia espaço para ela.

Eu tenho que parar de fazer isso. Eu decido que sim e, a partir daí, o vinho toma conta, e nós quatro conversamos, brincamos, rimos, e esta noite dá o tom para o resto da viagem.

Dias longos e ensolarados vagando por todas as cidades antigas ao nosso redor. Dirigindo para os vinhedos e rodando os copos de vinho com a boca entreaberta para inalar seu aroma profundo e frutado. Almoços tardios em antigos edifícios de pedra com chefs de renome mundial. Alex sai bem cedo todas as manhãs para correr, Trey saindo não muito depois para explorar locais ou tirar fotos que ele já planejou. Sarah e eu dormimos quase todos os dias, depois nos encontramos para um longo mergulho (ou para flutuar em jangadas com copos plásticos cheios de limoncello e vodka), conversando sobre nada muito importante, mas com muito mais facilidade do que aquele dia no solitário restaurante mediterrâneo de Linfield.

À noite, saímos para jantar tarde — e vinho — depois voltamos para o pátio de nossa villa e conversamos e bebemos até quase de manhã.

Jogamos todos os jogos que reconhecemos no armário cheio deles. Jogos de gramado como bocha e badminton, e jogos de tabuleiro como Clue and Scrabble e Monopoly (que eu sei que Alex odeia, embora ele não admita quando Trey sugere que joguemos).

Ficamos acordados até mais tarde todas as noites. Nós rabiscamos nomes de celebridades em pedaços de papel, misturamos e os colocamos em nossas testas para um jogo de vinte perguntas em que adivinhamos quem está em nossas cabeças, com o obstáculo adicional de cada pergunta exigindo outra bebida.

Rapidamente se torna óbvio que nenhum de nós tem as mesmas referências de celebridades, o que torna o jogo duzentas vezes mais difícil, mas também mais engraçado. Quando pergunto se minha celebridade é uma estrela de reality show, Sarah finge que está vomitando.

— Mesmo? — Eu digo. — Eu amo reality shows.

Não é como se eu não estivesse acostumada com essa reação. Mas parte de mim sente que sua desaprovação é igual à desaprovação de Alex, e um ponto dolorido aparece junto com uma vontade de pressioná-lo.

— Não sei como você pode assistir a essas coisas. — diz Sarah.

— Eu sei. — diz Trey levemente. — Eu também nunca entendi o interesse dela. Está em desacordo com todas as outras coisas sobre ela, mas P é obcecada por *The Bachelor*.

— Não é *bem* assim. — eu digo, na defensiva. Comecei a assistir algumas temporadas atrás com Rachel, quando uma garota de seu programa de arte era uma concorrente, e em três ou quatro episódios, eu estava viciada. — Eu só acho que é, tipo, um experimento incrível. — eu explico. — E você pode assistir *horas* de filmagens compiladas nele. Você aprende muito sobre as pessoas.

As sobranças de Sarah se erguem.

— Como o que os narcisistas estão dispostos a fazer pela fama?

Trey ri.

— Direta ao ponto.

Eu forço uma risada e tomo outro gole do meu vinho.

— Não é sobre o que eu estava falando. — Eu me mexo desconfortavelmente, tentando descobrir como me explicar. — Quer dizer, tem muita coisa que eu gosto. Mas uma coisa... Eu gosto de como, no final, parece que na verdade é uma decisão difícil para algumas pessoas. Haverá dois ou três competidores com os quais eles sentirão uma forte conexão, e não se trata apenas de escolher o mais forte. Em vez disso, é como... você os está observando escolher uma vida.

E é assim também na vida real. Você pode amar alguém e ainda saber que o futuro que você teria com essa pessoa não funcionaria para você, ou para ela, ou talvez até mesmo para ambos.

— Mas alguma dessas relações realmente funciona? — Sarah pergunta.

— A maioria não. — eu admito. — Mas esse não é o ponto. Você observa alguém namorar todas essas pessoas e vê como elas são diferentes com cada uma delas, e então as observa escolher. Algumas pessoas escolhem a pessoa com quem têm melhor química ou com quem se divertem mais, e outras escolhem aquele que acham que será um pai incrível, ou com quem se sentem mais seguros se abrindo. É fascinante. Quanto amor tem a ver com quem *você* é com alguém.

Eu amo quem eu sou com Trey. Sou confiante e independente, flexível e cabeça fria. Estou à vontade. Sou a pessoa que sempre sonhei ser.

— Justo. — Sarah permite. — É a parte sobre ficar com, tipo, trinta caras e depois ficar noivo de alguém que você conheceu cinco vezes que é mais difícil de engolir.

Trey inclina a cabeça para trás, rindo.

— Você totalmente se inscreveria para aquele show se nós terminássemos. Não é, P?

— Agora, se *isso* acontecesse, eu iria assistir. — diz Sarah, rindo.

Eu sei que ele está brincando, mas me irrita, sentir que eles estão unidos contra mim.

Eu penso em dizer: *Por que você acha isso? Porque sou uma narcisista que está disposta a fazer qualquer coisa para ficar famosa?*

Alex bate com a perna na minha por baixo da mesa e, quando olho para ele, ele nem olha na minha direção. Ele está apenas me lembrando que está aqui, que nada pode realmente me machucar.

Eu mordo minhas palavras e deixo para lá.

— Mais vinho?

Na noite seguinte, comemos um longo jantar no terraço. Quando entro para preparar o sorvete de sobremesa, encontro Alex de pé na cozinha, lendo um e-mail.

Ele acaba de saber que Tin House aceitou uma de suas histórias. Ele parece tão feliz, tão brilhantemente ele mesmo, que tiro uma foto dele. Eu amo tanto isso que provavelmente definiria como meu passado se nós dois fôssemos solteiros e isso não fosse extremamente estranho para Sarah e Trey.

Decidimos que temos que comemorar (como se não fosse isso que toda a viagem foi), e Trey nos faz mojitos e nos sentamos nas espreguiçadeiras com vista para o vale, ouvindo os sons suaves e cintilantes da noite no campo.

Eu mal bebo minha bebida. Senti náuseas a noite toda e, pela primeira vez, peço licença para dormir muito antes dos outros. Trey sobe na cama horas depois, bêbado e beijando meu pescoço, puxando-me e, depois que fazemos sexo, ele adormece imediatamente e minha náusea volta.

É quando me ocorre.

Eu deveria começar meu período em algum ponto desta viagem.

Provavelmente é um golpe de sorte. Há muitos motivos para ficar enjoada durante uma viagem internacional. E Trey e eu somos bastante cuidadosos.

Ainda assim, eu saio da cama com o estômago embrulhado e desço as escadas na ponta dos pés, abrindo meu aplicativo de anotações para ver quando eu estava esperando meu período. Rachel está constantemente me dizendo para obter este aplicativo de monitoramento de período, mas até agora eu realmente não vi uma grande vantagem.

Meus ouvidos estão latejando. Meu coração está acelerando. Minha língua parece grande demais para minha boca.

Era para eu começar ontem. Um atraso de dois dias não é inédito. A náusea depois de beber baldes de vinho tinto também não. Especialmente para alguém com enxaqueca. Mesmo assim, estou pirando.

Pego minha jaqueta do cabide, coloco meus pés nas sandálias e pego as chaves do carro alugado. O supermercado 24 horas mais próximo fica a 38 minutos de distância. Eu volto para a vila com três testes de gravidez diferentes antes mesmo de o sol começar a nascer.

A essa altura, estou em pânico total. Tudo o que posso fazer é andar de um lado para o outro no terraço, segurando o teste de gravidez mais

caro com uma das mãos e me lembrando de inspirar, expirar, inspirar. Meus pulmões estão piores do que quando tive pneumonia.

— Não conseguiu dormir? — Uma voz baixa me assusta. Alex está encostado na porta aberta em um par de shorts pretos e tênis de corrida, seu corpo pálido azulado pela madrugada.

Uma risada morre na minha garganta. Não tenho certeza do porquê.

— Você está se levantando para correr?

— É mais frio antes do nascer do sol.

Eu aceno, envolvo meus braços em volta de mim mesma e me viro para olhar o vale. Alex vem para ficar ao meu lado e, sem olhar para ele, começo a chorar. Ele pega minha mão e a desenrola para ver o teste de gravidez apertado ali.

Por dez segundos, ele fica em silêncio. Estamos ambos em silêncio.

— Você já fez algum? — ele pergunta suavemente.

Eu balanço minha cabeça e começo a chorar mais forte. Ele me puxa, envolve seus braços em volta das minhas costas enquanto eu solto minha respiração em alguns soluços silenciosos. Isso alivia um pouco a pressão e eu me afasto dele, enxugando os olhos com a palma das mãos.

— O que eu vou fazer, Alex? — Eu pergunto. — Se eu estou... O que diabos eu devo fazer?

Ele estuda meu rosto por muito tempo.

— O que você quer fazer?

Eu limpo meus olhos novamente.

— Não acho que Trey queira ter filhos.

— Não foi isso que eu perguntei. — murmura Alex.

— Não tenho ideia do que quero. — admito. — Quer dizer, eu quero ficar com ele. E talvez algum dia... Não sei. Não sei. — Eu enterro meu rosto em minhas mãos enquanto mais alguns soluços feios e silenciosos saem de mim. — Não sou forte o suficiente para fazer isso sozinha. Eu não posso. Eu não aguentava nem ficar doente sozinha, Alex. Como é que eu vou...

Ele pega meus pulsos suavemente e os puxa para longe do meu rosto, abaixando a cabeça para olhar nos meus olhos.

— Poppy. — diz ele. — Você não estará sozinha, ok? Estou aqui.

— E daí? — Eu digo. — Eu vou ter que me mudar para Indiana? Conseguir um apartamento ao lado de você e Sarah? Como *isso* vai funcionar, Alex?

— Não sei. — admite. — Não importa como. Estou aqui. Vá fazer o teste e depois descobriremos, certo? Você vai descobrir o que quer fazer e nós faremos.

Respiro fundo, aceno com a cabeça, entro com a sacola de testes que coloquei no chão e que ainda estou segurando como um bote salva-vidas.

Eu faço xixi em três de uma vez, então levo todos de volta para fora para esperar. Nós os alinhamos no muro baixo de pedra que cerca o

terraço. Alex acerta um cronômetro em seu relógio, e ficamos ali juntos, sem dizer nada até ouvir um bipe.

Um por um, os resultados vão chegando.

Negativo.

Negativo.

Negativo.

Eu começo a chorar de novo. Não tenho certeza se é um alívio ou algo mais complicado do que isso. Alex me puxa para seu peito, me balançando suavemente de um lado para o outro enquanto eu recupero a compostura.

— Não posso continuar fazendo isso com você. — digo quando finalmente fico sem lágrimas.

— Fazendo o que? — ele pergunta em um sussurro.

— Não sei. *Precisando de você.*

Ele balança a cabeça contra o lado da minha.

— Eu também preciso de você, Poppy. — É então que percebo o quão espessa, úmida e trêmula sua voz é. Quando me afasto dele, percebo que ele está chorando. Eu toco o lado de seu rosto. — Desculpe. — ele diz, fechando os olhos. — Eu acabei de... Não sei o que faria se algo acontecesse com você.

E então eu entendo.

Para alguém como Alex, que perdeu a mãe como ele perdeu, a gravidez não é apenas uma possibilidade de mudança de vida. É uma potencial sentença de morte.

— Sinto muito. — diz ele novamente. — Deus, não sei por que estou chorando.

Eu puxo seu rosto para baixo em meu ombro, e ele chora um pouco mais, seus ombros enormes arfando com isso. Em todos os anos que somos amigos, ele provavelmente já me viu chorar centenas de vezes, mas esta é a primeira vez que ele chorou na minha frente.

— Está tudo bem. — eu sussurro para ele, e então, quantas vezes forem necessárias — Está tudo bem. Você está bem. Estamos bem, Alex.

Ele enterra seu rosto úmido na lateral do meu pescoço, suas mãos se enrolando firmemente contra minhas costas enquanto eu corro meus dedos por seu cabelo, seus lábios úmidos quentes contra minha pele.

Eu sei que a sensação vai passar, mas naquele momento eu queria tanto que estivéssemos aqui sozinhos. Que ainda viéssemos a conhecer Sarah e Trey. Que poderíamos nos agarrar um ao outro por tanto tempo e força quanto eu acho que podemos precisar.

Sempre existimos em uma espécie de mundo para dois, mas não é mais o caso.

— Sinto muito. — diz ele uma última vez enquanto se desenrola de mim, endireitando-se, olhando para o vale enquanto os primeiros raios de luz espirram sobre ele. — Eu não deveria...

Eu toco seu braço.

— Por favor, não diga isso.

Ele acena com a cabeça, dá um passo para trás, colocando mais distância entre nós, e eu sei, com cada fibra do meu ser, que é a coisa certa a fazer, mas ainda dói.

— Trey parece um cara ótimo. — diz ele.

— Ele é. — eu prometo.

Alex acena com a cabeça mais algumas vezes.

— Bom. — E é isso. Ele sai para sua corrida matinal, e eu estou sozinha novamente no terraço imóvel, observando a manhã perseguir as sombras através do vale.

Minha menstruação chega vinte e cinco minutos depois, enquanto estou fazendo ovos mexidos para o café da manhã, e o resto de nossa viagem é uma viagem de casais fantasticamente normais.

Exceto que, no fundo, estou completamente com o coração partido.

Dói querer tudo, tantas coisas que não podem coexistir na mesma vida.

Mais do que tudo, porém, quero que Alex seja feliz. Que tenha tudo o que sempre quis. Eu tenho que parar de atrapalhar, para dar a ele a chance de ter tudo isso.

Nós nem sequer nos tocamos até nos darmos um abraço de despedida. Nunca mais falamos sobre o que aconteceu.

Eu continuo amando ele.

Este Verão

EU SUPONHO que não estamos falando sobre o que aconteceu na varanda de Nikolai, e isso precisa ficar bem. Quando acordo em nosso quarto de hotel Tecnicolor em Larrea Palm Springs, a cama de Alex está vazia e feita, e um bilhete escrito à mão na mesa diz: ESTOU CORRENDO — *VOLTO LOGO*.

PS: JÁ PEGUEI O CARRO DA LOJA.

Não é como se eu esperasse um monte de abraços, beijos e promessas de amor, mas ele poderia ter dito um *A noite passada foi ótima*. Ou talvez um ponto de exclamação alegre.

Além disso, como ele está correndo neste calor? Há muita coisa acontecendo naquela nota curta e minha paranoia sugere que ele está correndo para limpar a cabeça depois do que aconteceu.

Na Croácia, ele pirou. Nós dois piramos. Mas isso aconteceu no final da viagem, quando pudemos depois recuar para nossos cantos separados do país. Desta vez, temos uma despedida de solteiro, jantar de ensaio e um casamento para enfrentar.

Ainda assim, eu prometi que não iria deixar isso nos bagunçar, e eu estava falando sério.

Preciso manter as coisas leves, fazer minha parte na prevenção de um surto pós-sexo.

Penso em mandar mensagens de texto para Rachel pedindo conselhos, ou apenas para ter alguém com quem gritar, mas a verdade é que não quero contar a ninguém sobre isso. Eu *quero* que seja algo apenas entre Alex e eu, como grande parte do mundo é quando estamos juntos. Jogo o telefone de volta na cama, pego uma caneta da bolsa e acrescento ao final da nota de Alex: *Estou na piscina - me encontre lá?*

Quando ele aparece, ele ainda está vestido com suas roupas de corrida e carregando uma pequena sacola marrom e uma xícara de café de papel, e a visão de tudo isso combinado me faz sentir formigamento e ansiedade.

— Rolinho de canela. — ele diz, passando-me o saco e depois o copo.
— Café com leite. E o Aspire está no estacionamento com seu novo pneu chamativo.

Eu aceno minha xícara de café em um círculo vago na frente dele.

— Anjo. Quanto custou o pneu?

— Não me lembro. — ele diz. — Eu vou tomar banho.

— Antes de você... vir suar na piscina?

— Antes de eu vir sentar na piscina para passar o dia inteiro.

Não é exagero. Nós acalmamos o conteúdo de nossos corações. Nós relaxamos. Alternamos entre sol e sombra. Pedimos drinques e nachos no bar da piscina e reaplicamos o protetor solar a cada hora, e ainda assim voltamos para o quarto com tempo de sobra para nos prepararmos para a despedida de solteiro de David. Ele e Tham decidiram fazer outros separados (embora ambos sejam mistos), e Alex brinca que David escolheu esse plano para forçar um concurso de popularidade.

— Ninguém é mais popular do que seu irmão. — eu digo.

— Você ainda não conheceu Tham. — ele diz, depois vai até o banheiro e liga a torneira.

— Você está realmente tomando banho de novo?

— Enxaguando. — diz ele.

— Você se lembra, na escola primária, de como as crianças ficavam atrás de você na fila do bebedouro e diziam 'Guarde um pouco para as baleias'?

— Sim. — ele diz.

— Bem, guarde um pouco para as baleias, amigo!

— Você tem que ser legal comigo. — diz ele. — Eu trouxe um pãozinho de canela para você.

— Amanteigado, quente e perfeito. — eu digo, e ele cora ao fechar a porta do banheiro.

Eu realmente não tenho ideia do que está acontecendo. Por exemplo: por que não ficamos no quarto e nos amassamos o dia todo?

Visto um macacão verde-limão dos anos 1970 e começo a pentear meu cabelo no espelho do lado de fora do banheiro e, alguns minutos depois, Alex aparece já vestido e quase pronto para sair.

— Quanto tempo você precisa? — Ele pergunta, olhando por cima do meu ombro para encontrar meus olhos no espelho, seu cabelo molhado apontando para todas as direções.

Eu encolho os ombros.

— Só o suficiente para me borrifar com o adesivo e rolar em uma cuba de purpurina.

— Então, dez minutos? — ele adivinha.

Eu aceno, coloco minha chapinha para baixo.

— Tem certeza que quer que eu vá?

— Por que não?

— Porque é a despedida de solteiro do seu irmão. — eu digo.

— E?

— E você não o vê há meses, e talvez não queira que eu o acompanhe.

— Você não está acompanhando. — diz ele. — Você está convidada. Além disso, provavelmente haverá strippers masculinos e eu sei como você ama um homem de uniforme.

— Fui convidada por *David*. — digo. — Se *você* quisesse um tempo a sós com ele...

— Tem, tipo, cinquenta pessoas vindo hoje à noite. — diz ele. — Terei sorte se fizer *contato visual* com David.

— Mas seus outros irmãos estarão lá também, certo?

— Eles não estão vindo. — diz ele. — Eles só vão voar amanhã.

— Ok, mas e todas as garotas quentes do deserto? — Eu digo.

— Gatas quentes do deserto. — ele repete.

— Você vai ser o belo homem heterossexual do baile.

Sua cabeça se inclina.

— Então você quer que eu saia com algumas garotas quentes do deserto.

— Não particularmente, mas eu acho que você deve saber que ainda tem essa opção. Quer dizer, só porque nós...

Sua testa enrugua.

— O que você está fazendo, Poppy?

Eu distraidamente toco meu cabelo.

— Eu estava tentando fazer um *penteado colmeia*, mas acho que vou ter que me contentar com um cabelo todo armado.

— Não, quero dizer... — Ele para. — Você se arrepende de ontem à noite?

— Não! — Eu digo, meu rosto está ficando vermelho. — Você?

— De forma alguma. — ele diz.

Eu me viro para encará-lo de frente em vez de através do espelho.

— Tem certeza? Porque você mal olhou para mim hoje.

Ele ri, toca minha cintura.

— Porque olhar para você me faz pensar sobre a noite passada, e me chama de antiquado, mas eu não queria ficar deitado na piscina do hotel com uma ereção furiosa o dia todo.

— Mesmo? — Você pensaria que ele acabou de recitar um poema de amor para mim pelo som da minha voz.

Ele me pressiona de volta na borda da pia enquanto me beija uma vez, lento e pesado, suas mãos circulando meu pescoço para encontrar o fecho do macacão. Ele cai solto e eu arco para trás enquanto ele desliza o tecido até minha cintura. Ele segura meu queixo e puxa minha boca de volta para a dele, e eu envolvo minhas pernas em torno dele enquanto nossos beijos se aprofundam, sua mão livre descendo pelo meu peito nu.

— Você se lembra quando eu estava doente? — Eu sussurro em seu ouvido.

Seus quadris esfregam contra os meus, e sua voz sai baixa e rouca:

— Claro.

— Eu queria tanto você naquela noite. — eu admito, abrindo sua camisa.

— Durante toda a semana — diz ele — continuei acordando prestes a gozar. Se você não estivesse doente...

Eu me levanto contra ele, e sua boca afunda na lateral do meu pescoço enquanto eu trabalho nos botões de sua camisa.

— Em Vail quando você me carregou montanha abaixo...

— Deus, Poppy. — diz ele. — Passei muito tempo tentando não te querer. — Ele me tira da pia e me carrega para a cama.

— E nem de longe o tempo suficiente para me beijar. — eu digo, sua risada chacoalhando contra minha orelha enquanto ele nos deita. — Quanto tempo nós temos?

Ele beija o centro do meu peito.

— Podemos nos atrasar.

— Quão tarde?

— O quanto isso demorar.

• • •

— Oh. Meu. Deus. — eu digo enquanto saímos para a garagem da mansão de meados do século, com seu telhado caído no estilo Googie. — Isso é incrível. Ele alugou todo este lugar?

— Eu esqueci de mencionar que Tham é muito chique?

— Pode ter. — eu digo. — É tarde demais para *eu* casar com ele?

— Bem, faltam dois dias para o casamento e ele é gay. — diz ele. — Então, eu realmente não vejo por que não.

Eu rio, e ele pega minha mão, a deslizando na sua. De alguma forma, entrar em uma despedida de solteiro segurando a mão de Alex Nilsen é mais surreal do que qualquer coisa surreal que acabou de acontecer no hotel. Isso me faz sentir tonta, tonta e embriagada da melhor maneira possível.

Seguimos a música até a calçada, cada um segurando uma das garrafas de vinho que escolhemos no caminho até aqui, e entramos na escuridão fria do saguão.

Alex disse que haveria cinquenta pessoas. Caminhando pela casa, acho que há pelo menos uma centena, apoiados nas paredes e sentados nas costas de móveis fabulosamente dourados. A parede de trás da casa é inteiramente de vidro e dá para uma piscina enorme, iluminada em roxo e verde, com uma cachoeira fluindo em um dos lados. As pessoas descansam em flamingos infláveis e cisnes em vários estados de nudez: mulheres e drag queens em vestidos longos e brilhantes; homens em sungas e tangas; pessoas com asas de anjo e fantasias de sereia ao lado de, supostamente, pessoas de Linfield em seus ternos e vestidos peplum.

— Uau. — diz Alex. — Eu não fui a uma festa tão fora de controle desde, tipo, o colégio.

— Você e eu tivemos experiências de ensino médio *muito* diferentes. — eu digo.

Só então um Adônis de um homem com um sorriso encantadoramente infantil e um pano de ondas douradas nos avista e salta da cadeira suspensa em forma de ovo onde ele estava sentado.

— Alex! Poppy! — David vem em nossa direção com os braços abertos e um brilho levemente bêbado em seus olhos castanhos. Ele abraça Alex primeiro, em seguida, agarra os lados do meu rosto e planta beijos desleixados em ambas as minhas bochechas.

— Estou tão feliz que vocês- — Seus olhos caem para nossas mãos entrelaçadas e ele bate palmas. — De mãos dadas!

— De nada. — eu digo, e ele gargalha, coloca a mão em cada um de nossos ombros.

— Você precisa de um pouco de água? — Alex pergunta a ele, modo irmão mais velho ativado.

— Não, pai. — ele diz. — Você precisa de um pouco de bebida?

— Sim! — Eu digo, e David acena com a mão para uma garçonete que eu *não tinha* notado no canto, principalmente porque ela é pintada de ouro com spray.

— Uau. — diz Alex, aceitando duas taças de champanhe da bandeja da estátua falsa. — Obrigado por.. Uau.

Ela recua, fica imóvel de novo.

— Então, o que Tham está fazendo esta noite? — Eu pergunto. — Uma fogueira de notas de um dólar ou está em um iate de ouro maciço?

— Eu realmente odeio dizer isso, Pop — David diz — mas um iate de ouro iria afundar. Confie em mim. Nós tentamos. Vocês dois querem shots?

— Sim. eu digo ao mesmo tempo que Alex diz:

— Não.

Como num passe de mágica, os shots já estão sendo entregues, vodka e Goldschläger, com suas lascas de ouro flutuando nos copos. Nós três bebemos os dois juntos e engolimos o líquido doce e picante em um só gole.

Alex tosse.

— Eu odeio isso.

David dá um tapa nas costas dele.

— Estou tão feliz por você estar aqui, cara.

— Claro que está. Seus irmãos mais novos só se casam... três vezes.

— E o seu *favorito* só se casa uma vez. — diz David. — Dedos cruzados.

— Ouvi dizer que você e Tham são incríveis juntos. — eu digo. — E que ele é muito extravagante.

— O mais extravagante. — concorda David. — Ele é um diretor. Nós nos conhecemos no set.

— No set! — Eu choro. — Ouça você!

— Eu sei. — ele diz. — Eu sou uma pessoa insuportável de LA.

— Não, não, definitivamente não.

Alguém grita por David da piscina, ele dá *um* sinal de *um minuto* e nos encara novamente.

— Sintam-se em casa — não em *nossa* casa, obviamente — ele acrescenta para Alex, — mas, tipo, uma casa super legal, super divertida e super gay com uma pista de dança nos fundos — em que espero ver vocês dois em breve.

— Pare de tentar fazer Poppy se apaixonar por você. — diz Alex.

— Sim, você realmente não precisa perder seu tempo. — eu digo. — Já estou vendida.

David agarra minha cabeça e bate na lateral dela novamente, então faz a mesma coisa com Alex e dança para a garota na piscina, fingindo puxá-la com uma vara de pescar invisível.

— Às vezes eu me preocupo que ele se leve muito a sério. — Alex diz categoricamente, e quando uma risada foge de mim, o canto de sua boca se contorce dentro e fora de um sorriso. Ficamos ali sorrindo por mais alguns segundos, nossas mãos entrelaçadas balançando para frente e para trás entre nós.

— Achei que você não gostasse de dar as mãos. — digo.

— E você disse que sim. — ele diz.

— E daí? Eu só consigo o que quero agora? — Eu provoco.

Seu sorriso pisca de volta ao lugar, calmo e contido.

— Sim, Poppy. — diz ele. — Você consegue o que quiser agora. Isso é um problema?

— E se eu quiser que *você* tenha o *que* deseja?

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Você só está dizendo isso porque sabe o que vou dizer e quer tirar sarro de mim por isso?

— Não? — Eu digo. — Por que? O que você vai dizer?

Nossas mãos ainda ficam quietas entre nós.

— Eu tenho o que quero, Poppy.

Meu coração dispara, e eu puxo minha mão da dele, enrolo em sua cintura e inclino minha cabeça para trás para olhar em seu rosto.

— Estou resistindo ao desejo de fazer demonstrações públicas de afeto em você agora, Alex Nilsen.

Ele inclina o pescoço e me beija por tanto tempo que algumas pessoas começam a aplaudir. Quando nos separamos, ele está com as bochechas rosadas e tímido.

— Droga. — ele diz. — Eu me sinto como um adolescente com tesão.

— Talvez, se utilizarmos a estação Jäger Bomb no quintal — digo — voltaremos a nos sentir como pessoas recatadas e maduras de trinta anos.

— Isso parece realista. — diz Alex, me puxando em direção ao pátio dos fundos. — Estou dentro.

Há um bar nos fundos e um caminhão de comida servindo tacos de peixe estacionados na grama. Atrás disso, um jardim se estende como algo saído de um romance de Jane Austen, bem aqui no meio do deserto.

— Provavelmente não é ótimo para a conservação. — comenta Alex na verdadeira forma de vovô.

— Provavelmente não. — eu concordo. — Mas possivelmente *ótimo* para uma conversa.

— Verdade. — diz ele. — Quando tudo o mais falhar, você sempre pode envolver um estranho em uma conversa fiada sobre a terra agonizante.

Em algum momento, nos encontramos sentados na beira da piscina, com as calças e as pernas do macacão enroladas e as pernas balançando na água morna, e é quando ouvimos David gritando com entusiasmo no meio da multidão:

— Onde está meu irmão? Ele tem que fazer parte disso.

— Parece que você é necessário.

Alex suspira. David o vê e corre até ele.

— Eu preciso que você faça este jogo.

— Jogo de beber? — Eu adivinho.

— Não para Alex. — David diz. — Aposto que ele não terá que beber uma única vez. É um jogo de quem conhece melhor o David. Você está dentro?

Alex estremece.

— Você quer que eu esteja?

David cruza os braços.

— Como noivo, eu exijo.

— Você realmente nunca tem permissão para se divorciar de Tham.
— diz Alex, levantando-se pesadamente.

— Por uma série de razões — diz David — eu concordo.

Alex caminha até a longa mesa à luz de velas onde o jogo está começando, mas David permanece perto de mim, observando-o ir embora.

— Ele parece feliz. — diz ele.

— Sim. — eu concordo — Eu acho que ele está.

O olhar de David cai para mim, e ele se abaixa para o lado escorregadio da piscina, deslizando as pernas na água.

— Então. — ele diz. — Como isso aconteceu?

— Isso?

Ele levanta a sobrancelha com ceticismo.

— *Isso*.

— Hum. — Tento pensar em como explicar isso. Anos de amor eterno, ciúme ocasional, oportunidades perdidas, tempo ruim, outros relacionamentos, aumentando a tensão sexual, uma briga e o silêncio depois, e a dor de viver a vida sem ele. — O ar condicionado do nosso Airbnb quebrou.

David me encara por alguns segundos, depois abaixa o rosto entre as mãos, rindo.

— Droga. — diz ele, endireitando-se. — Devo dizer que estou aliviado.

— Aliviado?

— Sim. — David encolhe os ombros. — Você sabe. É como... agora que vou me casar — agora que sei que vou ficar em LA — acho que só estou preocupado com ele. De volta a Ohio. Por conta própria.

— Eu acho que ele gosta de Linfield. — eu digo. — Eu não acho que ele está lá por necessidade. Além disso, eu não diria que ele está sozinho. Sua família inteira está lá. Todas as sobrinhas e sobrinhos.

— Esse é meu ponto. — David olha para o jogo de perguntas e respostas na mesa, observa enquanto os outros três competidores tomam doses de algo cor de caramelo e Alex toma um gole de água vitorioso. — Ele é meio que um ninho vazio agora. — Sua boca se torce em uma carranca tão parecida com a de seu irmão que sinto um impulso rápido e doloroso de beijá-la.

Quando penso no que David está realmente dizendo, a dor piora, abrigando-se atrás de minhas costelas como um pequeno nó vermelho.

— Você acha que ele se sente assim?

— Como ele nos criou? Colocar toda a sua energia emocional para ter certeza de que nós três estávamos bem? Levar Betty para consultas médicas, preparar nossa merda de merenda escolar e tirar papai da cama quando ele teve um de seus episódios, e então, de repente, todos nós saímos e nos casamos e começamos a ter nossos próprios filhos, enquanto ele deixou para ter certeza de que papai está bem? — Muito sério, David olha para mim. — Não. Alex nunca pensaria assim. Mas acho que ele está sozinho. Quero dizer... todos nós pensamos que ele iria se casar com Sarah, e então...

— Sim. — Eu levanto minhas pernas para fora da piscina e as cruzo na minha frente.

— Quero dizer, ele tinha o anel e tudo mais. — David continua, e meu estômago embrulha. — Ele deveria propor, e então ela simplesmente se foi, e... — Ele para quando vê a expressão no meu rosto.

— Não me entenda mal, Poppy. Ele coloca sua mão na minha. — Sempre achei que deviam ser vocês dois. Mas Sarah era ótima, eles se amavam e — eu só quero que ele seja feliz. Quero que ele pare de se preocupar com as outras pessoas e tenha algo que é só dele, sabe?

— Sim. — Eu mal consigo espalhar a palavra. Ainda estou suando, mas minhas entranhas esfriaram rapidamente, porque tudo que consigo pensar é que *ele ia se casar com ela*.

Ela disse isso na Toscana e, depois de algumas semanas, ignorei como um comentário improvisado, mas agora não posso deixar de ver tudo o que aconteceu naquela viagem sob uma luz diferente.

Foi há três anos, mas ainda vejo isso tão vividamente: Alex e eu no terraço, minutos antes do sol nascer, meus braços cruzados, unhas roídas até a carne. Testes de gravidez alinhados na parede de pedra e o relógio de Alex cantando para nós que era hora de descobrir o que o futuro reservava.

A maneira como ele desabou quando eu finalmente me recompus, curvou sua cabeça e chorou contra mim.

Não posso continuar fazendo isso com você, eu disse. *Precisando de você*.

Ele me disse que precisava de mim também, mas com Trey e Sarah lá, a bolha que sempre parecia nos envolver, nos separar do mundo, estourou, e eu me senti profundamente envergonhada por querer tanto dele, e eu poderia dizer que ele também.

Trey parece um cara legal, ele disse, e isso foi o mais perto de dizer: *Temos que parar com isso o máximo que pudermos*. Dizer isso seria uma admissão de culpa. Mesmo que nunca nos beijássemos, nunca disséssemos as palavras abertamente, estávamos guardando partes inteiras de nossos corações apenas um para o outro.

Alex queria se casar com Sarah, e agora sei que o impedi de fazer isso. Ela terminou com ele uma segunda vez depois de Toscana, e mesmo que ela nunca soubesse exatamente o que havia acontecido, eu tinha certeza que isso tinha deixado uma marca nele, mudado as coisas entre eles para pior.

Se eu estivesse grávida, se tivesse decidido ter o bebê, sei, sem sombra de dúvida, que Alex estaria lá para mim, desistindo de tudo que tinha apenas para ajudar.

Sarah, como sempre, teria que lidar com a minha realidade ou seguir em frente. Eu não posso ajudar, mas me pergunto se eu a forcei a esse ponto. Se nossa amizade tivesse custado a ele a mulher com quem ele queria se casar. Eu me sinto mal, envergonhada com o pensamento. Culpada por ignorar meus sentimentos mais complicados por ele para que eu pudesse justificar a permanência em sua vida.

Uma coisa é quando os irmãos desordeiros do seu namorado, ou o pai viúvo dele, precisam dele.

Mas eu era apenas outra mulher, cujas necessidades ele sempre colocara em primeiro lugar, em detrimento de seus próprios desejos e felicidade. E esta semana, eu tropecei nisso de forma egoísta, porque esse era o meu padrão com ele. Pedir o que eu queria, deixá-lo dar para mim, mesmo que não fosse necessariamente a melhor coisa para ele.

Eu não estou mais tonta ou qualquer coisa, mas mal do estômago.

David coloca a mão no meu ombro e sorri para mim, tirando-me da série de sentimentos dolorosos e complicados passando por mim.

— Estou feliz que ele tenha você agora.

— Sim. — eu sussurro, mas uma vozinha viciosa dentro de mim diz: *Não, você tem ele.*

Este Verão

ENQUANTO ESTOU ESCAVANDO através da minha bolsa para pegar a chave do hotel, Alex se inclina para mim, suas mãos pesadas na minha cintura, seus lábios macios contra a lateral do meu pescoço, e isso estaria me desanuviando se não fosse pelo zumbido em meu crânio, as pulsações constantes de alternância entre culpa e pânico no meu estômago.

Eu pressiono o cartão-chave na fechadura, então empurro a porta para abri-la e Alex me libera, entrando na sala atrás de mim. Vou direto para a pia, tirando os meus brincos de plástico enormes e colocando-os no balcão. Alex fica quieto e ansioso logo após passar pela porta.

— Eu fiz alguma coisa? — ele pergunta.

Eu balanço minha cabeça, pego um cotonete e o frasco azul de removedor de maquiagem para os olhos. Eu sei que preciso dizer algo, mas não quero chorar, porque se eu chorar, isso se torna sobre mim, e todo o sentido se perde. Alex vai se dobrar para trás para me fazer sentir segura, quando na verdade o que eu preciso é que ele seja honesto. Passo o algodão sobre as pálpebras, afrouxando o delineador líquido preto até ficar parecida com Charlize Theron em *Mad Max: Estrada da Fúria*, com pólvora espalhada em meu rosto como tinta de guerra.

— Poppy — diz Alex. — Apenas me diga o que eu fiz.

Eu giro em sua direção, e ele nem sequer abre um sorriso por causa da minha maquiagem. Ele está tão preocupado e me odeio por fazê-lo se sentir assim.

— Você não fez nada — eu digo. — Você é perfeito.

Suas duas expressões agora estão surpresas e ofendidas.

— Eu não sou perfeito.

Preciso fazer isso rápido, arrancar como um band-aid.

— Você ia pedir Sarah em casamento?

Seus lábios se abrem. Mas seu choque rapidamente se transforma em dor.

— O que você está falando?

— Eu acabei de... — Eu fecho meus olhos, pressiono as costas da minha mão na minha cabeça como se isso pudesse parar o zumbido. Abro meus olhos novamente e sua expressão mal encolheu. Ele não está vacilando em suas emoções: eu vou pegar Alex Nu para esta conversa. — David disse que você tinha um anel.

Ele fecha a boca e engole em seco, olha para as portas deslizantes da varanda, depois de volta para mim.

— Lamento não ter contado a você.

— Não é isso. — Eu forço as lágrimas crescentes de volta. — Eu acabei de... Eu não percebi o quanto você a amava.

Ele dá uma meia risada, mas não há humor em seu rosto tenso.

— Claro que eu a amava. Fiquei com ela, terminando e voltando por anos, Poppy. Você também amou os caras com quem estava.

— Eu sei. Não estou te acusando de nada. Somente... — Eu balancei minha cabeça, tentando organizar meus pensamentos em algo mais curto do que um monólogo de uma hora. — Quero dizer, você comprou um *anel*.

— Eu sei disso — ele diz — mas por que você está com raiva de mim por isso, Poppy? Você estava com Trey, viajando ao redor do mundo, sentada em seu colo em todos os quatro cantos do mundo — eu deveria pensar que você não estava feliz? Apenas esperar por você?

— Não estou brava com você, Alex! — Eu choro. — Estou com raiva de mim mesma! Por não me importar que eu estivesse te atrapalhando. Por pedir tanto de você e — e mantê-lo longe do que você quer.

Ele zomba.

— O que é que eu quero?

— Por que ela terminou com você? — Eu mordo de volta. — Diga-me que não teve nada a ver comigo. Que Sarah não acabou com as coisas por causa disso — essa coisa entre nós. Que desde que saí da sua vida, ela não tem reconsiderado tudo. Apenas me diga isso, se for verdade, Alex. Diga-me que não sou a razão pela qual você não é casado, tem filhos agora e tudo o mais que você queria.

Ele me encara, o rosto tenso, os olhos escuros e turvos.

— Diga-me. — eu imploro, e ele apenas me encara, o silêncio da sala aumentando o zumbido dentro do meu crânio.

Finalmente, ele balança a cabeça.

— Claro que é por sua causa.

Dou um passo para trás, como se suas palavras pudessem me queimar.

— Ela terminou comigo antes de irmos para Sanibel, e eu me senti tão culpado durante toda a viagem porque tudo que eu conseguia pensar era, *espero que Poppy não me ache chato também*. Eu nem me lembrei de sentir falta dela até chegar em casa. É sempre assim quando estou com você. Ninguém mais importa. E então você vai embora de novo, e a vida volta ao normal e... quando Sarah e eu voltamos, eu pensei que as coisas eram tão diferentes, muito melhores, mas a verdade é que ela não queria ir para a Toscana e eu disse a ela que precisava dela, então ela concordou. Porque eu não estava disposto a desistir de você e pensei que se vocês duas fossem amigas, seria mais fácil. — diz ele, tão intensamente quieto agora que ele até rivaliza com os servidores de estátua falsa na festa.

— Então você pensou que estava grávida e me assustou tanto que fiz uma vasectomia. E nem me ocorreu perguntar a Sarah o que ela pensava.

Acabei marcando a consulta e, alguns dias depois, estava passando por uma loja de antiguidades e vi um anel. Uma velha coisa art deco em ouro amarelo com uma pérola. Eu vi e pensei: *seria um anel de noivado perfeito. Talvez eu deva comprar.* E meu próximo pensamento depois disso foi: *Que porra estou fazendo?* Não apenas o anel — que Sarah teria odiado, aliás — mas a vasectomia, tudo isso. Eu estava fazendo tudo por você e sei que não é normal e definitivamente não era justo com ela, então terminei as coisas. Aquele dia.

Ele balança a cabeça.

— Eu me assustei tanto que não pude te contar o que tinha acontecido. Foi assustador perceber o quanto eu te amava. E então você e Trey terminaram, e — Deus, Poppy, é claro que tudo foi por sua causa. Tudo é por sua causa. Tudo.

Seus olhos estão úmidos agora, brilhando na luz fraca sobre a pia, e seus ombros estão rígidos, e em meu estômago parece que há uma faca se retorcendo nele.

Alex balança a cabeça, um pequeno gesto contido, pouco mais que uma contração muscular.

— Não é algo que você fez para mim. — diz ele. — Fiquei esperando que as coisas mudassem, mas nunca mudaram.

Ele dá um passo em minha direção e eu luto para manter minha compostura.

A respiração escapa de mim, meus ombros relaxam, e Alex dá mais um passo em minha direção, seus olhos pesados, a boca torcida.

— E eu me questioneei por um longo tempo antes de eu terminar as coisas, porque eu *a amava* — diz ele — e eu queria que desse certo, porque ela é incrível, e estávamos bem juntos, e nós queríamos as mesmas coisas, e eu a amei dessa maneira que se sente... tão claro e fácil de entender e gerenciável.

Ele para, balançando a cabeça novamente. As lágrimas em seus olhos os fazem parecer a superfície de algum rio, perigoso, selvagem e lindo.

— Não sei amar alguém tanto quanto amo você. — diz ele. — É assustador. E eu recebo essas explosões de pensamento que posso lidar com isso e então penso no que isso fará comigo se eu perder você, e entro em pânico e me afasto, e — eu nunca soube se seria capaz de fazer você feliz. Mas na outra noite — parecia tão ridículo, mas estávamos olhando para o Tinder e você disse que me curtiria — e esse é o tipo de coisa *minúscula* que parece tão grande quando é você. Fiquei acordado tentando descobrir o que você quis dizer por *horas* naquela noite. Estou quebrado e, sim, provavelmente reprimido, e *sei* que não sou a pessoa com quem você já se imaginou. Eu sei que não parece que fazemos sentido, e provavelmente não fazemos, e talvez eu nunca pudesse te fazer feliz—

— Alex. — Eu estendo as duas mãos para ele, puxando-o contra mim. Seus braços vêm ao meu redor, e sua cabeça se inclina até que ele seja um ponto de interrogação gigante pairando sobre mim. — Não é seu

trabalho me fazer feliz, ok? Você não pode fazer ninguém feliz. Estou feliz só porque você existe, e isso é tanto da minha felicidade quanto você controla.

Suas mãos se curvam contra minha espinha, e eu enrosco meus dedos em sua camisa.

— Eu não sei exatamente o que tudo isso significa, mas sei que te amo da mesma maneira que você me ama, e você não é o único que está assustado. — Eu fecho meus olhos, juntando coragem para continuar.

— Eu também me sinto quebrada. — digo a ele, minha voz quebrando em algo fino e rouco. — Sempre senti que quando alguém me vê no fundo, é isso. Há algo feio lá, ou desagradável, e você é a única pessoa que já me fez sentir que estou bem. — Sua mão passa suavemente pelo meu rosto e eu abro meus olhos, encontrando os seus na minha frente. — Não há nada mais assustador do que a chance de que, uma vez que você *realmente* tenha tudo de mim, isso mude. Mas eu quero tudo de você, então estou tentando ser corajosa.

— Nada vai mudar o que sinto por você. — ele murmura. — Tenho tentado parar de amar você desde aquela noite em que você entrou para ficar com o motorista de táxi aquático maconheiro.

Eu rio e ele sorri um pouco. Eu pego seu queixo em minhas mãos e o beijo suavemente na boca, e depois de um segundo, ele começa a me beijar de volta, e está úmido de lágrimas e urgente, e poderoso, enviando ondas de choque através de mim.

— Você pode me fazer um favor? — Eu pergunto.

Ele cruza as mãos contra minha espinha.

— Hm?

— Só segure minha mão quando você quiser.

— Poppy — diz ele — pode chegar um dia em que eu não precise mais tocar em você o tempo todo, mas esse dia não é hoje.

• • •

O jantar de ensaio é em um bistrô em que Tham investiu durante seus primeiros dias, um lugar em chamas à luz de velas e lustres de cristal feitos sob medida pingando. Não há festa de casamento, apenas os noivos e seu oficial, daí a falta de um ensaio verdadeiro, mas toda a família estendida de Tham mora no norte da Califórnia e apareceu, junto com vários amigos de David que estavam na festa ontem à noite.

— Uau. — eu digo enquanto entramos. — Este é o lugar mais sexy em que já estive.

— A varanda-tenda de fumigação de Nikolai está profundamente ofendida. — diz Alex.

— Essa tenda de fumigação estará sempre no meu coração. — prometo, e aperto sua mão, o que enfatiza nossa diferença de tamanho de uma forma que faz minha espinha formigar. — Ei, você se lembra quando surtei por ter mãos de loris? No Colorado? Depois que torci meu tornozelo?

— Poppy — diz ele incisivamente — eu me lembro de tudo.

Eu estreito meus olhos para ele.

— Mas você disse—

Ele suspira.

— Eu sei o que disse. Mas estou te dizendo agora, eu me lembro de tudo.

— Alguns diriam que isso o torna um mentiroso.

— Não — diz ele — isso me torna alguém que ficava com vergonha de ainda se lembrar exatamente o que você estava vestindo na primeira vez que a vi e o que você pediu uma vez no McDonald's no Tennessee, e que precisava preservar algumas pequenas medidas de dignidade.

— Ora, Alex. — eu murmuro, provocando enquanto meu coração bate feliz. — Você perdeu sua dignidade quando apareceu na O-Week de calça cáqui.

— Ei! — ele diz, com tom de repreensão. — Não se esqueça de que você me ama.

Minhas bochechas ficam quentes, sem qualquer sinal de constrangimento.

— Eu nunca poderia esquecer isso.

Eu o amo, e ele se lembra de tudo, porque ele me ama também. Minhas entranhas parecem uma explosão de confete dourado.

Então alguém chama do outro lado do restaurante.

— Essa é a Srta. Poppy Wright?

O Sr. Nilsen caminha em nossa direção em um terno cinza folgado, seu bigode loiro do tamanho e formato exatos do dia em que o conheci. A mão de Alex se liberta da minha. Por alguma razão, ele obviamente *não* quer segurar minha mão na frente de seu pai, e eu sinto uma onda de felicidade por ele se sentir confortável fazendo o que precisa.

— Olá, Sr. Nilsen! — Eu digo, e ele para abruptamente alguns metros na minha frente, sorrindo gentilmente e definitivamente não planejando me abraçar. Ele está usando um broche de arco-íris comicamente grande na lapela. Parece que, com um movimento errado, pode derrubá-lo.

— Oh, por favor. — ele diz. — Você não é mais uma criança. Você pode me chamar de Ed.

— Que diabos, você também pode me chamar de Ed. — eu digo.

— Uh. — ele diz.

— Ela está brincando. — Alex fornece.

— Oh. — Ed Nilsen diz incerto. Alex fica vermelho. Eu fico vermelha.

Agora não é hora de envergonhá-lo.

— Fiquei muito triste em saber sobre Betty. — eu me recupero. — Ela era uma mulher incrível.

Seus ombros caem.

— Ela era uma rocha para nossa família. — diz ele. — Assim como a filha dela. — Com isso, ele começa a chorar, tira os óculos de armação de metal e solta um suspiro enquanto enxuga os olhos. — Não tenho certeza de como vamos sobreviver sem ela neste fim de semana.

E sinto simpatia por ele, é claro. Ele perdeu alguém que amava. Novamente.

Mas seus filhos também, e estando aqui com ele, enquanto ele chora livremente, sofre como todas as pessoas merecem, mas também há algo como raiva crescendo em mim.

Porque ao meu lado, Alex dissipou todas as suas emoções assim que viu seu pai se aproximando, e eu sei que não é por acaso.

Não *quero* dizer em voz alta, mas é assim que sai, com a sutileza de um aríete:

— Mas você vai superar. Porque seu filho vai se casar e ele precisa de você.

Ed Nilsen me mostra uma cara triste de cachorrinho nada irônica.

— Bem, é claro. — diz ele, parecendo levemente atordoado. — Se você me der licença, eu tenho que fazer... — Ele nunca termina a frase, apenas olha para Alex com uma confusão um tanto vazia e aperta o ombro do filho antes de se afastar.

Ao meu lado, Alex solta um suspiro ansioso e eu me viro em sua direção.

— Eu sinto muito! Eu acabei de deixar isso estranho. Desculpe.

— Não. — Ele desliza sua mão de volta na minha. — Na verdade, acho que acabei de desenvolver um fetiche que é especificamente você entregando verdades duras ao meu pai.

— Nesse caso — digo — vamos conversar com ele sobre esse bigode.

Eu começo a me afastar e Alex me puxa de volta para ele, suas mãos leves na minha cintura, a voz baixa ao lado do meu ouvido.

— Caso eu não te beije tão pornograficamente quanto quero pelo resto da noite, saiba que depois dessa viagem, estarei investindo em terapia para entender porque me sinto incapaz de expressar felicidade na frente da minha família.

— E assim nasceu *meu* fetiche por Alex Nilsen Exibindo Autocuidado.

— digo, e ele dá um beijo rápido na lateral da minha cabeça.

Só então, uma onda de guinchos e gritos flutuam pelas portas da frente do bistrô, e Alex se afasta de mim.

— E essas serão as daminhas de honra e os pajens.

Este Verão

OS FILHOS DE BRYCE SÃO de seis e quatro anos, ambas meninas, e o filho de Cameron tem pouco mais de dois. A irmã de Tham também tem uma filha de seis anos e, juntas, as quatro correm loucamente pelo restaurante, as risadas ricocheteando nos lustres.

Alex fica feliz em persegui-las, em se jogar no chão quando elas tentam derrubá-lo e em içá-las, gritando de felicidade, no ar quando ele as pega.

Ele é o Alex que conheço com elas, engraçado, aberto e brincalhão, e mesmo que eu não tenha certeza de como interagir com as crianças, quando ele me puxa para o jogo, tento o meu melhor.

— Somos princesas — diz Kat, sobrinha de Tham, pegando minha mão. — Mas também somos *guerreiras*, então temos que matar o dragão!

— E o tio Alex é o dragão? — Eu confirmo, e ela acena com a cabeça, os olhos arregalados e solenes.

— Mas não *precisamos* matá-lo. — ela explica sem fôlego. — Se pudermos domesticá-lo, ele pode ser nosso animal de estimação.

Na metade do caminho sob uma mesa onde ele está se defendendo da ninhada Nilsen, uma de cada vez, ele me lança um olhar breve de Cachorrinho Triste.

— Tudo bem. — eu digo para Kat. — Qual é o plano?

A noite se move em fluxos e refluxos. A hora do coquetel primeiro, depois o jantar, uma miríade de minúsculas pizzas gourmet enfeitadas com queijo de cabra e rúcula, abóbora e garoa balsâmica, cebola roxa em conserva e couve de Bruxelas grelhada e todos os tipos de coisas que fariam pizzas puristas como Rachel Krohn parecer ridículas.

Nós nos sentamos à mesa das crianças, e a esposa de Bryce, Ângela, me agradece, embriagada, cerca de cem vezes depois que a refeição termina.

— Eu amo minhas filhas, mas às vezes só quero sentar para jantar e falar sobre algo diferente de Porquinha Pepa.

— Uhum — eu digo — nós conversamos principalmente sobre literatura russa.

Ela dá um tapa no meu braço com mais força do que pretendia quando ri, então agarra Bryce pelo braço e o puxa.

— Querido, você tem que ouvir o que Poppy acabou de dizer.

Ela se pendura nele, e ele está um pouco rígido — um Nilsen no fundo —, mas também mantém a mão em suas costas. Ele não ri quando

Ângela me faz repetir, mas diz em seu jeito monótono e sincero de Nilsen:

— Isso é engraçado. Literatura russa.

Antes que a sobremesa e o café sejam servidos, a irmã de Tham (extremamente grávida, de gêmeos) se levanta e bate um garfo em seu copo de água, chamando a atenção na cabeceira da disposição das mesas.

— Nossos pais não gostam muito de falar em público, então concordei em fazer um pequeno brinde esta noite.

Já com os olhos marejados, ela respira fundo.

— Quem teria pensado que meu irmão mais novo irritante acabaria sendo meu melhor amigo? — Ela fala sobre a infância dela e de Tham no norte da Califórnia, suas brigas, a vez em que ele pegou o carro dela sem pedir e bateu em um poste telefônico. E então o ponto de viragem, quando ela e seu primeiro marido se divorciaram, e Tham pediu que ela fosse morar com ele. Quando ela o pegou chorando enquanto assistia *Sweet Home Alabama* e, depois de provocá-lo apropriadamente, afundou no sofá para assistir o resto com ele, até que ambos estavam chorando enquanto riam de si mesmos e decidiram que precisavam sair no meio da noite para tomar sorvete.

— Quando me casei de novo — diz ela — a coisa mais difícil foi saber que provavelmente nunca mais moraria com você. E quando *you* começou a falar sobre David, eu percebi o quão apaixonado você estava, e eu estava com medo de perder ainda mais de você. Então eu *conheci* David. — Ela faz uma cara que provoca risos, relaxada do lado da família de Tham e contida do lado de David. — Imediatamente eu soube que estava conseguindo outro melhor amigo. Não existe casamento perfeito, mas tudo o que vocês tocam torna-se lindo e não será diferente.

Aplausos, abraços e beijos nas bochechas, e os garçons começaram a sair da cozinha com a sobremesa quando de repente o Sr. (Ed) Nilsen está de pé, cambaleando desajeitadamente, batendo uma faca em seu copo de água tão levemente que ele poderia muito bem estar fazendo uma pantomima.

David se mexe em sua cadeira e os ombros de Alex se erguem protetoramente enquanto a atenção se concentra em seu pai.

— Sim. — diz Ed.

— Começando forte. — Alex sussurra firmemente. Eu aperto seu joelho embaixo da mesa e seguro minha mão na dele.

Ed tira os óculos, segura-os ao lado do corpo e pigarreia.

— David. — diz ele, voltando-se para os noivos. — Meu doce menino. Eu sei que nem sempre foi fácil. Eu sei que *you* não teve isso fácil — ele acrescenta mais baixinho. — Mas você sempre foi uma bola de sol, e... — Ele solta um suspiro. Ele engole alguma emoção crescente e continua. — Eu não posso levar o crédito por como você acabou. Eu não estava sempre lá como deveria estar. Mas seus irmãos fizeram um trabalho incrível criando você, e estou orgulhoso de ser seu pai. — Ele olha para o

chão, se recompondo. — Estou orgulhoso de ver você se casando com o homem dos seus sonhos. Tham, bem-vindo à família.

Enquanto os aplausos aumentam pela sala, David vai até o pai. Ele aperta sua mão, então pensa melhor e puxa Ed para um abraço. É breve e estranho, mas acontece, e ao meu lado Alex relaxa. Talvez quando esse casamento acabar, tudo volte a ser como era antes, mas talvez eles mudem também.

Afinal, o Sr. Nilsen está usando um distintivo do orgulho gay enorme. Talvez as coisas sempre possam melhorar entre pessoas que querem fazer um bom trabalho amando umas às outras. Talvez seja tudo o que preciso.

Naquela noite, quando voltamos para o hotel, Alex toma um banho rápido enquanto eu mudo os canais da TV, parando em uma reprise de *Bachelor in Paradise*. Quando Alex sai do banheiro, ele sobe na cama e me puxa para ele, e eu levanto meus braços sobre minha cabeça para que ele possa tirar minha camiseta larga, suas mãos estendendo-se por minhas costelas, sua boca deixando beijos na minha barriga.

— Pequena lutadora. — ele sussurra contra a minha pele.

Desta vez tudo é diferente entre nós. Mais suave, mais terno, mais lento. Nós demoramos, não dizemos nada que não possa ser dito com nossas mãos, bocas e membros.

Eu te amo, ele me diz em uma dúzia de maneiras diferentes, e eu digo isso de volta todas as vezes.

Quando terminamos, deitamos juntos, enrolados e brilhando em suor, respirando profundamente e com calma. Se conversássemos, um de nós diria que *Amanhã é o último dia desta viagem*. Teríamos que dizer o *que vem a seguir*, e ainda não há resposta para isso.

Portanto, não conversamos. Acabamos de adormecer juntos e, de manhã, quando Alex volta de sua corrida com duas xícaras de café e um pedaço de bolo de café, nós apenas nos beijamos mais um pouco, desta vez furiosamente, como se o quarto estivesse pegando fogo e essa é a melhor maneira de colocá-lo para fora. Então, quando precisamos, quando estamos sem tempo, nos afastamos um do outro para nos prepararmos para o casamento.

O local é uma casa de estilo espanhol com portões de ferro forjado e um jardim exuberante. Palmeiras, colunas e longas mesas de madeira escura com cadeiras de espaldar alto entalhadas à mão. Seus arranjos florais são todos amarelos vibrantes, girassóis e margaridas e delicados ramos de pequenas flores silvestres, e um quarteto de cordas vestido de branco toca algo romântico e sonhador quando os hóspedes entram no local.

Mais cadeiras de espaldar alto estão alinhadas em um trecho de gramado ininterrupto, uma explosão de flores amarelas alinhando-se no corredor entre elas. A cerimônia é curta e agradável porque — nas palavras de David, enquanto eles caminhavam de volta pelo corredor ao

som de uma versão otimista de “Here Comes the Sun” — *é hora de festejar!*

O dia está passando rápido, e uma dor se instala sob minhas clavículas que parece aumentar com o crepúsculo. É como se eu estivesse vivenciando a noite toda duas vezes, duas versões do mesmo rolo de filme tocando ligeiramente sobrepostas.

Essa sou eu aqui agora, comendo uma incrível refeição vietnamita de sete pratos. A mesmo que está perseguindo crianças pelas pernas de adultos alheios, brincando de esconde-esconde com eles e Alex debaixo das mesas. A mesmo que está bebendo margaritas na pista de dança com Alex enquanto “Pour Some Sugar on Me” toca no volume máximo e gotas de suor e champanhe borrifam sobre a multidão. A mesmo que o está puxando para perto quando os Flamingos chegam, tocando “Eu só tenho olhos para você”, e enterro meu rosto em seu pescoço, tentando memorizar seu cheiro mais profundamente do que os últimos doze anos permitiram, para que eu possa convocá-lo à vontade, e tudo sobre esta noite virá correndo de volta: sua mão apertada na minha cintura, sua boca entreaberta contra minha têmpora, seus quadris mal balançando enquanto nos abraçamos.

Lá está aquela Poppy, que está vivenciando tudo e tendo a noite mais mágica de sua vida. E depois tem aquela que já está perdendo, que está vendo tudo isso acontecer de um ponto distante, sabendo que nunca poderá voltar e fazer tudo de novo.

Tenho muito medo de perguntar a Alex o que vem a seguir. Estou com muito medo de me perguntar isso. Nós nos amamos. Queremos um ao outro.

Mas isso não mudou o resto da nossa situação.

Então, eu apenas continuo me agarrando a ele e digo a mim mesma que, por enquanto, devo aproveitar este momento. Eu estou de férias. As férias sempre acabam.

É o próprio fato de ser finito que torna as viagens especiais. Você poderia se mudar para qualquer um dos destinos que amava em pequenas doses, e não seriam os sete dias fascinantes e transformadores de vida que você passou lá como hóspede, deixando um lugar em seu coração completamente, deixando-o mudar você.

A música termina.

A dança termina.

Não há muito depois disso, há faíscas sendo acesas em um longo túnel de pessoas que amam David e Tham, e então eles estão correndo por ele, seus rostos inundados de luz quente e amor profundo, e então, como se fosse uma pessoa à deriva fora para dormir, a noite termina.

Alex e eu nos despedimos, soltos o suficiente de uma noite de bebedeira e dança para abraçar dezenas de pessoas que eram perfeitos estranhos horas atrás. Voltamos para casa em silêncio e, quando chegamos lá, Alex não toma banho, nem se despe. Nós apenas vamos para a cama e nos abraçamos até cair no sono.

• • •

A manhã é melhor.

Por um lado, nós dois esquecemos de definir alarmes, e ficamos acordados até tarde o suficiente para que nem mesmo o despertador interno de Alex nos acordasse a tempo de descansar no hotel. Estamos atrasados desde o momento em que abrimos nossos olhos, e não há nada a fazer que não seja jogar roupas em bolsas, verificar debaixo das camas se há meias e sutiãs caídos e tudo mais.

— Ainda temos que devolver o Aspire! — Alex percebe em voz alta enquanto fecha sua bagagem.

— Tratando disso! — Eu digo. — Se eu conseguir falar com a garota que o possui, talvez ela nos deixe deixá-lo no aeroporto e pagar a ela cinquenta dólares a mais ou algo assim.

Mas não conseguimos falar com ela, então, em vez disso, estamos gritando pela estrada, cruzando os dedos para chegarmos ao aeroporto a tempo.

— Realmente lamentando não ter tomado banho agora. — Alex diz enquanto abaixa a janela e passa a mão pelo cabelo sujo.

— Tomar banho? — Eu digo. — Quando estava adormecendo, pensei: *tenho que fazer xixi, mas aguento até de manhã.*

Alex olha por cima do ombro.

— Tenho certeza de que você deixou uma xícara vazia aqui em algum momento desta semana, se as coisas ficarem desesperadoras.

— Grossoiro! — Eu digo, mas ele está certo. Há uma embaixo do meu pé e outra no porta-copos do banco de trás. — Esperemos que não chegue a esse ponto. Eu não sou *famosa pelo bom.*

Ele ri, mas é duro.

— Não é assim que eu imaginei este dia.

— Nem eu. — eu digo. — Mas, novamente, toda a viagem foi uma espécie de surpresa.

Com isso, ele sorri, agarra minha mão contra a alavanca de câmbio e a leva aos lábios alguns segundos depois, segurando-a lá, mas sem beijá-la bem.

— O quê, estou pegajosa? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Só quero lembrar como é a sua pele.

— Isso é muito fofo, Alex — eu digo — e nada que um serial killer diria.

Estou desviando, mas não tenho certeza de como lidar com isso. Uma corrida louca, juntos, para o aeroporto. Um adeus apressado em nossos portões — ou talvez apenas nos separando e correndo em direções opostas. É a antítese exata de todos os filmes de comédia romântica que já amei, e se eu me permitir pensar sobre isso, acho que posso ter um ataque de pânico total.

Por um milagre e por uma boa velocidade (e sim, subornar um motorista do Uber para passar por alguns semáforos amarelos depois de

deixar o Aspire), chegamos ao aeroporto e fizemos o check-in em nossos voos. O meu parte quinze minutos depois do de Alex, então vamos primeiro ao portão dele, desviando para comprar algumas barras de granola e a última edição da *R + R* em uma livraria no terminal.

Chegamos ao portão dele assim que o embarque começa, mas temos alguns minutos até que seu grupo seja chamado, então ficamos ali, ofegantes, suados, ombros doloridos de carregar nossas malas, meu tornozelo arranhado por bater acidentalmente na minha parte dura da bagagem de mão a cada poucos passos.

— Por que os aeroportos são tão quentes? — Alex diz.

— Este é o cenário para uma piada? — Eu pergunto.

— Não, eu realmente quero saber.

— Comparado ao apartamento de Nikolai, isso é ártico, Alex.

Seu sorriso é tenso. Nenhum de nós está lidando bem com isso.

— Então. — ele diz.

— Então.

— Como você acha que este artigo vai ser resolvido com Swapna? Jardins que fecham no meio do dia e carrosséis tão quentes que não é seguro andar?

— Oh. Certo. — Eu tossi. Estou menos envergonhada por ter mentido para Alex sobre esta viagem do que pelo fato de que me esqueci de mencioná-lo até agora, e sou forçada a usar vários de nossos últimos preciosos momentos juntos para explicar isso. — Portanto, *R + R* pode não ter aprovado tecnicamente esta viagem.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Pode não ter?

— Ou pode ter rejeitado completamente.

— O quê, sério? Então por que eles estavam pagando por... — Ele se interrompe enquanto lê a resposta em meu rosto. — Poppy. Você não deveria ter feito isso. Ou você deveria ter me contado.

— Você teria feito esta viagem se soubesse que eu estava pagando por ela?

— Claro que não. — ele diz.

— Exatamente. — eu digo. — E eu precisava falar com você. Quero dizer, *obviamente* precisávamos conversar.

— Você poderia ter me ligado. — ele raciocina. — Estávamos trocando mensagens de texto novamente. Estávamos... Não sei, *trabalhando* nisso.

— Eu sei. — eu digo. — Mas não era tão simples. Eu estava tendo um momento difícil no trabalho, apenas sentindo tudo sobre a coisa toda, e perdida e *entediada*, e tipo — como se eu nem mesmo soubesse o que eu quero em minha vida, e então eu conversei com Rachel, e ela apontou que eu meio que... *consegui* tudo que queria profissionalmente e talvez só precisasse encontrar algo *novo* para querer, e então pensei em quando fui feliz pela última vez e...

— O que você está falando? — Alex diz, balançando a cabeça. — Rachel disse para você... me enganar para fazer uma viagem com você?

— Não! — Eu digo, pânico se contorcendo em minhas entranhas. Como isso está saindo dos trilhos tão rapidamente? — Isso não! A mãe dela é terapeuta e, segundo ela, é comum ficar deprimido quando você atinge todos os seus objetivos de longo prazo. Porque precisamos de propósito. E então Rachel sugeriu que talvez eu só precisasse dar um tempo na vida e me permitir descobrir o que eu quero.

— Uma pausa na vida. — Alex diz baixinho, sua boca ficando frouxa, seus olhos escuros e tempestuosos.

É imediatamente óbvio que disse a coisa errada. Tudo isso está saindo tão errado. Eu tenho que consertar isso.

— Quero dizer, eu não tinha estado muito feliz desde a nossa última viagem.

— Então você mentiu para mim para que eu viajasse com você, depois você fez sexo comigo e me disse que me amava e veio ao casamento do meu irmão, porque precisava de um descanso da sua vida real.

— Alex, *claro que não*. — eu digo, estendendo a mão para ele.

Ele se afasta de mim, os olhos baixos.

— Por favor, não me toque agora, Poppy. Estou tentando pensar, ok?

— Pensar em *quê*? — Eu pergunto, a emoção engrossando minha voz. Não entendo o que está acontecendo, como o machuquei ou como consertar. — Por que você está tão chateado agora?

— Porque eu quis dizer isso! — ele diz, finalmente encontrando meus olhos.

Uma pulsação de dor dispara em meu estômago.

— Eu também! — Eu choro.

— Eu estava falando sério e sabia que estava falando sério. — diz ele. — Não foi um impulso. Eu sabia há anos que te amava e pensava nisso de todos os ângulos e sabia o que queria antes mesmo de beijar você. Ficamos dois anos sem conversar, e pensei em você todos os dias e dei-lhe o espaço que achei que você queria, e esse tempo todo me perguntei o que estaria disposto a fazer, a desistir, se você decidisse que queria estar comigo também. Passei todo esse tempo alternando entre tentar seguir em frente e deixar você ir, para que pudesse ser feliz, e olhar para ofertas de emprego e apartamentos perto de você, *só para garantir*.

— Alex. — Eu balancei minha cabeça, forçando as palavras a passarem pelo nó na minha garganta. — Eu não fazia ideia.

— Eu sei. — Ele esfrega a testa enquanto fecha os olhos. — Eu sei que não. E talvez eu devesse ter contado a você. Mas, porra, Poppy, não sou um motorista de táxi aquático que você conheceu nas férias.

— O *que* isso quer dizer? — Eu exijo. Quando ele abre os olhos, eles estão tão marejados que começo a alcançá-lo de novo até me lembrar do que ele disse: *por favor, não me toque agora*.

— Não sou férias da sua vida real. — diz ele. — Não sou uma experiência nova. Sou uma pessoa que está apaixonada por você há uma década e você nunca deveria ter me beijado se não *soubesse* que queria isso de todo jeito. Não era justo.

— Eu *quero* isso. — eu digo, mas mesmo enquanto eu digo, uma parte de mim não tem ideia do que isso significa.

Eu quero casamento?

Eu quero ter filhos?

Eu quero morar em um andar quádruplo dos anos setenta em Linfield, Ohio?

Eu quero alguma das coisas que Alex anseia para sua vida?

Não pensei em nada disso, e Alex pode perceber.

— Você não sabe disso. — diz Alex. — Você acabou de dizer que não sabe, Poppy. Não posso deixar meu trabalho, minha casa e minha família só para ver se isso cura seu tédio.

— Eu não pedi para você fazer isso, Alex. — eu digo, sentindo-me desesperada, como se estivesse lutando para nadar e percebendo que tudo embaixo de mim é feito de areia. Ele está escapando do meu aperto pela última vez, e não haverá como embalar tudo de volta à forma.

— Eu sei. — diz ele, esfregando as linhas de sua testa, estremecendo. — Deus, eu sei disso. É minha culpa. Eu deveria saber que isso era uma má ideia.

— Pare. — eu digo, querendo tanto tocá-lo, doendo por ter que me contentar em cerrar minhas mãos em punhos. — Não diga isso. Estou descobrindo as coisas, ok? Eu acabei de... Eu preciso descobrir algumas coisas.

O agente do portão chama o grupo seis para iniciar o embarque e os últimos retardatários se alinham.

— Eu tenho que ir. — ele diz, sem olhar para mim.

Meus olhos se enchem de lágrimas, minha pele fica quente e coçando como se meu corpo estivesse encolhendo em torno dos meus ossos, ficando muito apertado para suportar.

— Eu te amo, Alex. — eu digo. — Isso não importa?

Seus olhos cortaram em minha direção, escuros, insondáveis, cheios de dor e desejo.

— Eu também te amo, Poppy. — diz ele. — Esse nunca foi o nosso problema. — Ele olha por cima do ombro. A linha quase desapareceu.

— Podemos falar sobre isso quando estivermos em casa. — eu digo. — Nós podemos descobrir isso.

Quando Alex olha para mim, seu rosto está angustiado, seus olhos vermelhos com olheiras.

— Olha. — ele diz suavemente. — Não acho que devemos conversar por um tempo.

Eu balancei minha cabeça.

— Essa é a última coisa que devemos fazer, Alex. Temos que descobrir isso.

— Poppy. — Ele pega minha mão, pega levemente na sua. — Eu sei o que quero. *Você* precisa descobrir isso. Eu faria qualquer coisa por você, mas — por favor, não me peça se você não tiver certeza. Eu realmente — Ele engole em seco. A linha sumiu. É hora de ele ir. Ele força o resto em um murmúrio rouco. — Eu não posso ser uma pausa da sua vida real e não serei a única coisa que impede você de ter o que deseja.

Seu nome fica preso na minha garganta. Ele se inclina um pouco, descansando sua testa contra a minha, e eu fecho meus olhos. Quando eu os abro, ele está caminhando para a ponte de jato sem olhar para trás.

Eu respiro fundo, recolho minhas coisas e sigo para o meu portão.

Quando me sento para esperar e puxo meus joelhos em meu peito, escondendo meu rosto contra eles, eu finalmente me permiti chorar livremente.

Pela primeira vez na minha vida, o aeroporto me parece o lugar mais solitário do mundo.

Todas aquelas pessoas, se separando, indo em suas próprias direções, cruzando caminhos com centenas de pessoas, mas nunca se conectando.

Dois Verões Atrás

UM CAVALHEIRO MAIS VELHO viaja conosco para a Croácia como fotógrafo oficial da *R + R*.

Bernard. Ele fala alto, sempre usando um colete de lã, muitas vezes se colocando entre mim e Alex sem perceber os olhares engraçados que trocamos sobre a careca de Bernard. (Ele é mais baixo do que eu, embora ao longo da viagem, ele sempre nos diga que tinha 1,83m no auge.)

Juntos, nós três vemos a antiga cidade de Dubrovnik, a Cidade Velha, com seus altos muros de pedra e ruas sinuosas, e mais adiante, as praias rochosas e as águas cristalinas azul-turquesa do Adriático.

Os outros fotógrafos com quem viajei são todos bastante independentes, mas Bernard é um viúvo recente, desacostumado a viver sozinho. Ele é um cara legal, mas infinitamente social e falante, e durante todo o nosso tempo na cidade, eu o vejo desgastar Alex, até que todas as perguntas de Bernard sejam respondidas em monossílabos. Bernard não percebe; geralmente suas perguntas são meros trampolins para histórias que ele gostaria de compartilhar.

As histórias envolvem muitos nomes e datas, e ele leva muito tempo para garantir que está acertando cada um, às vezes indo e voltando quatro ou cinco vezes até ter *certeza de que* esse evento aconteceu em uma quarta-feira e não, como ele pensou, uma quinta-feira.

Da cidade, pegamos uma balsa lotada para Korcula, uma ilha ao largo da costa. *R + R* nos reservou dois quartos de hotel em estilo apartamento com vista para a água. De alguma forma, Bernard enfia na cabeça que ele e Alex compartilharão um desses, o que não faz sentido, já que *ele* é um funcionário da *R + R*, que obviamente deveria conseguir suas próprias acomodações, enquanto Alex é meu convidado.

Tentamos dizer isso a ele.

— Oh, eu não me importo. — ele diz. — Além disso, ganhei dois quartos por acidente.

É uma causa perdida tentar convencê-lo de que *aquele* quarto era para ser *meu e de Alex*, portanto os dois quartos, e honestamente, acho que ambos sentimos muita simpatia por Bernard para empurrar o assunto. Os próprios apartamentos são elegantes e modernos, todos brancos e de aço inoxidável com sacadas com vista para a água cintilante, mas as paredes são finas como papel, e eu acordo todas as manhãs ao som de três crianças pequenas correndo e gritando no apartamento acima do meu. Além disso, algo morreu na parede atrás da

secadora do armário da lavanderia, e todos os dias que eu ligo para a recepção para dizer isso a eles, eles enviam um adolescente para fazer algo com o cheiro enquanto eu estou fora. Tenho quase certeza de que ele apenas abriu todas as janelas e borrifou Lysol por todo o lugar, porque o cheiro doce de limão desaparece a cada noite quando o cheiro de animal morto volta para substituí-lo.

Eu esperava que essas fossem as melhores férias de todas que já tiramos.

Mas, mesmo além do cheiro da morte e dos bebês gritando ao amanhecer, há o fato de Bernard. Depois da Toscana, sem falar sobre isso, Alex e eu demos um passo atrás em nossa amizade. Em vez de textos diários, começamos a nos atualizar a cada duas semanas. Teria sido muito fácil voltar a como as coisas eram então, mas eu não poderia fazer isso, com ele ou com Trey.

Em vez disso, me joguei no trabalho, fazendo todas as viagens que surgiam, às vezes de costas um para o outro. No início, Trey e eu estávamos mais felizes do que nunca — foi aqui que prosperamos: de cavalo e de camelo, escalando vulcões e pulando penhascos de cachoeiras. Mas, eventualmente, nossas férias sem fim começaram a dar a sensação de correr, como se fôssemos dois ladrões de banco tirando o melhor proveito de uma situação ruim enquanto esperávamos o FBI nos achar.

Começamos a discutir. Ele gostaria de acordar cedo e eu dormi demais. Eu estava andando devagar demais e ele rindo alto demais. Fiquei aborrecida com a forma como ele flertou com a nossa garçonete, e ele não conseguia suportar como eu tinha que percorrer cada corredor de cada loja idêntica por que passávamos.

Tínhamos uma semana de viagem para a Nova Zelândia quando percebemos que tínhamos feito nosso curso.

— Não estamos mais nos divertindo. — disse Trey.

Comecei a rir de alívio. Nós nos separamos como amigos. Eu não chorei. Os últimos seis meses foram um lento desenrolar de nossas vidas. A separação foi apenas o corte de uma última sequência.

Quando mandei uma mensagem para Alex para contar a ele, ele disse: **O que aconteceu? Você está bem?**

Será mais fácil explicar pessoalmente, escrevi, com o coração vibrando.

Muito justo, disse ele.

Algumas semanas depois, também por mensagem de texto, ele me disse que ele e Sarah haviam terminado novamente.

Eu não tinha previsto isso: eles se mudaram para Linfield juntos quando ele terminou o doutorado, estavam até trabalhando na mesma escola — um milagre tão profundo que parecia a aprovação expressa do universo ao relacionamento deles — e de tudo, Alex tinha me dito, eles estavam melhores do que nunca. Mais feliz. Era tudo tão natural para

eles. A menos que ele estivesse mantendo seus problemas privados, o que faria todo o sentido.

Você quer falar? Eu perguntei, sentindo-me ao mesmo tempo apavorada e cheia de adrenalina.

Como você disse, ele respondeu, **provavelmente mais fácil de explicar pessoalmente.**

Esperei dois meses e meio para ter essa conversa. Eu sentia tanto a falta de Alex e, finalmente, não havia nada no caminho de falarmos francamente, nenhuma razão para nos contermos, ficar na ponta dos pés ou tentar não nos tocar.

Exceto por Bernard.

Ele anda de caiaque ao pôr do sol conosco. Passeios ao longo de nossa excursão pelas vinícolas familiares reunidas no interior. Junta-se a nós para jantares de frutos do mar todas as noites. Sugere uma bebida depois. Ele nunca se cansa. *Bernard*, sussurra Alex uma noite, *pode ser Deus*, e eu respiro fundo no meu vinho branco.

— Alergias? — Bernard diz. — Você pode usar meu lenço.

Em seguida, ele me passa um lenço bordado honesto-para-Deus.

Gostaria que Bernard fizesse algo horrível, como fio dental na mesa, ou qualquer coisa que me desse coragem para exigir uma hora de espaço e privacidade.

Esta é a viagem mais linda e pior que Alex e eu já fizemos.

Em nossa última noite, nós três ficamos bêbados em um restaurante com vista para o mar, observando os rosas e os dourados do sol derreterem em tudo até que a água se torne uma folha de luz, substituída gradualmente por um cobertor roxo profundo. De volta ao resort, o céu escureceu, nós nos separamos, exaustos em mais de uma maneira e pesados com o vinho.

Quinze minutos depois, ouço uma batida leve na minha porta. Atendo de pijama e encontro Alex parado ali, sorrindo e corado.

— Bem, *isso* é uma surpresa! — Eu digo, arrastando um pouco.

— Mesmo? — Alex diz. — Com a forma como você estava enchendo Bernard de álcool, pensei que isso fosse parte de algum plano maligno.

— Ele está desmaiado? — Eu pergunto.

— Ronca alto pra caralho. — Alex diz, e quando nós dois começamos a rir, ele pressiona seu dedo indicador nos meus lábios. — Shhh — ele avisa — tentei me esgueirar aqui nas últimas duas noites e ele acordou — *e saiu do quarto* — antes mesmo de eu chegar até a porta. Pensei em começar a fumar só para ter uma desculpa inflexível.

Mais risadas borbulham dentro de mim, aquecendo minhas entranhas, efervescendo cada centímetro.

— Você realmente acha que ele teria seguido você? — Eu sussurro, seu dedo ainda pressionado em meus lábios.

— Eu não estava disposto a correr esse risco. — Do outro lado da parede, ouvimos um ronco horrível e eu começo a rir tanto que minhas pernas ficam molhadas e eu afundo no chão. Alex também.

Caímos em uma pilha, um emaranhado de membros e uma risada silenciosa e trêmula. Eu bato inutilmente em seu braço enquanto outro ronco horrível de trovão ruge através da parede.

— Senti sua falta. — Alex diz com um sorriso enquanto a risada diminui.

— Eu também. — eu digo, minhas bochechas doendo. Ele tira o cabelo do meu rosto, estático fazendo algumas mechas dançarem em sua mão. — Mas pelo menos agora eu tenho três de vocês. — Eu agarro seu pulso para me firmar e fecho um olho para vê-lo melhor.

— Vinho demais? — Ele provoca, deslizando a mão em volta do meu pescoço.

— Não, — eu digo — apenas o suficiente para nocautear Bernard. A quantidade perfeita. — Minha cabeça está girando agradavelmente e minha pele está quente sob a mão de Alex, anéis de calor satisfatório reverberando por todo o caminho até os dedos dos pés. — Deve ser assim que é ser um gato. — murmuro.

Ele ri.

— Como assim?

— Você sabe. — Eu balanço minha cabeça de um lado para o outro, aninhando meu pescoço contra sua palma. — Somente... — Eu paro, contente demais para continuar. Seus dedos arranham minha pele, puxando levemente meu cabelo, e eu suspiro de prazer enquanto afundo nele, minha mão pousando em seu peito enquanto minha testa repousa contra a dele.

Ele coloca sua mão na minha, e eu coloco meus dedos nela enquanto levanto meu rosto para ele, nossos narizes roçando. Seu queixo se levanta, os dedos roçam meu queixo. A próxima coisa que sei é que ele está me beijando.

Estou *beijando Alex Nilsen*.

Um beijo lento e quente. Nós dois quase rimos no início, como se tudo isso fosse uma piada muito engraçada. Então, sua língua passa pelo meu lábio inferior, uma pincelada de calor ardente. Seus dentes pegam rapidamente em seguida, e não há mais risos.

Minhas mãos deslizam em seu cabelo e ele me puxa para seu colo, suas mãos subindo pelas minhas costas e para baixo novamente para apertar meus quadris. Minha respiração está estremecendo e rápida enquanto sua boca provoca a minha abrindo-a novamente, sua língua varrendo mais profundamente, seu sabor doce, limpo e inebriante.

Somos mãos frenéticas e dentes afiados, tecido arrancado da pele e unhas cravando nos músculos. Provavelmente Bernard ainda está roncando, mas não posso ouvi-lo por causa da respiração deliciosamente superficial de Alex ou sua voz no meu ouvido, dizendo meu nome como um palavrão, ou meu batimento cardíaco disparado em meus tímpanos enquanto balanço meus quadris contra os dele.

Todas aquelas coisas que não podíamos dizer não importavam mais porque, realmente, era disso que precisávamos. Eu preciso mais dele.

Pego seu cinto — porque ele está usando um cinto, é claro que está usando um cinto — mas ele segura meu pulso e recua, seus lábios rosados e o cabelo despenteado, todo ele amarrotado de uma forma completamente estranha e extremamente atraente.

— Não podemos fazer isso. — diz ele, com a voz grossa.

— Não podemos? — Parar é como bater em uma parede. Como se houvesse pequenos pássaros de desenho animado girando atordoados em volta da minha cabeça enquanto tento entender o que ele está dizendo.

— Não deveríamos. — corrige Alex. — Estamos bêbados.

— Não muito bêbados para dar uns amassos, mas muito bêbados para dormir juntos? — Eu digo, quase rindo do absurdo, ou da decepção.

A boca de Alex se torce.

— Não — ele diz — quero dizer, não deveria ter acontecido. Nós dois bebemos e não estamos pensando com clareza...

— Mm-hm. — Eu me afasto dele, alisando minha camisa do pijama de volta para baixo. Meu constrangimento é do tipo de corpo inteiro, um soco no estômago que faz meus olhos lacrimejarem. Eu me empurro do chão, Alex seguindo minha liderança.

— Você está certo. — eu digo. — Foi uma ideia ruim.

Alex parece miserável.

— Eu só quero dizer...

— Eu entendo. — eu digo rapidamente, tentando remendar o buraco antes que o barco possa pegar mais água. Foi um erro ir lá, arriscar. Mas preciso convencê-lo de que está tudo bem, que não apenas jogamos gasolina em nossa amizade e acendemos um fósforo. — Não vamos fazer disso um grande negócio — não é. — eu continuo, minha convicção crescendo. — É como você disse: cada um de nós bebeu, tipo, três garrafas de vinho. Não estávamos pensando com clareza. Vamos fingir que nunca aconteceu, ok?

Ele me encara com firmeza, uma expressão tensa que não consigo ler.

— Você acha que pode fazer isso?

— Alex, é claro. — eu digo. — Temos muito mais história do que apenas uma noite de bebedeira.

— OK. — Ele concorda. — OK. — Depois de um momento de silêncio, ele diz: — Eu deveria ir para a cama. — Ele me estuda por mais um segundo, então murmura — Boa noite. — e sai pela porta.

Depois de alguns minutos de passos mortificados, arrasto-me para a cama, onde cada vez que começo a adormecer, todo o encontro passa pela minha cabeça: a excitação insuportável de beijá-lo e a humilhação ainda mais insuportável da nossa conversa.

De manhã, quando acordo, há um momento de felicidade em que acho que sonhei tudo. Então eu tropeço até o espelho do banheiro e vejo um bom e antigo chupão no meu pescoço, e o ciclo de memórias começa de novo.

Decido não tocar no assunto quando o vir. A melhor coisa que posso fazer é fingir que realmente esqueci o que aconteceu. Provar que estou bem e nada precisa mudar entre nós.

Quando chegamos ao aeroporto — Bernard, Alex e eu — e Bernard sai para usar o banheiro, temos nosso primeiro minuto a sós do dia.

Alex tosse.

— Eu sinto muito sobre a noite passada. Eu sei que comecei tudo e — não deveria ter acontecido assim.

— Sério. — eu digo. — Não é grande coisa.

— Eu sei que você não superou Trey. — ele murmura, desviando o olhar. — Eu não deveria...

Seria melhor ou pior admitir o quão pouco Trey passou pela minha cabeça semanas antes desta viagem? Naquela noite passada eu não estava pensando em ninguém além de Alex?

— Não é sua culpa. — eu prometo. — Nós dois deixamos acontecer, e não tem que significar nada, Alex. Somos apenas dois amigos que se beijaram uma vez enquanto estavam bêbados.

Ele me estuda por alguns segundos.

— Tudo bem. — Ele não parece estar bem. Parece que ele prefere estar em uma convenção de saxofone com qualquer número de serial killers agora.

Meu coração aperta dolorosamente.

— Então, estamos bem? — Eu digo, desejando que seja assim.

Bernard reaparece então com uma história sobre um banheiro de aeroporto cheio de papel higiênico que ele uma vez visitou — no domingo do Dia das Mães, para quem quer a data *exata* — e Alex e eu mal olhamos um para o outro.

Quando chego em casa, algo me impede de enviar mensagens de texto para ele.

Ele vai me mandar uma mensagem, eu acho. Então eu saberei que estamos bem.

Depois de uma semana de silêncio, envio a ele uma mensagem casual sobre uma camiseta engraçada que vejo no metrô, e ele responde *ha ha*, nada mais. Duas semanas depois, quando pergunto: *você está bem?* ele apenas responde, **Desculpe. Tenho estado muito ocupado. Você está bem?**

Com certeza, eu digo.

Alex continua ocupado. Eu fico ocupada também, e é isso.

Sempre soube que havia uma razão para mantermos um limite. Tínhamos deixado nossos desejos tirar o melhor de nós e agora ele não conseguia nem olhar para mim, me mandar uma mensagem de volta.

Dez anos de amizade foram por água abaixo apenas para que eu pudesse saber qual é o gosto de Alex Nilsen.

Este Verão

EU NÃO POSSO PARAR DE PENSAR sobre aquele primeiro beijo. Não é o nosso primeiro beijo na varanda de Nikolai, mas o de dois anos atrás, na Croácia. Todo esse tempo, aquela memória aparecia de uma maneira em minha mente, mas agora parece totalmente diferente.

Eu pensei que ele se arrependeu do que aconteceu. Agora eu entendi que ele se arrependeu de *como* isso aconteceu. Por um capricho bêbado, quando ele não tinha certeza das minhas intenções. Quando *eu* não tinha certeza de minhas intenções. Ele temeu que não significasse nada, e então eu fingi que não.

Todo esse tempo eu pensei que ele tinha me rejeitado. E ele pensou que eu tinha sido arrogante com ele e seu coração. Fiquei dolorida ao pensar em como eu o machuquei e, pior de tudo, talvez ele estivesse certo.

Porque mesmo que aquele beijo não tivesse significado nada para mim, eu também não tinha pensado nisso. Não é a primeira vez, nem desta vez. Não como Alex.

— Poppy? — Swapna diz, inclinando-se em volta do meu cubículo. — Você tem um momento?

Estou na minha mesa, olhando para este site de turismo na Sibéria, há mais de quarenta e cinco minutos. Acontece que a Sibéria é realmente bonita. Perfeita para um exílio auto-imposto se alguém precisar de tal coisa. Eu minimizo o site.

— Hum, claro.

Swapna olha por cima do ombro, verificando quem mais está hoje, estacionado em suas mesas.

— Na verdade, você está pronta para uma caminhada?

Já se passaram duas semanas desde que voltei de Palm Springs, e é tecnicamente muito cedo para o clima de outono, mas tivemos uma amostra aleatória dele hoje em Nova York. Swapna pega sua trincheira Burberry e eu pego minha espinha de peixe vintage e partimos em direção ao café na esquina.

— Então. — ela diz. — Eu não posso deixar de notar que você está apavorada.

— Oh. — Achei que estava fazendo um bom trabalho em esconder o que estava sentindo. Por um lado, tenho me exercitado por, tipo, quatro horas por noite, o que significa que durmo como um bebê, acordo ainda exausta e arrasto meus dias sem muita capacidade intelectual para me

perguntar quando Alex responderá um dos meus telefonemas ou me ligará de volta.

Ou porque esse trabalho parece tão cansativo quanto o de bartender em Ohio. Não consigo mais fazer nada soar como deveria. O dia todo me ouço dizendo a mesma frase, como se estivesse desesperada para tirar isso do meu corpo mesmo quando me sinto incapaz: *estou passando por um momento difícil*.

Por mais branda que seja essa afirmação — tão branda quanto *não posso deixar de notar que você tem estado em pânico* — ela queima meu centro toda vez que a ouço.

Estou tendo dificuldades, penso desesperadamente mil vezes por dia, e quando tento sondar para obter mais informações... *Dificuldades com o quê?* — A voz responde, *Tudo*.

Eu me sinto insuficiente como adulta. Olho ao redor do escritório e vejo todos digitando, atendendo ligações, fazendo reservas, editando documentos, e sei que todos estão lidando com pelo menos tanto quanto eu, o que só me faz sentir pior sobre como tudo parece difícil para mim.

Viver, ser responsável por mim mesma, parece um desafio intransponível ultimamente.

Às vezes, me arrasto do sofá, coloco uma refeição congelada no micro-ondas e, enquanto espero o cronômetro tocar, só penso, *terei que fazer isso de novo amanhã, e no dia seguinte e no dia seguinte*. Todos os dias, pelo resto da minha vida, terei que descobrir o que comer e fazer para mim, não importa o quão ruim eu me sinta ou cansada, ou quão horrível seja o latejar na minha cabeça. Mesmo se eu tiver febre de cento e dois graus, terei que me levantar e fazer uma refeição muito medíocre para continuar vivendo.

Eu não digo nada disso para Swapna, porque (a) ela é minha chefe, (b) eu não sei se eu poderia traduzir qualquer um desses pensamentos em palavras faladas, e (c) mesmo se pudesse, é humilhante admitir que me sinto exatamente como aquele estereótipo incapaz, perdido e melancólico de um milenar contra o qual o mundo gosta tanto de se enfurecer.

— Acho que estive meio abalada. — é o que digo. — Não sabia que estava afetando meu trabalho. Vou fazer melhor.

Swapna para de andar, liga seus enormes Louboutins e franze a testa.

— Não é apenas sobre o trabalho, Poppy. Eu pessoalmente investi em ser sua mentora.

— Eu sei. — eu digo. — Você é uma chefe incrível e me sinto muito sortuda.

— Não é sobre isso também. — diz Swapna, um pouco impaciente. — O que estou dizendo é que, claro, você não é obrigada a falar comigo sobre o que está acontecendo, mas acho que ajudaria se você falasse com *alguém*. Trabalhar para atingir seus objetivos pode ser muito solitário e o esgotamento profissional é sempre um desafio. Eu já passei por isso, confie em mim.

Eu me movo ansiosamente em meus pés. Embora Swapna *tenha* sido uma mentora para mim, nunca mudamos para nada pessoal e não tenho certeza do que dizer.

— Eu não sei o que está acontecendo comigo. — eu admito.

Eu sei que meu coração está partido com a ideia de não ter Alex em minha vida.

Sei que gostaria de poder vê-lo todos os dias, e nenhuma parte de mim está imaginando o que mais poderia estar lá fora, quem eu poderia conhecer e amar se estivéssemos realmente juntos.

Eu sei que o pensamento de uma vida em Linfield me apavora profundamente.

Sei que trabalhei muito para ser *essa* pessoa — independente, bem viajada, bem-sucedida — e não sei quem sou se deixar isso passar.

Sei que ainda não há outro emprego por aí me chamando, a resposta óbvia para minha infelicidade, e que esse, que tem sido incrível por boa parte dos últimos quatro anos e meio, ultimamente só me deixou cansada.

E tudo isso acrescenta que não tenho a menor ideia de para onde vou em seguida e, portanto, nenhum direito real de ligar para Alex, e é por isso que finalmente parei de tentar por enquanto.

— Esgotamento profissional. — digo em voz alta. — Isso é uma coisa que passa, certo?

Swapna sorri.

— Para mim, até agora, sempre passou. — Ela enfia a mão no bolso e tira um pequeno cartão branco. — Mas, como eu disse, ajuda falar com alguém. — Aceito o cartão e ela aponta com o queixo para a cafeteria. — Por que você não tira alguns minutos para si mesma? Às vezes, uma mudança de cenário é tudo o que você precisa para ter um pouco de perspectiva.

Uma mudança de cenário, penso, enquanto ela começa a voltar por onde viemos. Isso costumava funcionar.

Eu olho para o cartão de visita em minha mão e não posso deixar de rir.

Dra. Sandra Krohn, psicóloga.

Pego meu telefone e mando uma mensagem para Rachel. **A Dra. Mamãe está aceitando novos pacientes?**

O atual Papa é extremamente transgressor? ela manda de volta.

• • •

A mãe de Rachel tem um consultório em um prédio de tijolos no Brooklyn. Enquanto a estética do design de Rachel é arejada e leve, a decoração de sua mãe é quente e aconchegante, toda em madeira escura e vitrais, plantas frondosas penduradas e livros empilhados em todas as superfícies, sinos de vento cintilando fora de quase todas as janelas.

De certa forma, isso me lembra de estar em casa, embora a versão artística e cultivada do maximalismo da Dra. Krohn esteja muito longe do Museu de mamãe e papai para nossa infância.

Durante nossa primeira sessão, digo a ela que preciso de ajuda para descobrir o que vem a seguir para mim, mas ela recomenda que comecemos com o passado.

— Não há muito a dizer — digo a ela, e então começo a falar por cinquenta e seis minutos direto. Sobre meus pais, sobre a escola, sobre a primeira viagem para casa com o Guillermo.

Ela é a única pessoa com quem compartilhei tudo isso além de Alex, e embora seja bom colocar isso para fora, não tenho certeza de como isso está ajudando na minha crise explosiva de vida. Rachel me faz prometer que vou continuar com isso por pelo menos alguns meses.

— Não fuja disso. — ela diz. — Você não estará fazendo nenhum favor a si mesma.

Eu sei que ela está certa. Eu tenho que correr *atrás*, e não fugir. Minha única esperança de descobrir isso é ficar, sentir o desconforto.

Em minhas sessões semanais de terapia. Em meu trabalho na *R + R*. No meu apartamento quase vazio.

Meu blog não é usado, mas começo a escrever no diário. Minhas viagens de trabalho são limitadas a escapadelas regionais de fim de semana e, durante meu tempo de inatividade, vasculho a internet em busca de livros e artigos de autoajuda, procurando algo que fale comigo como aquela estátua de urso de 21 mil dólares definitivamente não fez.

Às vezes, procuro empregos em Nova York; outras vezes, eu verifico as listas perto de Linfield.

Eu compro uma planta, um livro sobre plantas e um pequeno tear. Tento aprender a trabalhar com vídeos do YouTube e percebo em três horas que estou tão entediada quanto sou péssima nisso.

Mesmo assim, deixei a tecelagem meio acabada ficar na minha mesa por dias, e parece uma prova de que moro aqui. Eu tenho uma vida, aqui, um lugar que é meu.

No último dia de setembro, estou indo encontrar Rachel no bar de vinhos quando minha bolsa fica presa nas portas do metrô de um vagão de trem lotado.

— Merda, merda, merda! — Eu assobio, enquanto do outro lado, algumas pessoas trabalham para abri-las. Um homem calvo, mas bastante jovem, em um terno azul consegue abrir as portas e, quando levanto os olhos para agradecê-lo, o reconhecimento pisca claro e afiado em seus olhos azuis.

— Poppy? — diz ele, afastando um pouco mais as portas. — Poppy Wright?

Estou chocada demais para responder. Ele sai do vagão, apesar de não ter feito nenhum esforço para sair na primeira vez que as portas se abriram. Esta não é sua parada, mas ele está saindo e eu tenho que dar

um passo para trás para abrir espaço para ele enquanto as portas se fecham novamente.

E então estamos parados ali na plataforma, e eu devo dizer algo, eu sei que tenho que — ele saltou do trem maldito. Eu consigo apenas,

— Uau. Jason.

Ele acena com a cabeça, sorrindo, tocando o peito onde uma gravata rosa claro está pendurada no colarinho de sua camisa branca.

— Jason Stanley. East Linfield High School.

Meu cérebro ainda está tentando processar isso. Não consigo reconciliá-lo contra este pano de fundo. Na *minha* cidade, na vida que construí para nunca tocar na minha antiga. Eu gaguejo:

— Certo.

Jason Stanley perdeu a maior parte do cabelo. Ele engordou um pouco no meio, mas ainda há algo do garoto bonito por quem uma vez tive uma queda, que então arruinou minha vida.

Ele ri, me dá uma cotovelada.

— Você foi minha primeira namorada.

— Bem. — eu digo, porque isso não parece muito certo. Nunca pensei em Jason Stanley como meu primeiro namorado. Talvez a primeira paixão que se tornou valentão.

— Você está ocupada agora? — Ele olha para o relógio. — Eu tenho alguns minutos se você quiser conversar.

Eu não quero conversar.

— Na verdade, estou indo para a terapia. — digo, por algum motivo. Foi a primeira desculpa que me veio à cabeça. Eu preferia ter deixado escapar que estava levando um detector de metais à praia mais próxima para procurar moedas. Eu ando em direção aos degraus, e Jason segue junto.

— Terapia? — ele diz, ainda sorrindo. — Não por causa daquela merda que fiz quando era um idiota ciumento, espero. — Ele pisca. — Quero dizer, você espera causar uma boa impressão, mas não desse tipo.

— Não sei do que você está falando. — minto enquanto subimos os degraus.

— Mesmo? — Jason diz. — Deus, que alívio. Eu penso nisso o tempo todo. Até tentei te procurar no Facebook uma vez para me desculpar. Você não tem Facebook, tem?

— Não realmente, não. — eu digo.

Eu tenho Facebook. Não tenho meu sobrenome no Facebook especificamente porque não queria que pessoas como Jason Stanley me encontrassem. Ou qualquer pessoa de Linfield. Eu queria desaparecer essa parte de mim e reaparecer totalmente formada em uma nova cidade, e foi o que fiz.

Saímos do metrô para as ruas arborizadas. Esse mesmo beliscão está de volta no ar. O outono finalmente engoliu as últimas mordidas do verão.

— De qualquer forma. — Jason diz, os primeiros sinais de constrangimento aparecendo. Ele para, esfregando a nuca. — Eu vou deixá-la sozinha. Eu vi você e não pude acreditar. Eu só queria dizer oi. E desculpe, eu acho.

Mas eu paro também, porque não venho dizendo há um mês que cansei de fugir de problemas, droga? Saí de Linfield e, de alguma forma, isso não foi suficiente. Ele está aqui. Como se o universo estivesse me dando um forte empurrão na direção certa.

Eu respiro e giro em direção a ele, cruzando os braços.

— Desculpe pelo *quê*, Jason?

Ele deve ver na minha cara, que eu estava mentindo sobre não lembrar, porque ele parece extremamente envergonhado agora.

Ele respira fundo, gaguejando, e estuda seus sapatos marrons com ar de culpa.

— Você se lembra como o ensino médio era horrível, certo? — ele diz. — Você se sente tão fora do lugar — como se algo estivesse errado com você e a qualquer segundo todo mundo iria descobrir. Você vê isso acontecer com outras pessoas. Crianças com quem você costumava brincar de quatro quadrados, de repente, ganham apelidos maldosos, não sendo convidadas para festas de aniversário. E você sabe que pode ser o próximo, então *você se transforma* em um idiota. Se você apontar para outras pessoas, ninguém vai olhar muito de perto para você, certo? Eu fui o seu idiota — quero dizer, eu fui o idiota da sua vida por um tempo.

A calçada balança na minha frente, uma onda de tontura caindo sobre mim. O que quer que eu estivesse esperando, não era isso.

— Sinceramente, não consigo acreditar que estou dizendo isso. — diz ele. — Eu acabei de ver você na plataforma do trem e — eu tinha que dizer algo.

Jason respira fundo, sua carranca desenhando rugas cansadas nos cantos de sua boca e olhos.

Estamos tão velhos, eu acho. *Quando ficamos tão velhos?*

De repente, não somos mais crianças, e parece que aconteceu da noite para o dia, tão rápido que não tive tempo de perceber, de deixar de lado tudo o que costumava ser tão importante, de ver que as velhas feridas que antes pareciam lacerações em nível desbotaram e se transformaram em pequenas cicatrizes brancas, misturadas entre as estrias, manchas solares e pequenos pontos onde o tempo passou roçando meu corpo.

Eu coloquei tanto tempo e distância entre mim e aquela garota solitária, e o que isso importa? Aqui está um pedaço do meu passado, bem na minha frente, a quilômetros de casa. Você não pode fugir de si mesmo. Nem de sua história, nem de seus medos, nem as partes de você que está preocupado que estão erradas.

Jason lança outro olhar para seus pés.

— Na reunião — diz ele — alguém me disse que você estava indo muito bem. Trabalhar na *R + R*. Isso é incrível. Na verdade, hm, peguei um jornal um tempo atrás e li seus artigos. É tão legal, parece que você já viu o mundo inteiro.

Finalmente, consigo falar.

— Sim. É... é muito legal.

Seu sorriso se alarga.

— E você mora aqui?

— Mm-hm. — Eu tusso para limpar minha garganta. — E você?

— Não. — ele diz. — Estou a negócios. Coisas de vendas. Ainda estou em Linfield.

Isso, eu percebo, é o que venho esperando há anos. O momento em que finalmente sei que ganhei: eu saí. Eu fiz algo para mim mesma. Encontrei um lugar ao qual pertencia. Eu provei que não estava quebrada enquanto a pessoa que foi mais cruel comigo ficou presa na porcaria da pequena Linfield.

Exceto que não é assim que eu sinto. Porque Jason não parece travado e certamente não está sendo cruel. Ele está aqui, nesta cidade, em uma bela camisa branca, sendo genuinamente gentil.

Sinto uma ardência nos olhos, uma sensação de calor na garganta.

— Se você voltar lá — Jason diz incerto — e você quiser se encontrar...

Tento fazer algum tipo de barulho de assentimento, mas nada acontece. É como se a minúscula pessoa que está sentada no painel de controle em meu cérebro tivesse acabado de desmaiar.

— Então. — Jason continua. — Desculpe de novo. Espero que saiba que sempre foi sobre mim. Você não.

A calçada balança novamente, um pêndulo. Como o mundo, como sempre vi, foi empurrado com tanta força que está balançando, pode desabar completamente.

Obviamente as pessoas crescem, uma voz diz na minha cabeça. Você acha que todas aquelas pessoas ficaram congeladas no tempo só porque ficaram em Linfield?

Mas como ele disse, não é sobre eles, é sobre mim.

Isso é exatamente o que pensei.

Que se eu não sáísse, sempre seria aquela garota solitária. Eu nunca pertenceria a lugar nenhum.

— Então, se você estiver em Linfield... — ele diz novamente.

— Mas você não está dando em cima de mim, certo? — Eu digo.

— Oh! Deus não! — Agora ele levanta a mão, mostrando uma daquelas faixas pretas grossas em seu dedo anelar. — Casado. Alegrementemente. Monogamicamente.

— Legal. — digo, porque é realmente a única palavra em inglês que me lembro no momento. O que significa alguma coisa, já que não falo nenhuma outra língua.

— Sim! — ele diz. — Nós vamos... Até mais.

E então Jason Stanley se foi, tão repentinamente quanto apareceu.

Quando chego ao bar de vinhos, começo a chorar. (O que há de novo?) Quando Rachel pula da nossa mesa de costume, ela parece chocada ao me ver.

— Você está bem, querida?

— Vou largar o meu emprego. — digo com lágrimas nos olhos.

— Oh... ok.

— Quero dizer — fungo forte, limpo meus olhos — não imediatamente, como em um filme. Eu não vou entrar no escritório de Swapna e dizer, tipo, eu desisto! E em seguida sair direto do escritório com um vestido vermelho apertado com meu cabelo nas costas ou algo assim.

— Bem, isso é bom. Laranja é melhor para sua pele.

— De qualquer forma, tenho que encontrar outro emprego antes de ir embora. — digo. — Mas acho que acabei de descobrir por que estou tão infeliz.

Este Verão

— SE VOCÊ PRECISAR de mim, — Rachel diz, — eu vou com você. Quer dizer, eu vou mesmo. Vou comprar uma passagem no caminho para o aeroporto e irei com você.

Mesmo enquanto ela diz isso, parece que estou segurando uma cobra gigante com sangue humano escorrendo de seus dentes.

— Eu sei. — Eu aperto a mão dela. — Mas quem vai nos manter atualizados sobre tudo o que está acontecendo em Nova York?

— Oh, graças a Deus — ela diz em uma rajada. — Eu estava com medo de que você aceitasse isso por um minuto.

Ela me puxa para um abraço, me beija em ambas as bochechas e me coloca no táxi.

Meus pais vêm me buscar no aeroporto de Cincinnati. Eles estão usando camisetas correspondentes com o símbolo do I-LOVE, de Nova York.

— Achei que faria você se sentir em casa! — Mamãe diz, rindo tanto de sua piada que está praticamente chorando. Acho que pode ser a primeira vez que ela ou papai reconhecem Nova York como meu lar, o que me deixa feliz em um nível e triste em outro.

— Já me sinto em casa aqui — digo a ela, e ela faz um grande show ao apertar o coração, e um guincho de emoção foge dela.

— A propósito, — ela diz enquanto cruzamos o estacionamento, — eu fiz biscoitos buckeye.

— Então isso é o jantar, mas e o café da manhã? — Eu pergunto.

Ela dá um risinho. Ninguém no planeta acha que sou tão engraçada quanto minha mãe. É como tirar doce de um bebê. Ou *dar um* doce a um bebê.

— Então, amiga. — papai diz uma vez que estamos no carro. — A que devemos esta honra? Não é nem feriado bancário!

— Eu só senti falta de vocês — eu digo — e de Alex.

— Droga. — papai grunhe, ligando a seta. — Agora você vai *me* fazer chorar.

Vamos para casa primeiro para que eu possa trocar minhas roupas de avião, ter uma conversa animada e esperar minha hora. A escola só termina às duas e meia.

Até então, nós três sentamos na varanda, bebendo limonada caseira. Mamãe e papai se revezam conversando sobre seus planos para o jardim no próximo ano. O que todos eles estarão puxando. Que novas flores e

árvores eles plantarão. O fato de que mamãe está tentando limpar a casa, mas só conseguiu se livrar do valor de três caixas de sapatos até agora.

— Progresso é progresso. — diz papai, estendendo a mão para acariciar seu ombro afetuosamente. — Já falamos sobre a cerca de privacidade, amiga? A nova vizinha do lado é uma fofqueira, então decidimos que precisávamos de uma cerca.

— Ela vem me dizer o que todos neste beco sem saída estão fazendo e não tem nada de bom a dizer! — Mamãe chora. — Tenho certeza de que ela está dizendo o mesmo tipo de coisas sobre nós.

— Oh, eu duvido. — eu digo. — Suas mentiras serão *muito* mais coloridas.

Isso delícia a mamãe, obviamente: doce, conheça o bebê.

— Assim que levantarmos a cerca — diz papai — ela dirá a todos que estamos administrando um laboratório de metanfetamina.

— Oh, pare. — Mamãe bate no braço dele, mas os dois estão rindo. — Nós temos que fazer uma videochamada com os meninos mais tarde. Parker quer fazer uma leitura do novo roteiro em que está trabalhando.

Eu evito por pouco uma cuspidinha.

O último roteiro que meu irmão fez de discussão criativa no texto do grupo, é uma história de origem dos Smurfs distópicos corajosos com pelo menos uma cena de sexo. Seu raciocínio é, algum dia ele gostaria de escrever um filme de verdade, mas ao escrever um que não pode ser feito, ele está tirando a pressão de si mesmo durante o processo de aprendizagem. Também acho que ele gosta de escandalizar sua família.

Às duas e quinze, peço para pegar o carro e ir para minha antiga escola. Só então percebo que o tanque está vazio. Após o rápido desvio para abastecer, entro no estacionamento da escola às duas e cinquenta. Duas ansiedades separadas lutam pela dominação dentro de mim: a que é composta de terror com a ideia de ver Alex, dizer o que preciso dizer e esperar que ele ouça, e a outra é sobre estar de volta aqui, um lugar que eu jurei legitimamente que jamais voltaria a pôr os pés.

Eu marcho os degraus de concreto até as portas de vidro da frente, respiro fundo uma última vez e...

A porta não se move. Está trancada.

Certo.

Eu meio que esqueci que qualquer adulto aleatório não pode mais entrar em uma escola. Definitivamente para o melhor, em todas as situações, exceto nesta. Bato na porta até que um oficial de recursos bicudo com uma auréola de cabelos grisalhos se aproxima e abre a porta alguns centímetros.

— Posso ajudar?

— Estou aqui para ver alguém. — digo. — Um professor - Alex Nilsen?

— Nome? — ele pergunta.

— Alex Nilsen—

— Seu nome. — diz o policial, me corrigindo.

— Oh, Poppy Wright.

Ele fecha a porta, desaparecendo por um segundo no escritório da frente. Um momento depois, ele retorna.

— Desculpe, senhora, não temos você em nosso sistema. Não podemos permitir a entrada de convidados não registrados.

— Você poderia pegá-lo então? — Eu tento.

— Senhora, eu não posso ir rastrear—

— Poppy? — alguém diz atrás dele.

Oh, uau! Eu penso primeiro. Alguém me reconhece! Que sorte!

E então a morena bonita e magra se aproxima da porta. Meu estômago embrulha.

— Sarah. Uau. Oi. — Eu tinha esquecido que poderia encontrar Sarah Torval aqui. Supervisão monumental limítrofe.

Ela volta a olhar para o oficial de recursos.

— Eu cuido disso, Mark. — ela diz, e sai para falar comigo, cruzando os braços sobre si mesma. Ela está usando um lindo vestido roxo e jaqueta jeans escura, grandes brincos de prata dançando em suas orelhas; ela tem apenas um toque de sardas no nariz.

Como sempre, ela é completamente adorável daquele jeito de professora de jardim de infância. (Apesar de ser professora da nona série, é claro.)

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta, não de *maneira grosseira*, embora definitivamente não de forma calorosa.

— Oh, hum. Visitando meus pais.

Ela arqueia uma sobrancelha e olha para o prédio de tijolos vermelhos atrás dela.

— No colégio?

— Não. — Eu empurro o cabelo dos meus olhos. — Quer dizer, é isso que estou fazendo *aqui*. Mas o que estou fazendo *aqui* é... Eu estava esperando, quero dizer... Eu queria falar com Alex?

Seu rolar de olhos é mínimo, mas dói.

Eu engulo um nó do tamanho de uma maçã.

— Eu mereço isso. — eu digo. Eu respiro. Não vai ser divertido, mas é necessário. — Fui realmente descuidada com tudo, Sarah. Quer dizer, minha amizade com Alex, tudo que eu esperava dele enquanto vocês estavam juntos. Não foi justo com você. Eu sei disso agora.

— Sim. — ela diz. — Você *foi* descuidada com isso.

Ambas ficamos em silêncio por um instante.

Finalmente, ela suspira.

— Todos nós tomamos algumas decisões ruins. Eu costumava pensar que se você simplesmente fosse embora, todos os meus problemas seriam resolvidos. — Ela descruzou os braços e os cruzou novamente para o outro lado. — E então você foi - você basicamente desapareceu depois que fomos para a Toscana e, de alguma forma, isso foi ainda pior para o meu relacionamento.

Eu balanço de um pé para o outro.

— Eu sinto muito. Eu gostaria de ter entendido o que estava sentindo antes que tivesse a chance de machucar alguém.

Ela balança a cabeça para si mesma, examina as unhas dos pés perfeitamente pintadas saindo de suas sandálias de couro bege.

— Eu também gostaria. — ela diz. — Ou que ele tivesse. Ou que *eu* tivesse. Realmente, se *qualquer um* de nós realmente soubesse como vocês dois se sentem um pelo outro, isso teria me poupado muito tempo e dor.

— Sim. — eu concordo. — Então você e ele não são...

Ela me deixa esperar alguns segundos, e eu sei que não é um acidente. Um sorriso meio diabólico se forma em seus lábios rosados.

— Nós não somos. — ela cede. — Graças a Deus. Mas ele não está aqui. Ele já foi embora. Acho que ele estava falando em passar o fim de semana fora.

— Oh. — Meu coração afunda. Eu olho de volta para a minivan dos meus pais estacionada no estacionamento meio vazio. — Bem, obrigado de qualquer maneira.

Ela acena com a cabeça e eu começo a descer os degraus.

— Poppy?

Eu me viro e a luz está brilhando tão forte sobre ela que tenho que proteger meus olhos para olhar para ela. Isso a faz parecer uma santa, ganhando seu halo com uma bondade injustificada para comigo. *Vou aceitar*, eu acho.

— Normalmente às sextas-feiras — diz ela lentamente — os professores vão ao Birdies. É uma tradição. — Ela se move, e a luz acende o suficiente para que eu encontre seus olhos. — Se ele não foi embora, ele pode estar lá.

— Obrigado, Sarah.

— Por favor. — ela diz. — Você está fazendo um favor ao mundo ao tirar Alex Nilsen do mercado.

Eu rio, mas meu estômago está pesado.

— Não tenho certeza se é isso que ele quer.

Ela encolhe os ombros.

— Talvez não. — ela diz. — Mas a maioria de nós está com muito medo até de perguntar o que queremos, caso não possamos ter. Li isso neste ensaio sobre algo chamado 'tédio milenar'.

Eu sufoco uma risada de surpresa, limpo minha garganta.

— Um nome meio cativante.

— Não é? — ela diz. — De qualquer maneira. Boa sorte.

• • •

O Birdies fica do outro lado da escola, e a viagem de dois minutos é cerca de quatro horas mais curta para formular um novo plano.

Durante toda a descida, pratiquei meu discurso apaixonado com a ideia de que seria dito em particular, em sua sala de aula.

Agora vai ser em um bar cheio de professores, incluindo alguns cujas aulas eu fiz (e pulei). Se há um lugar que julguei mais duramente do que

os corredores iluminados por lâmpadas fluorescentes da East Linfield High School, é o bar escuro e apertado com a placa de néon brilhante BUDWEISER em que estou entrando agora.

De repente, a luz do dia é apagada e pontos coloridos dançam na frente dos meus olhos enquanto eles se ajustam a este lugar escuro. Há uma música dos Rolling Stones tocando no rádio e, considerando que são apenas três da tarde, o bar já está fervilhando com pessoas em negócios casuais, um mar de calças cáqui, botões e vestidos de algodão monocromáticos, não muito diferente do traje de Sarah. Parafernália de golfe estão penduradas nas paredes — tacos, Astroturf verde e fotos emolduradas de jogadores e campos de golfe.

Eu sei que há uma cidade em Illinois chamada Normal, mas estou supondo que não se compara a este canto suburbano do universo.

Há TVs montadas com volume alto demais, um rádio áspero tocando embaixo, gargalhadas e vozes altas vindas dos grupos aglomerados em torno de aparelhos de som ou alinhados ao longo dos dois lados de estreitas mesas retangulares.

E então eu o vejo.

Mais alto do que a maioria, mais parado do que todos, as mangas da camisa enroladas até os cotovelos e as botas apoiadas no degrau de metal da cadeira, os ombros curvados para a frente e o telefone para fora, o polegar lentamente rolando para cima na tela. Meu coração sobe na minha garganta até que eu posso *sentir o gosto*, tudo metálico, quente e pulsando muito forte.

Há uma parte de mim — tudo bem, a maioria — que quer fugir, mesmo depois de voar todo o caminho até aqui, mas naquele momento a porta se abre e Alex olha para cima, seus olhos fixos em mim.

Estamos olhando um para o outro e imagino que pareço quase tão chocada quanto ele, como se eu não tivesse chegado especificamente com uma dica quente de que ele estava aqui. Eu me forço a dar alguns passos em sua direção, então paro na ponta da mesa, onde, aos poucos, os outros professores levantam os olhos de suas cervejas, vinhos brancos e vodca tônica para processar o fato de eu estar ali.

— Oi. — Alex diz, pouco mais que um sussurro.

— Oi. — eu digo.

Eu espero o resto acontecer. Nada funciona.

— Quem é sua amiga? — pergunta uma senhora idosa com uma gola alta marrom. Eu a chamo de Delallo, antes mesmo de ver o crachá do ELHS que ela ainda está usando no pescoço.

— Ela é... — A voz de Alex diminui. Ele se levanta da cadeira. — Oi — ele diz novamente.

O resto da mesa está trocando olhares desconfortáveis, meio que empurrando suas cadeiras, inclinando as costas para longe em uma tentativa de nos dar um nível de privacidade que é impossível neste momento. Delallo, eu noto, mantém uma orelha inclinada quase que *precisamente* em nossa direção.

— Eu vim para a escola. — eu dirijo.

— Oh. — diz Alex. — OK.

— Eu tinha um plano. — Esfrego minhas palmas suadas contra minha calça boca de sino laranja de poliéster, desejando não estar vestida como um cone de trânsito. — Eu ia aparecer na escola, porque queria que você soubesse que se há uma coisa neste mundo que pode me levar a ir lá, é você.

Seus olhos passam brevemente pela mesa dos professores novamente. Até agora, meu discurso não parece estar confortando-o. Seus olhos cortam para os meus, então caem para um ponto vago à minha esquerda.

— Sim, eu sei que você realmente odeia lá. — ele murmura.

— Eu odeio. — eu concordo. — Eu tenho um monte de memórias ruins lá, e eu queria aparecer, e apenas, tipo, te *dizer* isso... que eu iria a qualquer lugar por você, Alex.

— Poppy. — diz ele, a palavra meio suspiro, meio súplica.

— Não, espere. — eu digo. — Eu sei que tenho uma chance de cinquenta por cento aqui, e há muito de mim que quer nem mesmo dizer o resto disso, Alex, mas eu *preciso*, então, por favor, não me diga se você precisar interromper meu coração. OK? Deixe-me dizer isso antes que eu perca a coragem.

Seus lábios se abrem por um momento, seus olhos verdes dourados como rios inundados por uma tempestade, brutais e impetuosos. Ele fecha a boca novamente e assente.

Sentindo-me como se estivesse pulando de um penhasco, incapaz de ver o que existe através da névoa abaixo de mim, eu continuo.

— Eu adorava publicar no meu blog — digo a ele. — Eu amei muito isso, e pensei que era porque eu adorava viajar - o que eu adoro. Mas nos últimos anos, tudo mudou. Eu não estava feliz. Viajar parecia diferente. E talvez você estivesse certo de que eu vim até você como se você fosse um band-aid que pode consertar tudo. Ou seja o que for - um destino divertido para me dar uma dose de dopamina e uma nova perspectiva.

Seus olhos caem. Ele não olha para mim, e eu sinto que mesmo que ele tenha dito isso primeiro, minha confirmação o está comendo vivo.

— Eu comecei a terapia. — eu deixo escapar, tentando manter as coisas em movimento. — E eu estava tentando descobrir por que parece tão diferente agora, e eu estava listando todas as diferenças entre minha vida naquela época e agora, e não era só você. Quero dizer, você é o maior. Você estava nessas viagens e depois não estava, mas essa não foi a única mudança. Todas aquelas viagens que fizemos, a melhor coisa sobre elas — além de fazer tudo com você — eram as pessoas.

Seu olhar se eleva, estreitado em pensamento.

— Eu adorava conhecer novas pessoas. — explico. — Eu amava... me sentir conectada. Me sentir *interessante*. Crescendo aqui, eu me sentia tão sozinha, e sempre senti que havia algo de errado comigo. Mas eu

disse a mim mesma que se fosse para outro lugar, seria diferente. Haveria outras pessoas como eu.

— Eu sei disso. — ele diz. — Eu sei que você odeia aqui, Poppy.

— Sim. — eu digo. — Eu odiei, então escapei. E quando Chicago não consertou tudo para mim, eu saí de lá também. Depois que comecei a viajar, no entanto, as coisas finalmente pareciam melhores. Conheci pessoas e — não sei, sem a bagagem da história ou o medo do que poderia acontecer, parecia muito mais fácil me abrir para as pessoas. Fazer amigos. Eu sei que parece patético, mas todos aqueles pequenos encontros que tivemos — aqueles me tornaram menos solitária. Isso me fez sentir como se eu fosse alguém que as pessoas poderiam amar. E então eu consegui o trabalho na $R + R$, e as viagens mudaram; as pessoas mudaram. Só conheci chefes e gerentes de hotel, pessoas querendo redações. Eu fazia viagens incríveis, mas voltava para casa me sentindo vazia. E agora eu percebo que é porque eu não estava me conectando com ninguém.

— Estou feliz que você descobriu. — diz Alex. — Eu quero que você seja feliz.

— Mas o negócio é o seguinte. — eu digo. — Mesmo se eu deixasse meu trabalho e voltasse a levar o blog a sério, voltasse a encontrar todos os Bucks, Litas e Mathildes do mundo — isso não me deixaria feliz.

— Eu precisava dessas pessoas, porque me sentia sozinha. Achei que teria que correr centenas de quilômetros daqui para encontrar um lugar ao qual pertencer. Passei a vida toda pensando que qualquer pessoa fora da minha família que chegasse perto demais, visse muito, não me desejaria mais. O mais seguro eram aqueles momentos rápidos e inesperados com estranhos. Isso é tudo que pensei que poderia ter. E então lá estava você. — Minha voz vacila perigosamente. Eu me preparo, endireito minha postura. — Eu te amo tanto que passei doze anos colocando tanta distância entre nós quanto eu poderia. Eu me mudei. Eu viajei. Eu namorei outras pessoas. Eu falava sobre Sarah o tempo todo porque sabia que você tinha uma queda por ela, e parecia mais seguro assim. Porque a última pessoa por quem eu poderia aceitar ser rejeitada era você. E agora eu sei disso. Eu sei que não é viajar que vai me tirar dessa crise, não é um novo emprego e com certeza não é um encontro casual com motoristas de táxi aquático. Tudo isso, a cada minuto, está fugindo de você, e não quero mais fazer isso. Eu te amo, Alex Nilsen. Mesmo que você não me dê uma chance real, sempre vou te amar. E estou com medo de voltar para Linfield porque não sei se gostaria daqui, ou se ficaria entediada, ou se faria amigos, e porque tenho *medo* de esbarrar nas pessoas que me fizeram sentir que eu não importava e eles decidirem que estavam certos sobre mim. Eu quero ficar em Nova York. — eu digo. — Gosto de lá e acho que você também gostaria, mas você me perguntou do que eu estaria disposta a desistir por você, e agora sei que a resposta é: tudo. Não há nada neste mundo que construí na minha cabeça que não esteja preparada para abrir mão de construir um novo

com você. Eu vou para East Linfield High — não quero dizer apenas hoje. Quer dizer, se você quiser ficar aqui, vou para a porra dos jogos de basquete do colégio com você. Vou usar camisetas pintadas à mão com os nomes dos jogadores — vou aprender os nomes dos jogadores! Eu não vou apenas inventá-los! Vou para a casa do seu pai tomar refrigerante diet e tentar ao máximo não xingar ou falar sobre nossa vida sexual, e vou cuidar de suas sobrinhas e sobrinhos com você na casa de Betty — vou ajudá-lo a tirar o papel de parede! Eu odeio derrubar papéis de parede! Você não está de férias e não é a resposta para a crise da minha carreira, mas quando estou em crise, doente ou triste, você é a única coisa que eu quero. E quando estou feliz, você me faz muito mais feliz. Ainda tenho muito que descobrir, mas a única coisa que sei é que, onde quer que você esteja, é onde eu pertenço. Eu nunca pertencerei a nenhum lugar como pertenço a você. Não importa o que estou sentindo, quero você perto de mim. Você é casa para mim, Alex. E eu acho que sou isso para você também.

Quando termino, estou respirando com dificuldade. O rosto de Alex está contraído de preocupação, mas, além disso, não consigo ler muitos detalhes. Ele não diz nada de imediato, e o silêncio — ou a falta dele (o Pink Floyd começou a tocar nos alto-falantes e um locutor de esportes está tagarelando em uma das TVs no alto) — desaba como um tapete, alongando-se cada vez mais entre nós até que eu sinto que estou do lado oposto de uma mansão muito escura e pegajosa de cerveja.

— E mais uma coisa. — Pego meu telefone na bolsa, abro na foto correta e o estendo para ele. Ele não pega o telefone, apenas olha a imagem na tela sem tocar.

— O que é isso? — ele diz suavemente.

— Isso — eu digo — é uma planta de casa que mantenho viva desde que voltei de Palm Springs.

Uma risada silenciosa escapa dele.

— É uma planta cobra. — eu digo. — E aparentemente são extremamente difíceis de matar. Tipo, eu provavelmente poderia usar uma motosserra e ela sobreviveria. Mas é o record de tempo que mantenho alguma coisa viva e queria que você visse. Então você saberia. Estou falando sério.

Ele balança a cabeça sem dizer nada, e coloco meu telefone de volta na minha bolsa.

— É isso. — eu digo, um pouco confusa. — Esse é todo o discurso. Você pode falar agora.

O canto de sua boca se curva, mas o sorriso não permanece, e mesmo enquanto está lá, não contém nada como alegria em sua curva fechada.

— Poppy. — Meu nome nunca soou tão longo ou miserável.

— Alex. — eu digo.

Suas mãos vão para os quadris. Ele olha de soslaio, embora não haja nada lá para olhar, exceto uma parede de Astroturf e uma foto desbotada de alguém com um chapéu de golfe com pompons. Quando ele olha para

mim, há lágrimas em seus olhos, mas eu sei imediatamente que ele não as deixará cair. Esse é o tipo de autocontenção que Alex Nilsen tem.

Ele poderia estar morrendo de fome em um deserto, e se a pessoa errada estendesse um copo d'água para ele, ele acenaria educadamente e diria *não, obrigado*.

Eu engulo o nó na minha garganta.

— Você pode dizer qualquer coisa. O que você precisar.

Ele solta um suspiro, verifica o chão, encontra meus olhos por apenas um instante.

— Você sabe o que eu sinto por você. — ele diz suavemente, como se, mesmo quando ele admita, ainda seja uma espécie de segredo.

— Sim. — Meu coração começou a disparar. Eu acho que eu faço. Pelo menos eu entendo. Mas sei o quanto o magoei por não pensar nas coisas. Não entendo totalmente, talvez, mas mal comecei a *me* entender, então isso não é tão surpreendente.

Ele engole agora, os músculos ao longo da linha de sua mandíbula dançando com as sombras.

— Eu honestamente não sei o que dizer. — ele responde. — Você me apavorou. Não faz nenhum sentido o quão rápido minha mente trabalha com você. Num segundo estamos nos beijando e no próximo, estou pensando sobre como nossos netos podem se chamar. Não faz sentido. Quero dizer, olhe para nós. *Não* fazemos sentido. Sempre soubemos disso, Poppy.

Meu coração está congelando, veias de frio abrindo caminho até o centro.

Dividindo ao meio, e eu com ele.

Agora é a minha vez de dizer seu nome como um apelo, como uma oração.

— Alex. — Sai grosso. — Não sei o que você está dizendo.

Seus olhos caem, seus dentes se cravando em seu lábio inferior.

— Não *quero que* você desista de nada. — diz ele. — Eu quero que apenas façamos sentido, e não fazemos, Poppy. Eu não posso ver isso desmoronar novamente.

Estou acenando com a cabeça agora. Por muito tempo. É como se eu não conseguisse parar de aceitar, uma e outra vez. Porque é assim que parece: como se eu tivesse que passar o resto da minha vida aceitando que Alex não pode me amar do jeito que eu o amo.

— Ok. — eu sussurro.

Ele não diz nada.

— Ok. — mais uma vez. Eu tiro meus olhos dele enquanto sinto as lágrimas invadindo. Não quero que ele me console, não por isso. Eu me viro e corro em direção à porta, forçando meus pés para frente, mantendo meu queixo erguido e minha coluna vertebral reta.

Quando chego à porta, não consigo evitar. Eu olho para trás.

Alex ainda está congelado onde eu o deixei, e mesmo que isso me mate, eu tenho que ser honesta agora. Eu tenho que dizer algo que não

posso voltar atrás, para parar de correr e me esconder dele.

— Eu não me arrependo de dizer a você. — eu digo. — Eu disse que desistiria de qualquer coisa, arriscaria qualquer coisa por você, e estava sendo sincera. — *Até meu próprio coração.*

— Eu te amo muito, Alex. — eu digo. — Eu não poderia ter vivido comigo mesma se não tivesse, pelo menos, contado a você.

E então eu me viro e saio para o sol forte e brilhante do estacionamento.

Só então começo a chorar de verdade.

Este Verão

ESTOU OFEGANTE. SOLUÇANDO. Estilhaçando enquanto atravesso o estacionamento.

Uma mão apertou minha boca enquanto os soluços estalavam por mim, cortando e apunhalando cada canto afiado de meus pulmões.

É difícil continuar andando e impossível parar. Eu estou caminhando para o carro dos meus pais, então me encosto nele, cabeça baixa, sons horríveis saindo de mim, muco escorrendo pelo meu rosto, o azul do céu e suas nuvens fofas e gigantes, e o farfalhar de árvores ao lado do estacionamento, tudo se transformando em um borrão de verão, o mundo inteiro derretendo em um redemoinho de cores.

E então há uma voz, espalhada pela brisa e a distância. Está vindo atrás de mim, obviamente é dele, e eu não quero olhar.

Acho que mais uma olhada para ele pode ser o ponto de inflexão, a coisa que vai partir meu coração para sempre, mas ele está dizendo meu nome.

— Poppy! — Uma vez. Então de novo. — Poppy, espere.

Eu empurro todas as emoções para baixo. Não para ignorá-las. Não para negar, porque quase é bom sentir algo tão puramente, saber sem questionar o que é que meu corpo está experimentando. Mas porque esses são *meus* sentimentos, não dele. Não é algo para ele se lançar e dar os ombros, como ele faz quase compulsivamente.

Eu limpo minhas mãos em meu rosto e me faço respirar normalmente enquanto ouço seus passos arrastando-se no asfalto. Eu me viro quando ele está diminuindo a velocidade de uma corrida, dando seus últimos passos em um ritmo determinado, casual demais, até que ele para, me fechando entre a van e ele.

Há uma calmaria antes de ele falar, uma pausa que é apenas para nossa respiração.

Depois de mais um segundo de silêncio, ele diz:

— Também comecei a ver uma terapeuta.

Apesar de tudo, dou uma risada catarrenta com a ideia de que ele me perseguiu apenas para dizer isso.

— Isso é bom. — Limpo meu rosto com a palma da mão.

— Ela diz... — Ele passa as mãos pelos cabelos. — Ela acha que tenho medo de ser feliz.

Por que ele está me dizendo isso? uma voz diz na minha cabeça.

Espero que ele nunca pare de falar, outra diz. Talvez possamos continuar falando para sempre. Talvez essa conversa possa abranger

nossas vidas inteiras, da maneira como nossas mensagens de texto e telefonemas pareciam durar todos aqueles anos.

Eu limpo minha garganta.

— Você está?

Ele me olha por um longo momento, depois balança levemente a cabeça.

— Não. — ele diz. — Eu sei que se eu entrar em um avião com você de volta para Nova York, eu ficaria muito feliz. Enquanto você me quiser, eu ficaria feliz.

Mais uma vez, aquele redemoinho em uma série de cores borrou minha visão. Eu pisco as lágrimas de volta.

— E eu quero tanto isso. Eu *quero* lamentar cada chance que eu perdi a dizer-lhe como me sentia, todas as vezes que eu me convencia de que eu perderia você, se você realmente sabia, ou que éramos muito diferentes. Eu quero apenas ser feliz com você. Mas tenho medo do que vem depois. — Sua voz falha. Tenho medo de você perceber que eu aborreço você. Ou conhecer outra pessoa. Ou ser infeliz e ficar. E... — Sua voz falha. — Tenho medo de amar você por toda a nossa vida, e então ter que dizer adeus. Tenho medo de você morrer e do mundo se tornar inútil. Tenho medo de não conseguir sair da cama se você se for, e se tivéssemos filhos, eles teriam uma vida horrível onde sua mãe incrível se foi, e seu pai não consegue olhar para eles.

Sua mão passa sobre os olhos, captando um pouco da umidade.

— Alex. — eu sussurro. Não sei como confortá-lo. Eu não posso tirar a dor de seu passado ou prometer que não vai acontecer novamente. Tudo o que posso fazer é contar a verdade a ele, como já vi. Pelo que *sei*: — Você já passou por isso. Você perdeu alguém que amava e não parava de sair da cama. Você estava lá para as pessoas em sua vida, e você as *ama*, e elas também o amam. Você ainda tem tudo isso em sua vida. Nada disso foi embora. Não acabou só porque você perdeu uma pessoa.

— Eu sei. — ele diz. — Eu estou apenas... — Sua voz fica tensa e seus ombros enormes encolhem. — Assustado.

Eu alcanço suas mãos instintivamente, e ele me deixa puxá-lo para mais perto, dobrando seus dedos entre minhas palmas.

— Então nós encontramos outra coisa para concordar além de odiar quando as pessoas chamam os barcos de 'ela'. — eu sussurro. — É terrível estar apaixonado um pelo outro.

Ele funga através de uma risada, segura meu queixo com as mãos e pressiona sua testa contra a minha, seus olhos fechando enquanto sua respiração sincroniza com a minha, nossos peitos subindo e descendo como se fôssemos duas ondas no mesmo corpo de água.

— Eu nunca quero viver sem isso. — ele sussurra, e eu aperto meus punhos em sua camisa como se para impedi-lo de escorregar por entre meus dedos.

Os cantos de sua boca se retorcem enquanto ele respira.

— *Pequena lutadora.*

Seus olhos se abriram, e a vibração em meu peito é tão forte que quase dói. Eu o amo tanto. Eu o amo mais do que ontem, e já sei que amanhã vou amá-lo ainda mais, porque cada pedaço dele que ele me dá é outro para se apaixonar.

Ele aperta os braços em volta das minhas costas, seus olhos úmidos tão claros e abertos que sinto que poderia mergulhar nele, nadar em seus pensamentos, flutuar no cérebro que amo mais do que qualquer outro no planeta.

Suas mãos se movem em meu cabelo, alisando-o contra meu pescoço, seus olhos se movendo para frente e para trás sobre o meu rosto com o propósito de me deixar maravilhosamente calma.

— Você é, você sabe.

— Uma lutadora? — Eu digo.

— Minha casa. — ele diz, e me beija.

Estamos, eu penso. Estamos em casa.

EPÍLOGO

NÓS VAMOS EM UM passeio de ônibus pela cidade. Usamos nossos suéteres I Love New York combinando e chapéus BeDazzled Big Apple. Carregamos um par de binóculos e os usamos para identificar qualquer pessoa que tenha uma semelhança passageira com uma celebridade.

Até agora vimos Dame Judy Dench, Denzel Washington e o jovem Jimmy Stewart. Nosso passeio inclui passagem de balsa para a Estátua da Liberdade, e quando chegamos lá, pedimos a uma mulher de meia-idade que tirasse uma foto nossa em frente à base, com o sol nos olhos e o vento no rosto.

Ela perguntou docemente:

— De onde vocês são?

— Daqui — diz Alex, ao mesmo tempo que eu digo — Ohio.

No meio da turnê, pulamos e vamos para o Café Lalo, determinados a sentar exatamente onde a Meg Ryan e o Tom Hanks sentaram em *You're Got Mail*. Está frio, e a cidade parece o seu melhor para nós, flores rosas e brancas saltando pelas ruas enquanto bebemos nossos cappuccinos. Ele está aqui em tempo integral há cinco meses, desde o fim do semestre de outono e ele encontrou aqui uma posição de substituto de longo prazo para o de primavera.

Eu não sabia que a vida normal poderia ser assim, como férias das quais você não precisa voltar para casa.

Claro, nem sempre é assim. Na maioria dos fins de semana, Alex está ocupado trabalhando em sua própria redação ou corrigindo trabalhos e planejando aulas, e nos dias de semana, eu só o vejo o tempo suficiente para um beijo matinal grogue (às vezes eu caio no sono tão rápido que nem me lembro está acontecendo), e há roupa suja e pratos sujos (que Alex insiste que lavemos imediatamente após o jantar) e impostos, consultas ao dentista e MetroCards perdidos.

Mas também há descobertas, novas partes do homem que amo apresentadas a mim diariamente.

Por exemplo, acontece que Alex não consegue dormir se estivermos de conchinha. Ele tem que estar totalmente do seu lado da cama, eu no meu. Até o meio da noite, momento em que acordo superaquecida com seus membros jogados sobre mim e tenho que empurrá-lo para que eu possa me refrescar.

É incrivelmente irritante, mas no segundo que estou confortável de novo, me encontro sorrindo no escuro, me sentindo tão incrivelmente sortuda por dormir todas as noites ao lado da minha pessoa favorita no mundo.

Mesmo sendo desconfortavelmente aquecida é melhor com ele.

Às vezes, colocamos música na cozinha enquanto estamos (ele) cozinhando, e dançamos. Não um abraço doce e oscilante como se estivéssemos em algum filme romântico, mas se contorcendo

ridiculamente, girando até ficarmos tontos, rindo até que estamos bufando ou chorando. Às vezes, nós apanhamos um ao outro com a câmera e enviamos o vídeo por mensagem de texto para David e Tham ou Parker e Prince.

Meus irmãos mandam de volta seus próprios vídeos de dança na cozinha.

David responde com alguma variação de **Amo vocês aberrações** ou **Aparentemente há alguém para todos**.

Estamos felizes e, mesmo quando não estamos, é muito melhor do que era sem ele.

A última parada da nossa noite como turista é a Times Square. Deixamos o pior para o final, mas é um rito de passagem e Alex insiste que quer ir.

— Se você ainda puder me amar lá — diz ele — saberei que isso é real.

— Alex — eu digo — se não posso te amar na Times Square, então não mereço você em uma livraria de livros usados.

Ele desliza sua mão na minha quando saímos da estação de metrô. Acho que tem menos a ver com afeto (demonstrações públicas das quais ele ainda não gosta) e mais a ver com um medo genuíno de nos separarmos na multidão ridícula para a qual estamos nos movendo.

Ficamos na praça, cercados por luzes piscando e artistas de rua pintados de prata e empurrando turistas, por três minutos. Apenas o suficiente para obter algumas selfies nada lisonjeiras de nós parecendo oprimidos. Em seguida, fazemos uma meia-volta e marchamos de volta para a plataforma do trem.

De volta ao apartamento — nosso apartamento — Alex tira os sapatos e os arruma perfeitamente no tapete (temos um tapete; somos adultos) ao lado dos meus.

Tenho um artigo para terminar de escrever pela manhã, o primeiro para o meu novo emprego. Eu estava com medo de dizer a Swapna que estava indo embora, mas ela não ficou brava. Na verdade, ela me abraçou (parecia que estava sendo abraçada por Beyoncé) e, mais tarde naquela noite, uma enorme garrafa de champanhe foi entregue na minha porta e na de Alex.

Parabéns pela sua coluna, Poppy, estava escrito no bilhete. Sempre soube que você estava indo a lugares. X, Swapna.

A ironia de tudo é que *não* irei mais a lugares, pelo menos não a trabalho. De muitas outras maneiras, porém, meu trabalho não será tão diferente — continuarei indo a restaurantes e bares, escrevendo sobre as novas galerias e barracas de sorvete que estão surgindo em Nova York.

Mas Pessoas Que Você Encontra Em New York será diferente também, mais uma peça de interesse humano do que uma crítica. Estarei explorando minha própria cidade, mas pelos olhos das pessoas que a

amam, passando um dia com alguém em seu novo local favorito, aprendendo o que a torna tão especial.

Meu primeiro artigo é sobre uma nova pista de boliche no Brooklyn com um toque antigo. Alex foi comigo para examinar o lugar, e eu soube assim que avistei Dolores na próxima pista, bola dourada personalizada, luvas combinando e uma auréola de cabelo grisalho crespo, que ela era alguém que poderia me ensinar coisas. Um balde de cerveja, uma longa conversa e uma aula de boliche depois, e eu tinha tudo de que precisava para o artigo, mas Alex, Dolores e eu caminhamos até a lanchonete na rua mesmo assim, ficamos juntos até quase meia-noite.

O artigo está quase pronto, só faltam alguns retoques finais, mas esses podem esperar até de manhã. Estou exausta do nosso longo dia e tudo o que quero fazer é afundar no sofá com Alex.

— É bom estar em casa. — diz ele, passando os braços em volta das minhas costas e me puxando para ele.

Eu deslizo minhas mãos nas costas de sua camisa e o beijo como se tivesse esperado o dia todo.

— Casa — eu digo — é meu lugar favorito.

— O meu também. — ele murmura, me empurrando contra a parede.

No próximo verão, sairemos da cidade. Passaremos quatro dias percorrendo a Noruega, outros quatro na Suécia. Não haverá Hotel de Gelo. (Ele é um professor, eu sou uma escritora e ambos somos da geração Y. Não há dinheiro para isso.)

Vou deixar uma chave para Rachel regar nossas plantas e, depois da Suécia, voaremos direto para Linfield para o resto das férias de verão de Alex.

Vamos ficar na casa de Betty enquanto ele conserta tudo e eu sento no chão, comendo Twizzlers e descobrindo novas maneiras de fazê-lo corar. Vamos derrubar o papel de parede e escolher novas cores de pintura. Beberemos refrigerante diet no jantar com seu pai, irmãos, sobrinha e sobrinho. Vamos sentar na varanda com meus pais olhando para o deserto de Wright Family Cars Past. Vamos tentar em nossa cidade natal da mesma forma que temos tentado em Nova York juntos. Veremos como se encaixa, onde queremos estar.

Mas já sei como vou me sentir.

Onde quer que ele esteja, esse será meu lugar favorito.

— O que? — Ele pergunta, o início de um sorriso puxando seus lábios.

— Por que você está me olhando?

— Você é apenas... — Eu balanço minha cabeça, procurando por qualquer palavra que possa abranger o que estou sentindo. — *Tão* alto.

Seu sorriso é amplo, irrestrito, Alex Nu apenas para mim.

— Eu também te amo, Poppy Wright.

Amanhã nos amaremos um pouco mais, e no dia seguinte e no dia seguinte.

E mesmo nos dias em que um ou os dois passam por momentos difíceis, estaremos aqui, onde seremos totalmente conhecidos,

totalmente aceitos, por aquela pessoa a quem amamos de todo o coração. Estou aqui com todas as versões dele que conheci ao longo de doze anos de férias, e mesmo que o objetivo da vida não seja apenas ser feliz, agora estou. Até os ossos.

Notas

[←1]

Cover no inglês original significa capa ou o de canções. Aqui Poppy quer dizer a cover de capa de livros, mas Alex quer dizer covers de músicas.

[←2]

Pedaços de pão geralmente do tamanho de um lápis. O pão é alongado, seco e crocante, servido na maioria das vezes como aperitivo.

[←3]

O husky siberiano é uma raça de cães de trabalho e companhia, do tipo Spitz, oriunda da Sibéria na Rússia. Também conhecida como cão de trenó, essa raça foi criada com a companhia de humanos e outros animais para transportar cargas e pessoas, e ter uma convivência pacífica com todos.

[←4]

Burning Man é um evento de experimento social colaborativo e de comunidade, pode-se dizer também que é um evento de contracultura, realizado anualmente desde 1986 em Black Rock Desert, no estado americano de Nevada.

[←5]

Daisy é ao mesmo tempo o nome de uma pessoa e a flor margarida.

[←6]

Gyros ou gyro, é uma apresentação de carne assada num forno vertical, servida num pão de pita ou sanduíche.

[←7]

A Baganvília é uma planta trepadora que forma um tronco com o passar dos anos. Apesar de perene, pode comportar-se como uma espécie de folha caduca, se for cultivada em climas mais frescos que o Mediterrâneo.

[←8]

Pomada usada para dores nas articulações, dores musculares, entre outras.

[←9]

Esta palavra começou a ser usada por volta de 1870, servia para descrever objetos que estão na moda, mas que são feitos sem rigor estilístico.

[←10]

Eram bolinhos fritos, às vezes recheados com frutas. Hoje, o beignet é um pedaço quadrado de massa, frito e coberto com açúcar de confeiteiro.

[←11]

É uma bebida enteógena produzida a partir da combinação da videira *Banisteriopsis caapi* com várias plantas, em particular a *Psychotria viridis* e a *Diplopterys cabrerana*.